
O QUE É PRECISO PARA SOBREVIVER EM UMA NAVE ESPACIAL CHEIA DE MENTIRAS?
ATRAVÉS DO UNIVERSO
BETH REVIS
Autora best-seller do The New York Times

Amy, de dezessete anos, se junta a seus pais como carga congelada a bordo da vasta nave espacial Godspeed e espera acordar em um novo planeta, trezentos anos no futuro. Nunca ela poderia ter sabido que seu torpor congelado terminaria cinquenta anos mais cedo e que ela seria jogada no admirável mundo novo de uma nave espacial que vive por suas próprias regras.

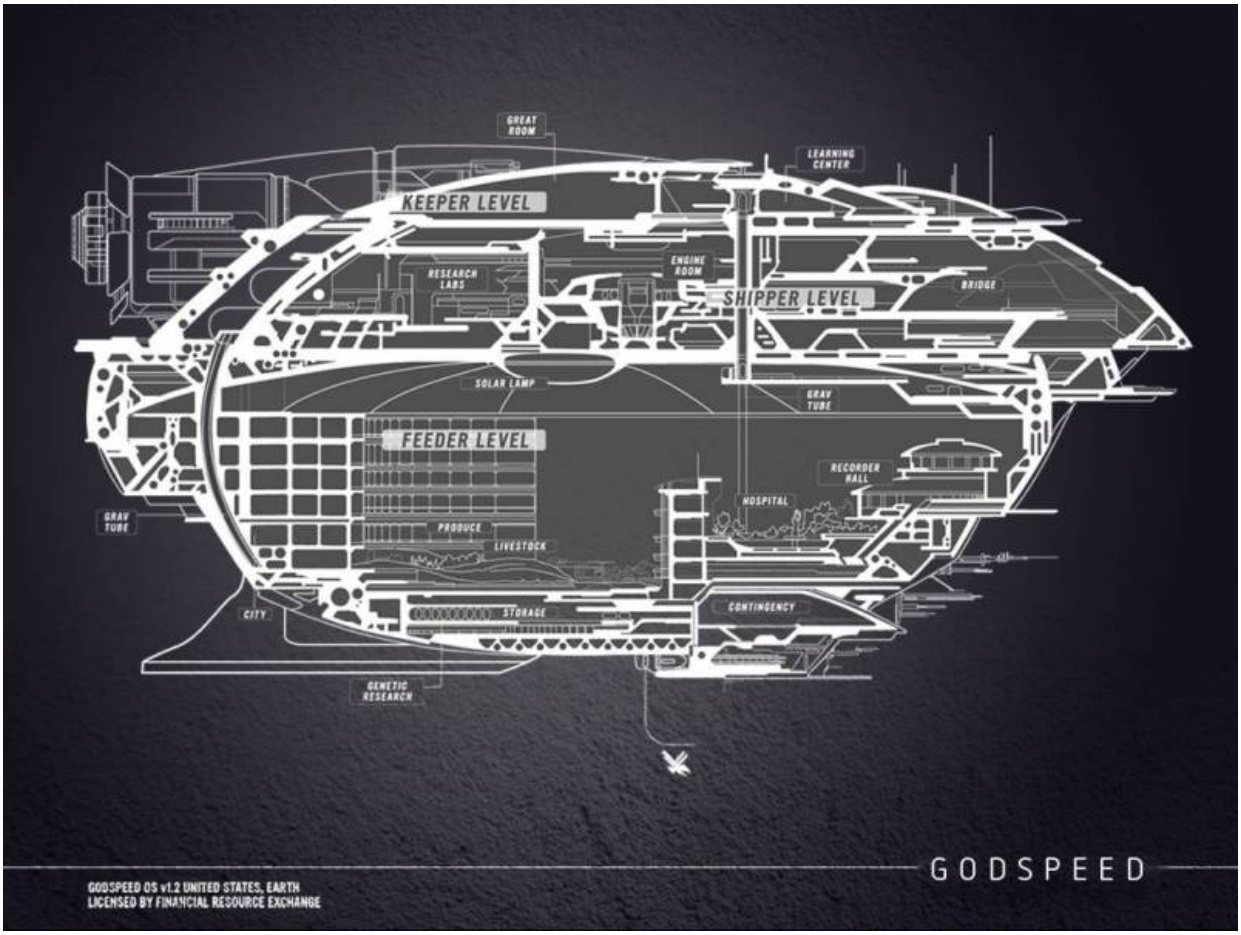
Amy rapidamente percebe que seu despertar não foi um mero defeito de computador. Alguém—um dos poucos milhares de habitantes da espaçonave—tentou matá-la. E se Amy não fizer algo logo, seus pais serão os próximos.

Agora, Amy precisa correr para descobrir os segredos escondidos da Godspeed. Mas da sua lista de suspeitos de assassinato, há apenas um que importa: Velho, o futuro líder da nave e o amor que ela não esperava que viesse.

Beth Revis

Através do Universo





Keeper Level: Nível dos Protetores
Shipper Level: Nível dos Embarcadores
Feeder Level: Nível dos Alimentadores

1

Amy

Papai disse: "Deixe a mamãe ir primeiro."

Mamãe queria que eu fosse primeiro. Acho que era porque ela tinha medo que depois que eles estivessem contidos e congelados, eu iria embora, retornaria para a vida ao invés de me consignar a uma caixa fria e transparente. Mas papai insistiu.

"Amy precisa ver como será. Você vai primeiro, deixe-a observar. Depois ela poderá ir e eu estarei com ela. Eu vou por último."

"Você vai primeiro," mamãe disse. "Eu vou por último".

Resumindo tudo, a questão é que teríamos que ficar nus, e nenhum deles queria que eu os visse nus (não que eu quisesse vê-los no auge de seu resplendor nu, que nojo!), mas dada a escolha, seria melhor que mamãe fosse primeiro, uma vez que nossas partes eram iguais e tal.

Ela parecia tão magra depois que tinha se despido. Sua clavícula se destacava muito; sua pele tinha uma consistência de papel de arroz fino oleoso, que a pele das pessoas velhas tem. Sua barriga— uma parte que ela sempre mantinha escondida embaixo das roupas—pendia de uma maneira enrugada, fazendo-a parecer mais vulnerável e fraca.

Os homens que trabalhavam no laboratório pareciam desinteressados na nudez da minha mãe, da mesma maneira que não se importavam com a minha presença e a do meu pai. Eles ajudaram-na a deitar na crio-câmara transparente. Parecia um caixão, mas caixões têm travesseiros e aparentam ser bem mais confortáveis. Aquilo se assemelhava mais a uma caixa de sapatos.

"Está frio," mamãe disse. Sua pele branca pálida pressionada contra a superfície da caixa.

"Você não sentirá," o primeiro funcionário grunhiu. O nome no seu crachá era Ed.

Eu olhei para longe quando o outro funcionário, Hassan, perfurou a pele da mamãe com agulhas intravenosas. Uma em seu braço esquerdo na dobra da parte interna do cotovelo; a outra em sua mão direita, projetando-se naquela veia grande abaixo do nó dos dedos.

"Relaxe," Ed disse. Era uma ordem, não um tipo de sugestão.

Mamãe espremeu os lábios.

A substância dentro da bolsa de soro não fluía como água. Escoava como mel. Hassan chacoalhou a bolsa, forçando o conteúdo a descer mais rapidamente. Era azul como o céu, o azul das marianinhas{1} que Jason tinha me dado na formatura.

Minha mãe assoviou de dor. Ed removeu uma fita adesiva plástica amarela do escalpe em seu braço. Uma corrente de sangue vermelho brilhante fluiu através do escalpe, entrando na bolsa. Os olhos da mamãe se encheram de água. A substância pegajosa azul ligada ao outro escalpe resplandeceu, um lampejo suave do céu brilhando dentro das veias da mamãe, à medida que a substância entrava em seu braço.

"Tem que esperar chegar no coração," Ed disse, olhando de relance para nós.

Papai cerrou os punhos, seus olhos encarando minha mãe. Os olhos dela estavam totalmente fechados, duas lágrimas quentes presas em seus cílios.

Hassan balançou a bolsa da substância pegajosa novamente. Um fio de sangue correu de debaixo dos dentes de mamãe, do lugar onde ela comprimia seus lábios.

"Essa substância, é o que faz o congelamento," Ed falou em um tom de conversa, como um padeiro falando sobre como o fermento faz o pão crescer. "Sem ela, pequenos cristais de gelo se formam nas células e rompem as membranas celulares. Essa substância faz as membranas celulares ficarem mais fortes, entende? O gelo não quebra elas." Ele abaixou o olhar para mamãe. "Embora doa pra caramba."

O rosto dela estava pálido e ela estava deitada naquela caixa, não mais se movendo, como se qualquer movimento pudesse quebrá-la. Ela já parecia estar morta.

"Eu quero que você veja isso," Papai sussurrou. Ele não olhava para mim—ainda estava encarando mamãe. Ele sequer piscava.

"Por quê?"

"Para você saber como vai ser, antes da sua vez."

Hassan continuou espremendo a bolsa com a substância pegajosa. Os olhos de mamãe reviraram-se por um minuto, e eu achei que ela tinha desmaiado, mas ela não tinha.

"Quase lá," Ed disse, olhando para a bolsa de sangue da mamãe. O fluxo tinha ficado mais lento.

O único som era da respiração pesada de Hassan à medida que ele apertava os lados da bolsa da substância. E um choramingo suave, como um gatinho morrendo, vindo de mamãe.

Um brilho suave fraco apareceu no escalpe que saia do braço da mamãe.

"Ok, pare," Ed disse, "já está tudo em seu sangue"

Hassan retirou os escalpes. Mamãe deixou escapar um suspiro crepitante.

Papai me empurrou para frente. Olhar para mamãe me lembrava olhar para vovó no ano passado na igreja, quando todos dissemos adeus e mamãe falou que ela estava em um lugar melhor. Mas tudo o que isso significava era que vovó estava morta.

"Como é?" eu perguntei.

"Não é ruim," mamãe mentiu. Pelo menos ela ainda podia falar.

"Posso tocar nela?" perguntei para Ed. Ele deu de ombros, então eu estendi a mão e segurei os dedos da sua mão esquerda. Eles já estavam frios como gelo. Ela não apertou de volta.

"Nós podemos continuar?" Ed perguntou. Ele chacoalhou um grande colírio em sua mão.

Eu e papai demos um passo para trás, mas não ficamos muito longe de mamãe de modo que ela pensasse que nós a deixaríamos naquele caixão gelado sozinha. Ed manteve os olhos de mamãe abertos. Seus dedos eram grandes, calejados e pareciam troncos ásperos se comparados às pálpebras finas como papel de mamãe. Uma gota de um líquido amarelo caiu dentro de cada olho verde. Ed fez tudo rapidamente—gota, gota—depois fechou os olhos dela. Ela não os abriu mais.

Acho que eu parecia chocada, porque, nessa hora, quando Ed olhou para mim, ele realmente parou o seu trabalho tempo suficiente para me dar um sorriso confortador.

"Impede que ela fique cega," ele disse.

"Está tudo bem," mamãe disse de seu caixão caixa-de-sapatos. Mesmo os seus olhos estando completamente fechados, eu podia ouvir as lágrimas em sua voz.

"Tubos," Ed disse, e Hassan deu para ele três tubos plásticos transparentes.

"Ok, olhe," Ed se inclinou próximo ao rosto de mamãe. "Eu vou passá-los pela sua garganta. Isso não vai ser agradável. Tente agir como se você estive os engolindo."

Mamãe assentiu e abriu sua boca. Ed enfiou os tubos na garganta dela. Mamãe teve uma ânsia de vômito, um movimento violento que começou em seu abdômen e fez todo o caminho até seus lábios ressecados e rachados.

Eu olhei para o papai. Seus olhos estavam frios e rígidos.

Demorou um longo tempo até que ela ficasse imóvel e silenciosa. Ela continuou tentando engolir, os músculos do seu pescoço se rearranjando para acomodar os tubos. Ed passou os tubos através de um buraco na parte de cima do caixão caixa-de-sapatos, próximo à cabeça de mamãe. Hassan abriu uma gaveta e pegou um emaranhado de fios elétricos. Ele ligou um feixe de fios coloridos na extremidade do primeiro tubo, depois um longo cabo preto com uma pequena caixa acoplada no segundo e finalmente um pequeno pedaço de plástico retangular preto que parecia com um painel solar unido a cabos de fibra óptica no último tubo. Hassan ligou todos os fios em uma pequena caixa branca que Ed colocou bem embaixo do buraco, em cima do qual eu percebi que não havia nada mais do que uma caixa de embalagem elaborada.

"Diga adeus." Eu olhei para cima, surpresa com a voz gentil. Ed estava de costas para nós, digitando algo no computador; era Hassan quem tinha falado. Ele assentiu para mim, me encorajando.

Papai teve que empurrar meu braço para que eu me aproximasse de mamãe. Aquela... aquela não era a última imagem dela que eu queria. Um amarelo incrustado em seus olhos, tubos ligados a fios enfiados em sua garganta, um brilho azul celeste suave pulsando em suas veias. Papai a beijou, e mamãe sorriu um pouco apesar dos tubos. Eu afaguei o ombro dela. Estava frio também. Ela murmurou algo para mim, e eu cheguei mais perto. Três sons. Na verdade, três grunhidos embaralhados. Eu apertei o braço da mamãe. Eu sabia as palavras que ela estava tentando passar pelos tubos, "Eu amo você".

"Mãe," eu sussurrei, acariciando sua pele de papel. Eu não a chamava de nada além de mamãe desde que eu tinha sete anos.

"Ok, é isso aí," Ed disse. A mão do papai alcançou a dobra do meu cotovelo, e ele me puxou gentilmente. Eu o empurrei. Ele mudou de tática e segurou meu ombro com firmeza, me virando contra seu peito duro e

musculoso em um abraço apertado, e eu não resisti dessa vez. Ed e Hassan levantaram o que parecia ser uma versão hospitalar de uma mangueira de incêndio, e água salpicada com faíscas azul-celeste encheu o caixão caixa-de-sapatos. Mamãe fez um barulho quando a água atingiu seu nariz.

"Apenas inspire," Ed gritou por cima do som do liquido correndo. "Apenas relaxe."

Um fluxo de bolhas rompeu na superfície da água azul, escondendo seu rosto. Ela sacudiu a cabeça, negando à água a chance de afogá-la, mas um momento depois, ela desistiu. O líquido a cobriu. Ed desligou a mangueira e as ondulações pararam. A água permaneceu parada. Mamãe permaneceu parada.

Ed e Hassan fecharam o caixão caixa-de-sapatos sobre mamãe. Eles empurraram a caixa para dentro da parede atrás deles, e somente quando eles a fecharam dentro de uma pequena porta, eu percebi todas as outras pequenas portas, como um necrotério. Eles a trancaram. Um silvo de vapor escapou—o rápido processo de congelamento tinha acabado. Um segundo, mamãe estava aqui, e no próximo, tudo sobre ela que a fazia mãe estava congelado e estagnado. Ela ficaria quase morta pelos próximos três séculos até que alguém a abrisse e a acordasse.

"A garota é a próxima?" Ed perguntou.

Eu dei um passo para frente, fechando minhas mãos para que elas não tremessem.

"Não," papai disse.

Sem esperar pela resposta do papai, Ed e Hassan já estavam preparando outro caixão caixa-de-sapatos. Eles não se importavam se seria eu ou ele, apenas estavam fazendo seu trabalho.

"O quê?" perguntei para o papai.

"Eu vou ser o próximo. Sua mãe não concordaria com isso—ela achava que se você ficasse por último, decidiria não vir conosco. Bem, estou te dando essa opção. Eu vou ser o próximo. Depois, se você quiser ir embora, não ser congelada, tudo bem. Já falei com sua tia e seu tio. Eles estão esperando lá fora; ficarão lá até as cinco. Depois que eles me congelarem, você pode apenas ir embora. Eu e sua mãe não saberemos, por séculos, não até nós acordarmos, e se você decidir viver ao invés de ser congelada, nós entenderemos."

"Mas, papai, eu... "

"Não. Não é justo te culparmos por isso. Será mais fácil para você tomar uma decisão honesta, se não tiver que nos encarar."

"Mas eu prometi para você. Eu prometi para mamãe..." Minha voz falhou. Meus olhos queimavam dolorosamente, e eu os fechei apertados. Dois rastros de lágrimas quentes desceram pela minha face.

"Não importa. É uma promessa muito grande para fazermos você manter. Você tem que fazer essa escolha sozinha—se você quiser ficar aqui, eu entendo. Estou te dando uma saída."

"Mas eles não precisam de você. Você pode ficar aqui comigo! Você nem é importante para a missão—você é um militar, pelo amor de Deus. Como eles supõem que um analista de campo de batalha ajudaria em um novo planeta? Você pode ficar aqui, você pode... "

Papai balançou a cabeça.

"... ficar comigo," eu sussurrei, mas não havia sentido em pedir para ele ficar. Sua cabeça já estava decidida. E nem era verdade, de qualquer forma. Papai era o sexto no comando, e mesmo que isso não o fizesse exatamente o comandante-chefe, ainda era uma posição bem alta. Mamãe era importante também: ninguém era melhor em processamento genético, e eles precisavam dela para ajudar a desenvolver plantas que pudessem crescer no novo planeta.

Eu era a única que não era necessária.

Papai foi para trás de uma cortina e se despiu, e quando ele voltou, Ed e Hassan deixaram-no usar uma toalha de mão para cobrir-se à medida que caminhava para a câmara de congelamento. Ele a largou quando se deitou, e eu forcei meus olhos a encarar seu rosto, para não piorar a situação para nenhum de nós. Mas seu rosto irradiava dor, algo que nunca vi no papai antes. Isso fez meu interior se revirar com mais medo, mais dúvida. Eu os vi inserir os dois escalpes. Os vi selarem seus olhos. Tentei refugiar-me dentro de mim mesma, silenciando o grito de horror que reverberava na minha mente, e permanecer rígida como se a minha espinha fosse de ferro e meu rosto de pedra. Então papai apertou minha mão, uma vez, bem forte, à medida que eles inseriam os tubos em sua garganta, e eu desmoronei, por dentro e por fora.

Antes de eles encherem a caixa com o líquido salpicado de azul, papai levantou sua mão, com seu dedo mindinho estendido. Eu o envolvi com o meu próprio dedo mindinho. Eu sabia o que isso significava, ele estava prometendo que tudo ficaria bem. E eu quase acreditei nele.

Chorei muito quando eles encheram a câmara de congelamento, e eu não pude mais ver seu rosto à medida que o líquido o cobria. Então eles abaixaram a tampa, fecharam-no em seu mortuário e um sopro de vapor branco escapou através das frestas.

"Posso vê-lo?" eu perguntei.

Ed e Hassan se entreolharam. Hassan deu de ombros. Ed destrancou a pequena porta e puxou o caixão caixa-de-sapatos transparente para fora.

E lá estava papai. O líquido translúcido estava solidamente congelado e, eu sabia, era o papai. Coloquei minha mão em seus óculos, desejando que houvesse uma maneira de sentir seu calor através do gelo, mas me afastei rapidamente. Os óculos estavam tão gelados que chegava a queimar. Luzes verdes piscavam na pequena caixa elétrica que Hassan tinha fixado em cima do criotubo do papai.

Ele não parecia com o papai embaixo do gelo.

"Então," Ed disse "você vai mergulhar nessa, ou vai deixar a festa mais cedo?"

Ele empurrou o caixão caixa-de-sapatos do papai para dentro de seu pequeno espaço na parede.

Quando eu olhei para Ed, meus olhos estavam tão úmidos que sua expressão meio que derreteu e ele ficou parecendo um pouco com um ciclope. "Eu... "

Meus olhos deslizaram para a saída, passando por todos os equipamentos de congelamento do outro lado da sala. Do outro lado daquela porta estavam minha tia e meu tio, que eu amava, com quem eu podia viver feliz. E além deles havia Jason. E Rebecca, Heather, Robyn e todos os meus amigos. E as montanhas, as flores, o céu. Terra. Além daquela porta havia a Terra. E a vida.

Mas meus olhos deslizaram para as pequenas portas na parede. Dentro delas estava minha mãe e meu pai.

Eu chorei enquanto me despia. O primeiro garoto que me viu nua foi Jason, apenas uma vez, na noite em que eu descobri que deixaria para trás tudo na terra, incluindo ele. Eu não fazia ideia de que os últimos caras que me veriam nua nesse planeta seriam Ed e Hassan. Tentei me cobrir com meus braços e mãos, mas Ed e Hassan me fizeram retirá-las para que eles pudessem introduzir os escalpes.

E, meu Deus, era pior do que mamãe demonstrou. Ai meu Deus, ai meu Deus. Era frio e queimava tudo ao mesmo tempo. Eu pude sentir

meus músculos se deformando à medida que o líquido pegajoso azul entrava no meu corpo. Meu coração parecia querer me esmagar, batendo na minha caixa torácica como se fosse um amante batendo em uma porta, mas a substância pegajosa azul fez o oposto e meu coração começou a desacelerar. Então ao invés de tumtumtumtum, começou Tum... Tum...

... Tum...

...

...

... Tum...

...

Ed abriu meus olhos. Plop! O líquido amarelo frio os encheu, selando-os como se fosse cola. Plop!

E eu estava cega agora.

Um deles, talvez Hassan, bateu de leve no meu queixo, e eu obediente abri a boca. Aparentemente, não o suficiente—os tubos bateram em meus dentes. Eu abri mais.

E então os tubos foram forçados para dentro da minha garganta, duramente. Eles não eram flexíveis como pareciam; eram como um cabo de vassoura lubrificado, sendo forçado em direção à minha garganta. Eu tive uma ânsia, outra novamente. Eu podia sentir o gosto de bile e cobre ao redor dos tubos de plástico.

"Engula," Ed gritou em meu ouvido. "Apenas relaxe".

Fácil para ele dizer.

Um breve momento depois e estava feito, meu estômago ardendo. Eu pude senti- los dentro de mim, sendo puxados e arrastados, à medida que Hassan os ligava à pequena caixa preta na parte de fora do meu próprio caixão caixa-de-sapatos.

Alguns ruídos confusos. A mangueira.

"Não sei por que alguém se inscreveria para isso," Hassan disse.

Silêncio.

Um som metálico—a mangueira estava sendo aberta. Frio, um líquido frio acertou minhas pernas. Eu queria mover minhas mãos para cobrir aquele lugar, mas meu corpo estava sem energia.

"Não sei," Ed disse. "As coisas não estão exatamente legais por aqui agora. Nada está bom desde a primeira recessão, e muito menos desde a segunda. O Recurso Financeiro de Migrações afirmava que ia trazer mais

empregos, não era? Assim que não tiver mais nada além dessa droga de emprego, não vai demorar muito para todos eles serem congelados."

Outro silêncio. O líquido criogênico alcançou meus joelhos agora, infiltrando o frio naquelas partes do meu corpo que sempre estiveram aquecidas—a dobra dos meus joelhos, embaixo dos braços, embaixo dos meus seios.

"Não vale a pena abrir mão da sua vida, não pelo o que estão oferecendo."

Ed bufou: "O que estão oferecendo? Eles estão oferecendo o salário de uma vida, tudo em um só cheque."

"Não valerá nada em uma nave que não aterrissará por trezentos e um anos."

Meu coração parou. Trezentos... E um anos? Não—está errado. Eram exatamente trezentos anos. Não trezentos e um.

"Muito dinheiro pode com certeza ajudar uma família. Pode fazer a diferença."

"Qual diferença?" Hassan perguntou.

"A diferença entre sobreviver ou não. Não é como quando éramos crianças. Não importa o que presidente diga, a Reforma Financeira não será capaz de resolver esse tipo de dívida."

Sobre o que eles estão tagarelando? Quem se importa com dívidas e empregos? Voltem atrás com aquele ano extra!

"De qualquer forma, um homem tem tempo para pensar sobre isso," Ed continuou. "Para considerar as opções. Por que eles adiaram o lançamento novamente?"

O líquido criogênico salpicou em meus ouvidos à medida que meu caixão caixa-de- sapatos se enchia; eu levantei minha cabeça.

Adiamento? Que adiamento? Eu tentei falar apesar dos tubos, mas eles enchiam minha boca, amontoavam-se sobre minha língua, silenciando minhas palavras.

"Não tenho ideia. Alguma coisa a respeito de combustível e revisão das sondas. Mas por que eles estão nos obrigando a congelá-los todos no prazo?"

O líquido criogênico estava subindo rapidamente. Eu virei minha cabeça, para que meu ouvido direito pudesse capturar a conversa.

"Quem se importa?" Ed perguntou. "Eles apenas estarão dormindo o tempo todo. Dizem que a nave demorará trezentos anos para chegar ao

outro planeta—que diferença faz um ano a mais?"

Eu tentei sentar. Meus músculos estavam muito rígidos e lentos, mas eu lutei. Tentei falar novamente, fazer um som, qualquer som, mas o líquido criogênico estava transbordando sobre o meu rosto.

"Apenas relaxe," Ed disse bem alto próximo ao meu rosto.

Eu balancei a cabeça. Meu Deus, eles não sabiam? Um ano faria uma enorme diferença! Seria mais um ano que eu passaria com Jason, um ano a mais em que eu poderia viver! Eu me inscrevi para trezentos anos... Não trezentos e um!

Mãos gentis—de Hassan?—me empurram para baixo no líquido criogênico. Segurei minha respiração. Tentei me levantar. Eu queria meu ano! Meu último ano—um ano a mais!

"Inspire o líquido!" A voz de Ed soou abafada, quase indecifrável por baixo do líquido criogênico. Tentei balançar a cabeça, mas os músculos do meu pescoço estavam tensos, meus pulmões rebelando-se, e o líquido frio entrando pelo meu nariz, passando pelos tubos, e entrando em meu corpo.

Senti a tampa sendo fechada sobre mim, me prendendo ao meu caixão de Branca de Neve.

À medida que um deles empurrou meus pés, deslizando-me para dentro do meu mortuário, eu imaginei que meu Príncipe Encantado estaria atrás daquela pequena porta, que ele realmente poderia vir e me beijar, me acordando, e que poderíamos ter um ano inteiro a mais juntos.

Houve um click, click, grr dos equipamentos, e eu sabia que o congelamento rápido começaria em alguns poucos momentos, e depois minha vida não seria nada mais além de um sopro de vapor branco através das frestas da porta do meu mortuário.

E eu pensei: Pelo menos vou dormir. Eu vou esquecer, por trezentos e um anos, de todo o resto.

E então pensei: Isso será bom.

E depois woosh! O congelamento rápido preencheu a minúscula câmara. Eu estava no gelo. Eu era gelo.

Eu sou gelo.

Mas se eu sou gelo, como estou consciente? Eu deveria estar dormindo; eu deveria esquecer o Jason, minha vida e a Terra por trezentos

e um anos. Pessoas já tinham sido congeladas antes de mim, e nenhuma ficou consciente. Se o cérebro da pessoa está congelado, não pode estar acordado ou alerta.

Eu já li sobre vítimas de coma que pareciam estar dopadas com a anestesia durante uma operação, mas que na verdade estavam acordadas e sentiram tudo.

Eu espero—eu rezo—para que não seja meu caso. Eu não posso ficar acordada por trezentos e um anos. Eu nunca sobreviveria a isso.

Talvez eu esteja sonhando agora. Eu já sonhei uma vida toda em um cochilo de meia-hora. Talvez eu ainda esteja no intervalo entre não estar e estar congelada, e tudo isso é um sonho. Talvez nós não tenhamos deixado a Terra ainda. Talvez eu ainda esteja naquele ano de limbo antes da nave partir, e eu estou presa, amarrada em um sonho do qual não posso acordar.

Talvez já se tenham passado trezentos e um anos.

Talvez eu não esteja adormecida ainda. Não totalmente.

Talvez, talvez, talvez.

Só tenho certeza de uma coisa.

Eu quero meu ano de volta.

2

Velho

A porta está trancada.

"Agora isso," eu digo para a sala vazia, "é interessante."

Veja, dificilmente há alguma porta trancada na Godspeed. Não há necessidade. A Goodspeed não é pequena—era a maior nave já construída quando decolou duzentos e cinquenta anos atrás—mas não é tão enorme que nós não sintamos o peso das paredes de metal nos envolvendo. A privacidade é nossa posse mais preciosa e ninguém—ninguém— ousa trair a privacidade.

Essa é a razão porque a porta trancada atrás de mim é tão estranha. Por que trancar uma porta que ninguém abriria?

Não que eu devesse estar surpreso. Uma porta fechada significa apenas Ancião.

Minha boca se aperta. A pior parte? Eu sei que a porta está trancada por minha causa. Tem que ser. Esse é o Nível dos Protetores, e Ancião e eu, ou seja, o atual e o futuro líder da nave, somos os únicos com permissão de estar aqui.

"Droga," eu grito, socando a porta.

Porque eu sei—eu sei—que do outro lado daquela porta está minha chance. Quando Ancião foi chamado ao Nível dos Embarcadores para inspecionar o motor, ele correu para seu camarote a procura de uma caixa, percorreu todo o caminho até o alçapão, depois se virou e levou a caixa de volta para seu quarto. E trancou a porta antes de ir embora. Com certeza, o que está dentro da caixa é importante e tem a ver com a nave, algo que eu, como um líder em treinamento, deveria conhecer.

É apenas mais uma coisa que Ancião está escondendo de mim. Porque as estrelas devem proibi-lo de realmente me treinar ao invés de me dar mais lições e pesquisas estúpidas.

Se eu tivesse aquela caixa, eu provaria para ele que eu posso... O quê? Eu realmente nem sei o que tem lá. Mas, com certeza, sei que, seja lá o que for, o está fazendo passar bastante tempo no Nível dos

Embarcadores. Havia um problema sério acontecendo, algo que fez Ancião ficar muito preocupado, de uma forma que eu nunca tinha visto antes.

E se eles apenas me dessem uma maldita chance, talvez eu pudesse ajudar.

Eu chuto a porta, depois me viro e deslizo contra ela. Três anos atrás, quando era tempo de começar meu treinamento, eu não dava uma merda se Ancião me treinaria ou não como deveria. Eu somente estava feliz em sair do Nível dos Alimentadores. Embora meu nome seja Velho, eu sou a pessoa mais jovem da nave, e sempre soube que eu, único nascido em anos anulados, seria o Ancião da geração nascida depois de mim. Nunca me senti confortável vivendo com os Alimentadores e sua obsessão por agricultura. Mudar-se com Ancião foi como um alívio.

Mas eu tenho dezesseis anos agora, e estou cansado de não fazer nada além de lições. E minha vez de ser um líder de verdade, Ancião gostando ou não.

Derrotado por uma porta trancada. Não surpreende que Ancião não se incomode em me treinar.

Eu bato minha cabeça na parede e colido com um pedaço de metal quadrado em relevo. O scanner biométrico. Eu sempre achei que isso controlava as luzes do Salão Nobre. A maioria dos scanners biométricos está lá para interagir com a nave—acender luzes, ligar eletrônicos ou abrir portas.

Viro-me e passo meu polegar na barra biométrica do scanner.

"Ancião/Velho acesso permitido," o computador soa em uma voz feminina animada. Sendo Velho, eu sempre tive os mesmos privilégios de segurança que Ancião.

"Comando?" o computador pergunta.

Hum. Isso é estranho. Geralmente, uma porta abre automaticamente uma vez que o acesso é permitido. Que outro comando uma porta precisa?

"Hum, abra?"

A porta do camarote de Ancião não desliza aberta como eu espero que faça. Em vez disso, o teto se move. Eu giro; meu coração batendo forte dentro do meu peito. Acima de mim, o teto de metal se divide em duas partes e desce lentamente, expondo —

Expondo uma janela.

Que mostra o exterior.

E as estrelas.

Há alçapões na nave, eu sei que há, mas Ancião nunca me deixou vê-los, assim como ele nunca me deixou ver o grande motor que comanda a nave ou algumas gravações da nave antes da Peste. Eu nunca soube que o teto acima do Salão Nobre cobria uma janela para o universo.

Eu nunca tinha visto estrelas antes.

E nunca soube que elas eram tão bonitas.

O universo inteiro se estende diante de mim. Tão grande, tão absurdamente grande. Meus olhos se enchem com o brilho das estrelas. Existem tantas, tantas delas. As estrelas são traços abreviados brancos no céu, listrados com cores fracas—a maioria vermelhas e amarelas, mas algumas vezes azuis e verdes. E, vendo todas elas, eu me sinto mais próximo do planeta de destino, como nunca tinha me sentindo antes. Posso ver: o desembarque da nave pela primeira vez, à noite, sem lua ou nuvens, e antes de começarmos a construir nosso novo mundo, todos paramos e observamos as estrelas acima de nós.

"Acesso cancelado," o computador diz em sua voz ainda agradável. "Anteparo abaixando."

Anteparo abaixando? O quê?

Acima de mim, as estrelas brilham.

E então a janela para o universo quebra. Uma rachadura fina estala bem no meio da janela, dividindo-a cada vez mais.

Droga. Droga!

Um estrondo enche o Salão Nobre. Minha cabeça se move rapidamente para a esquerda e para a direita, e para a esquerda e para a direita novamente, procurando por alguma coisa com a qual me agarrar, mas não há nada aqui—o Salão Nobre é um andar totalmente aberto. Por que eu nunca percebi quão inútil é ter uma sala sem nada para se agarrar? Era enorme, com certeza, mas não há nada aqui, exceto o chão imenso, as paredes e as portas—nada que poderia me salvar de uma janela quebrada que me expõe ao espaço. O que acontece então? A nave vai se romper? E eu? Vou explodir, implodir, ou alguma coisa assim. Eu não consigo me lembrar o quê, mas isso não importa. O resultado final ainda será o mesmo. Minha túnica pesa em meus ombros, aderindo ao meu suor, mas tudo o que eu posso pensar é como o material é fino contra a devastação do espaço.

Eu vou morrer.

Eu vou ser sugado para dentro do espaço.

Implosão.

Morte.

E então outro pensamento me atinge: o resto da nave. Se o Nível dos Protetores for exposto, o espaço não sugará apenas a mim—romperá o Nível dos Protetores, o Nível dos Embarcadores e o Nível dos Alimentadores abaixo. Todos nós morreremos. Todos. Cada pessoa a bordo da nave.

Meus pés escorregam no piso à medida que atravesso a sala. (Por um pequeno momento, meus pés tentam me fazer passar pela porta do Salão, a porta que me leva para a vida e liberdade, mas ignoro meus pés. Eles estão apenas tentando me manter vivo; eles não se importam com o resto da nave.) Eu me lanço para o grande botão vermelho de contenção acima da porta. O chão treme à medida que o Nível dos Protetores se isola do resto da nave. Não há como voltar atrás agora.

Eu me viro em direção ao teto, em direção ao universo exposto.

Em direção à morte.

3

Amy

O presidente chamou de "Epítome do Sonho Americano".

Papai chamou de "aliança vergonhosa entre empresários e o governo".

Mas isso tudo realmente era... Era a América desistindo. Abandonando o barco para se juntar ao Recurso Financeiro de Migrações. Uma aliança multinacional focada em uma coisa: lucro. Financiar o atendimento global à saúde para monopolizar vacinas. Dar suporte a uma moeda unificada para coletar interesses do planeta inteiro.

E prover os recursos necessários para um grupo restrito de cientistas e militares embarcar na primeira viagem pelo universo em busca de mais recursos naturais—mais lucro.

A resposta aos sonhos dos meus pais.

E meu pior pesadelo.

E eu entendo de pesadelos, tendo em vista que estou dormindo a mais tempo do que já estive acordada.

Eu espero. E se isso for apenas parte de um longo sonho que aconteceu no curto período de tempo entre Ed trancar a crio-porta e Hassan pressionar o botão para me congelar? E se?

Esse é um tipo estranho de sono. Nunca realmente despertar, mas me tornar consciente de um corpo ainda imóvel.

Os sonhos percorrem minhas memórias.

A única coisa impedindo os pesadelos de me engolir é a esperança de que não é possível que falte mais de uma centena de anos para eu acordar.

Não cem anos. Não trezentos anos. Não trezentos e um. Por favor, meu Deus, não.

Algumas vezes, parece que centenas de anos já se passaram; outras vezes, parece que estou dormindo apenas há pouco tempo. Na maior parte das vezes me sinto como se estivesse em um estado estranho meio dormindo, meio acordada; como se já tivesse passado de meio-dia e eu soubesse que deveria acordar, mas minha mente começa a vaguear e tenho

certeza que não poderei mais voltar a dormir. Mesmo que por alguns momentos eu deslize novamente para dentro de um sonho, na maior parte do tempo apenas estou acordada com os olhos fechados.

É. O sono do congelamento é assim.

Algumas vezes, acho que algo está errado. Eu não deveria estão tão consciente. Mas então percebo que estou consciente apenas por um momento e logo, enquanto estou percebendo isso, deslizo para um novo sonho.

Sonho principalmente com a Terra. Acho que é porque não queria deixá-la.

Um campo de flores; cheira a poeira e chuva. Uma brisa... Mas não realmente uma brisa, uma memória de uma brisa, uma memória dentro de um sonho que tenta afogar minha mente congelada.

Terra. Agarro-me nos meus pensamentos sobre a Terra. Não gosto desse período dos sonhos. Sonhar parece muito com morrer. São sonhos, mas fico totalmente fora de controle, me perco neles e já perdi muita coisa para deixá-los assumir o controle.

Pressão sobre meu mindinho onde papai envolveu seu dedo ao redor do meu, e suas palavras sussurradas me prometendo que eu poderia ficar com minha tia e meu tio. O peso no meu peito, onde pensei sobre aquilo, onde realmente pensei sobre aquilo. Eu empurro essa memória-sonho para longe. Isso aconteceu há séculos atrás, e é tarde demais para arrependimentos agora. Porque tudo o que meus pais sempre quiseram foi fazer parte da primeira missão tripulada de exploração interestelar, e tudo o que eu sempre quis for estar junto com eles.

E imagino que não importa que eu tivesse uma vida na Terra, que eu amava a Terra, e que agora, todos meus amigos já viveram, envelheceram e morreram, enquanto eu apenas estive aqui descansando em um sono congelado. Que Jason viveu, envelheceu e talvez se casou, teve filhos e tudo mais, mas isso não importa, porque ele está morto agora. Meu Deus, os bisnetos dele devem ter minha idade.

Um respingo da chuva na minha pele, mas está brilhante e ensolarado sob o céu azul. Jason está lá, e nós quase nos beijamos, mas logo tudo muda e nós estamos na festa em que nos conhecemos porque os sonhos são assim: eles vêm e vão das memórias e cenas, mas nunca são reais. Eles nunca são reais, e eu os odeio por causa disso.

4

Velho

Um barulho estranho me faz levantar o rosto para a janela quebrada, na qual o vidro tinha se dividido exatamente em duas partes. Por que eu ainda não estou morto?

Vidro não quebra assim, não em uma linha perfeitamente reta.

E... Aquilo embaixo do vidro não é o vazio negro do espaço.

Aquilo é metal. Um teto de metal atrás da janela?

As duas metades da janela deslizam e as estrelas vão com elas. Mas isso é... Impossível. As estrelas devem permanecem no lugar, não se mover com a janela.

Espera... Isso... Isso não é uma janela. Isso é... Bem, não sei o que é. O teto do Salão Nobre é abobadado, e a cobertura de metal se dobra ao longo das extremidades do cômodo até mais ou menos a altura do peito. A janela—a coisa que eu achei que era uma janela—é, na verdade, duas metades de uma tela gigante de vidro e metal, polvilhada com luzes brilhantes, sustentada por braços hidráulicos que assobiam e gemem para mim. As duas metades dobradas repousam em ambas as extremidades do salão abobadado a mais ou menos a altura do ombro, e atrás delas está o teto real do Nível dos Protetores, mais metal. Mais metal inexpressivo, vazio e sem estrelas.

As estrelas, as belas estrelas brilhantes, não são estrelas no fim das contas. São apenas vidro e lâmpadas construídos para cintilar como estrelas. Estrelas falsas numa tela imprensada entre dois tetos de metal.

Por quê?

Eu me estico para tocar a metade do universo que está mais próxima a mim. As lâmpadas minúsculas não estão tão quentes para tocar, mas aquecidas o suficiente para me fazer afastar os dedos. Os restos soltos de uma teia de aranha se espalham da base de uma lâmpada-estrela até uma pequena placa de metal na parte inferior do vidro.

Mapa de Rastreamento de Navegação
Patente nº 7329035

Um mapa de navegação? Aqui? Meus olhos observam a parte da tela em frente a mim, e, com absoluta certeza, vejo uma luz piscando próxima a parte inferior da tela, embaixo da placa, perto de duas lâmpadas-estrelas que estão juntas. Uma luz vermelha, triangular e que aponta para as estrelas. Percebo que a luz intermitente vermelha não é fixa como as lâmpadas-estrelas; está em uma trajetória lenta, e está bem próxima do fim do seu caminho.

Minha nave. Próxima do seu novo planeta, do seu novo lar.

"Velho? Velho! O que está acontecendo?" Ancião grita da porta que liga o Nível dos Protetores ao Nível dos Embarcadores. Posso vê-lo além da porta: rosto furioso, olhos em chamas, e o longo cabelo branco roçando seus ombros à medida que ele bate na pesada porta de metal.

Olho novamente para os pedaços da janela falsa. As estrelas são mentiras. Eu as tive por um momento, mas elas não eram reais.

Beep, beep-beep enche meu ouvido esquerdo. Meu comunicador sem fio soa, me informando que alguém está tentando se conectar comigo. Cada um de nós tem um comunicador sem fio implantado em nosso ouvido esquerdo ao nascer—é como nos comunicamos uns com os outros tão bem na nave.

"Ligação de: Ancião," o computador diz diretamente dentro do meu ouvido esquerdo, através do meu comunicador.

"Ignorar," eu digo, pressionando o botão sob a minha pele.

As estrelas são mentiras. O que mais é?

Beep, beep-beep. "Ancião sobrepõe," meu comunicador diz alegremente. "Ligação de: Ancião."

"Velho!" A voz de Ancião enche meu ouvido, um rosnar baixo. "O que aconteceu? Por que você colocou o Nível dos Protetores em isolamento?"

"As estrelas são mentiras," eu digo, em uma voz cavernosa.

"O quê? O que aconteceu? Alguma coisa errada?"

Tudo está errado. "Nada está errado," eu digo.

"Vou liberar o isolamento," Ancião desconecta-se. Um momento depois, o chão faz um estrondo e a porta se abre. Ancião sobe no Nível dos Protetores, batendo a porta atrás dele.

"O que aconteceu"? ele exige.

Eu levanto os olhos para o escâner biométrico na porta do quarto dele.

"Eu digitalizei meu acesso, e isso—" Paro, apontando as duas metades da "janela" ainda abaixadas.

"Por que você estava mexendo com isso?" Ancião berra. Ele atravessa a sala a passos largos, e em sua fúria, esquece-se de ser gentil com sua perna. Ela está lesionada desde antes de eu nascer e nunca se curou realmente, mas com a idade ele passou a mancar mais. Seus pés produzem uma batida desigual no piso de metal: stomp, passo, stomp, passo, stomp. Mais tarde vai doer, e ele vai me culpar por isso também.

Quando Ancião chega ao escâner biométrico, ele passa seu polegar na barra. O vidro sobe primeiro, arrastando as estrelas ao longo do teto, os braços hidráulicos suspirando de alívio. Então, a tela de metal se ajeita, escondendo a luz falsa.

"Você é louco! Você colocou o Nível dos Protetores em isolamento por causa disso?" A raiva de Ancião quase me faz encolher. Quase.

"Eu achei que elas eram reais. Eu achei que a nave estava sendo exposta ao espaço!"

"São apenas lâmpadas!"

"Eu não tinha a menor ideia! Eu achei que aquelas estrelas eram reais! Para quê elas estão lá?"

"Elas não estão lá para você!" Ancião berra.

"Então, elas estão lá para quem?" Eu grito de volta. "Só há eu e você nesse Nível."

Ancião fecha sua mandíbula. Um caroço sobe pela minha garganta, mas eu engulo de volta. Não vou deixar Ancião pensar que não sou nada além de um garotinho que tem um ataque de birra só porque descobriu que as estrelas não são reais.

"Você não pode fazer isso, Velho. Você não pode causar pânico na nave inteira!" Ancião parece enfurecido e cansado ao mesmo tempo. "Não entende? Você é o Velho. Quando tomar meu lugar como Ancião, você deverá dedicar toda sua vida a essa única ideia: você é quem cuida de cada pessoa na nave. Elas são sua responsabilidade. Você nunca pode demonstrar fraqueza em frente a elas: você é a força delas. Você nunca pode deixá-las te verem em desespero: você é a esperança delas. Você sempre deve ser tudo para todos a bordo." Ele respira profundamente. "E

isso inclui não entrar em pânico e colocar um nível inteiro da nave em isolamento!"

"Eu achei que a nave tinha sido exposta," eu digo.

Ancião me encara. "E você colocou a nave em isolamento"

Ele tem que ficar me lembrando daquilo? Eu sou um completo idiota, já entendi.

"Enquanto você ainda estava aqui." Sua voz está diferente agora. Mais calma. Encontro seus olhos, e vejo neles algo que nunca tinha visto antes.

Orgulho.

"Você ia se sacrificar para salvar a nave," ele diz.

Eu dou de ombros. "Foi estúpido. Desculpe."

"Não." Ancião pronuncia a palavra devagar. "Bem, sim, isso foi estúpido. Mas também foi nobre. Exige coragem, garoto. Exige liderança. Estar disposto a se sacrificar pelo resto da nave? Mostra que você pensa. Você pensou sobre como o Nível dos Protetores é em cima, não foi? E que se o Nível dos Protetores fosse exposto ao espaço, a descompressão explosiva afetaria o nível abaixo desse, e o nível mais abaixo ainda. Você pensou antes de agir. Você pensou em todas as pessoas embaixo."

Eu olho para o longe. Talvez tenha sido nobre, mas tudo o que eu posso ver é que as estrelas não são reais.

"Desculpe-me." Ancião diz. Quando ele vê meu olhar confuso, ele acrescenta. "Eu tenho te ignorado. É minha culpa. Você me lembra do outro Velho, e nós... Não nos demos bem. Quando eu o treinei, contei muito pra ele, muito cedo. E ele agiu de modo tolo e egoísta. Eu esqueci que você era diferente, mas você é."

Ancião tem minha total atenção agora. Eu sei perfeitamente bem que existiu outro Velho, um entre mim e Ancião. Ele morreu antes de eu nascer, mas Ancião nunca falou muito sobre ele antes.

"Eu já tinha treinado aquele Velho. Ele deveria treinar você, deixando-me tomar conta da nave. Quando ele morreu e eu tive que te treinar também... Eu nunca deveria ter sido sobrecarregado com outro Velho, e eu tenho sido relapso em minhas responsabilidades com você."

Eu encontro seus olhos. Quando estamos no Nível dos Alimentadores, Ancião é um avô gentil. Quando estamos no Nível dos Embarcadores, ele é como um velho rei, comandante, mas atencioso. Mas quando estamos apenas eu e ele, ele deixa sua verdadeira personalidade

aparecer—ou no mínimo o que acho que é sua personalidade real—e seu verdadeiro eu pode ser velho, mas não é gentil e nem fraco.

Algo no silêncio me faz perceber que Ancião me permitiu, e apenas a mim, ver isso. E esse fato, mais do que tudo, me faz perdoar sua negligência.

"Bem?" eu exijo. "Você vai começar a me treinar corretamente agora?"

Ancião assente uma vez, depois acena para eu acompanhá-lo para o Centro de Treinamento. Seu andar irregular está mais pronunciado que o normal, sua perna já está o fazendo se arrepender da sua entrada raivosa.

Há apenas quatro salas no Nível dos Protetores: o meu camarote e o de Ancião, o Centro de Treinamento e o Salão Nobre. O Centro de Treinamento é a menor das salas, com apenas uma mesa e a entrada para o tubo de gravidade. O Salão Nobre é a maior. É grande o suficiente para todos da nave estarem ali ao mesmo tempo, se eles não se importarem de ficar bem próximos, mas apenas eu e Ancião podemos entrar nesse Nível. É algo que restou do tempo antes da Peste, antes de termos o sistema de Ancião para governar. Os camarotes, meu e o de Ancião, bem como o Centro de Treinamento, eram escritórios para a tripulação antes, e julgando pelo mapa de estrelas brilhantes atrás da tela de metal, o Salão Nobre era usado para navegação.

Depois da Peste há muitas décadas atrás, a nave mudou. Teve que mudar. Ancião renomeou os Níveis, reservando esse para ele mesmo e os Anciãos que o seguiriam.

O que me incluía.

Ancião senta em um lado da mesa no Centro de Treinamento. Eu sento no outro. A mesa é uma antiguidade rara de quando a nave partiu, séculos atrás, feita de madeira de verdade, madeira da Terra-Sol. Pergunto-me sobre a vida escondida na madeira: a árvore que respirou o ar da Terra-Sol, viveu no solo da Terra-Sol, e depois foi derrubada, transformada em uma mesa, e lançada ao espaço a bordo da Godspeed.

"Há coisas que você deve saber," ele diz. Ele pega um flexível—uma membrana digital apelidada desse jeito, devido à sua flexibilidade—da mesa e passa seu dedo ao longo dele, ligando-o. Quando as luzes da tela se acendem, ele escaneia seu polegar no local de identificação.

"Ancião/Velho acesso permitido," o flexível diz. Ancião toca de leve algo sobre a tela, depois desliza o flexível para mim. Eu quase posso ver

os pedaços de madeira através da fina membrana, mas então eu me distraio com o que Ancião está me mostrando.

É uma planta do Nível dos Embarcadores— eu reconheço o corredor central principal se bifurcando em salas grandes usadas para ciência e indústria, manufatura e pesquisa. Pontos brilhantes estão dispersos pelo mapa, piscando e se movendo.

"Você sabe o que é isso?" Ancião pergunta, pegando o flexível de volta.

"Um mapa da localização dos comunicadores sem fio." Os dispositivos comunicadores são implantados em nossos ouvidos esquerdos não somente para permitir a comunicação com todos na nave, mas também servem como localizadores.

Eu me inclino na mesa para ver melhor o mapa dos comunicadores. O longo cabelo branco de Ancião bate em meu rosto antes dele colocá-lo atrás de sua orelha, e eu posso sentir o cheiro de sabão e algo mais forte que irrita meu nariz.

"Vê todos esses pontos? Cada um é um Embarcador. Cada um tem uma função bem específica: assegurar que a nave funcione sem problemas. Os Embarcadores-chefes estão aqui." Ancião aponta para a sala de energia, depois desliza seu dedo além dela, para a sala de máquinas na qual nunca estive, depois além, para outra sala. "O centro de comando é aqui. Embora a nave funcione sozinha, se algo der errado—"

"Você conduzirá a nave?" eu pergunto, admirado. Eu imagino Ancião como um bravo comandante, quase como um capitão de uma daqueles navios antigos da Terra-Sol que navegavam através da água, não do universo. Então, eu me imagino assumindo o leme.

Ancião ri. "Eu? Não. Isso é ridículo. Os Velhos não são treinados para conduzir naves; a função do Ancião não é comandar a nave. A função do Ancião é comandar as pessoas. Esses Embarcadores"—ele acena para os pontos que piscam—"recebem treinamento para suas funções específicas de operação da nave em caso de emergência." Ele olha para cima. Seus olhos estão turvos com a idade, mas ele ainda pode olhar diretamente para mim. "Você entende, não? Os Embarcadores conduzem a nave—não nós".

A imagem de todos me aplaudindo quando conduzo a nave para a Terra-Centauro enfraquece e morre.

"Os Embarcadores estão aqui para tomar conta da nave, mas a nave não é apenas metal frio. Você é aquele que tem que tomar conta das pessoas."

Ele pressiona o botão para diminuir o zoom, e por um momento, os três Níveis da nave aparecem ao mesmo tempo, uma confusão de linhas se cruzando. O interior da nave é principalmente circular. Um pequeno pedaço no topo é o Nível dos Protetores. Abaixo dele, ligeiramente maior, está o Nível dos Embarcadores, todo dividido em escritórios e laboratórios. De longe, a maior parte da nave é o Nível dos Alimentadores. Há dois pontos piscando para mim e Ancião no Nível dos Protetores, cinquenta ou mais no Nível dos Embarcadores. Ancião focaliza o Nível dos Alimentadores. Do lado direito do círculo há algumas dúzias de pontos para as pessoas no Hospital, mas nenhum no Salão de Arquivos. No meio, dúzias de pontos estão espalhados, cada um representando uma pessoa vivendo nas diversas fazendas. Ancião focaliza o lado esquerdo da tela, onde a Cidade está. Há muitos pontos lá, de modo que é impossível para eu contar. Não que eu precise. Eu conheço todos a bordo da nave, todos os 2312.

Cada um daqueles 2312 pontos vermelhos piscando é como um peso em meus ombros, cada um deles me esmagando um pouco mais. Eles todos são, cada um deles é, minha responsabilidade.

Ancião coloca em foco o Nível dos Embarcadores novamente e descansa seus dedos na maior sala do nível, onde o motor está.

"Entre o motor, os computadores, o sistema de navegação e tudo mais, há muitas coisas que podem dar errado. Essa jornada... é longa," ele diz, como se tivesse passado por todos os 250 anos de viagem. "Os construtores da nave sabiam disso; essa é a razão porque eles a nomearam Godspeed."

Eu falo o nome junto com ele, sentindo-o como metal na minha língua.

"É uma expressão antiga da Terra-Sol para boa sorte," Ancião bufa. "Eles lançaram nossos antepassados no céu, desejaram a eles boa sorte, e se esqueceram de nós. Nós perdemos contato com a Terra-Sol durante a Peste, e nunca conseguimos recuperá-lo. Nós não podemos voltar. Eles não podem nos ajudar. Tudo o que as pessoas da Terra-Sol puderam nos dar foi Godspeed."

Eu não sei se ele quis dizer que eles nos deram sorte ou a nave, mas ambos parecem um pouco inadequados agora.

"Mas nós precisamos de mais do que sorte. A nave precisa de alguém para proteger as pessoas, não apenas o veículo em si. Você será esse líder." Ancião respira profundamente. "Está na hora de você aprender as três causas da discórdia."

Eu puxo minha cadeira para mais perto. Isso é novo. Finalmente— finalmente— Ancião está realmente começando a me treinar para ser o líder depois dele.

"Na Godspeed," ele diz "nós todos falamos um idioma?"

"Claro," eu respondo, confuso.

"Nós temos qualquer diferença na raça?"

"Raça?"

"Cor da pele."

"Não." Todos a bordo têm a mesma pele morena, os mesmos cabelos e olhos castanhos.

"Você já estudou os mitos da Terra-Sol: Budismo, Cristianismo, Hinduísmo, Islamismo. Alguém na Godspeed tem alguma 'adoração'?" Ele diz a última palavra com bastante escárnio.

"Claro que não!" Eu rio. Uma das primeiras lições que Ancião me deu quando me mudei para o Nível dos Protetores foi sobre as religiões da Terra-Sol. Elas eram histórias mágicas, contos de fadas, e eu me lembro de rir que nem um idiota, quando Ancião me contou como as pessoas da Terra-Sol desejavam morrer ou matar por esses personagens fictícios.

Ancião assente uma vez. "A primeira causa da discórdia é a diferença. Não há nenhuma religião na Godspeed. Nós todos falamos o mesmo idioma. Nós todos somos monoétnicos. E porque nós não somos diferentes, nós não brigamos. Se lembra sobre as Cruzadas que eu te ensinei? Os genocídios? Nós nunca teremos que nos preocupar com esses tipos de eventos horríveis na Godspeed."

Eu estava na ponta do meu assento, confirmando com a cabeça, mas por dentro eu estava desejando que Ancião não pudesse ver como eu era realmente tapado. Aquelas estavam entre minhas primeiras lições, quando eu tinha treze anos e tinha acabado de me mudar para o Nível dos Protetores para morar com Ancião. Estrelas, eu era tão criança. Lembro-me das figuras nos flexíveis de pessoas de diferentes cores de pele e de

cabelo, de pessoas usando vestidos ou tangas, dos sons dos idiomas cujas palavras eu não entendia. E naquela época, eu achava tudo aquilo um saco.

Eu me afundo na cadeira. Não era de surpreender que Ancião estivesse sendo lento ao me treinar—claramente eu nunca entendi as verdadeiras lições que ele estava me ensinando.

"A segunda causa da discórdia," Ancião continua, "é a falta de uma liderança central forte."

Ele se inclina para frente, estendendo suas mãos rugosas na minha direção. "Você entende a importância disso?" ele diz, seus olhos úmidos da idade avançada ou algo mais.

Eu assinto.

"De verdade?" ele pergunta mais imperativo, pegando minhas mãos tão firmemente que alguns dos meus nós dos dedos estalam.

Eu assinto novamente, incapaz de tirar meus olhos dos deles.

"Qual é o maior perigo na nave?" Sua voz se transforma em um sussurro áspero.

Hum. Talvez eu não tenha entendido. Ancião me encara, esperando uma resposta. Eu o encaro de volta.

"Motim. É o motim, Velho. Mais do que erro técnico ou mau funcionamento da nave ou os perigos lá de fora, o motim é a maior ameaça para essa nave. Então, depois da Peste, o sistema Ancião foi criado. Uma pessoa, nascida à frente do povo, lideraria, para atuar como patriarca e comandante para as pessoas mais jovens que ele. Cada geração tem um Ancião para liderar. Você, um dia, será um Ancião. Você será o líder forte que evitará a discórdia, que protegerá cada pessoa que vive na nave.”

5

Amy

Eu estou tão silenciosa quanto a morte.

Faça isso: Vá para seu quarto. Seu agradável, seguro e aquecido quarto que não é um caixão de vidro atrás da porta de um mortuário. Deite-se na sua cama que não é feita de gelo. Enfie seus dedos em seus ouvidos. Você escuta algo? O pulso da vida vindo do seu coração, o lento encher e esvaziar dos seus pulmões? Mesmo quando você está em silêncio, mesmo se você bloquear todos os ruídos, seu corpo ainda é uma cacofonia de vida. O meu não é. É o silêncio que me leva a loucura. O silêncio que traz os pesadelos para mim.

Por que, e se eu estiver morta? Como alguém pode viver sem um coração batendo, sem os pulmões respirando, como eu vivo? Eu devo estar morta. E esse é meu maior medo: depois de 301 anos, quando eles retirarem meu caixão de vidro do seu mortuário, e eles deixarem meu corpo descongelar como carne de frango no balcão da cozinha, eu estarei exatamente como estou agora. Passarei toda a eternidade presa em um corpo morto. Não haverá nada além disso. Estarei trancada comigo mesma para sempre.

E eu quero gritar. Eu quero abrir meus olhos e acordar e não ficar mais sozinha comigo mesma, mas não posso.

Eu não posso.

6

Velho

"Então, qual é a terceira causa da discórdia?" Eu pergunto para o Ancião à medida que o silêncio cai sobre nós no Centro de Treinamento.

Ele me contempla. Por um momento, a raiva surge em seus olhos desbotados, e eu me pergunto se ele vai bater em mim. Quando eu pisco, no entanto, essa ideia louca já se foi. O Ancião coloca ambas as mãos em seus joelhos e os empurra para se levantar, chiando, para uma posição em pé. O Centro de Treinamento é pequeno, e com Ancião em pé, parece bem opressivo. A cadeira da qual ele se levantou bate na parede; a mesa parece com um abismo entre nós. Atrás dele, o globo desbotado da Terra-Sol parece minúsculo, bem menor e insignificante do que eu.

"Eu já te contei o suficiente," ele diz, indo para a porta. "E tenho trabalho para fazer. Quero que você vá para o Salão de Arquivos, pesquise um pouco, veja se você pode descobrir algumas das razões que fazem a Terra-Sol ter tanta discórdia. Você já sabe as duas primeiras razões para o império deles de sangue e guerra; você deve ser capaz de descobrir a terceira. Não é difícil, não quando você olhar para a história da Terra-Sol."

Reconheço o desafio nisso. Ancião está testando minha habilidade em ser um líder, testando meu merecimento para seguir seus passos como o próximo ancião. Ele faz isso demais, na verdade. Embora o velho que existiu entre eu e Ancião tenha morrido a muito tempo atrás, Ancião não gosta dele. A maior parte do que ouço o Ancião falar sobre ele, é quando ele o compara a mim. E as comparações nunca são positivas. "Você é lento, como ele." Ancião diz. "Essa ideia é algo que ele teria dito, também." Eu aprendi quase ao mesmo tempo em que comecei a viver no Nível dos Protetores a guardar minhas ideias para mim e manter a boca fechada. Ancião ainda me testa frequentemente para ter certeza que não vou me tornar tão ruim quanto o outro velho. Tento parecer confiante, assertivo — mas isso é desperdício, já que Ancião nunca olhou de volta para mim.

Parte de mim quer chamar Ancião de volta e discutir com ele, lembrá-lo da sua promessa de me contar tudo e insistir que ele me ensine a

terceira causa da discórdia.

A outra parte de mim, a parte que pode passar o dia todo vendo vídeos e figuras da Terra-Sol em flexíveis, está sentindo prazer na ordem de Ancião em fazer exatamente isso.

No lado mais distante do Centro de Treinamento é a entrada do tubo de gravidade que Ancião e eu usamos. É apenas para nós, uma ligação direta ao Nível dos Alimentadores. O outro que percorre o caminho entre o Nível dos Embarcadores e a Cidade no Nível dos Alimentadores é usado pelas demais pessoas.

Eu pressiono meu comunicador sem fio atrás da minha orelha esquerda.

"Comando?" a voz feminina simpática do meu comunicador pergunta.

"Controle do tubo de gravidade," eu digo.

Beep, beep-beep enche meu ouvido à medida que o comunicador se conecta com o tubo de gravidade. Passo meu polegar no scanner biométrico na parede mais distante do Centro de Treinamento, e uma seção circular do chão se abre. Não há nada embaixo, além de um espaço vazio.

Sinto um frio na barriga —como sempre—quando entro no ar vazio do tubo de gravidade. Mas o comunicador se liga com o sistema gravitacional da nave dentro do tubo, e eu balanço suavemente no ar antes de afundar como uma moeda lançada em uma fonte. A escuridão me envolve à medida que eu desço o tubo, passando pelo Nível dos Embarcadores, e então a luz enche meus olhos. Eu pisco; o Nível dos Alimentadores está abaixo de mim, distorcido através do transparente tubo de gravidade. A Cidade levanta-se ao longo da parede mais distante, e as fazendas se espalham por todo o centro, campos verdes, vastos e pontilhados de plantações, vacas, ovelhas, cabras. Daqui, o Nível dos Alimentadores é enorme, um mundo por si mesmo. 6400 acres destinados para sustentar aproximadamente 3000 pessoas, parecem com o infinito quando você está olhando por cima. Mas, quando você está realmente lá, nos campos ou na Cidade, cercado por pessoas cujos olhos estão sempre em você, isso parece muito mais abarrotado.

O tubo de gravidade acaba a aproximadamente dois metros do chão do Nível dos Alimentadores. Por um segundo, eu balanço no ar no fim do tubo, e então beep, beep-beep enche meus ouvidos quando o meu

comunicador se conecta com o sistema de gravidade da nave, e eu caio na pequena plataforma circular de metal abaixo do tubo. Eu pulo para fora da plataforma e começo a descer em uma das quatro principais ruas do Nível dos Alimentadores. A poucos metros há uma construção de tijolos alta, o Salão de Arquivos, e atrás está o Hospital.

Enquanto eu ando em direção ao Salão de Arquivos, penso em como minha vida é diferente agora do que há três anos. Até os treze, eu vivi nesse Nível, passando de família em família. Desde muito novo, estava claro que eu nunca me encaixaria. Primeiro: todos estavam bem cientes de que eu era O Velho. Talvez porque o Velho antes de mim morreu inesperadamente, os Alimentadores sempre foram superprotetores. Mas, mais do que isso—nós éramos muito diferentes um do outro. Os Alimentadores pensavam diferente. Eles eram felizes, satisfeitos em arar os campos e tosquiar as ovelhas. Eles nunca pareciam sentir as paredes da nave ao seu redor, ou ficarem nervosos devido ao tempo passar tão devagar. Só quando eu me mudei para o Hospital com meus treze anos, conheci Harley, conversei com o Doutor, me mudei para o Nível dos Protetores e comecei meu treinamento com Ancião, que eu comecei a ser feliz na Godspeed. Que eu comecei a aproveitar a vida.

Não concordo sempre com Ancião e seu temperamento, mostrado apenas para mim no Nível dos Protetores, pode ser assustador, mas sempre vou amá-lo por me tirar das fazendas entorpecentes.

Eu subo correndo os degraus em direção às grandes portas marrons que foram pintadas para parecer madeira. O Salão de Arquivos sempre me pareceu muito grande, mas Ancião me garante que a maior parte dos moradores da Godspeed acham que o salão é bem pequeno. Acho que é porque quando venho aqui, venho sozinho ou com Ancião. Todos os outros vieram com sua geração, quando eram mais novos e ainda estavam na escola. Como ninguém na nave é mais novo do que eu, não há razão para termos escola. Eu tenho apenas Ancião.

Ancião me observa subir os degraus do Salão de Arquivos. Não Ancião de verdade, claro—uma pintura dele, feita antes de eu nascer, quando Ancião tinha mais ou menos a idade do Doutor. A pintura é grande, quase metade do tamanho da porta, e está pendurada em um pequeno espaço entre os tijolos próximos á entrada.

Eventualmente, eles vão retirar o retrato de Ancião daqui, e pendurá-lo em um espaço poeirento no fundo do Salão de Arquivos, junto com os

retratos de todos os outros Anciãos.

E meu retrato será pendurado aqui, representando meu pequeno reino.

O Ancião pintado olha fixamente além de mim, além da entrada do Salão de Arquivos, observando os campos e, a longa distância, a Cidade, um grande amontoado de caixas de metal pintadas onde a maioria dos Alimentadores e Embarcadores mora. O pintor deu a Ancião olhos mais simpáticos do que eu costumo ver em seu rosto enrugado, e uma curva suave em seus lábios que parece indicar curiosidade, talvez até mesmo maldade. Ou não. Estou lendo muito nessa pintura. Esse Ancião não é o que conheço. Esse Ancião parece o tipo de cara que eu poderia enxergar como um líder. Não o tipo de líder que governa através do medo—o tipo que ouve os outros, e se preocupa com o que eles tem a dizer, e dá a eles oportunidades. Nós temos o mesmo nariz estreito, as mesmas bochechas altas, a mesma pele morena—mas esse Ancião já tem a autoridade nos olhos, a autoconfiança na inclinação de seu queixo, a sensação de poder em sua postura, que eu nunca tenho. Que o Ancião verdadeiro tem aguçado e afiado como um caçador com uma faca.

Olho atrás de mim, para ter a linha de visão do Ancião pintado, mas não consigo ver a Godspeed do jeito que ele claramente consegue. O Ancião pintado está feliz em governar—tanto que transpira através dos pigmentos de óleo. Posso visualizar como foi a seção de pintura. Aposto que Ancião estava bem aqui, onde estou, olhando além da cerca. O pintor ficou no gramado, abaixo de Ancião—com certeza, abaixo dele—e deu forma à pintura com traços fortes e amplos. Quando Ancião olhava a Godspeed, como estou olhando agora, ele via as mesmas coisas que vejo: O interior da nave moldado como um município da América da Terra-Sol, mas em miniatura, preso em uma bolha circular pelas paredes da nave. Uma cidade amontoada de um lado, com ruas ordenadas e limpas, dispostas em uma rede meticulosa, o centro de cada quarteirão cheio de trailers que servem como casas e locais de trabalho para comércio. Um quarteirão para tecelões, como os pais do meu amigo Harley. Um quarteirão para tintureiros, um para fiandeiros, um para alfaiates. Três quarteirões para conservação de alimentos: enlatadores, secadores e refrigeradores. Dois quarteirões para açougueiros. Quatro quarteirões para a casa dos cientistas e Embarcadores que trabalham no nível acima desse.

Cada família, geração após geração, nascem e crescem para trabalhar até a morte no mesmo quarteirão da mesma cidade na mesma nave.

Quando Ancião posou para sua pintura aqui, ele pensou nisso? Ele olhou a Cidade e se maravilhou com sua eficiência tranquila, sua construção cuidadosa, sua produtividade consistente?

Ou ele viu tudo como eu vejo: Pessoas encaixotadas em trailers que estão presos em quarteirões de uma cidade, que está encaixotada em distritos, que estão presos em uma nave, fechados por paredes de metal?

Não. Ancião nunca pensou na Godspeed como uma caixa. Ele nunca viu a Cidade como uma gaiola. Você pode dizer isso pelos seus olhos pintados, pelo modo como ele atravessa as ruas da Cidade agora, como se elas pertencessem a ele, porque realmente pertencem.

Mesmo aqui, onde os campos, pastos e fazendas se estendem além da entrada Salão de Arquivos até a parede mais distante, você não consegue escapar das caixas. Cada campo, pasto e fazenda são circundados por cercas meticulosas, cada cerca mensurada séculos atrás, antes da nave decolar. Cada pedaço de terra não é igual em tamanho, mas eles são todos quadrados, todos meticulosamente medidos. As colinas nos pastos são projetadas para serem uniformemente espaçadas, elevações de vidro exatamente colocadas para ovinos e caprinos que não percebem que aquelas colinas estão cuidadosamente organizadas, montes manufaturados de poeira e adubo.

Eu já vi a paisagem da Terra-Sol em vídeos e mapas. A terra não era perfeitamente disposta em pequenos quadrados perfeitos. Mesmo as cidades planejadas tinham becos e ruelas. Campos eram cercados, mas as cercas não eram linhas perfeitas—elas se inclinavam ao redor de árvores; elas terminavam em ângulos engraçados para evitar riachos ou incluir lagoas. Colinas não eram linhas de protuberâncias.

Quando olho os campos, posso ver como eles são falsos, como são imitações pobres das imagens dos campos da Terra-Sol.

Eu aposto que quando Ancião posou para seu retrato, ele estava contente com a única coisa que eu não posso aguentar na vida a bordo da nave: A perfeita uniformidade de tudo.

E essa é a razão pela qual nunca serei um Ancião tão bom como ele é.

Porque eu gosto de um pouco de caos.

Eu abro as grandes portas da Sala de Arquivos e sorrio para os modelos topográficos pendurados no teto da imensa entrada. Emoldurados por raios de luz vindos das portas abertas, atrás de mim está um grande globo da Terra-Sol, coberto de poeira. Um modelo em escala da Godspeed dispara ao redor da Terra-Sol, projetado para imitar a partida da nave há tanto tempo atrás. Parece pequena e insignificante comparada aos planetas ao lado, uma bola com asas e um nariz pontudo. Entro no corredor e levanto meu pescoço. Bem em cima da minha cabeça há um modelo da meta da Godspeed: O grande globo redondo da Terra-Centauro. É maior que qualquer um dos outros dois modelos, e está pendurado no centro da entrada. Não sei se foi o que os projetistas pretenderam ou não, mas os raios de luz vindos das enormes portas de entrada se espalham bem na superfície do modelo da Terra-Centauro, iluminando-o com uma aureola de luz.

Caminhando para frente, estico minhas mãos e meus dedos roçam na Austrália da Terra-Sol. Eu sempre preferi o modelo da Terra-Sol ao da Terra-Centauro. Enquanto o modelo da Terra-Sol é detalhado, com elevações para as montanhas e linhas curvadas para as ondas dos oceanos, a Terra-Centauro é lisa, precisa apenas em termos do seu tamanho relativo. Nós não sabemos o que encontraremos lá, montanhas ou oceanos ou algo completamente diferente. Nós apenas sabemos que a sonda enviada antes de nós classificou a Terra-Centauro como "habitável"- Atmosfera baseada em oxigênio, quantidade significativa de água fresca, e amostras de solo apropriadas para o crescimento de plantas. Essas são as únicas coisas das quais temos certeza.

Eu quero tocá-la também, mas é muito alto.

A Terra-Centauro sempre parece fora do meu alcance.

As palavras de Ancião ecoam na minha mente: Meu trabalho não é levar a nave para a Terra-Centauro, e sim levar as pessoas para lá.

"Posso ajudá-lo?"

Dou um pulo de susto. "Ah, é você," eu digo, rindo do meu próprio nervosismo.

Orion é um Arquivador. Toda vez que alguém inventa, escreve ou faz algo novo, os Arquivadores trazem para cá e o armazenam. A última vez que estive aqui foi para ajudar meu melhor amigo, Harley, a transportar algumas telas. Ele é pintor—ele tem uma sala inteira com suas obras

penduradas no segundo andar do Salão de Arquivos. Mas não estou aqui para isso.

"Você pode me ajudar a encontrar algumas informações da Terra-Sol?" pergunto para Orion.

Orion sorri. Eu me encolho—seus dentes são manchados e amarelos. "Claro."

"Eu preciso descobrir sobre..." Eu paro, pensando em como dizer isso. Eu não posso perguntar se ele sabe qual é a terceira causa da discórdia—ele nem teria ideia sobre o que estou falando. "Guerras da Terra-Sol," digo finalmente. "Conflitos. Batalhas. Coisas desse tipo."

"Algo específico?" Orion se apressa em minha direção, com a animação palpável em seu rosto. Acho que como as escolas acabaram faz tempo, há poucos visitantes no Salão de Arquivos. Pensando nisso, eu realmente nunca vi Orion fora do Salão de Arquivos. Sua existência deve ser solitária.

"Qualquer coisa que causou problemas na Terra-Sol."

"Ah."

"O que?"

Orion não diz nada por um longo tempo, apenas me contempla como se eu fosse um quebra-cabeças com uma peça faltando. "É um tópico incomum para você estar estudando, é isso. Um pouco cruel."

Dou de ombros. "Ancião precisa que eu descubra uma coisa."

"Ah, pesquisa para Ancião. Bem, o modo mais fácil para fazer isso é usando os flexíveis de parede." Ele acena com a cabeça para as quatro telas grandes penduradas nas paredes da entrada, como tapeçarias, duas de cada lado. Caminhando para aquela mais próxima a ele, Orion toca na tela, e todos os flexíveis se ligam, enchendo toda a entrada de luz.

Imagens aparecem e desaparecem de cada um: diagramas de um reator rápido refrigerado a chumbo, um mapa de irrigação do Nível dos Alimentadores, pinturas de Harley e outros artistas a bordo, representações digitais de possíveis características geográficas da Terra-Centauro.

"Nós precisaremos do seu acesso." Orion diz, tirando minha atenção dos flexíveis na parede. Quando ele vê meu rosto de questionamento, ele acrescenta, "Alimentadores não podem ver imagens da Terra-Sol."

Ah. Eu tinha esquecido. Aquelas eram imagens aprovadas para todos, mas a informação que Ancião queria que eu encontrasse era restrita.

Caminho até o scanner biométrico na parede e passo meu polegar na barra de escaneamento.

"Ancião/Velho acesso permitido," a voz feminina do computador diz.

As imagens mudam. Agora lá estão imagens da Terra-Sol e não apenas da Godspeed. As pessoas não eram monoétnicas. Diferente das imagens da Terra-Centauro, essas da Terra-Sol não são interpretações de artistas. Eu me afasto, encarando o rosto branco de uma mulher, com uma montanha de cabelos presos para cima, e um vestido tão enorme que se estende até cada lado da tela. Pergunto-me em que época e lugar ela viveu, a pessoa que era. Estou olhando na face de outro mundo, tão inalcançável para mim como a Terra- Centauro.

"Talvez Ancião queira que você aprenda sobre a campanha de Genghis Khan?" Orion murmura. Ele toca a tela, e a mulher de rosto pintado de branco se dissolve em um homem negro gritando com olhos amendoados, cabelos emaranhados e sujos. "Ou o genocídio armênio?" Um mapa da Terra-Sol substitui o homem aterrorizante, e o contorno de um pequeno país aparece, me convidando a tocá-lo para aprender mais.

Porém, antes que eu possa tocá-lo, Orion toca em algo mais na tela. O mapa desaparece, sendo substituído por um gráfico. Eu aperto os olhos para enxergar as palavras minúsculas e as linhas desordenadas. Uma árvore genealógica, ligando os pais aos filhos. Meus olhos percorrem o gráfico, pulando de nome em nome, até que Orion murmura "Ops," E muda a tela para outro mapa. Percebo que o nome que eu estava procurando na tela era o meu próprio, mesmo que eu saiba que isso é idiota—aquele gráfico era muito antigo.

Respiro profundamente, ignorando a guerra ou genocídio qualquer que Orion está apontando agora para mim na tela.

Como Velho, nunca me foi permitido conhecer meus pais. Isso me faria parcial e tendencioso; me levaria a ter sentimentos que dificultariam minha liderança e decisões como Ancião. Eu sei disso. Até mesmo concordo com isso.

Mas ainda assim.

Eu gostaria de saber quem eles são.

"Velho?" Orion pergunta, com a preocupação enchendo sua voz. "Algo errado?"

Balanço a cabeça. "Nada."

Orion examina meu rosto, mas não sei o que ele quer achar.

E logo me encontro examinando seu rosto de volta, e eu sei o que estou procurando. Aquele é meu nariz no seu rosto? Meus olhos? Meus lábios? Eu nunca reparei realmente em Orion antes. Ele está sempre isolado, desaparecendo entre os arquivos que guarda. Mas agora que eu realmente olho para ele...

Esse homem pode ser meu pai?

Minha respiração fica presa, e eu tenho que balançar minha cabeça novamente antes que eu possa me controlar. Claro, Orion lembra a mim. Mas em uma nave onde todos são mono étnicos, isso não é difícil de acontecer. Eu posso me ver tão facilmente em Ancião como me vejo em Orion.

Apenas gostaria de poder me ver em mim mesmo.

Orion sorri para mim, como se ele entendesse pelo que estou passando, mas possivelmente ele não pode. "Então," Ele diz, em um tom tão paternal que eu recuo, "Ancião quer que você faça pesquisa? Parece que ele está realmente se focando em te treinar agora."

"É."

"Ele já te levou abaixo do Nível dos Alimentadores?" Orion se inclina para frente, seus olhos ansiosos.

"Abaixo? Não há nada abaixo do Nível dos Alimentadores."

O rosto de Orion se transforma em uma máscara inexpressiva. "Ah." Ele diz, voltando para trás, com o desapontamento evidente em sua boca virada para baixo. "Bem, vamos continuar com aquela pesquisa." Ele se vira de volta para a tela.

"Não, espere! Você que dizer que há outro Nível abaixo desse?"

Orion hesita. Ele coloca seu cabelo longo atrás da orelha, e eu percebo que o lado esquerdo do seu pescoço possui uma cicatriz peculiar em forma de teia de aranha. "Não tenho certeza," Ele diz. "Eu estava olhando os flexíveis recentemente, e eu vi algo..." Ele bate seu dedo contra o flexível, e imagens passam rapidamente pela tela. "Eu encontrei alguns diagramas da Godspeed. Mas não devia ter olhado. Por outro lado, certamente Ancião irá passá-los para você durante seu treinamento, quando for a hora de você aprender sobre esse tipo de coisa. Eu estava apenas curioso."

Claro que ele está. Sendo um Arquivador, seu lar e seu trabalho são no Nível de Alimentadores. Todos estão confinados ao Nível de

Alimentadores, exceto os Embarcadores, que tem acesso ao Nível dos Embarcadores, e Ancião e eu, que também temos acesso ao Nível dos Protetores. Orion provavelmente passará sua vida inteira nessa parte da nave.

"Posso ver o diagrama?"

A mão de Orion vai em direção é tela, mas ele não toca em nada. "Ancião provavelmente não ia querer..." Sua voz enfraquece, a indecisão fazendo-o vacilar.

Sorrio de volta para ele. "Deixe-me," eu digo. "Então você não levará a culpa." Orion olha um pouco culpado, mas também ansioso e curioso à medida que eu empurro sua mão para o lado e clico em "Diagrama da Nave Godspeed."

Uma lista aparece ao invés de uma imagem. Duas opções. Dois diagramas diferentes.

ANTES DA PESTE
DEPOIS DA PESTE

"O que isso quer dizer?" Eu pergunto. "Como a nave pode ter mudado depois da Peste?" Eu sei que, com a Peste, Ancião renomeou os Níveis, rearranjou algumas salas e reservou o Nível dos Protetores para Ancião e Velho, mas isso é tudo. Ou pelo menos eu achava que isso era tudo. Aquela tela de estrelas escondida deve ter sido escondida por uma razão...

Orion se inclina mais para perto. "Veja, foi isso o que me interessou muito. Olhe." Ele se estica e pressiona a opção "Depois da Peste". Um diagrama brilha na tela: Uma seção cruzada da nave, um grande círculo dividido em Níveis. Não há nada de estranho nele. O andar superior está marcado como Nível dos Protetores. É simples e vago—há apenas um esboço das salas que eu e Ancião ocupamos. Abaixo dele, o Nível dos Embarcadores é mais complicado, com espaço reservado para a sala de máquinas e para o centro de controle, bem como para os laboratórios de pesquisa usados pelos cientistas. O Nível de Alimentadores ocupa mais que dois terços do diagrama. O diagrama é velho; mostra as construções que eram parte do projeto original da nave, incluindo o Hospital e o Salão de Arquivos, onde estamos agora. Mas não mostra os novos acréscimos desde a decolagem—os tubos de gravidade, desenvolvidos duas gerações

antes de Ancião, não estão no diagrama. Ao invés deles, há espaços para escadas conectando o Nível de Alimentadores e o Nível dos Embarcadores, as quais foram demolidas quando os tubos de gravidade foram feitos.

Meus olhos vagueiam para baixo. "Era sobre isso que você estava falando?" Eu pergunto, apontando para uma parte sem nome no diagrama abaixo do Nível dos Alimentadores. "É provavelmente apenas material elétrico ou canos ou algo assim."

"Eu também pensei nisso," Orion fala. "Mas olhe." Ele pressiona a tela e volta para o menu principal, então pressiona "Antes da Peste".

O mesmo diagrama aparece, mas tudo está nomeado diferente agora. O Nível dos Alimentadores está com o nome de "Navegação" assim como a placa que eu vi na tela escondida atrás do teto. O Nível dos Embarcadores é dividido em três partes: Pesquisa Tecnológica (onde os laboratórios estão agora), Sala de Máquinas e algo chamado "Ponte". Não é tão diverso do que temos agora, apenas nomes diferentes para as mesmas coisas. É no Nível dos Alimentadores que as coisas começam realmente a mudar. O lado esquerdo, onde é a Cidade, está marcado como "Alojamentos (inclusivos)" e todo o resto do Nível de Alimentadores está nomeado como "Pesquisa Biológica." Pesquisa Biológica? Esse é o nome que eles usavam para pastoreio de cabras e tosquia de ovelhas?

Mas o que está abaixo do Nível dos Alimentadores é o que realmente me fascina. O que era um espaço vazio no outro diagrama, agora está preenchido. É como se houvesse realmente outro nível na nave abaixo dos nossos pés, um nível sobre o qual eu nunca soube, um que tem, aparentemente, um laboratório de pesquisa genética, uma segunda bomba de água, e uma enorme seção nomeada como "Armazenamento—Importante" e uma área muito pequena marcada simplesmente como "Contingência".

"O que é isso?" eu pergunto, encarando o diagrama. "Eu sei que eles mudaram os nomes dos níveis e moveram algumas coisas de lugar depois da Peste, mas isso? Isso é muito mais do que rearranjar. Há todo um outro nível." O que eu não disse é: Por que eu já não sabia disso? Por que Ancião não me ensinou? Eu já sabia a resposta: Porque ele acha que não estou preparado ou—pior—ele acha que eu não mereço conhecer os segredos da nave.

"Eles mudaram um monte de coisas depois da Peste," Orion diz. "Não havia o Sistema de Ancião até então."

Pelo menos sobre isso eu sabia. Todos sabiam sobre isso. Depois que a Peste matou quase três quartos da nave, diminuindo nosso número de quase três mil para um pouco mais de setecentos, o Ancião da Peste tomou o controle e refez o governo, inserindo a sociedade pacifica e operante que temos agora. Nas gerações posteriores, nós refizemos nossa população para quase dois mil, desenvolvemos nova tecnologia como os tubos de gravidade, e mantivemos a sociedade pacífica que o Ancião da Peste originalmente visionou.

Mas eu não sabia bem como ele havia mudado a nave, ou o que todas aquelas mudanças significaram.

"Você não quer saber o que há lá embaixo?" Orion pergunta, encarando o quarto Nível.

E agora que ele disse isso—é, eu realmente quero. "Aqui, me deixe ver isso" Eu afasto Orion do caminho e toco no flexível da parede, pesquisando. Demora alguns minutos, mas então encontro o que estou procurando. "Deixe-me ver o que os engenheiros colocaram aqui," eu digo, sorrindo em triunfo.

Um diagrama aparece na tela, mas é bem mais complicado que os diagramas dos Níveis da nave. Eu observo as linhas, tentando identificar canos, fiação elétrica e separá- los das paredes e portas. A imagem é tão grande que eu tenho que aumentar o zoom e rolar a tela ou diminuir o zoom e semicerrar os olhos.

"Não entendo nada disso," eu digo, finalmente, levantando minhas mãos.

"Eu comecei com o elevador," Orion rola o diagrama para cima, e de repente eu reconheço a construção cujos diagramas estou vendo. O Hospital. Ele aponta para o quarto pavilhão. "Há um segundo elevador."

"Não há um segundo elevador!" eu rio. Eu passei muito tempo no Hospital e havia apenas um elevador lá.

"No final do corredor, há outro elevador. Os diagramas não mentem."

"Todas as portas naquele andar são trancadas," eu digo. Eu sei. Eu já tentei abrir todas. E elas não são trancadas com scanners biométricos—se fossem, eu poderia passar por elas com um bater do meu polegar.

Não, aquelas portas tinham trancas antiquadas da Terra-Sol, feitas de metal. Eu e Harley, uma vez, gastamos uma semana tentando entrar, até que o Doutor nos pegou.

Orion estava balançando a cabeça. "Não a última porta. Aquela é aberta. E há um segundo elevador lá."

Eu ri de novo. "Não tem jeito. Se existisse um elevador secreto levando ao nível secreto da nave, eu saberia."

Orion apenas olha para mim. Seu silêncio era uma acusação: Eu realmente saberia?

Ancião manteve coisas escondidas de mim antes. Talvez haja outro nível.

7

Amy

Ouço alguma coisa.

Um estalo. Minha porta é aberta, meu pequeno mortuário se abre, e está mais claro, eu posso ver um raio de luz através das minhas pálpebras seladas, e agora algo, alguém está puxando meu caixão de vidro para fora.

Algo faz meu caixão de vidro levantar; há uma sensação no meu estômago congelado como ser empurrada em um balanço, e eu tento me agarrar a essa sensação, me assegurar que ela é real. Será que eles levantaram a tampa? Eu posso ouvir—eu posso ouvir!—cadências abafadas de fala através do gelo. Cada vez mais altas! Os sons não são apenas vibrações através do gelo, são realmente sons! Pessoas estão falando!

“Só um pouco mais," uma voz que me lembra Ed diz.

“Ogelo derrete rápido."

“É o — " Eu não capturo aquelas palavras—um som de movimento me banha.

E calor. Eu sinto calor pela primeira vez em 301 anos. Não gelo—mas uma sensação de formigamento, crepitando nas terminações nervosas da minha pele, me banhando de um sentimento que pensei que tinha perdido para sempre. Calor!

“Por que ela não se moveu ainda?" diz a primeira voz de novo. Não parecia com o descuidado e grosso Ed agora, mas o gentil Hassan.

“Adicione mais gel." Alguma coisa estava sendo friccionada na minha pele. Percebi que, pela primeira vez em quase três séculos, alguém estava me tocando. Mãos gentis massageiam meu corpo frio com uma substância que me lembra a loção Icy Hot que usei no meu joelho quando eu o torci numa corrida de cross-country no meu primeiro ano de escola. Estou tão feliz que posso explodir.

E é quando percebo que não posso sorrir.

“Não está funcionando," diz a voz gentil. Parecia triste agora. Derrotada.

“Tente—"

“Não, olhe, ela não está nem respirando."

Silêncio.

Desejo que meus pulmões bombeiem o ar; desejo que meu coração se mova para cima e para baixo com o ritmo da vida.

Algo frio—nunca mais quero sentir o frio novamente—é pressionado contra a parte de cima do meu seio direito.

“Sem batimento cardíaco."

Concentro todos os meus desejos no meu coração—bata, droga! Bata! Mas como você pode dizer para seu coração bater? Eu não poderia dizer isso, mesmo antes de ter sido congelada.

“Devemos esperar?"

Sim! SIM. Espere—estou voltando. Apenas me dê mais algum tempo para descongelar, e eu levantarei do gelo e viverei de novo. Serei sua fênix congelada. Apenas me dê uma chance!

“Não."

Minha boca. Eu concentro tudo o que tenho dentro de mim na minha boca. Lábios, se movam! Falem, gritem—berrem!

“Só coloque ela de volta lá dentro."

E a mesa abaixa com o peso da tampa sendo fechada sobre mim. E meu estômago dá um pulo a medida que eles me empurram de volta para o mortuário.

A porta é trancada.

Eu quero gritar, mas não posso.

Porque nada disso é real.

Apenas outro pesadelo.

8

Velho

O Doutor está na entrada do hospital, ajudando uma enfermeira a levar um homem velho em direção à mesa principal onde outra enfermeira começa a examiná-lo. Quando o Doutor me vê, ele vem em minha direção.

"Você viu Harley?" ele pergunta.

"Não." Não posso evitar sorrir. Harley tem fama de escapar do Doutor quando chega a hora de tomar os medicamentos.

O Doutor passa seus dedos pelo cabelo grosso, e então percebe meu sorriso e franze as sobrancelhas. "Isso não é engraçado. Harley precisa tomar seus remédios em horários regulares."

Tento deixar minha expressão séria. Harley algumas vezes fica intenso e sombrio, mas acho que tem mais a ver com o quanto ele é artístico do que com a loucura que o Doutor acha que ele tem. De qualquer forma, ele é meu melhor amigo; não vou dedurá-lo para o Doutor.

"Não vou!" o homem velho na mesa da frente grita. O Doutor corre para lá. O homem velho livrou-se da enfermeira que o ajudou a caminhar e agora está inclinado em direção à enfermeira que está sentada na mesa. "Você não pode me obrigar! Não vou ficar em uma cama de hospital, não estou doente!" Ele pontua isso com uma tosse seca e cospe um monte de catarro no chão.

"Ora, ora, se acalme." O Doutor diz, caminhando mais para perto do homem.

O homem velho vira seus olhos com catarata para o Doutor. "Onde está minha esposa? Você a trouxe?"

"A Sra. Steela não está aqui," o Doutor diz, colocando sua mão no braço do homem. "Ela não está doente. Você está."

"Não estou doente!" o velho ruge, mas imediatamente depois que ele fala, seus olhos mostram uma expressão vítrea. Sua respiração se acalma, e ele cai com o peso de suas próprias roupas. Quando o Doutor movimenta sua mão, eu vejo a razão: O Doutor colocou nele um adesivo médico. O adesivo quadrado cor de lavanda no braço do velho já estava levando-o para a inconsciência.

O Doutor me lança um sorriso triunfante enquanto ajuda o homem a acomodar-se em uma cadeira de rodas e então manda ele e a enfermeira para o elevador. Eu engulo com dificuldade. O Doutor é um homem bom, mas sua resposta para tudo é sempre a medicina. Ele não gosta de emoção, qualquer emoção. Ele prefere as coisas quietas, controladas.

Esse é o motivo porque ele é tão malditamente próximo de Ancião. Eles pensam igual.

"Então, o que você está fazendo aqui?" o Doutor me pergunta depois que o velho está seguramente abrigado no elevador e a caminho do seu tratamento.

Eu esfrego meus sapatos no chão de pisos lisos. De jeito nenhum vou contar para ele que estou aqui para explorar um elevador secreto no quarto pavilhão. Nem mesmo tenho certeza se confio em Orion o suficiente para tentar.

"Só pensei em ver o Harley," digo finalmente.

O Doutor franze as sobrancelhas. "Se encontrá-lo, mande-o direto para mim. Já passou muito da hora de tomar os medicamentos." Ele olha para o relógio a cima da mesa da enfermeira. "Falando nisso, você tem tomado os seus?"

Eu coro. Não tenho orgulho do ano que vivi aqui. No terceiro pavilhão, a Enfermaria. Onde os pacientes mentais estão. Acho que viver com os Alimentadores acabou comigo. Foi legal quando eu era pequeno, mas quanto mais velho eu ficava, mais me sentia diferente do resto deles. Não conseguia me preocupar com colheitas ou vacas como eles se preocupavam.

(Quando o Doutor me fez começar pela primeira vez a tomar medicamentos psicotrópicos, me lembro de ter perguntado: Ainda devo ser o Velho? Eu tomava medicamentos psicotrópicos, afinal de contas! Eu passei um ano na Enfermaria! Eu estava totalmente pronto para desistir. Mas o Doutor e Ancião não deixariam.)

"Tomei essa manhã," eu murmuro, com o rosto quente. Espero que a enfermeira na mesa não tenha ouvido. O que ela pensaria de um futuro líder da nave que toma medicamentos psicotrópicos?

O Doutor me examina. "Algo errado?" ele pergunta.

Ancião mentiu para mim sobre as estrelas, e deve haver um Nível secreto na nave, e Orion parece mais comigo do que eu gostaria de

admitir, mas não, nada errado, porque se o Doutor achar que algo está errado, ele apenas vai me dar mais medicamentos. Balanço a cabeça.

O Doutor não parece convencido. "Eu sei que é difícil para você. Ser diferente."

"Eu não sou tão diferente."

"Claro que é. Você sabe que é."

Dou de ombros. O elevador, agora vazio, retorna para a entrada. Quero escapar para ele, e o Doutor, piedosamente, me deixa ir.

Dentro do elevador, minha mão paira sobre o número redondo quatro, então desliza para o três. Se Harley não tomou seus medicamentos, talvez eu deva dar uma olhada nele antes de procurar pelo misterioso segundo elevador.

Meu ânimo se eleva assim como o elevador. Apesar do Doutor, um dos meus lugares favoritos para estar é a Enfermaria. Todos meus amigos estão aqui. O elevador balança ao parar, e as portas se abrem para a sala comum do terceiro pavilhão. Abro um sorriso tão grande que chega a doer. A Enfermaria parece mais com meu lar do que qualquer outro lugar da nave, mesmo estando cheia de pessoas loucas.

Gotas de tinta espirram na minha manga; levanto o olhar e vejo que Harley está dedicando-se a uma tela, deixando seu pincel ao lado. Há um círculo de tinta espirrada azul e vermelho em volta de onde ele está sentado.

"Oi, Harley," eu digo. "O Doutor está te procurando."

"Não tenho tempo para ele"—ele dispensa um olhar para mim—"49 e 267," ele diz antes de se virar de volta para a tela e atacá-la com seu pincel novamente. Eu sorrio ironicamente. Você pode contar com Harley para saber exatamente quando a nave vai pousar. A maioria das pessoas—quero dizer, a maioria das pessoas na Enfermaria— mantém o controle de quanto tempo falta para a nave pousar, mas eu aposto que se eu perguntasse, Harley saberia não somente os anos (49) e os dias (267) antes de pousarmos, mas também os minutos e segundos.

Me esquivo da tinta espirrando e espreito ao redor para ver o que ele está pintando. Uma carpa chinesa flutuando em um mar azul brilhante, mas a luz nas escamas do peixe e o brilho na superfície da água se misturam, como se o peixe fosse parte da água e a água fosse parte do peixe. Harley está acostumado com cores chocantes—cores que ninguém mais pensaria. Os olhos do peixe são brilhantes, verde brilhantes, quase

amarelos, como jade fundida com ouro. As escamas são reluzentes, também, mas elas acabam em vermelho sangue que parece que entraria em conflito com as cores mais claras, mas não. O vermelho faz parecer mais real, de alguma forma, como se a água pudesse extravasar da pintura e o peixe pudesse nadar aos nossos pés.

"Gosto disso," digo para Harley depois de um longo momento. "Falo sério; isso é bom pra caramba."

Harley grunhe. Ele está no seu humor de pintura, e não há realmente muito sentido em conversar com ele. O Doutor vai ter dificuldades para dar os remédios para ele, mesmo que inevitavelmente ele o encontre.

Ao meu redor, uma forma sutil de caos floresce. Essa sala inteira é cheia de criatividade e arte. É realmente um lugar estimulante para se ficar. Exceto agora, quando todo mundo está ocupado com suas próprias coisas. Estou começando a me sentir um pouco idiota de ficar aqui parado enquanto todos estão tão concentrados em seu próprio trabalho.

"Vejo você depois," eu digo, mas Harley nem percebe.

Uma sensação de culpa atinge meu estômago quando eu entro novamente no elevador e vou para o quarto pavilhão. Ancião queria que eu pesquisasse a terceira causa da discórdia, e eu definitivamente não estou fazendo isso.

Mas mentiras também são causas de discórdia, eu penso mal-humorado quando o elevador se abre.

O quarto pavilhão está em silêncio. Eu passo as portas a direita e a esquerda, indo direto para o fim do corredor. Coloco minha mão na maçaneta. Vai estar trancada. Todas as portas no quarto pavilhão estão trancadas. Já estive aqui antes, já tentei abrir todas antes.

Mas a maçaneta gira na minha mão, exatamente como Orion disse que faria, revelando uma pequena sala que contem uma mesa, uma caixa de metal, e, na parede mais distante...

Outro elevador.

Embaixo do botão para chamar o elevador, há um scanner biométrico. Metade de mim acha que está bloqueado. Ancião me baniu de sua câmara e da sala de máquinas no Nível dos Embarcadores. Mesmo que eu tenha acesso total no resto da nave, não posso evitar pensar que se ele soubesse, me baniria daqui também. Entretanto, quando passo meu polegar no escâner, a porta de abre imediatamente.

Há cinco botões lá dentro- Um para cada pavilhão, e outro nomeado "C". C? Para que serve o C? Penso novamente no diagrama que Orion me mostrou. Há uma seção marcada como "Contingência", mas o elevador não vai para lá; ele vai para a área marcada como "Armazenamento—Importante". Coloco meu dedo no botão C, mas não aperto, apenas sinto a curvatura da letra. Como poderia existir um outro elevador, um outro nível na nave?

Eu me inclino para frente, deixando todo o peso do meu corpo apertar o botão. A porta se fecha.

A pequena luz acima das portas pisca em cada pavilhão. Três. Dois. Um.

A luz desaparece. Passo pelo primeiro pavilhão. Começo a contar os segundos. Encaro os botões ao lado da porta, mas a "C" ainda não acende. O elevador continua descendo. Está demorando duas vezes mais que o normal para passar entre dois pavilhões no hospital... Três vezes mais. Um minuto inteiro se passa. Quão grande é a Godspeed realmente?

Com um leve solavanco, o elevador para.

A porta se abre.

Respiro profundamente e caminho para o Nível da nave que não deveria existir.

Está escuro. "Luzes," eu digo, pressionando meu comunicador, mas nada acontece.

A porta do elevador se fecha, levando a tênue luz do elevador com ela. Coloco minha mão na parede mais próxima, para não ficar muito perdido, e meu dedo encosta-se a um pequeno pedaço de plástico.

Uma lâmpada fluorescente tremulante se acende, depois outra e outra, como dominós de luz no teto. Hum. Um interruptor. Apenas os vi antes em flexíveis e vídeos de tecnologia da Terra-Sol. A nave foi totalmente reconfigurada para o controle através de comunicadores muito antes da Peste.

É grande esse lugar. Estranhamente grande. Me lembra o Nível dos Protetores, na verdade—um enorme espaço e nada preenchendo. Grande o suficiente para todos da nave ficarem aqui bem próximos uns aos outros, exatamente como no Salão Nobre. Há uma porta fechada à esquerda, e um corredor ramificando-se à direita. Tudo é de metal, com extremidades rígidas. Além da vastidão, esse lugar tem um formato estranho, quase oval, estreitando-se em direção ao telhado, formando uma abóbada. Não

sei por que o teto se curva—o Nível dos Alimentadores acima possui um chão plano—mas posso ver tubos pesados de ferro se estendendo através das curvas.

Essa sala enorme é cheia de fileiras e mais fileiras de pequenas portas de metal. Como as estantes velhas da Terra-Sol no fundo do Salão de Arquivos (escondidas dos Alimentadores, claro), as fileiras se projetam no espaço, prontas para serem vasculhadas, mas os conteúdos estão todos escondidos atrás das finas portas quadradas com dobradiças firmemente parafusadas. O ar é mais frio aqui, e as paredes parecem mais silenciosas. Como se esse fosse um lugar onde apenas sussurros e poucas pessoas fossem permitidos.

Começo a descer em direção ao corredor mais próximo, pequenas portas em ambos os lados. As portas são numeradas, marcadas com tinta branca de modo desleixado. Enfileirados na parte de baixo, há pequenos retângulos gravados em cada porta de metal. Eu estreito meus olhos—são bandeiras, meia dúzia delas, de países da Terra-Sol. No fim da fileira de bandeiras, três letras estão gravadas no metal: RFM. As mesmas letras da tela de estrelas. Essa coisa é velha. Parte do projeto original da nave. Coloco minha mão na porta—número 34—e começo a puxar a pesada alavanca, quando um lampejo de vermelho é capturado pelos meus olhos.

Uma das portas já está aberta. Uma bandeja longa de metal se estende da entrada da porta como uma língua, e naquela bandeja está uma caixa transparente estreita cheia de água congelada salpicada de brilho azul. Flutuando imóvel no gelo, tão parada e silenciosa como a sala vazia, está uma garota.

É seu cabelo que me atrai para frente. É tão vermelho. Eu nunca tinha visto cabelo vermelho antes, não fora das fotos, e as fotos nunca capturaram a vivacidade dessas mechas de fogo emaranhadas no gelo. Harley tem um livro de pinturas que ele roubou do Salão de Arquivos, e uma das pinturas é uma série de pilhas de feno em diferentes horários do dia. Ele me mostrou a última pilha pintada, aquela coberta pela neve, aquela no pôr-do-sol. Harley ficou louco com aquilo, dizendo como o artista era extremamente brilhante por pintar coisas com diferentes luzes, e eu disse que era idiota, havia luz e não havia luz, e ele disse que eu era idiota, na Terra-Sol havia coisas como nascer e pôr-do-sol porque o sol se movia como uma coisa viva e não era apenas uma lâmpada quente desprezível no céu.

O cabelo dessa garota é mais brilhante que os raios de sol da Terra-Sol capturados por um artista que Harley disse que era o homem mais genial que já viveu.

Me estico para tocar o vidro que se fecha sobre ela, e somente então percebo como está frio. Minha respiração está subindo em pequenas nuvens brancas. Meus dedos alcançam o vidro.

Olho para ela. Ela é a coisa mais bonita que eu já vi, mas também a mais estranha. Sua pele é pálida, de um branco quase translúcido, e não acho que seja apenas devido ao gelo. Coloco minha mão na parte de cima da caixa de vidro, acima do coração dela. Minha pele é uma sombra escura acima da luminescência da dela.

Essa garota definitivamente não é monoétnica. Ela não é como ninguém na Godspeed. Sua pele, seu cabelo, sua idade—minha idade!—seu corpo... Pequeno, mas magro com uma curva atraente em seus seios e quadris.

Como essa garota se encaixa no mundo monoétnico totalmente-sem-diferenças que Ancião diz que promove a paz perfeita?

Meus olhos devoram seu corpo, depois deslizam novamente para seus seios. O gelo está enevoando um pouco essa região, me provocando, mas eu posso ver o suficiente para saber que eles são maravilhosos, e mesmo estando congelados, imagino se eles estão aquecidos...

"Velho!" dou um pulo para longe da caixa transparente, assustado, como se a beleza dentro da caixa tivesse subitamente acordado.

Mas é apenas o Doutor.

"O que você está fazendo aqui embaixo? E como você chegou aqui, em primeiro lugar?" Pausa. "Como você ao menos soube desse lugar?"

"Eu peguei o elevador." Eu tento parecer tapado, mas meu coração está golpeando em meu peito.

"Você não deveria estar aqui." Ele franze as sobrancelhas e toca o botão do seu comunicador atrás de sua orelha esquerda. "Ligação para: Ancião," ele diz.

"Não! Não ligue para Ancião! Eu vou embora!" eu digo, mas não quero ir. Eu quero olhar mais para a garota com cabelo de pôr-do-sol.

O Doutor balança a cabeça para mim. "É perigoso aqui embaixo. Aperte aqueles botões," ele aponta para uma pequena caixa elétrica preta na cabeça da garota congelada, "e você pode acordá-la."

Olho para a caixa. É simples. Na parte de cima há três botões: PULSO ELÉTRICO, DADOS DE AVALIAÇÃO, e, debaixo de uma cápsula transparente de proteção com um scanner biométrico, um botão amarelo nomeado "REANIMAÇÃO." Tubos se estendem da parte de trás e entram na caixa de vidro; eu os sigo com meus olhos até a boca cor-de- cereja perfeita dela.

"Eu não vou tocar neles," eu digo, mas o Doutor já está longe de mim.

"Velho está aqui embaixo," ele diz, e eu sei que aquelas palavras não são para mim, mas para Ancião, que deve ter se conectado com o comunicador do Doutor. "Sim," o Doutor diz. Pausa. "Eu não faço a menor ideia." Ele me olha de novo com um olhar frio e avaliativo que eu não vejo desde o tempo em que fui seu paciente. O Doutor toca em seu comunicador e Ancião está desconectado. Eu sei que não vai demorar muito tempo para Ancião vir aqui embaixo e me arrastar para o Centro de Treinamento.

"Quem é ela?" Eu pergunto. Quero saber tudo que posso, enquanto eu posso.

Doutor estreita os olhos para mim, mas se abaixa e olha na parte da frente da porta de metal. "Número 42. Eu estava examinando os quarentas hoje, apenas uma avaliação visual de que tudo está bem." Ele balança a cabeça. "Deveria ter acabado antes de ir para a Enfermaria," ele murmura para si mesmo.

"Os quarentas?"

O Doutor levanta os olhos para mim. "Eles são todos numerados."

"Sim, eu posso ver isso." Não posso esconder a impaciência na minha voz. "Mas o que isso significa? Por que há portas numeradas e pessoas congeladas aqui?"

O Doutor encara a garota com o cabelo de pôr-do-sol. "Você deve perguntar isso para o Ancião."

"Estou perguntando para você."

O Doutor se vira para mim. "Falarei para você se me contar como chegou aqui embaixo. Todas as portas que levam àquele elevador estão trancadas."

"Não a do quarto pavilhão," eu digo. "Essa está destrancada."

Ele estreita os olhos. "E apenas aconteceu de você passar por essa porta destrancada no quarto pavilhão?"

Eu hesito. "Encontrei alguns diagramas da nave no Salão de Arquivos. Eu vi o segundo elevador neles." Não vou dedurar Orion. Não foi culpa dele eu ser pego.

Posso dizer que o Doutor está pensando rápido—seu rosto se tornou inexpressivo e sem emoção.

"Então," eu digo, olhando para ela de novo. "Quem realmente é ela?"

O Doutor caminha da caixa de vidro dela até uma mesa de trabalho na parede mais distante e volta com um flexível. Ele desliza o dedo nele para abrir um programa, digita um código, e pressiona seu dedo indicador em um quadrado de identificação. Em seguida ele digita com apenas uma mão.

"Número 42, número 42. Ah. Ela é não-essencial."

"O quê?" eu me agacho de maneira que meu rosto fica na mesma altura que o rosto dela. Seu cabelo parece como se alguém tivesse derramado tintas amarela, laranja e vermelha em um copo de água; as mechas se espalham ao seu redor, derramando-se de sua cabeça, enrolando-se nas pontas na parte inferior da caixa de vidro. Como se pode dizer que alguém com cabelo de pôr-do-sol é não-essencial?

"Os pais dela, aparentemente, formularam um requerimento especial para ela ser incluída," o Doutor continua, rolando a tela do flexível para baixo. "Ele parecem importantes o suficiente—mãe na engenharia biológica, pai com alta patente militar. Sorte dela. Poucos não-essenciais foram permitidos aqui dentro. Não há espaço suficiente de carga."

Eu pisco. Ela é "carga"? Carga não-essencial?

"Por que ela está aqui? Por que todos eles estão aqui? Por que há um Nível cheio de pessoas congeladas?"

"Isso," o Doutor diz à medida que abaixa o flexível, "É uma pergunta que você deve fazer para Ancião."

"Não acho que eu posso confiar em Ancião," eu sussurro para a garota com cabelo pôr-do-sol, mas o Doutor não me escuta.

Pergunto-me que cor são os olhos dela. Eu tento enxergar através do gelo. Posso ver que seus cílios são longos e amarelo-avermelhados—Droga! Eu não sabia que eles faziam cílios daqueles! — mas eles estavam firmemente fechados. Tudo o que sei é que se uma garota tem uma pele daquele branco, cabelo daquele vermelho e cílios daquele brilho de sol, quem saberá que cores vivem em seus olhos?

"Velho."

Eu não tenho que me virar para saber que é Ancião falando, mas eu me viro, com uma mão na caixa de vidro da garota, como se eu pudesse protegê-la da atenção de Ancião.

"Como você chegou aqui embaixo?" As palavras de Ancião são concisas. Ele está furioso, mas talvez não comigo.

Antes de eu falar, o Doutor anuncia, "Eu devo ter deixado a porta destrancada. Eu me distraí quando uma das enfermeiras não conseguiu achar um dos pacientes que necessitava de medicamentos; não fui cuidadoso."

Agora aquilo era uma mentira absurda. Eu sei que o Doutor não deixou a porta do quarto pavilhão destrancada porque ele nem sabia como eu tinha descido aqui. De qualquer maneira, temos que respeitar esse cara; tem que ser bom para mentir para Ancião.

"Venha," Ancião me diz.

"Eu quero saber por que ela—por que há tantas pessoas congeladas aqui embaixo," eu digo, "Qual é o propósito? De onde eles vieram? Por que ela é tão diferente?"

Ancião lança seu olhar frio para a garota com cabelo pôr-do-sol. Então ele olha de volta para mim, lentamente. "Ela é estranha porque ela é da Terra-Sol," Ancião diz. "Todos eles são. Agora, venha."

"Mas—"

"Venha." Ele se vira e anda a passos largos até o elevador. Ele está caminhando rápido e uma das suas mãos está pressionada no quadril acima da sua perna machucada.

Sigo-o, obediente como sempre.

9

Amy

Mas também existem os sonhos.

Sonhos maravilhosos. Sonhos lindos. Sonhos de um novo mundo.

Eu não sei como ele será. Ninguém sabe. Mas os pesadelos raramente tocam o novo mundo, e na minha mente, ele é sempre o paraíso.

É um lugar pelo qual vale a pena abandonar a Terra.

Calor. Eu sempre percebo o calor primeiro.

E no meu sonho, eu acordo e estou em casa.

Minha avó faz panquecas na cozinha. Ela sempre mistura um pouco de xarope com a massa, então a cozinha já está cheia de um cheiro doce que me lembra de casa.

Vovó olha para mim e sorri...

E algumas vezes eu perco o sonho bem nesse momento, porque ter vovó de novo é a parte mais inacreditável de qualquer sonho...

Ela sorri, e isso parece fazer todas as suas rugas desaparecerem.

“Vamos lá!" Papai diz. Ele está todo suado. Ele corre um pouco parado no lugar, e seus tênis guincham no linóleo. Em seguida, mamãe corre até ele em seus shorts e top de corrida...

E algumas vezes eu perco o sonho aqui, porque mamãe nunca correu comigo, era sempre apenas eu e Papai...

E nós começamos a correr.

E o novo mundo se espalha ao nosso redor enquanto corremos. É sempre belo. São as melhores partes de casa, mas melhoradas. São praias onde a areia não desliza sob nossos pés correndo e a água é dourada, não azul. São florestas calmas com brisa que cheira limão e mel, onde animais silvestres estranhos com pelos macios brincam conosco. São desertos com esculturas altíssimas de areia que nos oferecem água doce para beber.

E se estou com sorte, o sonho para por aí.

Nem sempre tenho sorte.

À medida que corremos, o caminho se curva. Nós começamos a correr em círculos. E eu vejo nossa casa, uma casa mista que parece um pouco com nossa casa na Flórida onde moramos quando eu era criança,

mas seus tijolos se assemelham àquela casa no Colorado, e vovó está na varanda, acenando e nos chamando.

E mamãe abandona a corrida e vai para casa.

“Vamos lá," Papai diz, e ele corre pelos degraus da varanda.

Mas não posso parar de correr. Meus pés não viram em direção a minha casa.

Não consigo parar.

Eu tenho que correr, em círculos, em um mundo que é bonito, sereno e perfeito.

Tento parar. Passo pela casa e mamãe, vovó e papai estão lá, comendo panquecas, e algumas vezes Jason também está lá e meu cachorro de quando eu era menor, e meus amigos da escola.

E eu não consigo parar.

Porque algumas vezes os sonhos do novo mundo se transformam em pesadelos.

10

Velho

Ancião aparentemente tinha decidido me punir com lições. Ele ficou em silêncio durante a longa subida do elevador, e não fez nada além de grunhir para mim em sinal de desprezo quando eu tentei questioná-lo sobre a garota, enquanto me levava do Hospital até o tubo de gravidade. Agora, no Centro de Treinamento, ele me lança em uma cadeira dura de plástico azul atrás do globo desbotado da Terra-Sol.

Começo a perguntar sobre a garota novamente, mas Ancião desaba na cadeira oposta a minha, deslocando seu peso desconfortavelmente. Ele faz caretas enquanto apoia sua perna sobre o globo. Seu sapato cobre a Austrália.

"Então?" Ancião resmunga.

"O quê?" Não sou capaz de esconder o tom de queixa na minha voz.

"Então, você descobriu a terceira causa da discórdia?"

"Não," eu digo, meus olhos nas montanhas que saltam do globo.

"Ah, então você tinha bastante tempo para se intrometer em lugares que não são da sua conta, mas não teve tempo de fazer a única coisa que te pedi?" O sarcasmo de Ancião é cruel; ele cospe as palavras em mim.

"Por que você não me contou sobre aquele Nível secreto cheio de pessoas congeladas?" eu grito de volta. "Eu serei o maldito próximo líder dessa nave! Eu deveria saber tudo sobre ela!"

"Você deveria saber de tudo, é? Então por que você não me fala a terceira causa da discórdia?"

"Eu não sei!" grito.

"Então fique aqui e aprenda!" Ancião berra, e atira um flexível para mim, com sua tela já mostrando a história da Terra-Sol. Antes que eu possa arremessá-lo de volta em Ancião, ele rompe para a porta, batendo no globo em seu caminho. A Terra-Sol balança atrás dele, um nada azul e verde, fazendo barulho ao chocar-se contra a perna da mesa.

O temperamento de Ancião é pior, pois ele o guardou até estarmos às sós. Eu sei que se não estivéssemos aqui, no Nível dos Protetores, sozinhos, ele não teria falado daquela maneira.

Ancião sai pela porta aberta do Centro de Treinamento, e à medida que ele arranca para longe, meus olhos deslizam para a tela de metal no teto, atrás da qual estão as lâmpadas pulsantes que eu pensei que fossem estrelas.

Por que mentir sobre a tela, sobre o Nível secreto na nave?

E que outras mentiras ele tem contado?

Eu tamborilo meus dedos na mesa em frente a mim feita de madeira real da Terra- Sol, tentando arquitetar novos planos. Se Ancião não vai me contar o que está acontecendo, eu terei que descobrir sozinho. Meus olhos deslizam para o círculo de metal cobrindo o tubo de gravidade no canto da sala. Eu posso escapar, pegar o tubo de gravidade de volta para o Nível dos Alimentadores, ver o que mais eu posso encontrar. Talvez Orion saiba de algo. Eu não posso mais suportar essa sala minúscula. Eu apenas gostaria de caminhar nos campos um pouco, visitar os pastos de ovelhas, vagar sem rumo nessa nave cujo trajeto foi determinado séculos atrás. Agrupar meus pensamentos para que eu possa vê-los todos em uma linha reta.

Mas desobedecer a uma ordem direta de Ancião?

Ainda não tenho coragem para isso.

11

Amy

Mais do que do som da batida do meu próprio coração, sinto saudades do som de tique-taque do relógio.

O tempo passa, ele deve passar, mas eu não tenho mais a garantia do movimento do tempo assim como tenho de que estou me movendo através do espaço. De certo modo, estou feliz: isso talvez signifique que 300 anos e 364 dias já se passaram, e amanhã eu acordarei. Algumas vezes, depois de uma reunião de cross-country ou de um longo dia na escola, eu caía na cama totalmente vestida e apagava antes de perceber isso. Quando eu finalmente abria os olhos, sentia como se tivesse os fechado apenas por um minuto, mas na realidade, todo o resto do dia e uma parte da noite já tinham passado.

Mas.

Havia outras vezes quando eu desabava no colchão, fechava meus olhos e sonhava, e parecia que eu tinha passado uma vida inteira naquele sonho, mas quando eu acordava, tinham se passado apenas alguns minutos.

E se apenas um ano se passou? E se nós ainda nem partimos?

Esse é o meu maior medo.

Jason disse, “Quando você chegar lá, pense em mim quando olhar as estrelas."

Eu disse, “Não me limitarei apenas às estrelas."

Uma brisa fria, como no dia em que nós...

O que foi isso?

... nos conhecemos, com a música da festa soando tão alta que o chão vibrava sob meus pés. Quando eu usava meus sapatos de salto, eu ficava mais alta que Jason, mas eu estava descalça nesse momento; a grama fria como um conforto para meus pés cansados enquanto eu olhava dentro dos olhos dele.

Eu me movi?

O sonho desvanece, a sensação de grama, brisa e Jason desaparecem. Escuridão. Pesadelos fazem cócegas na minha mente.

Alguma coisa está acontecendo.

Não, não, não. Nada está acontecendo. Nada nunca acontece. É um pesadelo de novo, o mesmo pesadelo. Ed/Hassan vão me descongelar, e eu ficarei como estou agora, e eles me lançarão aqui dentro de novo. Ou a nave colidirá, e eu ficarei presa aqui, para sempre, nunca descongelada. Ou talvez esse é o pesadelo no qual...

Tum.

...eles esquecem totalmente de me descongelar, a nave pousa e todos estão tão animados que me deixam para trás, e...

Alguma coisa está acontecendo.

Não. Os pesadelos estão se tornando cada vez mais reais, e por causa disso, ficarão muito piores. Acho que ouvi alguma coisa. Eu não posso ouvir nada. É tudo na minha mente. Não é real. Pense sobre alguma coisa melhor. Pense em Jason. Pense em mamãe, papai, pense em...

Clique.

Não. Eu não ouvi um clique. Um clique não vibrou através do gelo. Isso não aconteceu. São apenas pesadelos... É outro pesadelo. É tão simples como isso.

Se eu pudesse, eu ia apertar meus olhos bem fechados. Ao invés disso, tento concentrar minha mente, como eu costumava ser capaz de focar e desfocar meus olhos quando olhava alguma coisa realmente de perto. Memórias. Memórias destruirão os pesadelos.

Os olhos da minha mente lampejam imagens, uma mostra de memórias. Caminhando no Grande Canyon. A viagem da escola secundária para a praia. Ginástica quando eu era criança. A primeira vez que eu dirigi. A primeira vez que eu risquei o carro (no mesmo dia) e papai gritou comigo, mas depois me pagou um sorvete de qualquer forma, e nós prometemos, entrelaçando os mindinhos, que não contaríamos para mamãe. Assando biscoitos no Natal com mamãe e vovó no ano antes dela ir para a casa de repouso. As reuniões de cross-country. Treinamento para a maratona.

Sinto algo. Eu sinto algo. Calor no meu estômago. E ouço... O zumbido da eletricidade. Percebo que estou escutando porque está vindo dos tubos enfiados na minha garganta.

Meu corpo escorrega. Apenas por uma fração de milímetro, mas escorrega.

O gelo está derretendo.

Ai, meu Deus.

Tum.

Meu coração.

Tum-tum.

Água cai dentro do meu olho esquerdo. Eu me contraio involuntariamente. A crosta amarela que sela meus olhos por quem sabe quanto tempo racha à medida que—pela primeira vez desde que fui congelada—eu me movo.

Ai meu Deus, ai meu Deus, ai meu Deus.

12

Velho

"O que você está fazendo aqui?"

Eu pulo, depois faço uma careta. Nada poderia denunciar melhor minha culpa.

"Está quase escuro," o Doutor continua. "Ancião sabe que você está aqui?"

"Não!" eu digo enquanto o Doutor alcança o botão do seu comunicador. "Olha... eu fugi. Eu estava cansado de ler! Qual é," eu acrescento quando o Doutor não abaixa sua mão. "Eu só... Precisava sair um pouco. Não me dedure. Dê-me um descanso."

O sorriso afetado do Doutor me diz que ele não está contente comigo, mas pelo menos ele não vai ligar para Ancião. Respiro com um pouco mais de facilidade.

Por um momento, nós dois ficamos ali, eu no caminho que leva para o jardim atrás do Hospital e o Doutor nos degraus. Eu amo esse jardim. Quando Ancião me mandou para a Enfermaria naquele ano, eu passava grande parte do meu tempo livre aqui no jardim. Steela, uma mulher idosa que viveu na Enfermaria muito tempo antes de eu ter me mudado para lá, tinha transformando o jardim de flores de um gramado circundado por cercas em uma verdadeira floresta de flores, vegetais, vinhas e árvores.

"Então, procurando inspiração?" O Doutor acena para a estátua no centro do jardim.

O Ancião da Peste, com seu rosto de concreto voltado para cima e seus braços enormes, permanece como o guarda benevolente do jardim. O tempo e as chuvas programadas tinham polido seu rosto e mãos, borrando os detalhes do nosso maior governante.

"Ah! Hum... é." Eu aproveito a desculpa dele. "Sabe, Ancião quer que eu aprenda a liderar a nave, e eu imaginei, o Ancião da Peste foi o melhor nisso..." O Ancião da Peste foi o primeiro e o melhor Ancião. Ele é a única pessoa que eu já vi o meu Ancião admirar, e ele foi melhor líder do que qualquer um de nós um dia será.

"Você veio aqui apenas para olhar uma estátua?"

Eu solto um suspiro. "Eu queria ver a garota."

"Não fique obcecado, garoto. Não é bom, não é bom para ninguém. Ela está congelada, e isso é tudo."

"Eu sei, mas... "

"Mas nada. Tire ela da sua cabeça."

Um alarme ressonante de baixa frequência preenche o ar. Urk. Urk. Urk. O tom de aviso de que o sol está prestes a se por. Um lampejo verde é capturado pelos meus olhos. Do outro lado da nave, os Embarcadores estão pegando os tubos de gravidade dos laboratórios e escritórios no Nível dos Embarcadores em direção a Cidade aqui no Nível dos Alimentadores, onde eles vivem. Daqui, eles são minúsculos borrões coloridos zunindo dentro dos tubos: marrom, branco, preto, verde. O Doutor levanta seu rosto para o centro do céu. Não é o sol lá; é um recipiente inerte que confina material fundido, proporcionando tanto luz quanto calor para o Nível dos Alimentadores, bem como combustível para o funcionamento interno da nave. Ele pisca uma vez—nos avisando de que a noite está se aproximando—e então um anteparo matizado desliza no recipiente. O mundo está escuro agora. Nós chamamos de pôr-do-sol, uma palavra vinda da Terra-Sol, mas esse pôr-do-sol não é nada mais do que apagar a luz. Não há vermelho, amarelo, laranja e dourado nesse pôr-do-sol.

"Venha, garoto," o Doutor diz à medida que apoia seu braço no meu ombro, me puxando do caminho para o jardim. "Você precisa pegar o tubo de gravidade de volta antes que Ancião note sua ausência."

"Mas... "

"As portas estão todas trancadas, mesmo aquela do quarto pavilhão. Venha. Não há sentido nessa obsessão."

Eu o sigo, deixando as palavras do Doutor me afastar dos pensamentos sobre a garota com cabelo de pôr-do-sol. Ancião me ensinou sobre as religiões antigas que veneravam o sol. Eu nunca entendi a razão disso—é apenas uma bola de luz e calor. Mas se o sol da Terra-Sol alterna cores e luzes, como o cabelo daquela garota, bem, eu posso ver por que os antigos o veneravam.

O caminho saindo do Hospital parece ameaçador nas sombras das horas escuras. O braço do Doutor aperta em volta dos meus ombros, seus dedos fincados em meu braço. "Quem é?" ele sussurra.

Aperto meus olhos na escuridão. Um homem desce pelo caminho, alguns passos a nossa frente. Quando ele chega aos degraus do Salão de

Arquivos, ele os percorre com contentamento. Um fragmento de uma melodia assobiada—uma antiga canção de ninar da Terra-Sol—flutua pelo ar.

"Provavelmente é Orion," eu digo. Somente um Arquivador conheceria canções da Terra-Sol. O aperto do Doutor no meu braço não relaxa. "Um Arquivador."

"O mesmo Arquivador que te mostrou os diagramas da nave?"

Eu viro minha cabeça. O Doutor ainda está observando Orion, que está completamente alheio da nossa presença, apenas parado na entrada do Salão de Arquivos. Eu me solto do abraço tenso do Doutor.

"Como você sabia que um Arquivador me mostrou os diagramas?"

O Doutor bufa, mas seu olhar não vacila. "Você não poderia ter encontrado sozinho."

"Olá!" o homem na entrada cumprimenta à medida que o caminho nos aproxima do Salão de Arquivos. Sua voz profunda confirma que é Orion.

"Oi!" eu cumprimento de volta.

"Está um pouco frio aqui fora essa noite, não está?" Orion diz, mas eu não sei por que ele está falando sobre isso. Geralmente, a temperatura é diminuída para dez graus depois que as horas escuras começam, mas ainda é muito cedo para sentir isso.

Entretanto, o Doutor tinha ficado imóvel, seu rosto pálido. "Você tem certeza que é apenas um Arquivador?"

"Sim," eu digo, "Orion."

O Doutor relaxa aliviado. "A voz dele me lembra de alguém que eu conhecia. Não consigo nem me lembrar da última vez que estive no Salão de Arquivos. Olá, Orion!" o Doutor cumprimenta. "Você acha que poderia nos deixar entrar no Salão?"

Mas Orion não sai das sombras.

Aroo! Aroo!

"O alarme do Nível de Criogenia," o Doutor murmura, virando-se em direção ao Hospital, de onde uma intensa sirene está gritando seu aviso dentro da escuridão. "Algo está errado!"

Eu desço correndo o caminho como se houvesse vácuo sobre meus calcanhares, escorregando nas folhas de plástico que o pavimentam. Um som de passos pontuado por alguém praguejando, me diz que o Doutor está seguindo bem atrás de mim. As enfermeiras na entrada estão olhando

ao redor, apavoradas, sem saber de onde a sirene está vindo, mas eu e o Doutor ignoramos suas perguntas gritadas e mergulhamos no elevador.

O Doutor respira com dificuldade enquanto o elevador sobe vagarosamente. Quando ele passa pelo terceiro pavilhão, o Doutor levanta sua mão até sua orelha esquerda.

"Espere," eu digo, puxando sua mão para longe do botão do seu comunicador. "Vamos ver o que está acontecendo antes de ligarmos para Ancião. Talvez não seja nada sério."

No silêncio que segue minha afirmação, ainda posso ouvir os sons abafados do alarme se tornando mais altos à medida que subimos.

O Doutor balança sua mão para longe. O elevador soa, e a porta desliza aberta.

O Doutor parte em uma corrida pelo corredor, entrando rapidamente na sala e indo direto para a mesa. Ele passa seu polegar em um escâner biométrico na caixa de metal no meio da mesa. Nada acontece.

"Droga," ele resmunga. "Acesse isso," ele me diz, empurrando a caixa de metal na minha direção.

"Mas... "

"Essa caixa só se abrirá com o acesso de segurança de um Velho ou um Ancião. Se o alarme não for desligado, o Hospital será isolado. Acesse."

Eu passo meu polegar no escâner biométrico. A parte de cima da caixa se levanta e se dobra em si mesma, revelando um painel de controle com uma série de botões numerados e uma luz vermelha piscando. O Doutor digita um código, e o aroo! aroo! se desvanece em silêncio.

O Doutor se vira para o elevador, escaneia seu acesso, corre para dentro e aperta o botão para o Nível de Criogenia antes mesmo de eu entrar completamente dentro do elevador. Ele está ofegante e batendo no piso do elevador com seu pé à medida que nós mergulhamos cada vez mais para baixo. O Doutor não fala por todo o tempo em que nós estamos descendo. Ele abre e fecha suas mãos, como se tivesse seguindo as batidas do seu coração. Seu rosto está tenso.

O elevador para, estremecendo um pouco à medida que repousa no Nível de Criogenia. As portas deslizam abertas. Nós dois permanecemos no elevador por um momento, esperando para ver quem ou o que está do outro lado.

As luzes estão todas acesas. O Doutor caminha para fora do elevador, cautelosamente. Suas mãos se fecham.

"Não, não, não," o Doutor diz depressa. Ele dá um passo, para, e então irrompe em uma corrida. Eu sigo atrás dele. O Doutor escorrega, parando na fileira das portas numeradas a partir do quarenta.

A número 42 tinha sido puxada para fora do seu congelador na parede; sua caixa de vidro repousava sobre a mesa no centro do corredor.

A garota com cabelo de pôr-do-sol está dentro. Seus olhos estão abertos—verdes brilhantes, lívidos, como lâminas de vidro novo—e em pânico. Ela está se debatendo na água salpicada com cristais azuis. A caixa é muito pequena para ela agora que está acordada e se mexendo; seus joelhos e ombros batem contra o vidro. Seu corpo se agita — seu estômago se achata contra a parte de cima da caixa; sua cabeça e pés batem contra a parte de baixo. Ela traz suas mãos para o rosto, e, por um momento, penso que ela está ferindo a si própria, mas então vejo que ela está arrancando os tubos da sua boca, engasgando e sufocando com eles, à medida que os puxa.

"Rápido!" o Doutor grita. "Nós temos que abrir a tampa antes que ela puxe os fios!"

Eu não me incomodo em perguntar por que; apenas corro para o outro lado da caixa e ajudo a levantar a pesada tampa de vidro. Dentro, os tubos da garganta da garota rodeiam sua cabeça e seu pescoço, mas ela ainda os puxa; há ainda mais dentro da sua garganta. Ela engasga, e bile amarela misturada com sangue vermelho-pálido turvam a água ao redor do seu rosto.

Com um esforço final, eu e o Doutor levantamos a parte de cima da caixa. O Doutor puxa com força, arrancando a tampa das minhas mãos, e ele meio que joga, meio que deixa cair a tampa de vidro sobre o chão de cimento. Ela quebra em dois pedaços de tamanho diferente no chão, muito grossos e espessos para se despedaçar.

Coberta pela água salpicada de cristais azuis, a garota finalmente puxa os últimos tubos, e eu vejo pequenos dispositivos eletrônicos ligados ao fim deles. Os olhos da garota estão bem abertos, e ela está olhando diretamente para nós. Sua boca está aberta em um círculo perfeito, sugando a água.

"O que ela está tentando fazer, beber toda a água acima dela?" o Doutor pergunta, estendendo a mão pela bagunça molhada em direção à

garota.

Eu dou um passo para trás, horrorizado. "Não," eu sussurro. "Ela está gritando.”

13

Amy

Dor.

Frio, tão frio que queima, mas não com um fogo que cauteriza; e sim um fogo que destrói, dizima.

Dor.

Dor que seca,
arranca,
congela,
rasga,
sangra,
quebra.

Os músculos do meu estômago contraem. Não há nada para eu vomitar.

Os olhos veem apenas vultos. Alguns brilhantes. Outros não. Não focalizam.

Muco desliza por minhas narinas, até o fundo da minha garganta. Asfixia. Ânsia.

Tosse.

Água movimenta-se em meus ouvidos, abafando as entonações das falas de vozes masculinas e profundas ao meu redor.

Mãos me levantam do gelo derretido do meu caixão de vidro, e parece como se elas estivessem tentando me resgatar da areia movediça. O líquido criogênico me segura, puxando-me de volta para dentro da minha sepultura molhada, fincando seus dedos frios através da minha pele.

Eles me deitam em algo frio, duro e liso. Uma máscara parecida com um funil é colocada sobre meu nariz, e ar tão quente que dói sopra dentro das minhas narinas, lembrando aos meus pulmões como trabalhar. Mãos pressionam algo viscoso em minha pele, e logo em seguida, meus músculos se contraem dolorosamente.

Duas mãos gentis seguram os lados da minha cabeça, enquanto dois dedos rudes puxam minhas pálpebras. Não, eu penso. Não quero mais colírio. Mas plop! plop! O líquido frio cai dentro dos meus olhos. Eu pisco

com dor, minhas lágrimas se misturando com a substância que eles puseram ali.

Em seguida, os dedos rudes vão para minha boca. No começo, não sei o que está acontecendo, e eu deixo meus lábios se abrirem facilmente. Então, percebo que a pessoa está fazendo alguma coisa, e um líquido frio é gotejado dentro da minha garganta, mas não sei o que é, então eu aperto meus dentes e balanço a cabeça, mas meu pescoço não está acostumado a se mexer, então minha cabeça só faz um pequeno tipo de movimento para os lados.

As mãos gentis firmam minha cabeça novamente. Um rosto olha cuidadosamente para mim. Um garoto—aproximadamente da idade de Jason, porém mais alto, grande e musculoso do que Jason era. Pele morena escura; olhos da cor de leite com chocolate e canela, mais estreitos nos cantos, amendoados. É um rosto bonito, um no qual eu confiaria. Enquanto eu o observo, uma dor aguda atravessa minha cabeça; não sou mais capaz de focar meus olhos em nada.

O garoto fala, e enquanto meus ouvidos ainda estão muito bloqueados para ouvir qualquer coisa claramente, seu tom de voz é simpático e reconfortante enquanto ele segura meu queixo. Eu deixo meu queixo abaixar—um assentimento, sim—e então separo meus lábios para ele. Um xarope quente e viscoso que tem gosto quase parecido com pêssegos, mas com um toque alcoólico, goteja em minha língua, cobrindo minha garganta. Um pouco da dor desaparece.

O garoto olha para meu rosto.

"Vms tlevant," ele diz. Eu acho que não consigo entendê-lo. Ele assente para mim, como se ele estivesse tentando me dizer que tudo ficará bem, mas isso não é verdade—não ficará tudo bem, como algo pode ficar bem novamente?

O garoto agarra minha mão direita; a mão rude agarra minha esquerda. E antes que eu possa fazer meu pescoço se mexer—não!—eles me levantam para uma posição sentada.

Sinto como se tivesse quebrando ao meio.

Uma vez, eu fui gelo.

Agora, eu sou dor.

14

Velho

"Mamãe?" A garota lamuria em uma voz rouca pouco usada. "Papai?"

Seus brilhantes olhos verdes estão fechados novamente; seu cabelo que tem a cor do por do sol brilha contra o a mesa metálica de exames em uma confusão, um emaranhado molhado.

"Por quanto tempo ela vai estar assim?" pergunto ao Doutor.

"Um dia. Talvez mais. Ela não foi reanimada corretamente. Supostamente eles devem ser removidos de suas caixas com criogênio antes do processo começar, e então eles, supostamente, devem ser aquecidos em um banho de reanimação, não largados em uma mesa para derreter. É um milagre ela estar viva".

Engulo duro. Parece que tem uma pedra descendo por minha garganta.

Doutor pega os tubos no fim da caixa que estavam ligados á garganta da garota. "Alguém apertou o botão," ele diz. "Não deve ser pressionado até depois de o corpo estar preparado para a reanimação. Isso desconecta a energia." Ele ergue o olhar para mim. "Ela estava desligada. Se nós não tivéssemos chegado aqui há tempo..." Ele olha para a garota agora. "Ela teria morrido."

Droga. Meu estômago cai em meus pés e fica lá. "Simplesmente assim? Morta?"

Doutor assente. "Tenho que falar com Ancião."

"Não, mas..."

"Você não vai ficar em apuros. Você não fez isso. De fato, estou contente por você estar aqui. Ancião me disse que você começou a aprender sobre liderança central forte. Esse é o tipo de coisa que vai ensinar você a liderar."

O peito da garota se move para cima e para baixo, mas é o único sinal de vida que ela está disposta a me dar. Engraçado o quão diferente seu corpo parece fora do gelo.

Ela parece menor, mais fraca, mais vulnerável. O gelo era sua armadura. Quero protegê-la agora, cobrir suas curvas ao invés de deslizar meus dedos por elas.

Ponho uma mão em seu ombro, maravilhado com a diferença de tons de nossas peles. Ela abre os olhos.

"Frio," ela sussurra.

Doutor abaixa o olhar para vê-la. "Isso é um maldito pesadelo."

Desejo dizer, como isso pode ser um pesadelo com ela aqui? Mas então ela choraminga, um balir suave como o cordeiro que uma vez eu tive como animal de estimação, e a pedra está de volta à minha garganta.

Doutor pegou para a garota uma bata de hospital, dessas sem costas, mas ela chora quando levantamos seus braços através das mangas. Então ele a cobre com um cobertor. Ela mantém os olhos fechados, e a princípio penso que ela está dormindo, mas sua respiração é áspera, desigual, e eu sei que ela está se mantendo acordada, nos ouvindo.

Nós não falamos muito.

Quando Ancião irrompe no Nível de Criogenia, ele trás todo o medo de volta junto com ele. Ele olha para ela, ele olha para mim, e então ele olha para o Doutor.

"Foi ele?"

"Não!" Protesto imediatamente.

"Claro que não," Doutor diz. Então para mim "Ele não está falando sobre você." Ele se volta para Ancião. "É impossível, e você sabe disso. Você está sendo paranoico."

"De quem você..." Começo, mas ambos me ignoram.

"Foi uma avaria," Doutor diz. "A energia falhou em sua caixa." Ele ergue a caixa preta eletrônica que estava sobre a crio-câmara número 42. Sua luz vermelha ainda pisca fracamente.

"Você tem certeza disso?" Ancião pergunta.

Doutor assente. "Claro que eu tenho certeza. Quem desceria até aqui, desligaria uma garota aleatória e iria embora? Foi só um erro técnico. O maquinário é antigo. Constantemente estou tendo de repará-los. Ela teve azar, deslizou pelos cacos."

Mais mentiras. Pergunto-me quanto de tudo que Doutor diz é verdade. Além do mais, ele esteve checando sua câmara criogênica mais cedo hoje. E ele estava muito mais surtado antes de Ancião aparecer, quando ele me disse que alguém apertou o botão para desligá-la.

A garota na mesa geme.

"Quem é ela?" Ancião pergunta, sua atenção desviada para a garota.

"Número 42."

"Ela era..?"

"Não essencial."

"Amy," a garota grasna.

"O quê?" Me ajoelho perto dela, perto de seus lábios rachados.

"Meu nome é Amy."

Ancião olha para ela. Amy abre os olhos—um flash de nova grama verde—mas os fecha novamente, piscando pela luz fluorescente.

"Seu nome é imaterial, garota," Ancião se vira para Doutor. "Nós precisamos descobrir quem a reanimou."

"Onde estão meus pais?" Sua voz é um sussurro, carregada de dor. Os outros nem sequer percebem-na.

"Nós podemos colocá-la de volta?" Ancião pergunta ao Doutor. Doutor balança a cabeça em negação. Seus olhos estão pesarosos.

"Não me congelem novamente!" Amy diz, pânico em sua voz. Sua voz quebra pelo desuso, ela tosse.

"Nós não poderíamos mesmo se quiséssemos," Doutor diz a Ancião.

"Por que não? Nós temos mais câmaras." Ele olha além do ombro de Doutor para a porta do outro lado da sala. Eu não a havia notado antes, mas anoto isso em minha memória, para explorá-la depois.

"Capacidades regenerativas se deterioram entre múltiplos congelamentos, especialmente quando a reanimação não foi feita apropriadamente. Se nós a colocarmos em outra câmara criogênica, ela pode nunca mais acordar."

"Eu quero o Papai," ela sussurra, e mesmo que eu saiba que ela é mais uma mulher que uma garotinha, ela parece muito com uma criança agora.

"Hora de ir dormir," Doutor diz. Ele puxa um instrumento médico de seu pulso e o ergue aberto.

Os olhos de Amy se abrem. "NÃO!" ela grita, sua voz embargada na palavra.

Doutor se aproxima dela, e Amy joga o braço para cima de forma sem graça, acertando o cotovelo dele. O instrumento cai no chão. Doutor o pega e o joga no lixo, em seguida abre a gaveta e retira outro. "Vai fazer você se sentir melhor," ele explica a ela enquanto abre o instrumento.

"Não quero isso." Seus olhos têm pontos pretos no meio de grandes círculos verdes pálidos.

"Segure-a," Doutor diz para mim. Eu só fico ali, olhando para ela. Ancião me empurra do caminho e deposita seu peso contra os ombros dela.

"Não quero isso!" a garota grita, mas Doutor já agarrou seu braço, e a pequena agulha a acerta como uma lixa, enviando medicamentos para o seu sistema.

"Nãoquerodormirdenovo." Suas palavras soam juntas e são difíceis de entender. "Não que... ro..." ela diz, sua voz diminuindo. Algumas poucas lágrimas se misturam com o colírio que ainda resta em seus cílios. "Não... Dormir," ela diz, ainda mais baixo e devagar. "Não... Não mais. Dormir." E seus olhos viram para trás em sua cabeça, afundando entre suas mechas da cor do pôr do sol, e ela perde a consciência.

Eu a encaro, embora seu peito esteja se movendo para cima e para baixo em uma respiração estável, ela parece mais morta agora do que ela parecia no gelo.

Pergunto-me se ela sonha.

15

Amy

Estou acordada, mas não me espreguiço, bocejo ou abro meus olhos. Não estou acostumada a fazer nada disso. Pelo menos, não mais. Então eu estou deitada aqui, tornando meus sentidos alertas. Eu sinto cheiro de mofo. Posso ouvir alguém respirando suavemente, como se estivesse adormecido. Sinto o calor, e é só no momento que percebo isso, que me lembro que não estou mais congelada.

Meu primeiro pensamento: quanto dos sonhos e pesadelos eram reais?

Mesmo agora, os sonhos que tive enquanto estava congelada são desbotados, tornando-se memórias indistintas, como os sonhos são. Eu realmente sonhei por três séculos, ou sonhei por alguns minutos entre estar completamente acordada e ser descongelada? Pareceram séculos, sonho sobre sonho empilhando-se em minha cabeça— mas sonhos são assim, o tempo não é real. Quando minhas amígdalas foram retiradas, eu tive dezenas de sonhos realmente detalhados, mas eu só fiquei sob efeito da anestesia por mais ou menos uma hora. Além disso, eu não podia realmente sonhar quando eu estava congelada—isso é impossível, os sonhos não podem ser transmitidos através de neurônios congelados.

Mas e aquelas histórias de pacientes que estavam acordados durante uma cirurgia, mesmo quando a anestesia deveria derrubá-los?

Não. Ignore isso. Não é a mesma coisa. Posso apenas ter sonhado no pequeno intervalo de tempo quando meu corpo estava derretendo, mas minha alma ainda não. Se eu começar a pensar sobre tempo, o quanto ele passou, e quanto acordada eu estava enquanto ele passava, vou enlouquecer.

Eu forço meus olhos a abrir. Não posso ser assombrada por sonhos—eles tendo centenas de anos ou não—se estiver acordada.

O movimento nas minhas pálpebras parece novo para mim, e eu sinto prazer em abrir os olhos.

E então—aah—eu espreguiiiiiiiço. Meus músculos queimam. Posso senti-los todos esticados, os músculos na parte inferior das minhas costas,

aqueles que percorrem os lados das minhas panturrilhas, os músculos finos que envolvem meus cotovelos.

O cobertor desliza para minhas pernas. Eu me sento, meus músculos abdominais me puxando para frente com entusiasmo. Eu estou despida das minhas coxas para baixo, e acima delas tudo que estou vestindo é uma camisola de hospital verde azulada, do tipo que não é fechada atrás.

Um garoto está sentado ao lado da minha cama, respirando de um jeito lento e calmo que algumas vezes se assemelha a um ronco. Puxo o cobertor para cima até meus ombros. Ele caiu no sono enquanto estava sentado na cadeira e se curvou de um jeito que parece desconfortável. Ele deveria estar me observando. Odeio a ideia de que ele estava ali, acordado e consciente, enquanto eu dormia. Isso me deixa desconfortável.

É o mesmo garoto que estava lá na primeira vez que acordei dentro do caixão de vidro. Seu rosto é suave, mas há algo que desmente a aparência inocente que ele tem quando está dormindo. Não sei bem de que raça ele é— não é negro, mas não é branco; nem hispânico nem asiático. É uma cor bonita, entretanto—moreno de um jeito suave que complementa seu cabelo quase preto. Suas maçãs do rosto altas e a curva forte de sua testa o fazem parecer instantaneamente confiável, talvez até simpático.

"Quem é você?" digo em voz alta. Pela primeira vez desde que acordei do meu sono secular, minha voz não falhou. Eles devem ter feito alguma coisa na minha garganta. Uma dor latejante, entorpecente enche meu corpo.

O garoto pula com um olhar de culpa ou cautela em seu rosto quando seus olhos me focalizam. Ele olha ao redor como se estivesse surpreso de eu estar conversando com ele, mas ele é a única outra pessoa na sala.

"Eu sou... hum... eu sou Velho. Sou o futuro... hum... líder. Da nave. Hum." Ele se levanta, mas eu não, então ele senta novamente embaraçado.

Futuro líder da nave? Por que a nave precisa de um futuro líder?

"Onde eu estou?"

"Você está na Enfermaria," ele diz, mas eu mal posso entendê-lo. Há uma característica estranha em suas palavras e elas são flexionadas com uma entonação monótona. Sua pequena frase soou como: "Vuci istá ninfermar," com uma cadência no fim de cada palavra.

"Onde é a Enfermaria?" eu pergunto.

"No Hospital." ("Nus pital.")

Olho ao meu redor. Não é o que eu esperava. "Por que eu estou em um hospital? O que estou fazendo aqui?"

Não estou totalmente concentrada no que ele está dizendo, e eu realmente não peguei tudo o que ele me disse em resposta. A sala repentinamente ficou fria, e eu apertei o cobertor contra mim. Algo sobre ser um futuro líder, novamente, assim como o encargo relacionado. Futuro líder da nave. Bem, claro que ele é. Eu o observo de mais perto. Ele tem ombros largos com apenas o suficiente de músculos que não são tão óbvios debaixo dessa coisa túnica-camisa, embora eu possa ver as curvas fortes dos seus bíceps. Alto — muito mais alto do que eu, mas algumas polegadas mais alto do que a maioria das pessoas, mesmo ele sendo provavelmente da minha idade. Entretanto, ele se curva. Seu rosto é acanhado, mas convidativo, com olhos amendoados penetrantes. Tudo isso se soma, resultando em alguma coisa que o faz parecer com o tipo de cara que poderia comandar uma nave. É quase como se Deus soubesse que Velho seria algum tipo de líder ou algo assim, então Ele lhe deu o rosto e o corpo certo para isso.

Eu me viro na cama e então meus pés tocam o chão. No entanto, o piso está gelado, então eu levanto meus joelhos e os encosto em meu queixo—debaixo da coberta, é claro, uma vez que a camisola do hospital não me cobre em quase nada. "Como é?"

"Como é o quê?" ("Cumo eo qui"?)

"O novo planeta." E por mais que eu não quisesse vir para cá em primeiro lugar, e mesmo tento odiado todos os momentos dos meus anos congelados para chegar aqui, há uma pequena reverência na minha voz que não posso esconder. Um novo planeta. Nós finalmente estamos em um novo planeta. Um planeta onde nenhum humano esteve antes.

O garoto se levanta. Ele é tão alto, que não parece razoável chamá-lo de garoto, mas ao mesmo tempo, ele tem um pouco de rosto de bebê, como se ele nunca tivesse visto ou feito algo que o fizesse crescer, que fizesse os ângulos da sua face se aguçarem com a crueldade da idade. Ele caminha até a parede mais distante, de costas para mim. Ele é muito alto para esse pequeno quarto, o qual mal pode contê-lo. Ele me lembra, de um modo muito vago, Jason. Não como ele parece—esse garoto é mais moreno e musculoso que Jason—mas no modo como ele se posiciona e caminha, como se ele soubesse seu lugar no mundo com absoluta certeza. Ele se inclina contra a parede, encarando um pedaço de metal retangular

pendurado ali. A luz escapa das extremidades do metal. Deve ser um tipo de proteção de janela.

"Nus inda num istamos nu planita," ele diz. Eu não tinha percebido como seu sotaque era confuso até ele se afastar de mim, e sem querer esconder seus lábios da minha vista.

"O quê?" eu pergunto.

Ele vira para mim; dessa vez quando ele fala, sou capaz de decifrar suas palavras. "Nós ainda não estamos no planeta."

"O que... você quer dizer?" Frio, o frio do gelo e do inferno, enche meu estômago vazio.

"Ainda temos cerca de cinquenta anos antes de pousarmos."

"O quê?"

"Sinto muito; 49 anos e 266 dias. Sinto muito."

"Por que você me acordou antes?"

"Eu não!" o garoto protesta, ruborizando profundamente. "Não fui eu! Por que você me acusou?"

"Eu só quero saber por que nós todos fomos acordados 49 anos e 200 e poucos dias antes! E onde estão meus pais?"

O garoto abaixa os olhos. Algo em seu olhar faz a poça de gelo na minha barriga se agitar.

"Nem todos foram acordados antes," ele diz. Seus olhos imploram para que eu entenda o que ele quer dizer, para parar de fazer perguntas.

"Onde estão meus pais?" eu repito.

"Eles estão... lá embaixo."

"Eu quero ver meus pais. Eu quero falar com meus pais."

"Eles... "

"O que aconteceu com meus pais?"

"Eles ainda não foram reanimados. Eles ainda estão congelados. Todos os outros lá embaixo ainda estão congelados, exceto você".

"Quando eles vão acordar? Quando vou vê-los?"

O garoto se move para a porta. "Talvez eu deva chamar Ancião para vir explicar?"

"Quem é Ancião? Explicar o quê?" Eu estou gritando, mas não me importo. O cobertor deslizou das minhas pernas. Meu cérebro está agitado, tentando esclarecer as coisas, colidindo com as palavras que eu acho que o garoto dirá, as palavras que eu tenho medo de ouvir, as palavras que eu

devo ouvi-lo dizer em voz alta antes de eu acreditar que elas são verdadeiras.

"É... Bem, hum... Eles não serão acordados até nós chegarmos lá."

"Daqui a cinquenta anos," eu digo de forma vazia.

O garoto assente. "Daqui a quarenta e nove anos e 266 dias."

Eu fiquei congelada por séculos. E mesmo assim, nunca me senti mais sozinha do que exatamente agora, nesse momento, quando percebi que estou viva, consciente e acordada, e eles não.

16

Velho

Ela começa a chorar. Não suaves, tristes lágrimas, mas de raiva, como se ela odiasse o mundo inteiro, ou, pelo menos, a nave que agora é seu mundo.

Então, eu fiz o que qualquer pessoa faria quando de frente para uma garota chorando. Dei o fora de lá.

Um familiar beep, beep-beep, encheu minha orelha esquerda. "Link com: Ancião," diz a suave voz feminina do meu wi-com.

"Ignore."

O Ancião havia deixado o hospital assim que Doutor começara a administrar medicamentos pós-regeneração em Amy. Ele não ajudou a arrumar as bolsas IV ou observou como escorriam lentamente três bolsas cheias de nutrientes e fluidos nela. Ele não estava lá para nos ajudar a movê-la para a nova cama na ala que Doutor fez para ela. Ele não estava ali quando ela acordou, depois de eu ter ficado ao seu lado por mais de sete horas para que ela não acordasse sozinha.

Eu realmente não me importo com o que ele tem a dizer agora.

O que me importa é Amy. Talvez se ela vir mais de Goodspeed, ela não vai chorar tanto. Se eu puder trazer para ela um pedaço de seu lar, algo que a lembre da Terra-Sol, talvez ela vá...

Vou direto para o jardim nos fundos do Hospital. O jardim está cheio de flores agora, mas eu sei qual eu quero—a grande amarela e laranja flor que cresce próxima da lagoa, aquela com estrias de uma cor quase tão brilhante quanto o cabelo de Amy.

Precisei de um momento para encontrá-la; há apenas algumas flores restantes, suas grandes cabeças inclinadas em direção à água da lagoa. Ajoelhei-me, ignorando a lama que rapidamente grudou em minha calça, e quebrei o caule de meia dúzia de flores. As pétalas são tão longas quanto os meus dedos, curvadas no final, e seu perfume doce como mel corre lentamente até meu nariz.

"Velho."

Merda. Viro-me para encontrar Ancião, meus dedos se apertam em torno dos caules.

"Você ignorou o meu chamado." Sua voz é baixa, monótona.

"Estava ocupado."

Seus olhos frios baixam em direção as flores em minha mão. "Claramente."

Começo a voltar para o hospital. Ancião me segue.

"Você está se esquecendo de seus deveres. Você ainda tem de completar a tarefa que lhe passei ontem."

"Isso pode esperar."

Comecei a subir os degraus em direção ao hospital, mas Ancião me agarrou pelo colarinho da camisa e me puxou de volta.

"Ser líder do navio é mais importante que qualquer garota."

Assenti. Ele estava certo.

"Ela nem deveria estar aqui, em primeiro lugar," Ancião murmura. "Que incômodo!"

Esmago as hastes das flores em minhas palmas.

"Um incômodo?" Agora minha voz está monotonamente baixa.

"Sua presença é ruim para a nave. Diferença. A primeira causa da discórdia."

Algo rugiu em protesto dentro de mim. Esse não é o tipo de líder que eu quero aprender a ser—um tão friamente indiferente a Amy. Ontem, Ancião me disse que era meu trabalho proteger as pessoas. Não sabia que ele só mencionava o nosso povo.

"Agora volte para o Nível dos Protetores e trabalhe naquele dever."

"Não."

Os olhos do Ancião se arregalam, então se estreitam. "Não?"

"Não." Me solto de seu agarre e vou em direção ao elevador do Hospital. Antes que as portas deslizem para fechar, Ancião entra comigo.

"Não tenho tempo para as suas infantilidades. Vou dizer mais uma vez a você. Volte para o Nível dos Protetores."

"Não," digo, ainda sorrindo, mas é tudo uma máscara para esconder o meu medo. Ancião não suporta rebelião, e eu nunca o retruquei tão duramente antes. Parte de mim deseja retirar tudo isso, desculpar-me e obedecê-lo como eu sempre fiz. Parte de mim deseja que ele tivesse vindo para cima de mim, assim eu poderia socá-lo de volta. Ancião ergue sua mão esquerda para o seu botão wi-com.

"Protetor sobrepõe; liberar Ancião," ele diz e meu estômago despenca. Isso não pode ser bom. "Comando: aplicar ruído potencializador de modificação para wi-com de Velho. Varie o tom e a altura. Nível de intensidade: três. Cesse na entrada do sujeito no Nível dos Protetores."

Imediatamente um zumbido de baixa frequência enche meus ouvidos. Ponho as mãos sobre eles, mas o barulho não está vindo de fora; está vindo de dentro do meu ouvido, em meu wi-com. O zumbido se transforma em um guincho por um segundo, mergulha de volta em um zumbido, então faz uma grade, rangendo contra meus tímpanos.

Enfio um dedo em meu wi-com. "Sobrepor," digo. "Comando: pare todos os sons!"

"Acesso negado," a voz feminina de meu wi-com diz sob um som ainda pior que o mugido esmagado de uma vaca parindo. Ai! Isso não é como o scanner biométrico onde eu tenho a mesma folga que Ancião. Wi-coms são diferentes, únicos para cada um de nós. A única coisa que pode parar o meu é Ancião.

"Faça parar," digo ao Ancião. Um som de burburinho surge em meu ouvido, o que não é tão ruim, mas cada burburinho é acompanhado de um pequeno choquinho que me faz pular um pouquinho de surpresa a cada vez.

As portas do elevador deslizam abrindo e nós vamos para o hall.

"O barulho irá parar assim que você entrar no Centro de Aprendizado preparado para aprender e ouvir," Ancião diz filosoficamente. Ele pressiona seu wi-com novamente.

"Comando: aumente a intensidade para o nível quatro." O som aumenta. Ancião sorri para mim, então ele vira e segue em direção ao escritório de Doutor.

Tento enfiar o dedo em minha orelha, mas não é bom. O wi-com está preso diretamente no meu tímpano. Algo que se assemelha a vidro quebrado e galo cantando cresce em meu ouvido.

"Flores legais."

"Orion?" Qualquer surpresa por ver o Arquivador aqui é substituída pela cacofonia vibrante em meu ouvido esquerdo. Tinha me esquecido das flores em minha mão direita. Sangue verde de planta escorre entre meus dedos das hastes quebradas.

"Precisava de mais suprimentos." Orion balança uma pequena garrafa plástica, comprimidos e guizo em seu interior. Ele deve ter

roubado. Ninguém supõe que haja uma loja de remédios mentais—mesmo que você não viva na Enfermaria, os inibidores são entregues diariamente, uma pílula por vez.

"Não quero que o Ancião ou Doutor me peguem." Orion põe no bolso as pílulas.

Ponho uma mão sobre meu ouvido e me concentro no barulho irritante, mas não é bom.

Orion sorri tristemente. "Esse velho truque. Não há sentido em tentar parar o barulho. Só vai ficar pior." Ele me vê enfiar o dedo novamente em minha orelha. "Só faça qualquer coisa que ele tenha dito para você fazer, ou você vai enlouquecer com isso aí."

"Como você sabe?" As palavras saem duras e raivosas, mas apenas porque estou tendo um dia difícil me concentrando em qualquer outra coisa além do som em meu ouvido.

"Só gostaria de dar um conselho a você—não há razão em bater diretamente de frente com o Ancião. Não adianta. Ele é um velho rei, acostumado demais ao poder. Você não pode encará-lo diretamente. Você vai ter que ser um pouco melhor que isso." Orion pega um pedaço de seu longo cabelo loiro de trás de sua orelha, e percebo novamente as cicatrizes esbranquiçadas como teias de aranha, descendo pelo lado esquerdo de seu pescoço, como se sua carne tivesse sido rasgada, aberta e as partes não foram bem encaixadas depois.

"Vou fazer o que eu quiser," digo passando por ele, uma mão sobre o ouvido.

Cambaleio no hall. Quando passo por Harley, bato em sua tela quando outro pico de sons estala de forma não natural em meu ouvido, me fazendo perder o equilíbrio.

"Velho?" ele pergunta, pulando em preocupação.

Ignoro-o abrindo a porta do hall e vou em direção ao quarto de Amy. Vou dar a ela essas flores nem que isso me mate. Não vou deixar o Ancião me afastar dela.

Paro no quarto de Amy e bato na porta.

Sem resposta.

"O que você está fazendo aqui?" Há um problema na voz de Harley que eu noto através do alto som que começou a aumentar em meu ouvido. Lembro-me agora—esse era o quarto de sua ex-namorada antes de ser dado à Amy.

"Uma nova moradora," digo estremecendo. Minha voz soa ainda mais alta em meu ouvido machucado.

Harley põe a mão na parede, deixando para trás uma mancha de amarelo- alaranjado no maculado branco. Ninguém vai se importar; é apenas outra marca dentre muitas. Desde que Harley se mudou permanentemente para a Enfermaria, manchas de cores seguem-no aonde quer que ele vá, como um rastro de arco-íris.

O wi-com está fazendo o seu melhor para me distrair—os sons e tons estão girando em um pequeno espaço. Parte de mim deseja bater a cabeça contra a porta, só para fazer o barulho parar. Está me enlouquecendo, o tipo de insanidade que os medicamentos de Doutor não podem curar. Minha mão esquerda aperta meu ouvido com tanta força que sangue surge entre meus dedos—temo que vá arrancá-lo. Ao invés disso, bato na parede com a mão direita.

As flores que eu carreguei tão cuidadosamente desde o jardim— as grandes e brilhantes flores que escolhi especificamente porque me lembravam do cabelo de Amy—se quebram com a força de meu pulso encontrando a parede. Pétalas caem em uma chuva de vermelho e dourado. Abro a mão. As hastes estão pegajosas, uma bagunça fibrosa. As folhas foram esmagadas até ficarem irreconhecíveis. São apenas restos miseráveis da beleza natural que detinham sobre a borda da lagoa.

Uma corrente de estalidos adiciona-se a minha tortura tonal. Deixo as flores caírem na porta de Amy, ponho ambas as mãos sobre meus ouvidos, prendendo o barulho dentro de meu crânio enquanto corro do Hospital para o tubo cinza que leva ao Nível dos Protetores e ao silêncio e tranquilidade.

17

Amy

O homem em minha frente tem dedos longos. Ele cruza e descruza uns nos outros, e então descansa sua cabeça sobre eles enquanto me observa, como se eu fosse um quebra- cabeças que ele não pode resolver. Ele parecia educado, quase simpático, quando me buscou em meu quarto, mas agora eu gostaria que ele tivesse deixado a porta do seu escritório aberta.

"Sinto muito que você esteja nessa situação." Embora ele soe sincero, ele parece apenas curioso.

Mesmo que aquele garoto tenha explicado tudo para mim, ainda sinto a necessidade que esse "doutor" confirme.

"Falta realmente cinquenta anos para pousarmos?" minha voz está fria e dura, como o gelo que estou começando a desejar que ainda me envolvesse.

"Sim, aproximadamente 49 anos e 250 dias."

São 266 dias, eu penso, lembrando o que o garoto disse. "Não posso ser recongelada?"

"Não," o médico diz simplesmente. Quando tudo o que faço é ficar sentada ali, encarando-o, ele acrescenta, "Nós realmente temos algumas outras crio-câmaras... "

"Coloque-me em uma delas!" eu digo, me inclinando para frente. Enfrentarei um século de pesadelos se eu puder acordar com meus pais.

"Se você tivesse sido reanimada corretamente, essa poderia ser uma opção, e mesmo assim, seria perigoso. Células não são feitas para serem congeladas e recongeladas. O corpo se deteriora com reanimações múltiplas." O doutor balança a cabeça. "Recongelamento pode te matar." Ele luta para encontrar um jeito de descrever isso para mim. "Você se tornaria como uma carne congelada desidratada. Seca. Morta," ele acrescenta quando aquela imagem grosseira não desfaz minha ansiedade.

Por um momento, fico abatida. Então, me lembro. "E os meus pais?"

"O que tem eles?"

"Eles serão descongelados antes também?"

"Ah." Ele descruza os dedos e arruma os objetos em sua mesa, fazendo o bloco de notas ficar paralelo com as quinas da mesa, as canetas no porta-canetas se inclinarem todas para o mesmo lado. Ele está ganhando tempo, evitando contato visual. "Não era para você ser descongelada. O que você tem que entender é que seus pais, Números 41 e 40, são essenciais. Ambos têm habilidades altamente especializadas que serão necessárias quando pousarmos. Nós precisaremos do conhecimento e assistência deles nos estágios de desenvolvimento da Terra-Centauro."

"Então, basicamente, não." Eu quero ouvi-lo dizer isso.

"Não."

Eu fecho meus olhos e respiro. Estou tão furiosa—tão frustrada—tão puta por isso ter acontecido e eu não poder fazer nada. Posso sentir as lágrimas quentes e irritantes em meus olhos, mas eu não quero chorar, não agora em frente do médico, nem nunca mais.

O médico empurra a extremidade inferior direita do seu grande bloco de notas, e então esse fica perfeitamente paralelo às quinas da mesa. Seus longos e inquietos dedos param. Não há nada fora do lugar em sua mesa. Não há nada fora do lugar em seu escritório inteiro. Exceto eu.

"Aqui não é tão ruim," o médico diz. Eu levanto os olhos. Há uma camada embaçada cobrindo minha visão, e eu sei que se não for cautelosa, vou chorar. Deixo-o continuar. "De um jeito muito verdadeiro, é melhor que você esteja aqui agora, ao invés de estar lá depois. Quem sabe como a Terra-Centauro será? Pode nem ser habitável, apesar das sondas que foram enviadas antes da Godspeed deixar a Terra-Sol. Não é uma opção que gostamos de considerar, mas é possível..." Sua voz enfraquece quando seus olhos encontram os meus.

"O que eu devo fazer?"

"Desculpe?"

"O que eu devo fazer agora?" eu digo, minha voz se elevando. "Você está apenas me dizendo que não devo fazer nada? Esperar até a nave pousar antes que eu possa ver meus pais novamente?" Eu paro. "Meu Deus, eu serei muito velha lá! Eu serei mais velha que eles! Isso não é certo!" Eu esmurro a mesa. Os lápis dele balançam no seu pequeno e arrumado porta-canetas, e um deles não se acomoda novamente em linha com os outros. Ele o alcança e o coloca ordenadamente junto a seus companheiros. Com um rugido de frustração, eu agarro o porta-canetas e o arremesso no médico, que se esquiva bem a tempo. Os lápis voam como

pássaros libertados, depois caem estrondosamente no chão como pássaros mortos.

"Ninguém se importa com seus lápis estúpidos!" eu grito quando o médico pula para pegar os lápis caídos. "Ninguém se importa! Por que você não consegue ver isso?"

Ele congela, agarrando seus lápis, suas costas curvadas para mim. "Eu sei que isso é difícil para você... "

"Difícil? Difícil? Você não sabe como é isso! Você não faz ideia de por quanto tempo eu sofri—só para chegar a nada! NADA!"

O médico atira os lápis dentro do porta-canetas tão violentamente que dois pulam para fora novamente. Ele não os recoloca, mas os deixa pousados, desordenadamente, aleatoriamente, na mesa. "Não há necessidade de reagir com violência," ele diz em um tom calmo e equilibrado. "A vida não será tão ruim para você na nave. O segredo," ele acrescenta, "é achar um modo de ocupar seu tempo."

Fecho meus punhos, me forçando a não chutar a mesa dele, não atirar a cadeira em que estou sentada nele, não derrubar as paredes que me rodeiam. "Em cinquenta anos serei mais velha que meus pais, e você está me dizendo para encontrar um modo de ocupar a porra do meu tempo?!"

"Um hobby, talvez?"

"Arrrgh!" eu grito. Eu me lanço sobre sua mesa, pronta para lançar tudo em cima dela no chão. O médico se levanta, também, mas ao invés de tentar me parar, ele vai para o armário atrás dele. Há algo tão inquietantemente calmo nessa ação que eu paro à medida que ele abre uma gaveta e, depois de a vasculhar um pouco, retira um pequeno pacote branco e quadrado, similar a guardanapos de mão que eu costumava pegar do restaurante chinês que Jason me levou em nosso primeiro encontro.

"Esse é um adesivo médico," o doutor diz. "Agulhas minúsculas coladas no adesivo administrarão drogas calmantes diretamente em seu organismo. Eu não quero passar os próximos cinquenta anos te medicando apenas para que você fique calma," Ele coloca o pacote branco no meio da mesa, depois me olha diretamente nos olhos. "Mas eu vou."

O adesivo médico permanece lá, uma linha na areia que não quero cruzar. Sento-me novamente.

"Agora, você tem algum hobby ou habilidade que poderia colocar em prática na nave?"

Hobbies? Hobbies são coisas de homens de noventa anos, como fazer pequenos trabalhos na garagem.

"Eu gostava de história na escola," eu finalmente digo, embora me sinta uma idiota por pensar em escola antes de qualquer outra coisa.

"Nós não temos escola aqui." Antes de eu poder contemplar a vida sem escola, o médico continua. "Não agora. E além disso, nesse ponto, a vida que você viveu é, bem..."

Ah. Eu entendo seu argumento. Minha vida, minha vida antiga, já é história. Como será ver as coisas que eu amava e vivia em um livro de história? E se eu vasculhar as páginas e reconhecer alguém? E se eu reconhecer a mim mesma, me encarando nas páginas de um livro de história que é mais velho do que eu?

"Eu estava no time de cross-country," eu digo. O médico olha para mim sem expressão. Percebo que a palavra "cross-country" não significa nada para ele, aqui em uma nave em que não há nenhum campo para cruzar. "Eu corria. É um esporte onde você corre."

O médico parece cético. "Você pode, com certeza, 'correr' quando quiser. Mas..." Seu olhar perambula em mim. "Isso pode não ser aconselhável. Você chamará atenção a bordo dessa nave... e não posso garantir sua segurança quando você sair do Hospital."

Meu estômago contrai. Que tipos de pessoas são essas? E o que ele quis dizer com "segurança"? Ele acha que serei atacada?

O médico, entretanto, parece alheio a minha preocupação. "Que outras atividades você poderia fazer?"

"Eu estava na equipe do livro anual. Eu gosto de fotografia," eu digo, ainda um pouco distraída pelos pensamentos de como serei tratada quando sair lá fora.

"Hum." O médico parece desaprovar. "Nós realmente não permitimos fotografia a bordo da nave exceto para fins científicos."

Mesmo eu estando determinada a provar para o médico que posso ficar calma sem medicação, não posso evitar mostrar minha incredulidade. "Você está falando sério? Fotografia é proibida?"

"Que outras atividades você aprecia?" ele pergunta, ignorando completamente minha pergunta.

"Não sei," eu digo, levantando minhas mãos. "O que a maioria dos adolescentes faz aqui? Clubes? Festas?"

"Nós não temos escolas, festas ou nada desse tipo," o médico diz lentamente, recolocando os dois lápis dispersos na mesa dentro do porta-canetas, "porque nós não temos crianças a bordo da nave. Não atualmente."

"O quê?" eu pergunto, me inclinando para frente, como se fazendo isso eu realmente entendesse o que ele está dizendo.

A porta atrás dele se abre.

O médico se levanta para cumprimentar o homem que caminha através da porta, mas eu não. Ele é velho, mas caminha para dentro do escritório como se fosse seu dono, apesar de mancar levemente.

"Essa é Amy." O médico fala meu nome como se estivesse incerto da sua pronuncia, mesmo ele sendo formado apenas por três letras.

"Evidentemente," o homem responde. Ele permanece de pé, como que demonstrando ser superior a mim. "Diga-me o que você sabe sobre Godspeed."

"Esse é o nome dessa nave?"

Ele assente impacientemente. É tão estranho para mim que essa nave tenha um nome com "Deus" no meio. Esse escritório tão arrumado que cheira a desinfetante e algo azedo que não me lembra de Deus em nada.

"Eles chamavam de Projeto Nave-Arca antes de eu ser congelada. Tudo que sei sobre ela é que estou a bordo. Nós estamos indo para um planeta no sistema Centauri que a NASA descobriu alguns anos antes de eu nascer. É uma nave geracional—vocês devem ter nascido nessa nave, mantê-la funcionando e tudo mais, até nós chegarmos lá e meus pais e o resto das pessoas da missão poderão transformar o novo planeta em um parecido com a Terra."

O homem assente. "Isso é tudo o que você precisa saber sobre Godspeedele diz. "Embora você deva saber disso também. Eu sou Ancião."

Bom para você, eu penso. Parabéns por ser velho.

Ele interpreta meu silêncio como um sinal para continuar. "Essa nave não precisa de um capitão. Sua trajetória foi determinada há muito tempo atrás, e a nave foi desenvolvida para funcionar sem necessidade de interferência humana." O homem velho suspira. "Mas, embora a nave não precise de direção, as pessoas precisam. Eu sou o mais velho. Eu sou o líder delas." O velho pega um peso de papel redondo da mesa do médico. Ele o contempla como se estivesse segurando o mundo em suas mãos, e eu percebo que para ele, o mundo é essa nave.

"Certo."

"Dessa forma, todos seguem minhas regras."

"Ótimo."

"Incluindo você."

"Tanto faz."

Ancião me olha fixamente. Ele solta ruidosamente o peso de papel de volta na mesa do médico—mas não no mesmo lugar em que estava inicialmente. As mãos do médico se contraem como se ele quisesse movê-lo para seu lugar certo, mas ele estivesse se segurando.

"Dessa maneira," ele continua, "eu não posso permitir que nenhum distúrbio perturbe a vida das pessoas. E você é um distúrbio."

"Eu?"

"Você. Você não parece conosco, você não soa como nós, e você não é um de nós."

"Eu não sou nenhum tipo de aberração!"

"Nessa nave você é. Primeiro," ele diz, antes de eu poder protestar, "tem a sua aparência física."

"Hum?"

"Somos monoétnicos," o médico diz, inclinando-se para frente. "Nós compartilhamos as mesmas características físicas—cor da pele, cabelo e olhos. É o esperado em uma nave em que não há sangue novo; nossas características foram unidas geneticamente."

Abaixo o olhar para meu cabelo vermelho caindo sobre meus ombros, para minha pele tão branca que sempre se enche de sardas. É uma diferença absurda da pele morena e do cabelo grisalho que ainda possui traços marrons escuros do médico. O cabelo do Ancião é quase inteiramente grisalho, mas também posso dizer que já foi escuro, para combinar com sua pele e olhos.

"Você não é apenas estranhamente branca com cabelo esquisito," Ancião acrescenta, "você também é anormalmente jovem."

"Eu tenho dezessete anos!"

"Sim," o médico diz lentamente, como se até mesmo minha idade o aborrecesse. "Mas veja, nós controlamos o acasalamento." Ele está tentando falar com uma voz calma e simpática, mas continua olhando nervoso para o Ancião.

"Acasalamento?" digo, incrédula. Eles tinham regras sobre sexo?

"Nós temos que impedir o incesto."

"Aff!"

Ancião me ignora. "E o controle é mais facilmente mantido com gerações fixas. A geração mais jovem, na qual estão inclusas a maioria das pessoas nessa Enfermaria, tem seus vinte anos e está próxima da sua Temporada. A geração do Doutor—a mais velha— tem seus quarenta e poucos anos."

Meu cérebro está girando. "Você está me dizendo que há duas gerações na nave, e todos tem ou vinte ou quarenta anos?"

O homem velho assente. "Há algumas variações; algumas crianças nascem um pouco mais cedo ou mais tarde, algumas famílias tem múltiplas crianças. Ainda estamos compensando a perda da nossa população ocorrida quando uma grande Peste abateu várias gerações no passado."

"Uma Peste?"

"Devastadora," o médico interrompe. "Ela matou cerca de três-quartos da população da nave, e nós ainda não compensamos nossas perdas."

Pensei em meu último ano na Terra. Papai me levou ao observatório em Utah para celebrar a finalização do Projeto Nave-Arca. Eles tinham construído a nave essencialmente no espaço, usando centenas de ônibus espaciais para levar os materiais e pessoas para o local de construção na órbita ao redor da Terra. Era o maior projeto espacial já realizado por qualquer nação.

Mas, para mim, parecia apenas um borrão redondo e brilhante no telescópio.

"Cerca de vinte e cinco anos atrás, a Estação Espacial Internacional levou uma década para ser finalizada e tinha aproximadamente cem metros de comprimento. Agora, temos uma nave que levou menos de quatro anos para ser concluída e é maior do que a ilha inteira de Iwo Jima," Papai disse, com orgulho vibrando em sua voz.

Eu não gostei da associação de uma nave em que eu estaria por três séculos com uma ilha conhecida por uma batalha sangrenta em uma guerra sangrenta.

Agora, olhando para esses dois homens que viveram suas vidas inteiras nessa nave e que tem em sua história uma Peste que quase os dizimou- agora, a comparação parece adequada.

"Mas como estávamos dizendo," o médico continua, "a maioria das pessoas a bordo tem vinte e poucos anos ou quarenta e poucos."

Eu levanto o olhar para o homem velho. "Você não tem quarenta e poucos," eu digo. A afirmação vem muito mais ofensiva do que eu gostaria de dizer. Os olhos do homem velho me penetram com um olhar de especulação ou asco- não sei dizer qual dos dois.

"Tenho cinquenta e seis." Impeço-me de bufar; o homem velho parece bem mais velho que cinquenta e seis. "Eu sou o Ancião da nave—a pessoa mais velha, e aquele com o direito de comandar. Antes de cada geração, um Velho nasce para ser o líder daquela geração."

"Não há ninguém na nave mais velho do que cinquenta e seis?" pergunto.

"Alguns idosos ainda existem, todos com sessenta mais ou menos, mas eles não durarão muito mais."

"Por que não?"

"Pessoas velhas morrem. É o que elas fazem."

Isso não parece certo para mim. Quer dizer, sim, sessenta é bem velho... Mas não é como se as pessoas chegassem a uma certa idade e morressem. Muitas pessoas são mais velhas do que sessenta anos. Minha bisavó tinha noventa e quatro quando morreu.

"E aquele garoto?"

"Qual garoto?" Ancião pergunta.

"Ela está falando sobre o Velho."

Ancião grunhe.

"Amy," o médico diz, "Velho nasceu entre gerações. Ele tem dezesseis anos. Quando a Temporada começar e a geração jovem começar a acasalar, as crianças nascidas serão a geração que o Velho comandará depois que Ancião for para as estrelas. O garoto que você conheceu será o próximo Ancião."

"Onde está o outro?" eu pergunto.

"Que outro?" O médico balança seu peso de papel redondo em suas mãos e cuidadosamente coloca-o de volta onde estava antes do Ancião pegá-lo.

"O outro tal de Velho. Existe você," eu digo para Ancião. "Você é responsável pela geração do médico. E o garoto que conheci será responsável pela nova geração. Mas e os que têm vinte anos? Quem é responsável por eles?"

O médico e Ancião trocam um olhar.

"Esse Velho morreu," Ancião diz. Contudo, seu rosto é obscuro. Eu olho para o médico. Seu rosto está abatido, as dobras dos seus pés de galinhas se enrugando mais profundamente.

Como será que esse Velho morreu?

"Obviamente," Ancião diz, com um tom de conclusão em sua voz, "você é diferente. Aparência incomum, anormalmente jovem."

"E?"

"Não gosto de diferenças. Diferenças causam problema."

O médico se mexe nervosamente. Ele começa a reorganizar sua mesa novamente.

"Caramba, me desculpe por tudo isso. Mas, você sabe, não é como se eu quisesse estar aqui."

"Tanto faz. A coisa mais fácil a fazer seria te depositar entre as estrelas."

"Ancião!" O médico dá um passo para frente, com um olhar de choque e preocupação em seu rosto.

"O que você quer dizer?" eu pergunto.

"Temos escotilhas de lançamento." Ancião fala lentamente, como se estivesse conversando com alguém imbecil. "Elas abrem para o lado de fora."

O significado de suas palavras deposita-se lentamente dentro da minha pele até eu absorve-las com tudo o que sou.

"Você quer me jogar no espaço?" Minha voz está baixa, mas não por muito tempo. "Não é como se eu tivesse feito alguma coisa errada! Eu não me acordei sozinha, você sabe!"

Ancião balança os ombros. "Seria de longe a solução mais simples. Você, afinal de contas, é não-essencial."

"Não podemos fazer isso," o médico diz, e eu o perdoo completamente por ser arrepiante e me ameaçar com drogas. Pelo menos, ele não quer me deixar implodir no espaço.

"Não, Doutor," Ancião diz. "É muito importante que você entenda, que ela entenda, que sim, nós poderíamos jogá-la no espaço. Nós poderíamos." ele repete, me encarando.

"Mas nós não vamos," o médico diz com firmeza. "Ela pode ficar aqui na Enfermaria. Isso a manterá longe da população geral. Ela não causará tanta confusão se permanecer aqui."

"Você acha?" Ancião diz, com sua voz branda, mas cheia de dúvida.

"Tenho certeza. Além disso, a Temporada começará logo. Isso distrairá os outros."

O Ancião estreita os olhos para o médico. Com toda certeza, algo que o médico disse não caiu bem para ele. Ele abre sua boca, percebe que estou observando avidamente, e me olha fixamente. "Venha para fora comigo, Doutor," Ancião ordena.

O médico parece nervoso. Culpado.

"Ah, não se importe comigo," eu digo, me reclinando em minha cadeira. "Vá em frente e diga o que quiser."

Ancião se vira para o médico. "Doutor," ele ordena.

O médico corre e segue Ancião para fora.

Imediatamente após a porta se fechar atrás deles, eu pulo da minha cadeira e pressiono minha orelha contra o metal. Nada. Volto para a mesa do médico, despejo seus lápis e coloco o porta-canetas contra a porta, como eles fazem naqueles velhos filmes da Disney. De novo, nada.

"...última vez!" Ancião ruge tão alto que eu quase derrubo o porta-canetas. Eu espremo minha orelha contra a porta, me esforçando para ouvir.

"Não é como da última vez," o médico sibila. Ele deve estar mais perto da porta — sua voz é mais suave, mas posso ouvi-lo melhor. Será que ele se aproximou apenas para me ajudar?

Ancião, entretanto, abaixa sua voz, e eu só capto fragmentos do que ele diz. "Realmente?... Começando a Temporada... Alguém desconectado... De novo... E você..."

"Você sabe que não pode ser ele novamente," o médico diz. Há um murmúrio, um estrondo profundo de uma voz, mas não consigo discerni-la. Capto uma palavra: "Impossível."

"E você?" Seu sotaque estranho também não está ajudando minha escuta.

"Eu?" o médico diz.

"Você." Percebo o sarcasmo na voz do Ancião, mesmo através da porta de metal. "Você foi complacente com ele da última vez, não tente negar."

"...irracional," o médico murmura, "... poderia dizer facilmente que foi você."

Outro resmungo baixo. Soa quase como se Ancião estivesse realmente roncando.

"Bem?" o médico exclama. "Velho me contou que você está ensinando para ele sobre discórdia. Quem sou eu para saber que isso não é uma experiência doentia que você inventou para testar o garoto!" Alguma coisa, alguma coisa—a porta idiota me impossibilitou de ouvir corretamente—"como da última vez."

A voz do Ancião aprofunda e fica mais grave. Há algum tipo de briga, e antes de eu ter tempo de me mover, a porta se abre. O médico colide exatamente em mim e eu deixo o porta-canetas cair dessa vez. Ele rola pelo chão, o único som enquanto nós três encaramos uns aos outros.

O rosto do Ancião está rígido, severo. "Estarei de olho nessa... situação," ele diz, mas ele está olhando para o Doutor, não para mim. Ele ajeita sua túnica-camisa e se vira para ir embora. Em seguida ele para e olha novamente para mim. "Não saia da área do Hospital. Ainda não decidi o que fazer com você."

"Não sou nenhum tipo de prisioneira!" eu grito para ele.

"Nessa nave, todos nós somos," ele diz, e então vai embora.

"Não se preocupe com ele," o médico diz, se esticando para dar um tapinha no meu ombro. Afasto meus ombros dele. "Ele não vai te colocar em uma escotilha de lançamento."

"Humf." Eu não tinha realmente acreditado naquilo.

"Vou te colocar em um quarto que supra todas as suas necessidades. Você viverá aqui, pelo menos por enquanto. Você tem alguma pergunta?"

Ele está realmente fingindo que nada aconteceu? Como se eu não tivesse ouvido sobre o que eles estavam discutindo? Tudo bem, eu não ouvi a maior parte, mas ouvi o suficiente.

"O que aconteceu da última vez?" eu pergunto.

"Do que você está falando?" o médico diz, sentando em sua mesa. Ele acena graciosamente para a cadeira em sua frente e eu me afundo nela.

Olho para ele, mas ele ignora. "Qual é. Sério?"

O médico começa a arrumar os lápis que despejei em sua mesa. Ele realmente tem TOC. Mas... Eu me pergunto: o quanto ele é real? Ele é tão inexpressivo comigo quanto é com Ancião. Duvido que ele goste de mim... Mas ele me defendeu quando Ancião ameaçou me lançar pela escotilha. E como o médico se sente em relação ao Ancião... Achei que ele o respeitava, talvez o temia, mas pareceu que ele se aproximou da porta

quando eu estava tentando ouvir sua conversa com o Ancião. Ele fez aquilo de propósito? Agora... Ele está tentando me fazer perguntar as questões certas? Ou só está fazendo jogos mentais comigo?

"Na última Temporada," o médico diz, "nós tivemos alguns problemas. Mas não tem nada a ver com isso."

"Poderia ter. Como você sabe?"

"Porque a pessoa que causou problemas na última Temporada está morta," o médico diz. "Algo mais?"

Ele está ficando nervoso, talvez já se arrependendo de prometer não me lançar para fora da nave. Ele gosta das coisas organizadas, e eu já provei mais do que uma vez, apenas no seu pequeno escritório, que ele não pode me organizar como pode organizar seus lápis.

"Sim," eu digo, incapaz de esconder a agressão em minha voz. "Por que eu acordei antes? O que aconteceu?"

O médico franze as sobrancelhas. "Não tenho certeza," ele diz finalmente. "Mas parece que alguém... Te desconectou."

"Me desconectou?"

"As câmaras criogênicas são ligadas a um dispositivo elétrico muito simples que monitora a temperatura e os sinais vitais. Você foi simplesmente... Desconectada da unidade de força. Desligada. Desconectada."

"Quem me desconectou?!" eu exijo, me levantando. As mãos do médico se mexem lentamente para mais perto do adesivo médico em sua mesa. Eu me sento novamente, mas meu coração está acelerado, minha respiração superficial. Entre aquela conversa no corredor e essa revelação, fica claro que algo está acontecendo. E estou presa no meio disso.

"Nós não sabemos. Mas descobriremos." Então, tão baixo que quase não consigo ouvir, ele acrescenta, "Mas foi alguém com acesso." Seus olhos disparam para a porta atrás de mim, e eu sei que ele está pensando no Ancião. Que idiota: Ancião não me queria morta até eu ser descongelada. Mas... Por que alguém me desconectaria? Para me matar? Mas por que eu? Eu sou, como o médico tão gentilmente assinalou, não-essencial.

E então outra questão, muito mais importante, se sobrepõe a todo resto. "E os meus pais? Quem quer que me desconectou vai desconectar meus pais?" Me lembro de sufocar no líquido criogênico; me lembro de acreditar que me afogaria naquela caixa. Não quero que meus pais sintam

o mesmo. Não quero correr o risco de perdê-los para sempre se suas caixas forem abertas tarde demais depois que o gelo derreter.

"Volte para seu quarto para descansar. Tente não ter esses pensamentos perturbadores. Você pode descansar segura que seus pais—e todo o resto dos congelados—estão protegidos. Ancião cuidará disso."

Estreito meus olhos. Duvido muito que o homem velho fará alguma coisa para ajudar os outros. Ele provavelmente acha que colocar guardas em volta das câmaras criogênicas seria muito "distúrbio". E com sua insensibilidade, eu não me surpreenderia muito se descobrisse que ele me desconectou apenas para ver se isso me mataria.

Mas eu não consigo pensar aqui. Não consigo descobrir o que fazer. Mesmo que eu não queira descansar, preciso estar em algum lugar sozinha com meus pensamentos. Então, eu vou.

Uma pilha de flores esmagadas está ao lado da minha porta. Eu me inclino e as pego. As flores me lembram de lírios, mas são maiores e mais brilhantes que qualquer lírio que me lembro da Terra. Mesmo elas estando destruídas, uma parte de mim quer colocá- las em uma vasilha com água —elas são bonitas e sua fragrância é doce. Entretanto, no fim das contas, eu me levanto e deixo as flores destruídas no corredor. Elas me lembram muito eu mesma.

18

Velho

"Oh, ai está você," Ancião diz casualmente enquanto escala a portinhola que conecta o Nível dos Protetores ao Nível dos Embarcadores.

Deito no frio metal que cobre o chão abaixo da tela de metal que esconde as estrelas falsas. Minha cabeça está latejando graças à pequena brincadeira do Ancião. Nunca na vida tive uma dor de cabeça tão ruim antes. Toda vez que deixo minha cabeça girar sob o chão, parece que uma tonelada de peso está caindo ao redor, batendo contra meu crânio, transformando meu cérebro em um mingau inútil. Tento ficar parado.

"Essa foi uma coisa feia de se fazer," murmuro, pressionando as palmas de minhas mãos sobre a testa.

"O quê? Oh, a coisa com o som. Bom, da próxima vez não ignore minha ordem."

"Eu posso se eu quiser!" Sei que isso soa infantil, mas mal consigo ver com essa dor. Olho para o maçante teto de metal, grato pela tela de estrelas estarem bloqueada da minha vista. Só de pensar nas pequenas alfinetadas da luz das estrelas faz minha cabeça doer ainda mais.

Ancião caminha através do Salão Nobre para sua câmara, entra, e retorna pouco depois com algo em mãos. Ele o estende para mim. Um instrumento médico cor de lavanda. Rasgo para abri-lo e aplico direto em minha testa, a pequena agulha atingindo minha pele como velcro. Respiro fundo, esperando meu remédio fazer efeito e facilitar minha pulsação, a cabeça latejando.

"Que isto seja uma lição," Ancião diz. Sua voz ecoa através do Salão Nobre. Não há necessidade de ele gritar—só há nós dois aqui. Pergunto-me se ele está falando tão alto só para agravar minha dor de cabeça. "O trabalho de um Ancião é prevenir a discórdia. Através dos séculos, nós aperfeiçoamos a prevenção da principal causa de discórdias ao eliminar as diferenças."

"Eu sei," gemo, enfiando o remédio ainda mais fundo em minha testa. Eu realmente preciso de uma lição agora?

Ancião começa a se agachar ao meu lado, mas seu joelho estala, então ele se ergue e circula ao meu redor ao invés, controladamente. "Você não vê?" ele finalmente diz, exasperado. "Essa garota não poderia ser mais diferente!"

"E?"

Ancião eleva as mãos. "Caos! Discórdia! Brigas! Ela não é nada além de problema!"

Arqueio uma sobrancelha, grato pelo remédio estar finalmente começando a me fazer sentir normal novamente. "Está sendo um pouco dramático, não acha?"

Ancião abaixa as mãos e me encara. "Ela pode arruinar essa nave."

"Ela é só uma garota."

Ancião grunhe.

"Espera..." digo, me ergo, e o encaro. "É isso, não é? Ela é uma garota, e ela tem a minha idade. Você tem medo que nós..." Meu rosto cora com o pensamento. Se o Ancião tem medo do que Amy e eu podemos fazer juntos, bom, para ser honesto, essa é uma possibilidade que eu anseio.

"Não seja tão besta," Ancião ri, e meu rosto fica ainda mais quente. "Não estou nem um pouco preocupado com isso."

Balbucio enquanto salto. Ele pensa que eu não poderia? Sei que não tenho idade o suficiente para minha Temporada ainda, mas também sei que sou mais do que capaz.

Quando eu olho para Amy... Sei o que eu gostaria de fazer com ela, e sei que eu poderia. Como ele se atreve a pensar que eu não conseguiria!? Não sou a criança que ele pensa que sou!

"Você está perdendo o foco," Ancião diz movendo os dedos na frente de meu rosto. "Isso tudo é irrelevante. O ponto é, essa garota vai causar problemas."

"Bom, o que você pretende fazer sobre isso?" pergunto, voltando para o chão.

Ancião me avalia. "Você vai ser o próximo Ancião. O que você faria sobre isso?"

"Nada." Inclino meu rosto para ele. "Ela não está machucando ninguém. Ela vai ficar bem."

"Um Ancião nunca pode não fazer 'nada'." Ancião está usando esse pequeno sorriso maroto no rosto, que me faz ter vontade de socá-lo. Antes

que eu possa pensar em algo inteligente para retrucar, Ancião ergue um dedo para mim e se vira, pressionando seu botão wi-com.

"Hmmm," ele diz a quem quer que esteja em contato com ele. "Eu vejo. Sim, é claro."

Ele se vira para mim. "Estou indo para o Nível dos Embarcadores. Fique aqui e leia mais sobre os líderes da Terra-Sol. Deixei um flexível para você no Centro de Aprendizagem."

"Mas..." Ancião tem estado no Nível dos Embarcadores esses dias mais do que ele costumava ficar. "Está tudo bem?"

Ancião me dá um olhar avaliador. Pesando se eu sou digno ou não de ouvir seus pensamentos, dividir seus problemas. E eu vejo ali, no peso sobre seus ombros, a forma desconfortável que ele desliza a perna, que ele manca adiante. Ele pode sentir o peso do navio sobre ele, assim como eu pude. Não... Ele sente mais. Ele tem carregado esse peso há mais tempo que eu, e ele o tem carregado não só por minha causa, mas pelo Velho que veio antes de mim e morreu sem poder levar adiante.

Por um momento vejo Amy através de seus olhos: como um problema.

"Nós precisamos ter uma conversa quando voltarmos." O tom do Ancião agora é sério, desconfortável. Ele muda o peso em seus pés, mas não vai adiante.

"Sobre o quê?"

"A Temporada está chegando..."

"Oh." Eu já sabia sobre a Temporada. Quando vivi no Nível dos Alimentadores era fácil descobrir sobre o que se passava entre um homem e uma mulher. Vi isso com as vacas quando morei no rancho; com as cabras na fazenda; com as ovelhas perto dos campos. Eu teria que ser estúpido para não entender o que os animais faziam. Várias das mulheres que me mantiveram durante meu tempo no Nível dos Alimentadores me explicaram sobre reprodução. Naquela época pareceu um pouco desconfortável e bruto, mas todas me asseguraram que quando a Temporada chegasse, eu estaria pronto e uma mulher da geração de Harley teria uma segunda Temporada comigo. Desde que conheci Amy, penso que sei sobre a que eles se referiam quanto a estar pronto.

"Durante a Temporada, você vai ver, err..." A voz do Ancião trava.

"Eu sei o que a Temporada é," digo. Estou tão desconfortável quanto ele. Foi ruim o suficiente aprender sobre reprodução com uma matrona

fazendeira, pior ainda ouvir do Ancião.

"Ainda assim, nós deveríamos conversar..." Dessa vez Ancião é interrompido por seu wi-com. Ele pressiona o botão e diz algo suavemente, então eu não o ouço.

"Ei," digo. "EI."

Ele ergue um dedo me dizendo para lhe dar um segundo, e murmura mais em seu wi-com.

"Pare de me ignorar," digo alto.

Ancião assente e desliga. "Tenho que ir."

"Você não vai me dizer sobre o que era tudo isso?"

Ancião solta um suspiro, como se eu fosse uma criança a perturbá-lo.

"Olha," digo. "Estou cansado de segredos."

"Certo," Ancião diz, caminhando de volta à escotilha com seu andar irregular. "Você estude; nós conversaremos quando eu voltar." Antes que eu possa protestar, ele se foi.

O instrumento médico funcionou como deveria: boa parte da minha dor de cabeça se foi. Embora eu não goste da ideia de quão fácil seria para Ancião fazer isso novamente. Talvez eu devesse manter alguns desses comigo.

Meu primeiro pensamento é de ir para o Hospital. Onde todos os medicamentos do navio estão estocados. Doutor os mantém trancados, mas se Orion conseguiu pegar alguns medicamentos mentais extras, não deve ser tão difícil para eu conseguir alguns desses. Mas, novamente, foi isso que me pôs em problemas em primeiro lugar. Então penso sobre a câmara do Ancião. Sei que ele guarda medicamentos extras lá.

Mas fazer isso significa entrar no quarto do Ancião, quebrando a indiscutível lei de privacidade.

Talvez eu tenha testado as fechaduras das portas do quarto andar do Hospital (ok, certo, eu invadi), mas nunca entrei no espaço privado de alguém sem ter permissão antes.

Mas então me lembro do conselho de Orion. Com o Ancião, para ter o que eu quero, tenho que ser sorrateiro.

Digo a mim mesmo enquanto caminho em direção ao quarto do Ancião que vou apenas girar a maçaneta, nem sequer vou abrir a porta, mas enquanto mentalmente repito essas palavras, me dou conta de que estou mentindo para mim mesmo para não perder a coragem.

Minha mão treme quando me aproximo.

"Link de comunicação: Harley," chia a agradável voz feminina de meu wi-com.

"Oi, Harley," digo esperando que o tremor em minha voz não atravesse o wi-com.

"O que houve de errado com você mais cedo?"

"Depois te conto."

"Quem é a garota nova? De onde ela veio? Pensei que Doutor já havia identificado todas."

"Estou ocupado, Harley."

Harley responde com uma risada. "Ocupado! Há! Você só quer mantê-la para si!"

Isso está muito próximo da verdade, então eu desligo a chamada.

A porta do Ancião está à minha frente, zombeteira.

Dessa vez minha mão não treme. A porta desliza abrindo. Embora haja uma antiga fechadura da Terra-Sol construída na porta, Ancião esqueceu—felizmente—de trancá-la.

Olho ao redor. Isso não era o que eu esperava. Ancião é meio bagunceiro. Como eu. Sorrio. Andando através de uma pilha de roupas sujas, faço meu caminho para a parte mais limpa do quarto—a mesa. Há apenas três coisas sobre ela: uma pequena e escura garrafa plástica semelhante à que Doutor usa para os remédios, uma grande garrafa de vidro preenchida com um líquido claro, e uma caixa. A caixa eu reconheço: a que Ancião veio buscar no outro dia, antes de eu abrir o dossel e revelar um céu com falsas estrelas. Essa é a caixa que eu estava tentando olhar dentro no dia—essa é a caixa que eu pensava possuir todas as respostas para a minha liderança.

Rasgo a parte superior da caixa esperando... Algo brilhoso, pelo menos. Mas tudo que tem dentro é um modelo de escala feito de resina que lembra um motor, mas é mais cilíndrico que os que os tratores usam no Nível dos Alimentadores. A réplica é fascinante em relação aos detalhes. Quando eu pressiono o botão de um lado, o motor se parte ao meio expondo o que tem dentro. Pego as peças. Com base nos meus estudos, acho que esse é um reator rápido refrigerado a chumbo, o mesmo tipo de motor que Goodspeed usa. Mas se for, isso é o mais perto que eu já estive do coração do navio que um dia irei liderar.

Fecho o motor, talvez com mais força do que eu deveria.

Isso é só mais um segredo que Ancião esconde de mim.

Examino as garrafas sobre a mesa. A grande está cheia com um líquido que cheira como fumo—a bebida que alguns dos Embarcadores fazem. Ancião nunca me deixou prová-la. Quando eu o tomo, no entanto, quase cuspo tudo de volta sobre a cama desarrumada do Ancião. Minha garganta queima, e todos os pequenos pelos em meu nariz estão arrepiados. Quando atinge meu estômago, eu sufoco.

A pequena garrafa contém vinte, ou quase isso, cápsulas de remédio mental.

Bom, agora eu sei por que Doutor e Ancião não me deixaram desistir de ser Velho depois de ter começado a tomar pílulas inibidoras. Ancião é tão louco quanto eu! Seguro a garrafa contra minha mão. Ancião sabia quão chateado eu estava quando Doutor me fez ficar na Enfermaria pelo ano. Eu costumava lutar tão duramente contra tomar pílulas.

Por que ele simplesmente não admitiu que tomava remédios mentais também?

Odeio seus segredos e mentiras.

Fecho a porta atrás de mim e vou para meu próprio quarto atrás de um copo de água—um velho remédio para nervos, segundo as Alimentadoras idosas.

Boa coisa, também—um momento depois, Ancião dispara através da escotilha me chamando.

"Venha comigo," ele diz. "Nós temos um problema."

19

Amy

Tudo no quarto que me foi dado pelo médico é uma mistura estranha de pessoal e industrial. As cores são suaves—cinza e branco—mas alguém estampou heras em um verde descascado ao redor da moldura da porta e pintou à mão uma videira de flores ao longo do rodapé. O banheiro anexo é frio e decorado com azulejos brancos e cromo, mas as toalhas cheiram a limão e lavanda.

O melhor jeito de limpar minha mente de todos esses pensamentos perturbadores é tomar um banho, o mais quente que posso suportar. Eu tiro as roupas que o médico me deu mais cedo. Elas são em tons de marrom, uma túnica marrom-acinzentada clara e sapatos marrom-chocolate. Acho que elas são feitas à mão. Embora a costura seja uniforme e limpa, não é feita em máquina. O tecido é suave e não pinica, mas há minúsculos furos e imperfeições na fabricação que sugerem trabalho manual, não manufaturado. Isso é tão estranho. Eu meio que esperava roupas espaciais e material brilhante. No fim de semana antes de sermos congelados, mamãe, papai e eu ficamos acordados a noite inteira assistindo filmes antigos de ficção científica—Star Trek, Star Wars e Star-alguma outra coisa. Eu vi todos usando uniformes ou cabelos loucos e tal, mas eu estou usando o tipo de coisa que poderia ter sido feito para uma Feira Renascentista.

Leva um tempo para eu entender o chuveiro. Há botões, não registros, e mais vapor do que água jorra da rede de fios quadrados embutida nas paredes do banheiro. Dois sabonetes em barra estão alinhados em uma pequena prateleira perto da parte de cima do chuveiro. Não há frascos de xampu ou condicionador, mas o sabonete em barra circular faz espuma em meu cabelo quando o experimento.

Aperto vários botões, tentando descobrir como conseguir água de verdade—o vapor não está tirando a espuma do meu cabelo. De repente, eu aperto o botão certo, e um jato de água fria sai de uma abertura próxima ao meu rosto. Eu cuspo, e por um momento terrível, o chuveiro me lembra de quando Ed e Hassan encheram a caixa de vidro com líquido criogênico

antes de eu ser congelada. Tenho que lembrar a mim mesma que não estou me afogando, que não tenho que respirar o líquido, que não serei congelada novamente. Isso ocorreu há séculos atrás, mas a memória ainda está fresca para mim. Meus joelhos oscilam. Tenho que me inclinar contra o azulejo aquecido por alguns minutos, respirando profundamente, antes de conseguir ficar de pé sozinha de novo.

Quando saio do chuveiro, entro em meu quarto, com uma toalha enrolada ao redor do meu corpo e meu cabelo pingando. Está muito quieto e solitário. Penso novamente no garoto que estava aqui quando acordei, Velho, e me surpreendo em perceber que realmente sinto sua falta. Agora que ele se foi, esse quarto faz com que eu me sinta uma intrusa.

Enrolo minha toalha mais forte ao meu redor. Nada aqui é pessoal, além da hera decorando a moldura da porta em uma pintura verde desgastada. Nenhum livro, nenhuma TV. Há uma mesa e sobre ela um pedaço de plástico mole aproximadamente do tamanho e da espessura de uma folha de papel oficio. Quando eu estava na equipe do livro anual no ensino médio, eu tirei a foto do clube de teatro. Eles todos posaram com essas coisas que são chamadas de filtros coloridos—na verdade pedaços finos de plástico que podem ser presos nas luzes do palco para mudar a cor. Esse pedaço de plástico na parede é exatamente como os filtros coloridos, mas transparente, e quando o toco, a tela se acende, exigindo minha identificação. Isso é um computador?

Na parede oposta há uma estante e, à direita dela, uma porta. Do lado da porta, onde deveria estar um interruptor de luz, há um pequeno quadrado de metal em relevo com uma barra. Eu a pressiono. Nada acontece além da barra voltar ao lugar.

"Identidade desconhecida." Uma voz feminina metálica emana por todo o quarto. "Comando de voz."

"Hum," eu digo,

"Comando desconhecido," a voz do computador diz. "Comando imediato: luzes, porta."

"Apagar as luzes?" eu tento.

As luzes do quarto se apagam.

Rolo meu dedo na barra novamente. "Identidade desconhecida. Comando de voz."

"Acender as luzes," eu digo, e as luzes voltam a se acender.

Ao lado da barra de rolagem que controla as luzes, há dois retângulos de metal inseridos na parede, um do tamanho aproximado de um post-it e o outro maior, com quase o mesmo tamanho e formato de um envelope. À medida que me aproximo, percebo um pequeno botão abaixo de cada retângulo. Pressiono o botão abaixo do retângulo menor, e o metal desaparece, mostrando uma cavidade larga o suficiente para colocar apenas dois dedos dentro. Está vazia. Quando pressiono o botão abaixo do triângulo maior, entretanto, a porta não se abre. Pressiono novamente, mais forte. Um fraco beep! ecoa pelo quarto silencioso. Tenho tempo suficiente apenas para ficar em pânico—será que fiz algo idiota? Ativei um alarme?— quando a porta se abre.

Atrás da porta há outra cavidade, exatamente como a menor. Mas não está vazia. Dentro há um pão gorduroso e fumegante, escorrendo um pouco do lado. Me lembra um Hot Pocket, mas um Hot Pocket nunca cheirou tão bem. Coloco minha mão lá dentro, minha boca já se enchendo de água. O fundo da cavidade se solta quando eu o toco—um guardanapo. A massa está quente e não consigo resistir—como três ou quatro pedaços antes de realmente sentir o gosto.

Mas uma vez que sinto o gosto, fica difícil engolir. É uma torta de carne, cheia de molho e alguns vegetais que não reconheço. Mas as coisas redondas verdes que parecem com ervilhas são maiores e mais duras que qualquer ervilha que já experimentei. E os pedaços grandes que achei que fossem batatas não são batatas de jeito nenhum. São alguma coisa parecida com tofu, porém mais grossas, e quando sugo o molho de um pedaço, parece borracha em minha língua e tem o gosto quase bom. Há muito pouco tempero na torta de carne—sal definitivamente e alguma coisa doce, como canela, mas não pimenta do reino, nada com sabor forte.

E a carne... Não é nenhuma carne que eu conheço. Carne vermelha, mas totalmente sem gordura. Cada pedaço é um cubo perfeito, e não posso evitar me perguntar—será que ela é desse jeito porque um cozinheiro habilidoso a cortou, ou porque não é realmente carne? Imagino bandejas cheias de gelo, mas não feitos de água e sim de uma gosma vermelha substituta da carne; tenho uma ânsia e jogo os restos da torta dentro de uma pequena vasilha próxima a porta, que parece ser uma lata de lixo. Logo que os restos se depositam na lata de lixo, o fundo dela se abre revelando um longo túnel escuro que suga a torta de carne e o guardanapo.

Nada sobra além de um sopro de vapor no retângulo de metal próximo a porta e um cheiro de molho não temperado no ar, que ao mesmo tempo é estranhamente familiar e completamente alienígena.

Balanço a cabeça. Essa tecnologia é melhor do que qualquer coisa na Terra. Outro sinal de que não pertenço a esse lugar.

Queria ter alguém com quem compartilhar todas essas descobertas. Meus olhos se movem para a cadeira e quase posso ver Velho sentado ali. Velho, com seus olhos simpáticos. A única pessoa na nave que parece não me querer fora dela.

Penso em meus pais. Eles estão na nave também, mas eles estão a cinquenta anos de distância.

Fecho meus olhos firmemente e me obrigo a não pensar mais.

E então eu penso sobre como fui desconectada e como eles podem ser também.

Sinto um calafrio, e digo a mim mesma que é apenas porque está muito frio aqui. Há um guarda-roupa na parede mais distante, ao lado de um grande pedaço de metal pendurado na parede que acho que cobre a janela—a luz escapa nas extremidades ao seu redor. As roupas ali dentro cheiram a mofo, mas quando eu sacudo algumas delas, elas parecem estar limpas e serem do tamanho certo. Não consigo achar um sutiã em nenhuma das gavetas, mas uma delas está cheia de calcinhas de algodão. Sinto-me um pouco enojada, por colocar calcinhas que eu não sei de onde vieram, ou se alguma vez já pertenceram a outra pessoa, mas elas não parecem velhas ou usadas. Deixo a toalha cair no chão e me enfio dentro de uma túnica marrom e um par de sapatos escuros, ambos decorados nas bainhas com pequeninas flores amarelas pintadas. Quando eu solto a toalha dentro do cesto próximo ao guarda-roupa, a tampa se fecha. Um sopro de vapor sai por baixo da tampa, e então o cesto se abre. A toalha ali dentro está seca e limpa.

Há muitas coisas sobre essa nave que não sei. O que eu devo fazer primeiro é: encontrar outros, aprender sobre a nave e descobrir o que fazer para proteger meus pais de seja lá quem me desconectou. Porque mesmo que eu os queira mais do que tudo aqui agora, não quero que eles acordem frios, sozinhos e se afogando embaixo de um vidro.

Um feixe de luz cruza o carpete abaixo do pedaço de metal quadrado pendurado na parede ao lado do guarda-roupa. Quando toco o fino metal

elevado, ele se movimenta, revelando uma janela suja e manchada com vista para campos verde-brilhantes.

Então é nesse lugar em que passarei meus próximos 49 anos e 266 dias.

Não é feio. Não é o que eu esperava. Existe verde aqui. Colinas espalham-se do gramado do Hospital, descendo em direção a uma estrada de terra empoeirada. Os pastos e campos são divididos por sebes verde-escuras ou por cercas marrons. As vacas estão mais próximas, e eu presumo que os pontos brancos peludos mais abaixo são ovelhas ou cabras. Fileiras de plantas verdes vibrantes se espalham como uma colcha de retalhos. E mais longe, na extremidade, há algo que parece com legos enormes empilhados—vagões de carga de trens ou reboques de grandes caminhões empilhados uns sobre os outros em fileiras, cada uma pintada de uma cor brilhante diferente. A pilha confusa de cores me lembra vagamente de Walt Disney World. Quando eu era mais nova e morei na Flórida, meus pais me levavam lá todos os verões. Parecia enorme, gigante, como se fosse um país inteiro em um parque temático, mas, percebo chocada, que o castelo da Cinderela caberia nessa bolha de metal, e que esse Nível é facilmente cinquenta vezes maior do que o Magic Kingdom inteiro.

Tento contar os trailers, mas não consigo. Quantas pessoas vivem nessa nave? Há lugar ali para no mínimo duas mil.

Será que o Velho vive em uma dessas caixas coloridas?

Meus olhos vagam em direção ao horizonte.

Não há linha do horizonte. Porque não há céu. O metal frio cinza se estende acima das caixas pintadas brilhantes. O metal se curva sobre a cidade, arqueando sobre tudo. Próximo ao topo, uma pálida sombra azul substitui o cinza. Suponho que eles estivessem tentando fazer aquilo parecer com o céu, mas eles não fizeram um bom trabalho.

Bem no meio há uma bola de luz amarelo-alaranjada. Não arde olhar para ela, como arderia olhar para o sol, mas ainda é doloroso. Talvez se eu nunca tivesse visto o sol, me impressionaria com essa brilhante fonte de luz e calor feita pelo homem. Mas eu vi o sol, e não é essa coisa minúscula falsa, é muito mais grandioso que isso. Eu o encaro até meus olhos lacrimejaram, e quando eu pisco, mantenho meus olhos fechados mais tempo do que eu precisaria.

Imagens de luzes quebradas dançam atrás das minhas pálpebras. Como essa lâmpada gigante pode ser comparada ao sol?

Tudo está errado aqui. Destruído. Quebrado.

Como a luz.

Como eu.

Nunca pensei sobre a importância do céu até eu não tê-lo mais.

Estou cercada por paredes.

Apenas substituí uma caixa por outra.

20

Velho

Ancião e eu não conversamos enquanto descemos no elevador para o nível Crio. Nós particularmente não falamos sobre como o relógio sobre a mesa no quarto andar estava aberto e esmagado, espalhando seus cacos sobre o chão. Quebrado. Inútil.

Quando a porta abre, as luzes já estão acesas.

"Aqui atrás!" a voz de Doutor nos chama.

Ancião caminha com passos longos, embora não combine com sua mancada, e tenho de me apressar para alcançá-lo à medida que descemos o corredor passando pelas portas numeradas. Busco a Número 42, mas estamos indo rápido demais para que eu possa encontrá-la sem parar.

Nós viramos no final e começamos a passar pelas numeradas 75-100.

Uma das pequenas portas está aberta. A maca já foi estendida e uma crio-caixa está sobre ela. Doutor está parado em frente dela, suas costas viradas para nós, inclinado sobre a caixa, mas mesmo que ele bloqueie nossa vista, posso dizer que algo está errado.

Ancião não hesita quando nos aproximamos.

Eu sim.

O homem dentro da caixa está morto, flutuando na água com bolhas azuis. Seus braços estão dobrados, seus dedos curvados como garras, e eu sei que ele morreu tentando escapar da caixa com o criolíquido derretido. Eu sei por que seus olhos estão abertos e sua boca está escancarada, e sua face está contorcida por raiva e derrota. Há uma piscina com líquido crio azul brilhante no chão abaixo dele, e marcas vermelhas em sua garganta pálida demais.

Ancião e Doutor erguem a tampa juntos. O homem morto ali dentro flutua, seus dedos e nariz e joelhos surgindo sobre a viscosa camada de água.

"Quem era ele?" pergunto.

"Número 100." A última caixa no corredor, a última pessoa a ser criogenicamente congelada.

Isso não significa nada para mim, mas Ancião prende o ar. Doutor assente para ele de modo conhecido.

A cabeça do homem morto submerge e eu pulo assustado. Mas Doutor está apenas puxando os tubos da boca do homem. A cada puxão, seu corpo convulsiona violentamente. Água espirra da caixa. Dou um passo para trás, mas ainda espirra sobre minhas botas. Vou até a mesa no final do corredor e pego o flexível de Doutor, correndo o dedo sobre a borda para ligá-lo. A tela brilha. Ponho meu polegar sobre o scanner no canto e uma mensagem aparece: "Controle Ancião/Velho: acesso total garantido". A tela se enche com imagens—ícones, pastas, notas. Procuro pelo número 100, e depois de procurar um bocado, encontro: o arquivo do homem morto.

NOME: WILLIAM ROBERTSON
NÚMERO: 100
OCUPAÇÃO: ESPECIALISTA EM LIDERANÇA
STATUS: ESSENCIAL PARA ORGANIZAÇÃO OFENSIVA
EXPERIÊNCIA ANTERIOR: FUZILEIROS NAVAIS DOS ESTADOS UNIDOS, ATIVO NA GUERRA...

Ancião arranca o flexível de minhas mãos. Com um deslizar de dedos, ele desliga a tela.

"Preste atenção," diz ele. Ele move a cabeça em direção a Doutor, que finalmente está alcançando o fim do tubo. Um pequeno painel elétrico sai da boca do homem morto, e ele afunda ainda mais sob o líquido crio.

"Então?" questiona Ancião. "Foi uma pane? Outra?"

"Dê-me um minuto." Doutor está inclinado sobre a caixa elétrica. Ele pressiona um botão e uma porta se abre. Ele tira dali um objeto metálico redondo que repousa sobre a ponta de seu dedo. Ancião estica para Doutor o objeto que acabou de pegar de mim, e Doutor coloca o chip de computador nele.

"Bom?"

"... Foi desligado." A voz de Doutor é oca.

"Desligado?"

"Do que você está falando?" pergunto.

"Isso." Doutor aponta para a caixa preta que pisca próxima do caixão. A luz pisca vermelha. "Alguém abriu a tampa e moveu o

interruptor." Ele dá um olhar para Ancião. "Alguém com acesso."

"Isso foi feito de propósito?" Pergunto, mas suspeito que já sei a resposta.

Doutor encara e eu espero que a raiva em seus olhos não seja direciona a mim. "Alguém desceu aqui. Puxou esta gaveta. E desligou o interruptor. Então foi embora enquanto o criolíquido derretia, foi embora enquanto esse homem ali dentro lentamente renascia, e lentamente morria afogado em seu próprio líquido."

Desejo olhar para longe de Doutor, mas para onde mais eu poderia olhar? Ancião cuja raiva está queimando através de seus olhos em sua face de pedra? Ou o homem morto com olhos abertos que brilha sob o crio líquido azul?

"Quem faria isso?" Pergunto.

"Quem poderia fazer isso?" Ancião pergunta, sua profunda voz rugindo atrás de mim como o estrondo das máquinas de centrifugar dos laboratórios.

"Poucas pessoas sabem sobre esse andar," Doutor diz. Ele olha para longe, e eu já posso vê-lo mergulhando na máscara de cientista-médico, aquele frio e calculista, aquele que ele usa quando dá um diagnóstico. "Nós," ele diz, olhando para mim e para o Ancião, um de cada vez. "Mas também alguns cientistas. Os que trabalharam no..."—ele pausa, move seus olhos do Ancião para mim—"no outro laboratório, eles sabem, claro."

Outro laboratório? Penso, lançando um olhar a Doutor. Engulo a pergunta—tenho de ter cuidado com o que falo, ou eles não irão me contar nada. "Por quê?" pergunto ao invés. "Quem se importa com quem sabe sobre esse lugar... Por que alguém iria querer fazer isso? Por que alguém intencionalmente iria matar alguém que está congelado?"

Silêncio.

Então: "Por que isso aconteceu não importa. O que importa é encontrar quem... E lidar a partir daí." A voz do Ancião é fria e horrível.

"Mas... "

Doutor passa à minha frente, afastando-se um pouco do Ancião. "Prometa-me," ele solta. "Prometa-me que isso não é algum tipo de teste doentio que você criou para o Velho."

Ancião lança um olhar sufocado e de nojo para Doutor, como se fosse uma afronta de Doutor sequer pensar isso.

Mas ele não responde.

"Vamos nos encarregar disso," Ancião diz a mim. Ele passa por Doutor e mexe em um trinco próximo da mesa que eu não havia notado antes. A mesa se afasta da pequena porta que mantinha a caixa do homem morto, e Ancião desliza pelo corredor. O criolíquido se move para frente e para trás com seus passos, espirrando bolhas de um líquido brilhante sobre o chão. Posso ouvir uma batida suave, rangido, do corpo acertando o vidro, movido pelo líquido.

"Vamos," Doutor diz. Nós seguimos os pingos do líquido como pedaços de pão daquele conto infantil da Terra-Sol.

Passamos por fileiras e fileiras de pequenas portas. Passamos três fileiras de armários com cadeados metálicos, cada um com uma simples combinação para trancar a porta. Passamos uma série de mesas com papéis e diagramas sobre elas. Descemos o corredor. E no fim do corredor: um alçapão, feito de metal grosso pintado de um amarelo maçante, com uma janela redonda de vidro no centro.

A fechadura da porta parece velha—é um teclado, não um scanner para o polegar. Deve ser original da nave; nós a melhoramos um bocado com o passar dos anos. Observo enquanto Ancião digita o código. É simples o suficiente para lembrar: Goodspeed.

Ancião oscila para abrir a porta e desliza a mesa para dentro.

"O que você..." começo, mas Ancião já levantou a ponta da mesa e deixou a pesada caixa de vidro com o corpo dentro deslizar e acertar o chão. Senhor William Robertson, Número 100, salta enquanto metade do líquido escorre. Seu corpo pende sobre a borda da caixa, torcido em uma posição que teria doído se ele ainda estivesse vivo. Seus olhos abertos encaram o teto, e suas mãos enrolam a partir do chão.

Ancião me empurra de volta para o corredor e bate a escotilha, fechando-a atrás dele.

"O que você está fazendo?" pergunto novamente.

Ancião pressiona os botões novamente, o grande botão vermelho sem nenhuma marca nele.

Através da janela de vidro, posso ver a escotilha meio aberta na parede oposta, e então Sr. William Robertson, Número 100, é sugado para fora, para as estrelas. E eu as vejo—as estrelas—estrelas reais, milhões de pontinhos de luz, como glitter lançado no ar por uma criança. Agora que eu as vi, não posso mais ser enganado por lâmpadas novamente.

Essas estrelas, essas estrelas reais, são a coisa mais bonita que eu já vi. As estrelas me fazem acreditar que há um mundo além dessa nave.

E só por um momento, invejo o Sr. William Robertson, Número 100, que está flutuando em um mar de estrelas.

21

Amy

As paredes do quarto desabam ao meu redor. Sem perceber, eu começo a caminhar para frente e para trás, para frente e para trás, mas esse quarto é muito pequeno para me conter. A janela é sólida, grossa e não pode ser aberta. Começo a alongar os músculos da minha panturrilha sem reparar no que estou fazendo. Meu corpo decide por mim: eu preciso correr.

Eu não estava brincando quando disse ao médico que gostava de correr. Me juntei ao time de cross-country quando era do primeiro ano, mas o que eu realmente queria era correr maratonas. Jason costumava rir de mim—ele nunca conseguiu entender por que alguém iria querer correr quando existiam videogames para jogar ou TV para assistir. O mais perto de se exercitar que ele chegou foi em jogos de realidade virtual.

Eu sorrio, mas quase ao mesmo tempo em que os cantos da minha boca se curvam para cima, eles afundam novamente.

Não posso me permitir pensar em Jason.

Eu preciso correr.

As roupas que estou usando são totalmente inadequadas para correr: calças largas e uma túnica larga combinada com sapatos finos do tipo mocassim. Eu sorrio. Minha mãe, pelo menos, estaria feliz. Eu sempre corri usando shorts realmente curtos e apertados e tops esportivos, e isso deixava ela louca. Ela dizia que eu estava atraindo o tipo errado de atenção, mas eu apenas usava essas roupas porque corria melhor com elas. Uma vez, nós tivemos uma briga sobre isso, uma verdadeira discussão com gritos e berros. Chegou a um ponto tão ruim que papai teve que pular no meio e dizer que eu poderia correr pelada se nós duas simplesmente nos calássemos. Foi o tipo de coisa tão idiota a se dizer que nós três apenas caímos na gargalhada.

Dói pensar sobre isso agora.

Na Terra eu tinha meias curtas e Nikes. Eu sempre corria com um enorme faixa no cabelo e música conectada em meus ouvidos. Esse guarda-roupa tem apenas mais roupas feitas à mão. Alongo meu pé—os

mocassins certamente não são tênis de corrida de 200 dólares, mas pelo mesmo tenho flexibilidade. Vão ter que servir. Eu tranço meu cabelo e amarro o fim da trança com um pedaço de cordão que arranco de uma das outras calças imperfeitas.

Dou um par de voltas erradas a fim de encontrar o caminho para fora, mas logo descubro uma grande sala com paredes de vidro e um par de portas pesadas de vidro. É uma sala comum; há mesas e cadeiras espalhadas causalmente ao redor. Há apenas uma pessoa na sala, um homem alto com bíceps tão grandes quanto a minha cabeça. Seu olhar me devora, e seus olhos demoram muito em lugares que não quero que ele olhe. O encaro de volta até ele se virar novamente em direção à janela, mas posso dizer que ele está observando meu reflexo. Não consigo respirar normalmente até a porta do elevador se fechar.

Ver o modo como o homem alto olhou para mim, me lembra do aviso do médico sobre deixar o Hospital.

Não. Não serei uma prisioneira.

O elevador tem botões para quatro andares, e eu estou no terceiro. Forço-me a lembrar disso, mapear em minha mente a localização do meu quarto. Não quero me perder e ter que perguntar a direção para alguém.

A porta do elevador se abre para uma sala de espera, onde uma enfermeira corpulenta está sentada em uma mesa, digitando informações em uma tela fina. Meus músculos estão esticados, prontos para partir. Já estou correndo antes de alcançar a porta, meus mocassins fazendo um leve pat pat pat no chão de piso frio.

O ar me acerta como uma parede, e eu paro a poucos passos da porta. Sinto-o processado, refrigerado contra minhas narinas, exatamente igual ao ar condicionado do hospital. Eu esperava refrigeração mecânica, industrial, do lado de dentro. O ar parecia natural, porque era como qualquer casa com ar-condicionado da terra, com sua refrescância falsa e levemente parada. Mas do lado de fora... O ar continuava o mesmo. Esse não é um ar que já teve uma brisa. Esse é um ar que foi utilizado e reutilizado por séculos. Respiro profundamente, mas não posso deixar de lado o fato de que ele ainda é inexpressivo, assim como ar de dentro.

Olho ao redor. O hospital se abre para um jardim de flores. O caminho sob meus pés não é feito de folhas naturais, mas de algum tipo de plástico-borracha. Piso na grama e corro um pouco no lugar, me aquecendo. Pelo canto dos meus olhos, posso ver o metal cinza das

paredes que se curva sobre esse nível da nave, aprisionando-nos dentro de uma bolha metálica.

Eu corro, de costas para a parede mais próxima, direto para os campos verdes. Esse nível da nave é grande, mas não tão enorme que eu não possa ver a parede do outro lado. Talvez três ou quatro quilômetros de diâmetro, menos do que a prova de 5 km que eu corri no cross-country. Ainda assim, é pequeno o suficiente para me fazer ficar claustrofóbica, mas grande o suficiente para que eu me maravilhe com seu tamanho.

Uma estrada passa ao redor, mas eu a ignoro. Corro através de milharais que são da altura dos meus ombros; corro ao longo da cerca pontilhada com pontos brancos felpudos: cabras e ovelhas que mantém distância da cerca baixa que circunda o pasto. Eu assusto um grupo de frangos gordos que passavam pelo meu caminho. Eles se agitam para cima, fazem barulho para mim, mas quando eu viro minha cabeça para olhar novamente, algum tempo depois, eles já me esqueceram.

Um brilho de suor pegajoso envolve meus braços, se acumulando nas dobras dos meus cotovelos e em meu pescoço. Aspiro o ar frio e reciclado. Posso quase imaginar que estou apenas em uma academia elaborada, que quando terminar de correr, posso ir embora, e mamãe estará lá, me esperando no carro, e nós poderemos ir para casa. Esse pensamento me faz parar e quase me põe de joelhos. Respiro profundamente, agora não por causa da corrida, mas porque se eu não respirar, vou começar a soluçar.

Eles estão tão perto.

E tão, tão longe.

Corro novamente. Não posso me permitir pensar nisso. Posso apenas correr.

Minhas pernas movimentam-se para cima e para baixo. Me forço a dar passadas cada vez mais largas, a usar meus braços para fazer meu corpo inteiro entrar na corrida. Meus músculos se estiram e queimam, mas eu aprecio a dor. Embora o médico deva ter feito alguma coisa para impedir meus músculos de atrofiarem, eles ainda parecem não- usados, não tão bem lubrificados como antes de eu ser congelada.

Viro uma esquina e vejo alguém ajoelhado no chão, debruçado sobre algumas plantas. Desacelero e o homem levanta a cabeça.

"Ei," ele diz, cumprimentando.

"Hum," eu digo.

Seus olhos vagueiam para cima e para baixo, absorvendo minha pele branca, cabelos vermelhos, olhos verdes e ele instantaneamente fica desconfiado. Posso ver no rosto dele—seus olhos se estreitando em suspeita, sua boca se aperta. Ele altera o modo como está segurando a espátula, e agora ela parece mais uma arma do que uma ferramenta de jardinagem.

Eu assinto e continuo correndo. Quando olho para trás, ele ainda está me observando, ainda agarrado à espátula.

Corra. Corra mais forte.

Quando eu atinjo aquele momento—quando todo o meu corpo está focado apenas em correr para frente—minha mente está finalmente em silêncio, posso esquecer tudo o que o médico disse, não tenho que lembrar tudo o que perdi e nunca terei novamente.

Esse é o barato. É a razão porque corro. A sensação de não ser nada além de movimento. Uma vez tentei explicar para Jason. Ele até mesmo foi em uma corrida leve comigo. Ele não entendeu, mas ele percebeu que eu gostava daquilo e isso era bom o suficiente. Nós caminhamos de volta para a casa dele após correr menos do que 400 metros. Nós não conversamos, apenas seguramos as mãos, e mesmo que eu não tivesse suado nada com aquela corrida de bebê, meu coração ainda estava acelerado quando olhei para ele...

Não pense nisso.

Não pense em nada.

Corra.

Minha trança grossa bate contra meu pescoço. Estou consciente de uma gota de suor descendo pelo meu rosto, nada mais. Eu paro quando os campos dão lugar ao cascalho, e depois ao pavimento. Essa é a cidade que vi da minha janela, embora ela seja significantemente menor do que qualquer cidade que já vi na Terra. Uma vez, mamãe deu uma palestra para o departamento de engenharia biológica da Universidade Estadual da Carolina do Norte, e eles nos levaram para um tour pelo campus. Essa cidade é aproximadamente do tamanho da parte velha do campus, com trailers de metal empilhados ao invés de dormitórios e construções da faculdade. Um fino tubo de plástico abraça a parede de metal curvada atrás da cidade. Encaro-o curiosa, arfando por causa da corrida, e então ofego em voz alta quando vejo uma figura zunindo para cima através do tubo. Um segundo depois, outra figura zune para cima. Pessoas—pessoas!—

estão sendo sugadas daquele tubo para outro nível da nave, assim como os tubos de dinheiro sugam nos caixas dos bancos drive-thru. Que legal! Deve ser igual a voar! Muito melhor que um elevador! Encaro o tubo, de boca aberta, por tanto tempo que não percebo como estou perto de outras pessoas, não até eu começar a ouvir seus cochichos.

Meu olhar desce das pessoas no tubo para as pessoas que lentamente estão começando a se juntar ao meu redor. Uma dúzia, mais ou menos. Meus olhos se movimentam para os trailers. Há, no mínimo, umas duzentas pessoas nas ruas da cidade improvisada. Me sinto totalmente em desvantagem.

Eles são um pouco mais velhos que eu; devem ser a geração de vinte anos. Eles tem pele, olhos e cabelos escuros. E todos estão me encarando. Levanto a mão para meu cabelo vermelho suado e trançado, que brilha com esse falso sol. Minha pele clara reflete branco. Sou diferente deles de todos os jeitos. Sou menor, mais nova, mais branca, mais brilhante. Sou de outro mundo.

Até mesmo daqui, posso dizer que a primeira reação deles é cautela, também—mas há mais deles do que eu. Quero falar. Mas nenhum deles sorri para mim. Eles apenas encaram, silenciosamente, assustadoramente.

Meu coração se enche de um profundo e primitivo medo.

"Olá," eu digo, odiando o tremor em minha voz.

"O que você é?" um deles, um homem, pergunta. Não quem. O quê.

"Eu... Eu sou Amy. Eu, hum, vivo aqui agora. Não aqui, quero dizer, no Hospital." Eu aponto para a construção branca distante atrás de mim, mas não me sinto confortável em virar as costas para eles.

"O que há de errado com você?" o homem pergunta. Alguns outros assentem, encorajando-o a perguntar o que todos eles estão pensando.

Arrepio-me embaixo do suor frio. Eu os encaro. Eles me encaram. Nunca me senti mais diferente, mais como uma aberração—mais sozinha—do que agora. Mordo meu lábio. Essas pessoas não são nenhum pouco como Velho. Velho pode olhar minha pele e cabelo, mas ele não me encara com terror. Ele não me olhou como se eu fosse um espetáculo.

"O que está acontecendo aqui?" uma voz feminina rude pergunta. Uma mulher emerge dos campos em direção à cidade. Ela examina a multidão, seus olhos se demorando em mim. Ela é mais velha do que todos aqui, até mesmo do que o médico no Hospital, mas há uma vivacidade nela que falta em todos os outros.

Ela balança sua cesta enquanto caminha. Está cheia de brócolis tão grandes como melões.

A velha mulher para a alguns passos de mim, observando a multidão. Ela me olha uma vez, lentamente, da cabeça aos pés, depois encara o homem que falou comigo. "Tudo bem," ela diz em uma voz suave e arrastada. "Não há nada para ver aqui. Vamos lá, voltem para seu trabalho."

E eles voltam.

Eles não protestam. Eles não discutem. Eles apenas aceitam o que ela disse, e todos vão em volta. Eles nem mesmo conversam uns com os outros enquanto vão. Eles apenas se viram e vagam para longe.

"Agora," a mulher velha diz, voltando-se para mim, "Você está vivendo no Hospital, ouvi certo?"

Assinto. "Sim, quer dizer... Eu..." Eu tropeço em minhas palavras. Esse mundo é louco. Antes, um homem estava pronto para me atacar com uma espátula de jardinagem. Agora, uma pequena velha senhora é capaz, sozinha, de dispersar um grupo de pessoas que pareciam estar quase agarrando alguns forcados e tornando-se uma multidão perigosa.

A mulher levanta a mão para me parar. "Eu sou Steela," ela diz. "Não sei quem você é ou de onde veio. Mas me parece que isso é alguma coisa do Ancião. A maioria das coisas estranhas que acontecem aqui começa no Nível dos Protetores."

Ela... Ela não gosta do Ancião?

"Eu não quero me envolver com nada disso. Já tive o suficiente dos experimentos do Ancião quando morei na Enfermaria. Trabalhei como supervisora dos agricultores por três décadas." Inconscientemente, há um tom de orgulho na voz de Steela. Ela para, me examinando. "Você não parece estúpida."

"Me... desculpe?"

"Você tem uma aparência estranha." Ela diz sem rodeios, e eu recuo. "Você ficará bem no Hospital. A Enfermaria é acostumada com coisas estranhas. Mas seja cuidadosa fora de lá. A maioria dos Alimentadores não sabe como reagir a algo estranho."

"Mas você... Tudo o que disse foi para eles irem embora, e eles foram."

Steela passa sua cesta de brócolis para seu outro braço. "O fato é," ela diz, "Eu sou uma deles. Você não é."

"E?"

Steela olha para as costas das pessoas que tinham se ajuntado em volta de mim a medida que eles desaparecem na cidade. "Você tem que entender. Os Alimentadores são pessoas simples. Se você complica o mundo deles, eles vão se livrar de você apenas para eliminar o problema. Por que você acha que eles perseguem qualquer pessoa com um pouco de criatividade e as reúnem em uma construção clara do outro lado da nave?"

Meu primeiro instinto é protestar, mas então me lembro do homem nos campos. O jeito como ele agarrou sua espátula, a lâmina virada para mim.

"É melhor você voltar para o lugar de onde veio," Steela diz. Sem olhar de volta para mim, ela continua o seu caminho para dentro da cidade. Ela caminha rapidamente e logo alcança o homem da multidão que falou comigo. Ele se vira assim que ela passa, e captura meu olhar.

Então ele começa a caminha de volta na minha direção.

Dou três passos para trás, quase tropeço, me viro e corro para longe o mais rápido que já corri. Não é mais minha corrida quilometrada de antes. Não estou regulando meus passos, contando minhas respirações, consciente das minhas passadas. Corro como se um monstro estivesse me perseguindo; corro como se eles estivessem me perseguindo. Não consigo ir suficientemente rápido. Atravesso o capim alto dos campos, as folhas finas cortando minha pele como papel. Eu quebro talos de milho à medida que atravesso os campos.

E corro, corro e corro.

Passo o hospital, através do jardim, passo um lago.

E chego na parede de metal frio.

Eu paro, engolindo o ar, meu coração batendo em meus ouvidos. Estico uma mão para cima e toco a parede. Meus dedos fechados em punho, mas minha mão cai fracamente ao meu lado.

E nesse momento eu percebo a verdade mais importante que existe nessa nave.

Não há para onde correr.

22

Velho

A porta da escotilha fecha. Atrás de mim, Doutor e Ancião estão falando em sussurros baixos, frenéticos.

"Você acha que foi—?"

"Isso não é possível."

"Será que ele sabe?"

Pausa.

"Claro que não."

"Você não—?"

"Claro que não."

Mas não consigo pensar em nada, a não ser nas estrelas.

É como se um pedaço da minha alma tivesse estado perdido, vazio, e é agora preenchido com a luz de um milhão de estrelas.

Elas são tudo o que eu tinha sonhado, mas nada do que eu esperava.

Como pude imaginar que as lâmpadas na Grande Sala eram estrelas?

Eu nunca, nunca mais serei o mesmo.

Eu vi as estrelas.

Estrelas de verdade.

23

Amy

Meu rosto está pressionado contra o metal, respirando a poeira acumulada nos rebites curvos ao redor da parede interior. Meus olhos queimam; minha visão está tão borrada que tudo o que vejo é o cinza do mundo de metal.

Algo dentro de mim se rompe.

Eu. Não posso. Fazer isso. Eu não posso. É muito. Essa—toda essa—vida—eu não posso. Eu apenas não posso. Ter que desistir de tudo, e ser abandonada com nada além dessa parede de metal...

Eu deslizo para baixo na parede levemente curvada, deixando um rastro de suor, lágrimas e ranho, mas não me importo. À medida que caio de joelhos, a terra úmida molha as minhas calças. Minhas mãos apertam o barro. Parece lama—lama real, verdadeira.

Mas não é.

"Você está bem?"

Um homem está parado no caminho que liga o Hospital à grande construção de tijolos mais para baixo.

Eu levanto minhas mãos imundas em frente ao meu rosto, a lama cai em amontoados dos meus dedos. Tento secar as lágrimas e o ranho do meu rosto, mas tenho certeza absoluta de que apenas fiquei totalmente enlameada.

Me seguro na parede para me levantar. "Você deve achar que sou louca," eu solto, tentando dar uma meia-risada.

"Acho que você está muito chateada," o homem diz, andando apressado para frente para me ajudar a levantar, "mas não que é louca. O que há de errado?"

Eu bufo. "Tudo."

"Não pode ser tão ruim."

"Realmente pode."

O homem fica ali, ignorando totalmente a lama que deixei em sua manga.

"Sou Amy, a propósito."

"Orion."

"Prazer em conhecê-lo." Quando digo isso, percebo que é verdade. Essa é a primeira pessoa na nave inteira que não me deixou com medo, ameaçou me matar ou ambos. Ele é mais velho, quase da idade do meu pai, e embora esse pensamento seja como uma farpa no meu coração, também é um pouco reconfortante.

Orion começa a me conduzir para a construção de tijolos, longe do Hospital. "Vamos te limpar antes de eu te enviar de volta para seu caminho. Afinal, o que você estava fazendo na parede?"

"Procurando um caminho para fora dessa nave," eu murmuro.

Orion ri, uma risada sincera e verdadeira que me faz sorrir também. Seus olhos se iluminam, me lembrando do Velho. Não muito pela sua aparência—todos parecem ser parentes nessa nave, com a mesma pele e o mesmo cabelo. Não... É a simpatia em seus olhos que me lembra do Velho.

Paro nos degraus da construção de tijolos. SALÃO DE ARQUIVOS está escrito em grandes letras brancas. Próximo às grandes portas está um retrato do Ancião. Seus olhos frios me seguem enquanto subo os degraus, e tento evitar seu olhar pintado. Orion se apressa a frente, dizendo algo sobre uma toalha.

Empurro a porta aberta atrás dele, e demora um momento para meus olhos se ajustarem a fraca luz interior.

Então eu a vejo.

Terra.

Não a verdadeira Terra, óbvio, mas um grande modelo de argila.

Me apresso para frente, meus olhos se esticando para o enorme globo de argila, pendurado no centro da entrada gigante. Há a América, há a Flórida, onde eu nasci, há o Colorado, onde conheci Jason. Minhas mãos tremem enquanto me estico para tocar a argila poeirenta e irregular, mesmo ela estando muito além do meu alcance.

Orion agarra minhas mãos e as esfrega em uma toalha com vapor quente, ligeiramente úmida. Parece que ele está arrancando minha pele, e quando eu puxo de volta e olho minhas mãos, elas estão vermelhas, mas limpas. Antes de eu poder dizer alguma outra coisa, Orion coloca a toalha em meu rosto e esfrega também. Ele está rindo, e então eu também rio—não sou tratada como uma criança precisando de um banho há muito tempo.

"Limpa novamente!" Orion diz alegremente, lançando a toalha para trás dele. Ele me dá um copo de água fria e eu bebo avidamente. Meus músculos parecem relaxar e eu finalmente começo a me sentir calma de novo. "Então," Orion diz, apontando a cabeça para a réplica, "você achou nosso modelo da Terra-Sol."

Por Terra-Sol, eu suponho que ele quer dizer Terra.

"E aqui," Orion acrescenta, "está Godspeed."

Eu não tinha reparado o pequeno modelo da nave feito para parecer com se tivesse decolado da Terra. É quase do tamanho da minha cabeça, enquanto o modelo da Terra é tão grande que meus braços não conseguiriam envolve-lo.

Eu agito levemente o modelo com minha mão. Ele balança, pendurado em seu fio, caoticamente fora da rota. Depois volta para o lugar, como se nada tivesse acontecido. É uma nave. Não pode ser incomodada.

"Tudo está melhor agora?" Orion pergunta, como se uma toalha aquecida fosse o suficiente para resolver qualquer problema.

"Ficarei bem," eu digo, mas nós dois sabemos que estou mentindo.

24

Velho

"Venha", Ancião demanda, e eu sei pela maneira como ele fala, como se fosse um mestre falando com um escravo, que ele quis dizer eu e não Doutor. Eu arranco meu olhar da porta da escotilha fechada e sigo Ancião.

Doutor vem, também, mas seus passos são comedidos, uma batida sinistra no chão.

Quando Ancião chega à mesa contra a parede no final das fileiras de crio câmeras, ele para e olha para mim com expectativa.

Meus olhos estão naquela mesa, lembrando-se de como Amy se encolhia em sua parte superior de metal frio, e como não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-la.

"Então?" Ancião exige, sua voz um latido curto.

"O quê?"

"Como líder, o que você faria nessa situação?"

"Hum... " eu digo, pego de surpresa. Típico do Ancião. É a cara dele jogar uma dessas para mim quando estou menos preparado para isso.

"Hum, hum!" Ancião zomba. "Seja um líder! O que devemos fazer?"

"Uh—precisamos ver os registros vid. E!", eu adiciono quando Ancião mostra sinais de escárnio, "podemos verificar os localizadores wi-com, também."

Ancião pigarreia, mas não insulta meu plano, só me dá um flexível. Eu pressiono o polegar contra o login de acesso, e o flexível liga. Eu digito alguns comandos, buscando as gravações de vídeo do Nível de Criogenia. Mas assim que encontro, eles não mostram nada além de preto.

"Alguma coisa está errada com as telas de vid," eu digo, tentando novamente e não conseguindo nada além de uma tela escura.

Ancião grunhe. "Os vids estavam fora na primeira vez, também. Eu pensei que tinha cuidado disso, mas claramente ele encontrou uma maneira de contornar. Tente o localizador wi-com."

Eu aperto mais comandos, desta vez acessando o mapa da Godspeed. Centenas de pontos piscantes brilharam para mim; um ponto para cada

pessoa, cada uma rastreada através do localizador no wi-com. Já fiz isso antes—é uma boa maneira de trapacear no esconde-esconde, e levou seis meses para Harley perceber como eu era tão bom—mas eu nunca tentei usá-lo para qualquer outra coisa. Agora que eu sei o que estou procurando, eu vejo um ponto de acesso no quarto andar do Hospital, e quando eu toco na tela lá, o mapa muda para o Nível de Criogenia. Três pontos piscam no nível crio agora: um para o meu wi-com, um para Doutor, um para Ancião. Pressiono o regulador de tempo e mudo-o para uma hora atrás. O wi-com mostra no mapa ninguém, exceto...

"Doutor," eu digo, entregando o flexível para Ancião inspecionar. "Só Doutor esteve aqui embaixo."

"Alguns dos cientistas estiveram no laboratório secundário comigo. Eles poderiam ter vindo aqui também. Seria fácil. Não é como se eu tivesse conduzindo-os. Qualquer um dos cientistas poderia ter estado aqui hoje cedo." A voz de Doutor está sem emoção e analítica. "Eu sei o que você está pensando, Ancião, mas você está cansado. Pode ser qualquer um deles. Todos eles têm acesso a este andar, todos eles sabem sobre as crio câmaras e como funcionam."

"Ou pode ter sido ele," Ancião diz.

O rosto de Doutor parece gelo esculpido. "Ele está morto," e isso é dito com tanta certeza, que sobre quem quer que seja que eles estejam falando, eu tenho certeza que não está mais vivo.

"Sim, ele está," Ancião rosna, olhando para Doutor, rígido. "Mas eu não tenho certeza que sua influência esteja."

A mandíbula de Doutor se projeta a frente, mordendo de volta qualquer coisa louca que ele estava prestes a proferir ao Ancião.

"De qualquer maneira," Ancião diz, "nós vamos ter que descobrir um jeito de corrigir os vids. E quanto aos localizadores wi-com..." Ele faz uma pausa no meio da frase, inclinando a cabeça assim que ouve o seu wi-com.

Ele mantém a voz baixa, mas ainda posso ouvi-lo dizer em um rosnado baixo: "Ela está fazendo o quê?”

25

Amy

Quando volto para o hospital, eu respiro profundamente. É quase um alívio o cheiro desagradável e ardente de desinfetante no ar—pelo menos, há uma diferença entre o ar do lado de dentro e o ar do lado de fora.

Passo por uma família que está internando seu pai idoso. O homem velho murmura para si mesmo, embaixo da sua respiração, muito baixo e com sotaque muito carregado para eu entender, mas mesmo assim posso dizer que ele está chateado.

"O que há de errado com ele?" a enfermeira na mesa pergunta numa voz entediada enquanto espero o elevador.

"Ele está tendo memórias estranhas," A voz da mulher jovem é vazia, monótona. Eu paro, observando-os. Se eu estivesse internando meu pai em um hospital, acho que estaria um pouco mais emocionada.

A enfermeira verifica algo em um pedaço fino de plástico. "Recentemente, temos observado muito disso nos grisalhos."

O homem jovem assente. "Está na hora deles." A porta do elevador se abre, mas eu fico lá, observando-os. Ele quis dizer que está na hora das pessoas velhas morrerem? Certamente que não.

"Venha comigo," a enfermeira diz para o homem velho. Ele pega no braço dela e caminha com ela em direção ao elevador. O jovem casal deixa o homem velho sem dizer adeus.

"Por favor, segure o elevador," a enfermeira diz. Saio da minha distração e levanto meu braço, segurando as portas.

"Ela tem um cabelo estranho," o homem velho diz, me observando, mas há pouquíssima emoção atrás de suas palavras.

"Sim, eu sei," a enfermeira diz. Ela olha para mim enquanto caminha para dentro do elevador. "O Doutor nos disse que uma garota estranha residiria no Hospital."

"Hum, é." Como eu devo responder a isso? Eu aperto o botão do terceiro andar, onde fica meu quarto.

"Quarto andar, por favor," a enfermeira diz. Ela olha para a tela brilhante no elevador. "Está quase na hora dos medicamentos; se nos

apressarmos, chegaremos ao seu novo quarto em tempo." Ela afaga a mão do homem velho.

A porta do elevador se abre para o terceiro andar e eu me movo para sair, feliz por me livrar deles. Parece que o homem velho deveria ter sido internado em uma casa de repouso há alguns anos, mesmo não parecendo ser tão velho. Mas seus olhos são vazios, sua expressão indiferente. Isso me lembra da Vovó, quando seu Alzheimer ficou tão grave que mamãe a colocou em uma casa de repouso. Nós a visitamos na Páscoa antes dela morrer, e ela me deu um ovo decorado. Ela me chamou pelo nome da minha mãe e não sabia onde estava, mas ela deu aquele ovo para mim.

Dou um fraco sorriso para o homem velho que mais parecia um pedido de desculpas.

Quando eu saí mais cedo, havia apenas um homem alto na sala comum. Mas, como a enfermeira disse, agora é a hora dos medicamentos. A sala está cheia, e duas enfermeiras caminham entre os presentes, distribuindo grandes comprimidos azuis e brancos. Posso dizer devido ao silêncio desconfortável, que essa sala estava zumbindo com barulho e atividade—os acordes finais de uma guitarra ainda estão no ar—mas é como se eu tivesse causado uma pausa. Logo que todos se viram em minha direção, eles congelam.

"Ei," diz um cara com aparência amigável, sorrindo, "isso está ficando bom."

Parado atrás dele, encostado contra uma grande janela de vidro, está o homem alto que me viu essa manhã. Seus lábios se abrem em um sorriso, porém esse sorriso é mais malicioso do que o do cara amigável.

Olhares hostis me acompanham quando dou alguns passos para dentro da sala.

"Eu sou Harley," o cara amigável diz. "Você deve ser a nova residente!"

Uma das enfermeiras agitadas entrega para ele três comprimidos—um daqueles azuis e brancos grandes, e dois menores, um verde e o outro rosa. O homem os engole em um único grande trago e escapa da enfermeira, andando em minha direção com um sorriso até maior do antes. "O que há de errado com todo mundo?" ele grita por cima do ombro. "Essa é a nova residente sobre a qual Velho me falou!"

Algumas garotas próximas ao elevador piam nervosamente, depois se viram para cochichar umas com as outras. Uma onda de palavras e

sussurros percorre a multidão. Não consigo distinguir o que a maioria deles está dizendo—realmente, aquele sotaque é difícil de entender algumas vezes. Mesmo assim, não é difícil saber sobre o que eles estão falando. Parece muito com uma garota nova no almoço do ensino médio: ver todos encarando, ouvir todo mundo conversando e saber que todos estão te encarando e conversando sobre você.

"O que há de errado com ela?" Ouço alguém sussurrar perto.

"Nada está errado comigo," eu digo, alto.

"O cabelo dela..." alguém mais diz atrás de mim. Quando eu me viro subitamente, com meu cabelo vermelho se estendendo atrás de mim, não posso dizer quem falou, mas todos estão me encarando com seus olhos marrons em seus rostos morenos emoldurados por seus cabelos mais escuros.

O homem alto lambe seus lábios para mim. Ele nem mesmo finge que não está me encarando.

"Prazer em conhecê-la!" Harley diz, interrompendo o silêncio desconfortável. Quando ele aperta minha mão, ele deixa uma mancha colorida brilhante na palma. Harley é magro e desengonçado, com um cabelo espetado para todos os lados, alguns fios riscados com tinta. Seu rosto é vivo e extrovertido. Nesse sentido, ele me lembra um pouco de Velho.

"Todo mundo, essa é a garota nova. Velho a conhece. Garota nova, esses são todo mundo." Algumas pessoas me olham educadamente; algumas realmente sorriem. A maioria, entretanto, parece, na melhor das hipóteses, cautelosa e na pior, enojada. A enfermeira mais próxima a mim bate o dedo na orelha e começa a sussurrar sozinha.

"O que há de errado com ela?" pergunto para Harley enquanto ele me leva para a mesa onde estava sentado.

"Ah, não se preocupe, nós todos somos loucos aqui."

Eu rio, principalmente por causa do nervosismo. "Foi bom eu ler Alice no País das Maravilhas. Definitivamente achei que tivesse caído no buraco do coelho."

"Ler o quê?" Harley pergunta.

"Não importa." Ao meu redor, olhos seguem cada um dos meus movimentos.

"Olhem," eu digo alto. "Eu sei que pareço diferente. Mas sou apenas uma pessoa, como vocês." Eu mantenho minha cabeça erguida, olhando

todos nos olhos, tentando segurar seus olhares por mais tempo possível.

"Você disse a eles," Harley diz com outro sorriso de Cheshire1.

"De onde você veio?" o homem alto que continua me observando pergunta, sorrindo.

"Quem é você?" eu pergunto, enojada.

"Luthe." Sua voz é baixa e grave.

"Bem, pare de me encarar desse jeito, Luthe." eu cruzo meus braços sobre meu peito. O sorriso de Luthe aumenta, e seu olhar não sai de mim.

"De onde você veio?" uma mulher perto de Harley pergunta.

Suspiro. Não há razão em pedir para Luthe não me encarar; todos eles estão me encarando. "Eu vim da Terra," eu digo. "Há muito tempo atrás."

Há olhares de incredulidade—a maioria deles, na verdade—mas alguns me olham com brilho nos olhos que me faz entender que eles também estão conscientes de que seu céu é de metal pintado.

"Você vai nos contar sobre isso?" Harley pergunta.

Então eu me sento na cadeira que ele oferece, ignorando o modo como a mulher mais próxima de mim foge para longe. O que eu posso contar para eles sobre a Terra? Como posso descrever como o ar é diferente, como a terra parece mais fértil, como vocês são diferentes, como é saber que o mundo inteiro está a sua disposição? Eu devo começar com as montanhas sempre escondidas atrás das nuvens e da neve—será que eles sabem o que essas palavras são: montanha, neve e nuvens? Eu posso contar sobre os diferentes tipos de chuva: chuva torrencial que é perfeita para quando você quer ficar dentro de casa e assistir um filme ou ler, chuva perfurante que parece agulhas na sua pele, ou garoa de verão que faz seu primeiro beijo com seu primeiro amor ser mais doce.

Eles olham para mim ansiosamente, esperando para ouvir sobre o planeta que eu chamava de lar.

Eu começo com o céu.

26

Velho

"Aquela maldita garota entrou no quarto da ala comum e está contando a eles tudo sobre Terra-Sol," Ancião rosna. "Não avisamos a ela o que aconteceria se ela criasse mais um transtorno? Não avisamos?"

"Agora Ancião," Doutor diz em um tom apaziguador. "A temporada vai começar a qualquer momento. Eles vão estar distraídos e esquecerão tudo o que ela disser."

Ancião soca a porta da câmara de congelamento mais próxima. Eu salto para trás, cauteloso com ele, sem saber o que ou quem ele vai atacar na próxima.

"Tudo bem," diz Ancião. Ele vira o seu olhar em chamas para mim. "A primeira causa de discórdia?"

Um teste surpresa? Agora? "Diferença," eu respondo.

"Exatamente. A discórdia seguirá essa menina em todos os lugares que ela vá nesta nave, como os rastros de sujeira de uma criança pelo chão. E o segundo é a falta de liderança. Rapaz, quando diferenças causam discórdia, a única coisa que pode manter o controle é a liderança. Aprenda isso." Ele soca seu botão wi-com. "Chamada geral para os links com," diz.

"O que vai fazer, Ancião?" Eu pergunto quando um sinal sonoro familiar, bip-bip enche meu ouvido.

"Atenção a todos os residentes de Godspeed. Eu tenho um anúncio muito importante."

Meu estomago afunda. Ancião está conversando com todos os residentes na nave através de seu link wi-com. E eu acho que sei o que ele vai dizer.

Minha cabeça fica a mil. Não há como ele dizer a todos sobre Godspeed, sobre o Nível de Criogenia, os congelados, de onde Amy realmente veio. Ele nunca iria dizer isso a eles.

"Ancião, não faça isso," eu digo.

Ele me ignora.

"Alguns de vocês, especialmente aqueles no nível dos Alimentadores perto do Hospital, poderão notar um novo residente a bordo."

"Pare." Eu dou um bote em Ancião. Eu estou cansado de suas mentiras. Doutor me puxa para trás, os dedos longos segurando meus braços.

Tento me livrar dele, mas ele é muito forte.

"Este novo residente é uma jovem de pele estranhamente pálida e cabelos brilhantes. Ela é o resultado de uma experiência cientifica Embarcadora tentando desenvolver os atributos físicos do corpo para resistir à possível cruel natureza de Terra- Centauro. A menina é inofensiva, embora simplória, e propensa a mentir. Ela é facilmente confundida e pouco adequada ao trabalho, portanto ela permanecerá na Enfermaria. Você não é obrigado e nem se espera que interaja com ela. Ela é uma aberração, e deve ser tratada como tal."

Meus punhos se fecham. Uma aberração, ela? O resultado de um experimento maluco de um Embarcador? Bem, não é difícil de acreditar— os cientistas Embarcadores passam a maior parte do seu tempo vindo com coisas novas que possam nos proteger em qualquer tipo de ambiente proveniente da Terra-Centauro.

Mesmo assim, está claro que Ancião está tentando ocultar a verdadeira origem de Amy e afastá-la da maioria das pessoas.

Eu tremo de raiva quando Doutor me solta, mas não adianta. Ancião terminou. Eu viro de costa e vou em direção ao elevador atrás de Amy.

27

Amy

"O que eu não entendo," eu digo, "é a razão de vocês todos estarem aqui."

"O que você quer dizer?" um dos homens fala. Ele tem uma guitarra no colo, uma velha relíquia acústica.

"Harley me disse que todos vocês são loucos. Ele me disse que isso era um hospício."

"Ah, nós não somos loucos," o guitarrista diz. Seu sotaque é mais carregado do que o dos outros; mal posso entendê-lo.

"Nós somos." Essa é a mulher que tinha inicialmente fugido de mim. Harley a chamou de Victria, disse que ela escreve histórias. Ela tem um livro de aparência antiga em sua mão- um livro de verdade encadernado em couro, não uma coisa eletrônica. Onde será que ela conseguiu aquilo? "A única coisa que nos mantém lúcidos são os medicamentos psicotrópicos," Victria acrescenta.

"Você pode ser louca," o guitarrista diz em um tom de brincadeira, "mas eu não sou."

"Você é." Harley diz. "Ela é. Eu sou. Todos nós aqui somos."

"Mas você não é," eu insisto.

"Fale por si mesma."

"Não, é sério! Você não é. Você não age como louco. Nenhum de vocês age."

Harley sorri. "Vou considerar isso um elogio. Afinal..." ele começa, mas então ele inclina a cabeça para a esquerda, como se estivesse ouvindo alguma coisa.

"O quê?" eu pergunto.

"Shh," Victria diz.

Olho ao redor da sala. Todos eles, todos estão com a cabeça inclinada, parecendo ouvir profundamente alguma coisa.

"Uma ligação geral," o guitarrista diz abaixo de sua respiração. "Ancião não faz uma desde que nosso Velho morreu."

"Shh!" Victria sibila.

Meus olhos saltam de pessoa em pessoa. Cada uma das pessoas na enfermaria psiquiátrica, paciente ou enfermeira, está ouvindo intensamente.

É estranho o modo como todos pararam para ouvir algo que não posso escutar. Todos ao meu redor estão parados e silenciosos, mas eu me levanto e caminho ao redor da sala cheia, esperando o feitiço se quebrar, esperando todos retornarem ao meu mundo.

"Monte de merda," Harley diz espontaneamente. Eles todos começaram a se endireitar, reajustar seu foco. O que quer que estivessem ouvindo, acabou agora.

"O que foi?" eu pergunto.

Harley olha para mim, e pela primeira vez, não há um sorriso em seus olhos.

"Nada," ele diz.

Victria murmura uma palavra, uma única sílaba, mas não consigo ouvir.

"O quê?" eu digo, com um nervosismo não convidado em minha voz.

Ela me olha diretamente nos olhos. "Aberração."

"Victria!" o guitarrista diz.

Ela vira-se rapidamente para ele. "Você ouviu Ancião! Ela é uma aberração! E esteve aqui, mentindo para nós todo o tempo, mentindo. Dizendo que é da Terra-Sol! Nos contando sobre grandes extensões de terra, sobre um céu infinito! Ela é mais louca do que todos nós—por que você acha que Ancião a trouxe aqui? Com suas mentiras." Ela cospe a palavra. "Nos contando que viu a Terra-Sol! Como ela se atreve? Como você se atreve!" Ela vira para mim, com ódio em seus olhos.

"Se acalme, Victria. Ela é tola. Doente. Ela não sabe o que diz," o guitarrista fala.

"Sobre o que você está falando?" eu recuo.

"Não me fale sobre um céu que nunca acaba," ela diz, com voz baixa. "Não me conte sobre esse tipo de coisa. Nem mesmo fale sobre isso. Não existe céu. Apenas um teto de metal."

Eu recuo com a dureza de suas palavras, mas antes dela se virar rapidamente e correr pelo corredor, vejo que há lágrimas brilhando em seus olhos.

"O que está acontecendo?" eu pergunto. Me viro em um círculo ao redor da sala. Com exceção de Harley, todos eles me encaram com o

mesmo desprezo e raiva amargurada que Victria colocou para fora.

"Vamos," Harley diz, se levantando. "Vamos voltar para seu quarto."

"Por quê? Não entendo. O que está acontecendo?"

"Vamos," Harley diz e me guia através dos olhares silenciosos para fora dessa sala Hostil.

28

Velho

Quando saio do elevador, a conversa muda para um sussurro. Não é difícil adivinhar o que estão discutindo. Eu os deixo com seus sussurros e mentiras. Não me importa o que eles pensam. Eu quero saber o que Amy pensa.

Há uma mancha marrom bem do lado de fora de sua porta: os restos amassados das flores, que eu tinha deixado para ela.

Eu bato. "Entre," uma profunda voz masculina diz. Harley. Meu estomago revira.

Eu corro meu dedo no botão de liberação, e a porta se abre.

Amy senta em frente da sua janela, olhando para fora. A luz brilha no seu rosto virado para cima, espalhando-se pelos seus cabelos vermelho-dourados, fazendo seus olhos verdes claros cintilarem. Eu encaro, incapaz de desviar o olhar dela.

"Linda, né?" Harley diz. Ele está reorganizou a mesa de modo que não fica encostado na parede, em vez disso fica disposta em frente de Amy, com seu cavalete de mesa apoiado no topo.

Uma pequena tela inclina-se contra o cavalete, e Harley já esboçou a cena de diante de si com carvão vegetal.

"Você parou de pintar o peixe?" eu pergunto, esperando que a amargura não pareça tão óbvia para eles como para mim.

"É!" Harley cantarola. Ele pincela um pouquinho de azul no rosto pintado de Amy, dando-lhe um toque de sombra embaixo de seus lábios. "Curiosamente, eu estou usando quase que as exatas mesmas cores nela que eu estava usando no koi. Ei!" Ele acrescenta, espiando por trás da tela para Amy, "esse é o seu novo nome: a partir de agora, você é meu peixinho!"

Amy ri alegremente com o seu novo apelido, mas eu estou encarando Harley por chamá-la de "sua". É verdade, contudo: seu cabelo amarelo-laranja-vermelho-ouro é a mesma cor que as escamas do peixe koi de Harley.

"Então, Peixinho, ignore o garoto e fale sobre o céu."

Minhas costas enrijecem com o jeito que Harley me chama de "garoto". Eu quero socá-lo. Eu realmente quero socá-lo, mesmo que ele seja meu melhor amigo.

"As estrelas eram minhas favoritas, desde que eu era pequena e meus pais me levaram para um observatório."

Eu não tenho certeza do que é um observatório, mas eu sei o que significa: A primeira memória de Amy vendo estrelas é com sua família e a minha é com um homem morto.

Amy olha para mim, e eu fico feliz que ela não consiga ver o que estou pensando. Ela pega a torta de carne em um guardanapo no seu colo. E joga um pedaço dentro da boca. Ela engole rapidamente, e, em seguida, joga o resto da torta no condutor de lixo. Ela e Harley devem ter comido aqui, em vez de ir para a Cafeteria da ala. Boa. Eu só consigo imaginar como os residentes estão tratando ela depois da chamada para todos de Ancião. Ela toma um gole de água do copo ao lado dela e estremece.

"O que foi?" eu pergunto.

"Dor de cabeça," ela diz. "Então, você vai me dizer o que aconteceu para fazer todos pensarem que sou uma aberração?"

"Você não contou a ela?" pergunto a Harley.

"É claro que não," Harley rosna, esfaqueando sua tela com seu pincel. "Por que eu a insultaria com essas mentiras?" Parte de mim está muito feliz que Amy não sabe o que Ancião disse. Mas Harley foi assim, durante o tempo que o conheço: ele acha que a ignorância é a melhor maneira de proteger alguém, e ele não entende que aquilo que imaginamos é muitas vezes pior do que a verdade.

"Você vai me dizer?"

Eu olho para cima, e os olhos de Amy me atraem. "Foi Ancião," eu digo. "Ele enviou uma 'chamada-geral' para todos na nave sobre você." Faço uma pausa. Será que ela sabe o que é uma chamada-geral? "Uma, eh, mensagem. Ele enviou a todos uma mensagem. Sobre você." Eu paro novamente, incapaz de encontrar seus grandes olhos verdes. "Na maior parte mentiras. "

Amy detecta minha hesitação em continuar. "Que tipo de mentiras?" pergunta ela.

"Que você é o produto de um experimento que deu errado, e você é, uh, simples. Lenta." Faço uma pausa novamente. "Uma aberração."

O rosto de Amy se comprime enquanto ela absorve essa informação. Eu posso dizer, pela aversão enrolando seus lábios, que ela conheceu Ancião e provavelmente pode supor o que é que ele disse. "Ah," ela finalmente diz, e volta-se para a janela. Harley endireita-se, olha para o rosto dela mais uma vez, e depois se volta para sua tela. Ele está moldando sua tristeza na imagem de seu rosto pintado.

"Então, havia um monte de estrelas no céu?" Harley pergunta, virando-se para o céu noturno no fundo da pintura. A palavra "estrelas" é pesada em sua língua, como se ele não estivesse acostumado com a ideia delas.

"Milhões," diz Amy. "Bilhões." Há saudade em sua voz.

Harley passa tinta prata na tela.

"Mas," eu digo, inclinando-me sobre a tela de Harley, "elas são espalhadas, não tão agrupadas. Espalhe-as mais. E elas são de diferentes tamanhos. Algumas são maiores, algumas são apenas pequenas manchas."

É como se eu tivesse feito algo sujo no quarto. Harley vira lentamente em direção a mim. Os olhos de Amy estão arregalados.

"Você viu as estrelas?" A voz de Harley me acusa.

"Eu... é... "

Os olhos de Amy buscam os meus, e eu sei que ela está procurando o brilho das estrelas neles.

"Apenas uma vez," eu digo.

"Como?" Harley respira.

"Há um alçapão. Para os mortos. "

A cabeça de Amy estala em direção à minha.

"Onde está?" Harley pergunta, num tom ansioso, numa voz que me faz lembrar a última vez que ele teve o que Doutor chamava de "espiral descendente".

"Não é no nível dos Alimentadores."

Harley afunda em si mesmo. Ele não é um dos poucos escolhidos com acesso a outros níveis e passou toda a sua vida aqui, sobre o nível dos Alimentadores.

"Podemos ver?" Amy pergunta. "Podemos ver as estrelas?"

E, oh, eu quero mostrar a ela. Eu quero mostrar a ela, mas não a ele, não agora, não com ela. Eu quero ser a pessoa a devolver para Amy suas estrelas.

Mas o que Ancião diria? O que ele faria? A mim? A ela?

"Não," eu digo. "Ancião não iria gostar."

Olhos de Amy estreitam em pontinhos de jade. "Eu conheci Ancião," diz ela, nojo transpassa sua voz.

Harley bufa, e Amy vira para olhá-lo. Ancião não é motivo de risos para ela.

"O que ele poderia ter dito para fazer você não gostar dele?" Ele ri.

"Você sabe a escotilha que Velho estava falando?" Amy contém a raiva em sua voz, como um homem segurando um cão rosnando na coleira. "Ele queria me jogar por ela, assim eu não criaria um 'transtorno' na nave."

Harley ri. "Ele não faria isso!"

Amy não abre um sorriso.

"Sim, ele faria," eu digo. As risadas de Harley cessam e ele olha para mim.

"Talvez ele tenha dito algo como uma ameaça, mas ele nunca—"

"Sim," eu digo o mais firme que posso. "Ele faria."

Harley ataca a tela com tinta de novo, uma carranca enruga sua testa.

"Ele não gosta de 'transtornos'," eu digo a Amy. "Ele não gosta de ninguém que seja diferente. Diferença, diz ele, é a primeira causa de discórdia."

"Ele soa como um Hitler para mim," resmunga Amy. Eu me pergunto o que ela quer dizer com isso. Ancião sempre me ensinou que Hitler era um sábio, um líder cultuado pelo seu povo. Talvez seja isso ao que ela se refere: Ancião é um líder forte, como foi Hitler. A virada da frase é incomum, outra diferença entre nós, outra diferença que eu tenho certeza que Ancião odiaria.

Amy pula de seu assento na janela. Ela torce o cabelo em um coque rápido e prende-o com dois pincéis secos que ela arrebata da mesa antes que Harley possa protestar. Ela passeia pela sala, um animal insatisfeito com o tamanho minúsculo de sua gaiola.

Harley bufa de novo, mas as imagens piscam em minha mente: Ancião caminhando pelo Nível dos Alimentadores, mostrando todos os agricultores e trabalhadores com seu rosto de avô bondoso, em seguida sobe comigo para o Nível dos Protetores rosnando com desgosto da estupidez deles. Ancião martela lições dentro de mim que salientava controle acima de tudo.

Ancião, revolta azeda em seu rosto quando eu chego ao nível dos Protetores pela primeira vez e faço algo fora do comum. Imagino o rosto

de Ancião começando a se retorcer, assim como eu suspeito que sua alma fez.

E percebo que, sim, este homem com o qual vivi por três anos, que é líder desta nave inteira, cujo controle sobre todos a bordo é absoluto... Este homem é capaz de matar quem ele quiser, quando quiser.

Ele poderia. "Mas por que ele faria isso?" eu pergunto.

"Não sei. E... Por que eu? Eu não sou importante. Por que tentar me matar?"

O pincel de Harley está parado no meio do ar. O silêncio permeia o quarto pequeno.

"Você não foi a única," eu digo, as minhas palavras como flechas cortando o ar. "Um homem foi morto. Foi onde vi a escotilha—eu estava ajudando Doutor e Ancião a enviar o corpo para as estrelas."

"Quem?" Amy respira com terror em sua voz.

"Sr. William Robertson."

"Não o conhecia." Amy parece aliviada. E só então percebo que ela estava com medo que fosse um de seus pais mortos flutuando entre as estrelas.

29

Amy

"Que tipo de segurança há nessa nave?" eu pergunto, me virando para Velho. "Vocês tem tiras ou algo assim?"

Velho e Harley parecem confusos. "Tiras?" Velho pergunta.

Eu assinto. "Sabe, policiais. Tiras." Eles me encaram sem expressão. "Pessoas cujo trabalho é manter os caras maus sob controle."

"É a função do Ancião," Harley diz, virando-se de volta para sua tela.

Legal.

"Nós não precisamos de 'tiras' como na Terra-Sol," Velho diz. Leva um momento para eu lembrar que a "Terra-Sol" sobre a qual ele está falando é a minha Terra. "Na Terra- Sol havia mais discórdia, porque existiam mais diferenças. Não há diferenças na Godspeed, então não há problemas."

Eu me irrito. "Os problemas na Terra não eram causados pela diferença entre as pessoas... "

"Escravidão. As Cruzadas. Genocídio. Violência contra os direitos civis. Apartheid. As diferenças foram a principal causa de todos os maiores desastres feitos pelo homem na Terra-Sol."

Minha boca se abre, mas eu não posso refutar as manchas da história do meu mundo.

"Olhe para você, tão esperto," Harley diz. Ele pisca para mim. "Velho tem mais educação do que o resto de nós. Nossa educação da Terra-Sol é, na maioria, apenas métodos de agricultura e ciências. Velho é o cara esperto."

Velho cora profundamente.

Não tenho tempo para isso. "O que está sendo feito para encontrar o assassino?"

Ambos os garotos olham para mim, sem expressão.

"Há um guarda para as pessoas congeladas criogenicamente? Velho está investigando o crime? Há suspeitos? Há algum tipo de segurança ou vigilância lá? O que está acontecendo?"

Nenhum deles pensou em qualquer uma dessas coisas, e isso me enfurece. "Vocês sequer pensaram duas vezes sobre isso, não é? Alguém morreu e vocês vão ficar apenas sentados e deixar rolar? Eu achei que você era o futuro líder da nave," eu grito, apontando para Velho. "E você vai ignorar isso e esperar que passe? Grande líder!"

"Eu... Eu..." Velho se engasga.

"Você não percebe que meus pais estão lá embaixo? Desamparados? Congelados em uma caixa? Você não esteve lá. Em uma caixa. Quando se é desconectado. Você não sabe como é. Aquele momento, quando você está finalmente acordado, e você sabe que está acordado, e quer vomitar aqueles tubos, mas não consegue, e você quer sair daquela caixa, mas não consegue, e quer respirar. Mas. Você. Não consegue."

"Ok, ok," ele diz. "Se acalme. Beba um pouco de água." Velho usa isso como desculpa para reencher meu copo vazio com água da torneira do banheiro.

"Não preciso de água!" eu digo. Por que é tão difícil para eles enxergarem o que é importante?

De qualquer modo, Velho continua estendendo o copo para mim. Eu o pego e tomo um gole. Um gosto amargo e estranho fica na minha língua. Me pergunto quantas vezes essa água foi reciclada e processada. Pensando nisso, minha raiva desaparece e eu realmente me sinto mais calma.

"Como você se sentiria se fossem seus pais?" eu pergunto para Velho calmamente.

Harley levanta os olhos para nós dois, e em seguida lentamente abaixa seu pincel. Ele está mais atento à resposta do Velho do que ao meu enfurecido discurso anterior.

"Nunca conheci meus pais," Velho diz.

"Eles morreram?" As palavras vêm mais duras do que eu pretendia, mas esse mundo parece decidido a me tornar mais insensível.

Velho balança a cabeça. "Não. Eu apenas nunca soube quem eles eram. Não é permitido a um Velho saber. Ele deve sentir-se como se fosse filho da nave."

Ele fala como se estivesse recitando um livro, mas há também tristeza em suas palavras, que não sei se ele mesmo percebe. Ele parece tão pequeno e sozinho. Seus ombros se inclinam para baixo, como se ele quisesse que seu corpo o engolisse.

"É por isso que você está aqui?" eu pergunto para Harley.

"Não. Eu conheço meus pais. Eles são tecelões na Cidade. Minha família inteira foi de tecelões, mesmo antes da Peste. Eu diria que meus pais ficaram desapontados por eu não seguir a tradição familiar, mas nem mesmo sei se eles perceberam que eu parti. Eles não conseguiram fazer com que eu me importasse com roupas, e eu não consegui fazê-los se importar com qualquer outra coisa. Então eu mudei para cá. Aqui, somente o Velho não tem pais próprios."

"Como deve ser," Velho diz em uma voz baixa sem olhar para qualquer um de nós. "Mas agora," ele diz, "se não podemos descobrir quem matou o Sr. Robertson, vamos começar com por quê."

Eu atravesso o quarto em direção a Harley e seus materiais artísticos e pego o maior pincel e um pote de tinta preta.

"Ei!" Harley diz, mas antes dele ou do Velho poderem fazer qualquer coisa, eu rabisco meu nome em grandes letras na parede ao lado da janela.

Abaixo do meu nome, eu acrescento tudo que acho que poderia me fazer um alvo para o assassino. Garota, eu escrevo. Dezessete anos. Cabelo vermelho. Branca. Aparência mediana.

"Você é bonita," Velho diz discretamente, mas eu o ignoro.

Não faz parte de qualquer missão, eu acrescento.

"Ok," eu digo, me virando. "E o Sr. Robertson?" eu escrevo o nome dele na parede próximo ao meu.

Velho pega a fina folha de plástico da minha mesa, sobre a qual me perguntei antes. Quando ele passa seu dedo nela, ela se ilumina como uma tela de computador. Ela começa a digitar e imagens aparecem na tela.

"Ancião/Velho acesso permitido," uma voz feminina diz do computador.

"Sr. William Robertson," Velho lê na tela. "Homem. Cinquenta e sete anos. Hispânico. 96 kg. Especialista em comando de missões. Experiência na Marinha dos Estados Unidos. Missão: organização ofensiva. Financiado pelo RFM. RFM?" ele para. "Já vi isso antes. Em uma placa no Nível dos Protetores..." Sua voz enfraquece.

"Recurso Financeiro de Migrações," eu digo enquanto leio os detalhes sobre o Sr. Robertson abaixo do seu nome. "Todos os militares foram financiados pelo RFM. Foi como papai conseguiu se juntar a missão."

Velho passa seu dedo na tela. "Isso é tudo."

Olho para aquele tipo de computador estranho. "O que diz sobre mim?"

Velho hesita.

"O quê?" eu digo. "O que diz sobre mim?"

"Er... "

Harley, que estava nos observando silenciosamente, apanha aquele computador de Velho. Ele o examina, rapidamente, a risada morrendo em seus olhos.

"Oh."

"O quê?"

"Nada." Harley se move para tocar a tela—para desligá-la, com certeza. Antes que ele consiga, eu pego da sua mão.

Há uma foto que eles tiraram de mim alguns dias antes de eu ser congelada, durante a triagem de saúde. Minha data de nascimento, tipo sanguíneo, altura, peso. E, em minúsculas letras na parte de baixo: CARGA NÃO-ESSENCIAL.

Ah, está certo. Eu tinha esquecido.

Sou apenas bagagem extra.

Eu abaixo o computador na mesa e volto para a parede com meu pincel. Abaixo do meu nome, eu acrescento "não-essencial".

"Você não é..." Velho começa, mas eu o silencio com um olhar.

Dando um passo para trás, eu olho para meu trabalho. Eu pintei as linhas muito espessas, trilhas de tinta preta escorrem das letras, algumas delas chegando até o rodapé, manchando as velhas vinhas descascadas pintadas por quem quer que tenha morado nesse quarto.

"Então," eu digo, examinando a lista, "qual é a conexão? Por que alguém iria querer matar nós dois?"

Silêncio.

"Nós estamos esquecendo alguma coisa" eu digo, alisando meu cabelo com ambas as mãos. "Deve haver alguma conexão."

Mas qualquer que seja ela, nenhum de nós pode ver.

Eu jogo minhas mãos para os lados. "Não estamos chegando a lugar nenhum desse jeito. Vamos descer até as crio-câmaras e ver o que podemos."

"Descer lá?" Velho pergunta, surpreso.

Eu assinto. "Talvez encontremos algumas pistas."

Harley ri, como se isso fosse um jogo. "Pistas?!"

Apenas olho para ele, e seu riso desaparece.

"Certo," Velho diz. Seus olhos encontram os meus, e eu não me lembro de porque eu costumava achar que seu rosto parecia inocente. Ele está determinado agora, pronto para uma luta, preparado para me apoiar.

"Certo?" eu pergunto.

"Vamos lá."

30

Velho

Amy ignora os olhares frios das pessoas na sala da ala comum, enquanto fazemos o nosso caminho para o elevador. Ela mantém o queixo erguido e evita contato visual, e para mim ela parece uma rainha, mas posso dizer pelos sussurros que a seguem que as pessoas ao redor a vêm como algo muito diferente. Eu aperto minha mandíbula. Ancião fez isso.

O elevador toca quando a porta desliza aberta no quarto andar.

"Você ouviu isso?" Amy pergunta enquanto caminhamos pelo corredor vazio.

"Ouvir o quê?" Harley pergunta.

Amy balança a cabeça. "Nada. Eu acho que era apenas minha imaginação." Ainda assim, ela olha para as portas, como se estivesse um pouco nauseada.

Abro a porta no final do corredor—ainda destrancada—e atravesso a sala para chegar ao segundo elevador. A caixa de alarme quebrada sumiu. Ancião provavelmente a levou para os Embarcadores, para ver se eles podem consertar.

"Então, o que estamos procurando?" Harley pergunta enquanto o elevador desce.

"Eu não tenho certeza." Amy desloca-se em seus pés. "Uma pista. Alguma coisa."

Eu penso na última vez que estive no andar com as câmaras de congelamento. A única prova que lembro de ter visto que provou que um assassinato tinha ocorrido foi o corpo do Sr. William Robertson. Não havia outras pistas.

Mas não digo a Amy.

Quando as portas do elevador deslizam abertas, Harley sai a passos largos, olhando ansiosamente. Eu sigo. Amy não sai até que as portas começam a se fechar novamente.

"Onde está a escotilha com as estrelas?" Harley pergunta ansiosamente.

Amy dá um passo adiante. Ela agarra a minha manga e dá puxões nela até eu virar o rosto. "Onde estão os meus pais?" ela pergunta muito, muito suavemente.

"Eu não sei," eu digo. "Mas eu posso procurar a localização deles para você."

Amy morde o lábio, sacode a cabeça. "Não... está tudo bem." Ela olha ao seu redor, com os olhos assustados e arregalados. "Não... não agora. Mais tarde."

"Podemos olhar as estrelas primeiro?" Harley pede ansiosamente.

"Há uma escotilha ali," eu começo a dizer, mas antes que eu possa terminar, Harley desce pelas setas para onde eu apontava. Viro-me para Amy. "Mas ele não sabe o código para abrir a porta."

Ela me dá um meio sorriso. "Deixe-o descobrir. Por que não tentar encontrar algo aqui que pode ajudar? Você pode me mostrar onde o Senhor... er... Robertson estava?"

Nós vamos para o corredor de câmaras crio marcadas 75-100, e paramos no número 100.

Amy vai na direção da bandeja vazia com dedos trêmulos. Eu me pergunto se ela está imaginando os pais sobre a bandeja, ou a si mesma. Antes de seus dedos, de fato tocarem a bandeja, porém, ela puxa a mão de volta e prende contra ela.

"Então, o que devemos fazer?" eu pergunto, tentando distraí-la de qualquer pensamento que ela esteja tendo e que a puxa para dentro de si mesma.

Amy recua, olha para si mesma. Seus olhos varrem o chão descoberto limpo, então vagueiam sobre a sala clinicamente limpa.

"Eu não sei o que esperava encontrar," diz Amy.

"Eu acho que estava esperando algo como uma série policial, que eu chegaria aqui e encontraria uma fibra que eu pudesse combinar com a camisa de Ancião, ou uma gota de sangue para testar o DNA, mas eu nem mesmo sei se você tem como analisar DNA aqui... "

"Os scanners biométricos leem DNA," eu digo, mas ela não está me escutando.

"Ou talvez uma impressão digital gigante..." Sua voz falha. "Os suprimentos de arte do Harley," diz ela. Ela tem um ar de satisfação no rosto. "Suprimentos de arte do Harley!"

"O quê?"

"Harley tem pincéis. E ele me desenhou com carvão, antes de começar a me pintar. Ele tem tudo que preciso."

"Eu não sei do que está falando!" eu digo, mas estou sorrindo também, porque ela está voltando a ter aquela centelha de vida que ela perdeu quando saiu do elevador.

" Harley, " ela chama, pulando e indo em direção ao final do corredor. " Harley! "

Eu não tenho ideia de por que ela precisa deles. Eu só sei que enfrentaria outra Peste para conseguir para o que ela precisasse.

Felizmente, é muito mais fácil do que isso.

"Com link: Harley," eu digo pressionando meu wi-com.

"O quê?" A voz de Harley pede impacientemente no meu ouvido.

"Pegue sua caixa de arte."

"Onde está a escotilha com as estrelas? Há um monte de portas e escotilhas e coisas aqui, mas elas estão todas fechadas."

"Vá buscar a sua caixa de arte primeiro."

"Se eu fizer, você vai me dizer que escotilha conduz às estrelas?"

"Sim."

"Feito," diz Harley, e ele desconecta a ligação com.

"Que coisa é essa?" Amy me pergunta depois de um momento, quando ela tem certeza que terminei de falar com Harley. "Pensei que todos tinham minúsculos fones de ouvido ou algo assim, mas na verdade é incorporado em sua pele, não é?"

Eu esfrego os dedos no botão do meu wi-com. "É um wi-com. Link de Comunicação sem Fio."

"Dói?"

Eu dou risada. "Não."

"Muito maneiro," Amy expira, inclinando-se para perto. Sua respiração suave e quente eriça os cabelos pertos da minha orelha. "É como um telefone embutido no seu ouvido."

Seus dedos esfregam a pele saliente sobre meu wi-com.

Minha respiração trava. Ela está bem na minha frente, tentadoramente perto. Amy morde o lábio, e tudo que eu quero fazer é agarrá-la, esmagá-la contra mim, sentir seus lábios nos meus.

Então ela se afasta, deixando sua mão cair, uma expressão indecifrável no rosto.

"Doutor pode, uh, conseguir um para você, se você quiser," eu digo, tentando ignorar o quanto eu quero agarrá-la e puxá-la de volta para mim.

As mãos de Amy voam para o lado do pescoço, abaixo da orelha esquerda. Seus dedos alisam a pele. "Não," ela diz. "Eu acho que não gostaria de um ainda."

Harley aparece alguns minutos depois. Ele despeja sua caixa de arte aos nossos pés. Eu posso dizer que parte dele só quer correr e abrir a escotilha para as estrelas, mas ele também está curioso sobre o que vamos fazer com as coisas de arte dele. Na verdade, eu também.

Amy faz uma busca vigorosa na da caixa, ignorando frascos de tintas, cotocos de lápis e pedaços de papel. Ela finalmente tira uma pilha de carvão envolto em um pano fino. Então ela esmaga o carvão no chão.

"Ei!" Harley grita. "Eu tenho que fazer isso eu mesmo."

"Eu preciso do pó," diz Amy, pulverizando os pedaços pretos de carvão vegetal.

"Por quê?"

Amy sorri. "Basta assistir."

Depois de selecionar um dos pincéis maiores e mais densos de Harley, ela corre as cerdas através do pó preto, e em seguida gira a escova sobre a superfície da porta do necrotério.

"Por favor, funcione, por favor, funcione, por favor, funcione," ela canta enquanto espana o metal com uma camada fina de pó. Sua respiração trava.

O pó revela os espirais e redemoinhos de uma impressão digital.

Amy ri. "Agora, se houvesse um jeito simples de dizer de quem a digital é!"

Eu estou um passo à frente dela. "Tente isso", eu digo, ajoelhando ao lado dela com o flexível da mesa no final do corredor. Eu seguro a membrana digital sobre a impressão digital e pressiono digitalizar. A impressão aparece no visor em segundos.

"Agora," eu digo, tocando na tela, "tudo o que tenho que fazer é combinar isso com os scanners biométricos... "

"Uau," Amy diz baixinho. Eu sorrio para ela.

O flexível bipa.

"Então?" Harley pergunta, inclinando-se sobre meu ombro.

"Minha. Eu estava aqui com Doutor, é a minha digital."

"Diz: 'Ancião/Velho'," diz Harley, apontando para a tela. "Poderia ser o Ancião."

Amy olha ansiosamente, mas eu sacudo minha cabeça. "Nós temos o mesmo acesso no computador—ele sempre mostra ambos os nossos nomes no scan biométrico. Mas eu verifiquei o mapa de localização wi-com mais cedo, e ele não estava aqui. Essa tem que ser a minha digital."

"Tente mais alguma," Harley diz a Amy, e ela avidamente volta-se para a porta com o pincel e o pó. Eu examino todas as digitais que ela encontra, porém a única mais clara o suficiente para digitalização são quatro de Doutor e doze minhas. A maioria das impressões são borradas ou sobrepostas ao ponto de inutilidade.

"Achei mais uma," diz Amy, passando o pó de carvão por cima das crio-câmaras. "É sua?"

"Eu não me lembro de ter tocado aí," eu digo.

Os olhos de Amy brilham. "Talvez esse seja o assassino!" ela diz, a emoção rasteja de volta para sua voz.

Eu seguro o flexível sobre a digital e a escaneio. A digital é grande e gorda—um polegar. Uma fina linha irregular corta caminho através das voltas.

"O que é isso?" Harley pergunta quando o flexível aumenta a digital.

Amy olha por cima do meu ombro para a ela. "Talvez nada, mas parece uma espécie de cicatriz, não é?"

Bip. Bip-bip. O exame acaba.

"Ancião/Velho," piscam as palavras sobre a impressão digital.

"Mais uma sua." Amy suspira, seu rosto pesaroso. Ela se volta para a câmara de crio, mas escova o pó de carvão ao longo da superfície, como se fosse dolorosamente pesado.

"Você tem uma cicatriz no polegar?" Harley pergunta.

Eu inspeciono meus polegares, embora eu saiba que não há cicatriz nenhuma ligando os sulcos da minha impressão digital.

"Ele poderia simplesmente ter algo em seu polegar quando ele tocou a crio- câmara," Amy diz sem olhar. "Algo que estava entre a superfície e seu polegar."

Mas eu não tinha tocado lá.

Eu sei que não.

Amy pega o flexível. "Você tem certeza, certeza absoluta, que não poderia ser Ancião?"

"Positivo. Logo depois que encontramos o Sr. Robertson eu verifiquei o mapa localizador wi-com. Ele não estava aqui."

Amy sopra o ar para fora de suas narinas como um touro bravo. "Eu ainda acho que ele poderia ter—"

Eu já estou balançando minha cabeça, e Amy para. Não há nenhum jeito. Apesar de Amy estar certa sobre sua personalidade cruel, Ancião simplesmente não estava aqui quando o assassinato aconteceu.

Amy joga o pincel no chão com desgosto. "Tanto trabalho para nada."

"Desculpa," eu digo absorto, mais distraído por quem poderia ter deixado a digital que não era de Ancião e não era minha.

Harley arrebata o flexível da minha mão e joga sobre a mesa no final do corredor. "Posso ver a escotilha agora?" Ele pega sua caixa de arte, e percebo que ele também trouxe uma tela nova—embora pequena.

"Se eu abrir a escotilha para você, você vai passar a noite aqui e garantir que ninguém mexa com os congelados?"

O sorriso de Amy é mais do que razão suficiente para ignorar a voz na minha cabeça me avisando que Ancião não vai gostar de mim deixando Harley aqui, sozinho.

"Claro," diz Harley.

Eu digo a Harley a localização da escotilha e o código de acesso assim que eu recupero o flexível que ele jogou longe. Tocando rapidamente, configuro o acesso de autorização para ele e Amy, para que ambos pudessem entrar e sair do Nível de Criogenia quando quisessem, e adiciono uma permissão de acesso para Amy usar os flexíveis. Harley corre direto para a escotilha assim que eu escaneio sua impressão digital, não se preocupando em esconder a sua ansiedade. Amy ainda está rindo dele quando eu pressiono o polegar dela no scanner no flexível. Quando ela para de rir, eu percebo que estive segurando o seu polegar por um minuto.

"Desculpa," eu digo, afastando a minha mão.

Amy sorri para mim.

"Queriratéojardimcomigo?" pergunto tudo de uma só vez. Meus olhos se arregalaram. O que deu em mim? Por que eu deixaria escapar isso assim?

"O quê?" Amy pergunta, com um sorriso largo. Ela se inclina contra a mesa de metal atrás dela.

"Quer ver o jardim?" Eu pergunto, falando muito mais lento do que a batida do meu coração. "Comigo?"

Ela morde os lábios, e embora ela não olhe para longe de mim, seu olhar fica distante e sem foco, as mãos agarram a extremidade da mesa, e ela olha como se com medo que eu vá arrastá-la deste lugar frio e escuro contra a sua vontade. Não é difícil adivinhar o porquê. Ela quer ficar perto de seus pais. Seus olhos deslizam para a direita, por onde Harley saiu correndo. Ela quer ver as estrelas, também.

Meu coração afunda. Como posso competir com isso?

Então seus olhos se concentram em mim novamente, e ela sorri. "Claro," diz ela. E no seu sorriso, eu vejo algo mais belo do que estrelas.

31

Amy

Velho me leva para um grande jardim atrás do hospital, aquele que atravessei essa manhã durante minha corrida. Não tinha percebido sua beleza—antes, eu somente vi as paredes me cercando. Mas, na realidade, ele é adorável. Tem uma sensação caótica nele, como se tivesse crescido de modo selvagem, mas há caminhos e arbustos e não há ervas- daninhas, todas as indicações de que um verdadeiro jardineiro participou do desenvolvimento dessa bela confusão contida.

"O que é aquilo?" eu pergunto.

"Uma estátua do Ancião durante a Peste."

"Então todos que são líderes por aqui são chamados de Ancião?" Ele assente. "Isso é uma coisa idiota de se fazer. Confunde quem é quem. De qualquer forma, quantos Anciões já existiram?"

"Eu... É... Não sei."

Olho o rosto da estátua. Não é esculpido na pedra. Acho que foi feita de concreto ou algo muito parecido. Faz sentido. Onde eles conseguiriam pedra? Eles não podem simplesmente cavar o chão e extraí-la.

Uma gota de água espirra em minha cabeça. Eu olho para cima, esperando por um momento louco ver nuvens de chuva. Sempre amei a chuva, mas olhando para o teto plano de metal, acho que não gostarei da versão de chuva da nave. Isso me lembra, mais uma vez, de como a Godspeed é falsa. Não há nuvens de chuva, nem céu escuro pontuado com raios. Aqui na Godspeed quando chove, a água apenas cai do sistema de borrifação conectado ao teto. Sinto o gosto de uma gota em minha língua. É fria, como chuva de verdade, mas tem um gosto levemente velho, reciclado e tem um cheiro muito fraco de óleo.

No entanto, a "chuva" não está pesada agora, apenas algumas gotas caindo; então eu continuo descendo o caminho para mais perto da estátua.

"Estou surpresa de que vocês tenham chuva," eu digo.

Velho sorri para mim, um tipo de meio-sorriso que parece de zombaria.

"O quê?"

"Você fala engraçado," ele diz, o que é irônico, uma vez que suas palavras soaram com "cêfala-ingraçadu" para mim.

"Ha! Você que tem um sotaque estranho!"

"Vucê tem sutaquistranhu," ele me imita. Mostro a língua para ele, mas ele está rindo também.

Algumas gotas de chuva caem na cabeça da estátua e deslizam pelo seu rosto como lágrimas, deixando marcas escuras. Eu aperto os olhos. O rosto não é tão detalhado como eu esperava. Na verdade, parece gasto pelo tempo.

"Há quanto tempo foi a Peste?" eu pergunto.

"Não sei," Velho diz, indo para longe da estátua. "Eu teria que pesquisar. Por que você está surpresa por termos chuva?"

"Bem..." eu pronuncio lentamente, enfatizando o sotaque que Velho diz que eu tenho. Seu sorriso aumenta. "É só que... isso não é chuva. Por que fazer com que isso pareça chuva? Vocês poderiam apenas molhar as plantas com borrifadores."

Velho dá de ombros. "Está no projeto original da nave." Ele pausa, depois murmura para si mesmo, "Pesquisa Biológica..."

"O quê?"

"Eu vi algumas das antigas plantas da nave no Salão de Arquivos. Originalmente, o Nível dos Alimentadores era marcado como 'Pesquisa Biológica'. Não pensei sobre isso naquele tempo, mas... Ancião planeja os padrões climáticos. Para simular as diferentes condições que a Terra-Centauro pode ter. Ele muda o padrão a cada cinco anos aproximadamente. Da última vez... Da última vez a chuva estava programada para cair somente uma vez por mês. Os cientistas tiveram que ajudar os fazendeiros a desenvolver diferentes métodos de irrigação. E..." Ele está pensando agora; ele praticamente esqueceu que estou aqui, escutando. "Quando eu era criança, costumava chover muito. Eu ajudei a cavar uma vala de drenagem. Os pastos de ovelhas continuavam inundados. Ancião nos fez mudar o solo algumas vezes também, adicionando ou retirando diferentes minerais."

Ele olha para mim agora, mas ele não está realmente me vendo. "O Nível dos Alimentadores, na realidade, é pesquisa biológica—pesquisar condições que a Terra- Centauro possa ter. Há arquivos no Salão de Arquivos de todos os diferentes métodos que criamos de acordo com as

necessidades. Não... Não necessidades. É o que Ancião faz. É parte do trabalho de Ancião... "

"O que significa que é parte do seu trabalho também, certo?" eu digo. "Você será o próximo Ancião." Eu quero perguntar, Por que ele não te ensinou tudo isso? Mas não parece ser o tipo de coisa que eu deva dizer em voz alta. Entretanto, Velho pode ver a pergunta em meu rosto. Ele volta pelo caminho em direção ao lago, mas eu posso dizer que ele não tem uma resposta para minha pergunta silenciosa. Ele apenas tem mais perguntas, também.

Sigo-o. Hortênsias com grandes flores desabrochadas derramam-se pelo caminho.

A chuva nos alcança. Ela tem um jeito metódico, regular de cair, mas é parecida o suficiente com a chuva de verdade que eu inclino minha cabeça para trás e deixo a água espirrar em minhas pálpebras fechadas e finjo.

"Essa coisa toda de Ancião... Não sei como funciona."

"Por que não?"

Nós paramos próximo a um lago aproximadamente do tamanho da piscina de natação da minha escola. Um homem e uma mulher, rindo na chuva, desabam em um banco mais para baixo no caminho.

"Ele não é um homem pacífico. Ele deve assustar a todos para obedecê-lo." Não quero admitir que ele me assustou também, mas acho que Velho pode adivinhar isso.

"Ancião é um grande líder. Nem sempre concordo com ele, ou com seus métodos, mas eles funcionam. Você não pode negar isso."

"Aquele homem velho é um ditador — é assim que funciona," eu murmuro. Eu capto um sorriso zombeteiro de Velho. "O quê?"

"Gosto de como você o chama de homem velho. A maioria das pessoas aqui lambe os pés dele."

"Ele parece um idiota para mim. Mais do que um idiota. Ele é praticamente o Rei Cuzão para mim. Quer dizer, eu sei que ele é o líder de vocês e tal, mas ele queria basicamente me matar."

"Talvez ele não fosse realmente te jogar pela escotilha."

"De verdade?"

Velho observa as flores aos nossos pés. "Talvez. Sim. Ele provavelmente faria."

Eu chuto as grandes flores vermelho-alaranjadas, como lírios, que formam uma fileira na extremidade da piscina.

O casal no banco está realmente mandando ver. O homem está com uma mão em cima da camisa da mulher e a outra dentro das suas calças. Velho segue meu olhar e encara o casal.

"Ancião disse que a Temporada começaria logo."

"Isso é a Temporada? As pessoas não agem assim em público." Pelo menos, elas não costumavam agir. Isso é o que acontece quando confinam pessoas juntas em uma nave, ou eu é que sou uma puritana em relação aos modelos evoluídos deles?

Velho não olha o casal no banco; ele está olhando para mim. A chuva está caindo mais forte agora, e eu penso em entrar, mas de um modo estranho eu gosto de como a chuva me faz sentir, como se eu estivesse fundamentada, conectada a esse lugar. Mesmo que eu saiba que a chuva é falsa, parece com uma chuva de verdade, e eu desesperadamente preciso dela.

32

Velho

O homem e a mulher no banco à nossa frente estão usando a chuva como desculpa para tirar suas roupas. O homem rasga a camisa da mulher fora, e ela arqueia suas costas, empurrando-se contra ele.

"Isso é nojento," diz Amy.

Eu não quero falar sobre a Temporada, mesmo que esse casal esteja me dando ideias. Eu quero saber se o seu ódio por Ancião se limita ao homem, ou ao título.

"Ele não é de todo ruim," eu digo. "Ancião é realmente um líder muito bom." Eu dou um passo mais perto dela. "Quer dizer, eu sei que ele pode ser rigoroso, mas ele manteve todos a bordo trabalhando juntos e felizes."

Amy bufa. "Então, você vai odiar as pessoas porque elas são diferentes, também?"

"Eu nunca te odiaria!"

É a sua diferença—seus cabelos vermelhos, sua história na Terra-Sol, o jeito que ela não segue o Ancião cegamente—estas são as coisas que mais gosto nela.

A chuva está vertendo agora, mas nenhum de nós se preocupa. Amy olha para mim com expectativa, como se ela estivesse esperando por mim para provar a ela que eu não sou o Ancião.

Em vez disso, eu alcanço e puxo os pincéis que prendem seu cabelo em um nó. Há um lampejo de vermelho quando seus cabelos caem em cascatas, então a chuva encharca seus cachos pesadamente, escurecendo-os tanto que seu cabelo parece quase marrom como o meu. Quase. Eu alcanço uma mecha de fios laranja ouro dela e coloco atrás de sua orelha. Ela se encolhe quando os meus dedos tocam sua pele.

"O Ancião é um grande líder," insisto, a minha voz suave. "Mas," eu digo antes que Amy possa protestar: "Nós discordamos sobre a questão das diferenças. Acontece que eu gosto de diferenças. Muito." Eu engulo seco. Minha boca parece muito molhada, minha garganta muito seca.

E então, eu não tenho muita certeza de como isso acontece, mas ela dá um passo mais perto e eu dou um passo mais perto, e então nós dois estamos completamente próximos um do outro.

E não há nada entre nós exceto a chuva.

Então não há nada entre nós.

Meus lábios se fundem aos dela. Uma gota de água da chuva escorre em torno da borda da minha boca, e então seus lábios se partem, e os meus também. As gotas da chuva caem sobre minha língua, e então se perdem na dela.

Meu corpo está encharcado, eu deveria estar com frio. Mas o calor dela me preenche.

Meus braços serpenteiam em torno de seu corpo, puxando-a com força contra mim. Eu quero esmagá-la contra mim.

Eu não quero que isso acabe nunca.

E então...

...Ela está se afastando.

Ela está recuando.

Seus dedos estão em seus lábios inchados.

Seus olhos estão arregalados e cintilantes.

Pingos de chuva escorrem pelo seu rosto, mas não é chuva, e pela primeira vez, eu sinto gosto de sal na minha língua.

"É sempre na chuva," murmura. "Com Jason, também. "

E quem quer que Jason seja, eu quero matá-lo.

"Sinto muito," diz ela, dando mais um passo para trás. "Eu nunca quis... "

E não, não, não deveria ser assim.

Eu não devia tê-la beijado. Ela tem muito em sua cabeça e coração para se preocupar em adicionar-me.

"Sinto muito," eu digo.

Eu a alcanço, mas ela recua. E então ela se vai.

A água jorra do forro do teto de metal. Na minha mão, esquecidos até que fosse tudo que tivesse restado, estão os pinceis que Amy tinha usado para manter os cabelos presos. Os pinceis de Harley.

Eu os quebro no meio e atiro-os na lagoa.

33

Amy

Um respingo de chuva em minha pele. E Jason está aqui, e nós quase nos beijamos. Mas não é chuva, é meu chuveiro cheio de vapor, e não é Jason, é Velho.

Minha cabeça bate, fazendo um som oco, no azulejo do banheiro, aquecido pelo vapor.

Não sei o que fazer.

Enrolo uma toalha ao meu redor enquanto saio do banheiro. O quadro que eu pintei na parede prende minha atenção, e eu fico ali parada, gotejando água de chuveiro no carpete opaco enquanto eu o observo. Isso não ajuda. Ainda não posso ver qualquer conexão entre eu e o Sr. Robertson.

Nunca me senti tão perdida—tão sozinha—antes na minha vida. Todas as pessoas que deveriam estar comigo—meus pais, Jason, meus amigos—se foram. Sem eles, essa nave parece vazia e pequena—eu me sinto vazia e pequena.

Eu devo ir para o Nível de Criogenia e vigiar meus pais. Eu não devo deixar Harley lá. São meus pais lá embaixo, não os dele. Ele não tem ligações com isso.

Mas eu vi a ansiedade em seus olhos quando fomos embora, e eu não quero ser a pessoa que o tirará das estrelas.

E eu não quero ficar sozinha lá embaixo, no frio da morte.

Eu sento na beira da minha cama, não disposta a deitar.

Eu atravesso o quarto até a cadeira próxima à janela. Olho de volta para a cama, as cobertas enrugadas, mas não retiradas. Na minha primeira noite aqui, Velho sentou-se nessa mesma cadeira enquanto eu dormia ali.

Eu levanto meus pés na cadeira e passo meus braços ao redor dos meus joelhos. Eu adormeço olhando a janela.

Não há nascer do sol. A grande lâmpada amarela no centro do teto da nave se acende como uma luz, e é dia.

Minha mente está nebulosa, como se eu não conseguisse acordar totalmente. Pego um copo de água fria no banheiro, mas isso não ajuda.

Talvez, o mundo esteja mais nebuloso. Estou tão cansada. De pensar, de me preocupar. Há apenas um jeito que conheço de parar os sussurros em minha cabeça.

Luthe, o homem alto que me observa tão intimamente, é a única pessoa na sala comum quando eu a atravesso em direção ao elevador. Ele chegou a dormir? Parece quase como se ele ficasse na sala comum apenas para poder me observar e me fazer ficar desconfortável. Quero me virar e dizer para ele manter seus olhos em si mesmo, mas ele provavelmente ia gostar da minha atenção. Além disso, ele me assusta um pouco.

Somente se passaram alguns minutos do dia. Sem um nascer do sol adequado, não parece com de manhã cedo, apenas há uma luz do dia normal, que será a mesma ao meio- dia ou alguns minutos antes da escuridão. De qualquer forma, mesmo que pareça que o Nível inteiro ainda está dormindo, eu vou para as áreas rurais, corro passando pelas vacas e pelos milharais com pendões que me fazem cócegas quando encosto neles. Depois de uns dez minutos, eu pego o ritmo, desejando que meu corpo entre em êxtase.

"Por que você gosta de correr, Ruiva?" Jason me perguntou depois do nosso terceiro encontro mais ou menos, depois que já tínhamos começado a nos beijar, mas antes de eu ter coragem para dizer a ele que eu não gostava do apelido “Ruiva."

“Eu te falei. Eu amo o momento em que você está totalmente focado na corrida, quando tudo o que você é se concentra em seus pés se movendo."

Mais forte. Tenho que correr mais forte.

“Acho que consigo entender isso." Jason se inclinou para um beijo, mas eu já estava concentrada em amarrar meus cadarços, e tudo o que ele alcançou foi minha bochecha.

Eu olhei para ele. “E eu quero ganhar."

“Ganhar?"

Eu posso ultrapassar essas memórias. Apenas tenho que ir mais rápido. O milharal acaba em uma cerca baixa. Ovelhas me observam do outro lado. Eu derrapo, dando uma volta, e corro ao longo da cerca.

"É. Ganhar a Maratona da Cidade de Nova York. É um tipo de sonho." Eu estava evitando seus olhos agora, não porque eu estava concentrada em arrumar minhas meias, mas porque eu nunca tinha contado a ninguém sobre isso.

“A Maratona da Cidade de Nova York?"

“Sim. É um negócio importante. Uma das melhores maratonas do mundo. Aproximadamente quarenta e dois quilômetros, através dos bairros. Mas para corrê-la- quero dizer, realmente corrê-la, não apenas aparecer e conseguir chegar ao fim... Bem, você tem que ser bom."

"O quão bom?"

"O melhor tempo é por volta de duas horas e meia."

"Duas horas e meia? Para malditos quarenta e dois quilômetros? Cara!"

"Eu sei. Não estou nem um pouco próxima disso. Mas..." Eu levantei meus olhos para ele. Ele não estava brincando, como costumava; ele estava me levando completamente a sério.

"Você pode fazer isso."

"Eu mal consigo fazer dezesseis quilômetros em duas horas."

"Você pode fazer isso. De verdade. Você nunca desiste. Eu tenho observado você. Um dia, você vai ganhar aquela maratona, e eu estarei na linha de chegada, esperando por você. Com uma surpresa." Ele sorriu agora, malicioso outra vez.

"Me deixe adivinhar," eu disse. "A surpresa é essa?" E eu o beijei, pressionando todo o amor que eu tinha por ele e sua fé em mim dos meus lábios para os dele.

Eu paro quando isso me atinge, engolindo o ar que tem gosto de ozônio.

Não apenas porque Jason não existe mais. Não existe maratona. Não existe Nova York. Nova York—Nova York! É enorme. Existem—existiam muitas pessoas lá. Sem Nova York. De qualquer modo se Nova York existisse agora, não seria do jeito que era. Não haveria metrôs, Central Park, maratonas e a Broadway. Agora seria algo completamente diferente —carros voadores e teletransporte, pelo que sei. Nunca verei isso, e isso nunca será o que era. Para mim, eternamente, não existe Nova York.

Mas, meu coração sussurra, existe Velho.

Eu corro mais.

Quando eu começo a ver pessoas do lado de fora, acordadas e iniciando seus dias, eu volto para o Hospital.

Não posso mentir para mim mesma.

Eu sei que quero me esconder.

Eu diminuo a velocidade quando vejo as vacas mais de perto.

Elas não são vacas normais.

Quer dizer, eu não cresci em uma fazenda e tal, mas ainda assim eu sei como as vacas deveriam ser. E essas vacas... Bem, claramente elas deveriam ser vacas, mas eu nunca vi nenhuma vaca como essas antes.

Por exemplo, elas são mais baixas. Muito mais baixas. Suas cabeças mal alcançam meus ombros. Os machos têm chifres como o gado realmente deve ter, mas eles têm forma de cogumelo, não porque foram cortados, mas porque cresceram desse jeito.

Elas parecem tão curiosas sobre mim quando estou sobre elas. Eu paro na cerca e me inclino, suada e ofegante, e algumas vacas balançam-se em minha direção. Elas têm mais músculos do que as vacas normais, a carne abaulada embaixo do seu couro, tornando-as lentas e cambaleantes. Elas mastigam ruminando, com movimentos calculados, arrotando um pouco a cada vez, liberando um cheiro de terra e de grama que quase me faz lembrar de casa.

Uma delas muge, mas não é um mugido normal: ele termina com um guincho parecido com o de porco: Moo-uh-eeee!

Eu me afasto da cerca.

As vacas-porcos me observam quando eu saio, com seus grandes olhos marrons silenciosos, de alguma forma agourentos.

Próximo há um campo de plantas, no mínimo duas vezes maior do que os outros campos pelos quais passei: milho, trigo e vagens. Fileiras, fileiras e mais fileiras de vegetais verdes-brilhantes folhosos crescem bem cuidados. Eu me curvo e arranco uma folha arredondada, delicada e um pouco áspera, mas ela tem um gosto amargo. Sua haste é espessa e dura; imagino que a planta é parecida com cenoura ou batata—a parte comestível dela está abaixo do solo.

E então e ouço algo.

Beep! "Número 517, vacinado." Um ruído de algo parecido com plástico duro, uma debandada de passos.

Uma cerca baixa feita de arame grosso cerca o campo atrás de mim. Agachada em um canto, tão abaixada que não a vi a princípio, está uma garota alguns anos mais velha do que eu, aproximadamente da idade do Harley. Ela acabou de soltar um coelho gordo, grande e de pernas curtas, e ele está saltando para longe, balançando a parte detrás de sua perna esquerda a cada salto. Seu rabo branco macio é reluzente, e eu posso ouvi-lo batendo os dentes com raiva à medida que se afasta.

Começo a dizer algo, mas a garota se ajoelha. Outro coelho mordisca uma folhagem alguns metros à frente. Sem fazer nenhum som, a garota salta sobre o coelho, o agarra pela parte de baixo de suas pernas e o prende no chão, sem demorar muito mais que o tempo de uma piscada. Ela pega atrás dela um daqueles computadores de plástico que eu vi Velho usar, e o balança atrás das orelhas do coelho, como uma caixa de um supermercado ao passar as compras. Aquela coisa-computador bipa e ela olha a tela, depois o lança para o chão atrás dela.

"Olá," eu digo.

Eu espero que ela fique surpresa—ela não tinha percebido minha presença antes— mas a garota apenas olha para cima e diz "Olá."

Porém, ela reage assim que me vê. Lembro-me do que Velho disse sobre mim, e como seria fácil eu ser reconhecida. Meu cabelo está suado da minha corrida e colado à minha cabeça, com fios escapando da minha trança apressada. De qualquer maneira, eu passo minhas mãos sobre ele, não que isso fará diferença; não tem como eu esconder quem eu sou nessa nave.

"Você é o experimento geneticamente modificado," a garota declara. Eu assinto. "Ancião disse que não temos que falar com você."

"Bem, você não tem," eu digo, incapaz de esconder o rosnado em minha voz, "mas você poderia ao menos ser educada."

A garota inclina a cabeça, pensando. Ela pega atrás dela uma pequena cesta cheia de seringas subcutâneas. Aproximadamente metade está vazia; a outra metade contém um líquido amarelo-ouro que parece com mel misturado com manteiga.

"O que é isso?" eu pergunto.

"Vacinas," a garota diz, virando-se para o coelho que ela ainda segura no chão. O coelho não parece ter nenhuma reação a isso. Ele contorce suas pesadas pernas ocasionalmente, mas realmente não luta contra seu aperto.

"São seus animais de estimação?" eu pergunto.

Ela olha para mim, e posso ver que ela está pensando sobre o que o Ancião disse, que eu sou supostamente lenta e idiota. "Não," ela diz. "Eles são comida."

Pergunta idiota. O campo é razoavelmente grande, e eu posso ver cerca de vinte coelhos próximos e dúzias distantes. Do lado mais afastado da cerca há uma casa—a casa da menina, suponho—e alinhados ao redor

da casa há gaiolas para mais coelhos. Deve haver centenas de pessoas na Godspeed; faz sentido que elas precisem de uma fonte de proteína que se reproduza tão rapidamente quanto coelhos.

"Eu vi você correndo," ela diz, sua atenção no coelho. "Do que você estava correndo?"

"Estava apenas correndo," eu digo. Ela está me observando silenciosamente e atentamente, como um gato.

"Por quê?" ela pergunta.

Eu encolho os ombros. "Por que não?"

"Não é Produtivo." Ela diz como se produtividade fosse a única e sagrada coisa que valesse a pena.

"E?" eu digo.

Ao invés de responder, a garota apenas inclina sua cabeça para a esquerda, depois se vira para longe de mim. Ela pega uma das seringas cheias na cesta, injeta na parte debaixo da perna do coelho, e o deixa ir. "Número 623, vacinado," ela diz. Na coisa- computador pisca uma linha ondulada e uma luz verde, e as palavras que ela disse aparecem em um quadro na tela.

"Contra o que você está vacinando-os?" eu pergunto. Quantas doenças de coelho poderiam existir em uma nave isolada?

"Isso os faz mais fortes. Mais saudáveis. Uma carne melhor." Ela agacha sobre os calcanhares e olha para mim. "Você mora no Hospital, certo?"

Assinto.

"Meu vô foi levado para o Hospital," ela diz.

"Ele está melhor agora?"

"Ele se foi."

Ela diz isso com naturalidade, sem uma nota de emoção, mas seus olhos estão brilhando. "Sinto muito," eu digo.

"Por quê?" ela pergunta simplesmente. "Era a hora dele."

"Você está chorando."

Ela passa um dedo sujo nos olhos, deixando uma mancha de terra e grama verde em sua bochecha. Ela olha para a lágrima em seu dedo, confusa com aquela emoção escapar de seus olhos. "Não tenho razão para ficar triste," ela diz com a evidência escorrendo da ponta do seu dedo. Sua voz é estável, monótona, e eu sei que ela acredita não estar triste, mesmo quando seu corpo diz algo diferente.

A garota pega sua cesta e alcança a coisa-computador. Está mais afastada do que ela pensou, e desliza das suas mãos, indo em minha direção. Posso ver duas palavras na parte de cima da tela: MODIFICAÇÃO GENÉTICA.

"O que isso diz?" eu pergunto, apontando.

Ela me obedece sem questionar, o que me surpreende um pouco.

"Modificação genética para manipular genes reprodutivos e massa muscular," ela recita na mesma voz monótona. "Aumento de produtividade esperada: 20 por cento, com aumento da produção de carne de 25 por cento."

"Essas injeções não são vacinas," eu digo, procurando seus olhos inexpressivos. "Elas tem a ver com manipulação genética. Eu sei. Minha mãe era uma cientista genética antes..." Eu paro. Ela ainda pensa que sou uma aberração, um subproduto de um experimento científico a bordo da nave. "Olha, eu não sou o que o Ancião disse que eu era. Eu sou da Terra. Terra-Sol, quero dizer. Eu nasci lá. Eu fui criogenicamente congelada e acordei mais cedo. E minha mãe, quando estava na Ter... Na Terra-Sol, ela era uma cientista genética. Esse negócio que você está injetando nos coelhos— isso não é uma vacina. Isso é um material para modificação genética. Você está mudando o DNA dos coelhos."

Ela assente como se estivesse concordando comigo, acompanhando todas as palavras, mas ela diz, "Ancião disse que você era simples e não entendia as coisas."

"Eu sou da Terra—mas essa não é a questão! Olha, a questão é, esse negócio é perigoso. Material para modificação genética não é algo com que devemos brincar, nem mesmo em coelhos, especialmente se você vai comê-los. Você não sabe o que está fazendo?"

"Ancião disse que era uma vacina," a garota diz. Ela começa a caminhar para longe de mim.

"Ei, espera—pare!" A cerca me mantem fora.

A garota para—mas só porque está se posicionando para atacar outro coelho.

"Olha, você leu aquilo no computador. Está dizendo bem aí que você está injetando neles material geneticamente modificado. Certo. Lá." Eu aponto para a tela. Ela olha para baixo, curiosa, como se estivesse procurando o que acabei de dizer, mesmo o quadro no qual ela esteve

trabalhando estando muito bem identificado. "Olha aquilo. Lá. Você vê a palavra vacina?"

Ela balança a cabeça lentamente, seus olhos observando as palavras na tela.

"Então..." Eu digo, esperando que ela entenda meu argumento. Quando ela não entende, eu acrescento, "Então você não está vacinando os coelhos. Você está modificando o DNA deles."

Ela olha de volta para mim, com olhos bem abertos, e por um momento eu penso que ela entendeu. "Ah, não," ela diz. "Você está errada. Ancião me disse. Vacinas." Ela levanta a cesta de seringas para eu verificar. "Elas fazem os coelhos ficarem mais saudáveis. Mais fortes. Melhor carne."

Eu começo a protestar, mas seus olhos enormes, inocentes e vazios me dizem que não tem sentido. Eu tenho um calafrio, mas isso não tem nada a ver com o frio que sinto à medida que o suor seca da minha pele. O controle do Ancião é absoluto. Eu não sei por que essa garota é tão vazia, que não acredita no que está bem em frente da sua cara quando isso contradiz o que o Ancião disse para ela. Eu não sei ao certo se até mesmo é Ancião que está por trás das desconexões. Mas eu realmente sei de uma coisa: se for ele, e ele tem a nave inteira cegamente o seguindo dessa forma, não há chance de eu ficar contra ele.

34

Velho

Luz estelar escoa debaixo da minha porta na manhã seguinte. Quando eu saio da minha câmara bocejando e me esticando, vejo que Ancião abaixou a tela de metal sobre a carta de navegação, expondo as lâmpadas estrelas.

"Olá," Ancião diz. Ele está encostado na parede de seu quarto, olhando para as estrelas falsas. Ele desliza para o lado quando me sento, e eu ouço atrito de vidro no chão de metal.

Uma garrafa da bebida que os Embarcadores fazem. Ancião se move para escondê- la, mas ele está muito atrasado.

Nós olhamos para as lâmpadas.

"Eu esqueço às vezes," diz Ancião. "Como é difícil. Eu venho fazendo isso... por tanto tempo." Ele suspira. Embora o cheiro, forte e pungente da bebida persista no ar, Ancião não está bêbado.

Olho para a garrafa que foi aberta, mas não mais do que um gole ou dois estava faltando. Acredito que Ancião não perde o controle mesmo assim.

"Eu sei que é difícil," eu digo.

Ancião sacode a cabeça. "Não, você não sabe. Não de verdade. Você está apenas começando. Você... Não teve que tomar as decisões que eu tive que tomar. Você não teve que viver consigo mesmo depois."

O que ele quer dizer com isso?

Exatamente o que ele fez?

E outra parte de mim, a parte que sentiu como é ser Velho por dezesseis anos, não Ancião por cinquenta e seis, essa parte de mim pergunta: O que ele teve que fazer?

Porque eu conheço Ancião, e além do mais, eu conheço o trabalho. E eu sei por que fazemos o trabalho. Por que vivemos o trabalho. Por que temos que fazer.

"Seria mais fácil, se o Velho antes de você ainda estivesse vivo. Ele poderia cuidar de você e da Temporada, e eu poderia cuidar de—"

"Do quê?"

"De todo o resto."

Ancião está de pé agora, a luz das estrelas falsas salpica seu corpo.

Ele parece muito velho. Muito mais velho do que eu já o vi antes.

Embora, não sejam os anos que o envelhecem.

"Eu odeio a Temporada." O desgosto de Ancião é aparente em sua voz.

Eu começo a perguntar por que, mas ele não está olhando para mim, e algo fica em minha língua.

Eu imagino—será que ele odeia, porque ele não tem ninguém com quem acasalar?

Eu nunca o vi olhar para uma mulher da maneira que Harley costumava olhar para sua namorada... Do jeito que eu olho para Amy.

Talvez ele tivesse uma mulher antes de mim, para sua Temporada, mas ela morreu. Talvez... Eu engoli. Eu não posso dizer que não me perguntei antes, me perguntei se Ancião era realmente o meu...

"Não fique orgulhoso," diz Ancião, interrompendo meus pensamentos.

"Senhor?"

"Não fique orgulhoso. Você faz o que você tem que fazer, quer você goste ou não. Não há nada para se orgulhar, não como Ancião. Nunca há direito de resposta. Basta mantê-los vivos. Não importa como. Basta manter a maldita nave viva."

Ele pega sua garrafa praticamente cheia e se tranca em seu quarto escuro. A tela de metal cobre as estrelas falsas, e eu fui deixado na escuridão também.

Uma hora depois, é hora do dia começar. Ancião emerge de sua câmara. Suas roupar são impecáveis, seus olhos claros, e seu hálito é fresco. Eu acho que a garrafa ainda está cheia. A conversa sob as estrelas de mentira parece um sonho.

Ancião caminha até a escotilha que leva ao Nível dos Embarcadores. O barulho de seus passos através do chão de metal—irregular de seu mancar—é o único som que preenche o silêncio.

"Você passou o tempo todo ontem com aquela garota da Terra-Sol," diz ele, finalmente, levanta a porta da escotilha.

Eu dou de ombros.

"Eu não tenho tempo para lições agora. A nave vem em primeiro lugar. Mas você ignorou completamente a minha missão, não é? De

descobrir a terceira causa da discórdia?"

Minha cabeça afunda. Eu tinha esquecido. Parece que foi há muito tempo atrás. Quando olho, Ancião está olhando por cima do ombro, não encontrando meus olhos. Eu não posso dizer o que ele está pensando, mas eu duvido que possa ser bom.

"Tudo bem," diz ele finalmente.

"Tudo bem?"

"Gaste seu tempo com ela," diz Ancião. "Você vai ver em primeira mão o tipo de problemas que ela pode causar."

Em seguida, ele desce a escotilha, deixando-me com perguntas que eu sei que ele não vai responder.

Eu vou direto para o tubo gravitacional e o Nível dos Alimentadores. Se Ancião está me dando permissão para abandonar a sua missão e passar tempo com Amy, quem sou eu para questionar? Orion está na varanda do Salão de Arquivos (encostado com as costas obscurecendo o retrato de Ancião, o que me faz sorrir), e eu aceno quando passo.

O jardim está mais cheio do que eu já vi antes. Os únicos sons à deriva através dele são os gemidos e grunhidos do acasalamento de pessoas, no cio atrás dos arbustos, na base das árvores, ao pé da estatua, mesmo no meio do caminho. Eu tenho que passar por cima de corpos suados se contorcendo, para a entrada do hospital.

O elevador, felizmente, está vazio. Mas não cheira como se estivesse vazio há muito tempo.

Na Enfermaria, há alguma aparência de sanidade. Sim, Victria e Bartie estão se beijando no canto, e vários do grupo de ação estão pressionados contra a parede de vidro, mas a maioria deles está vestida.

Eu meio que espero que Amy esteja como o resto deles quando bato em sua porta— eu meio que tenho esperança disso—mas ela não está.

Ela está vestida, olhando pela janela.

"Por que eles estão fazendo isso? Em público, em todos os lugares... " ela sussurra quando eu entro em seu quarto.

"É a Temporada."

"Isso... Não é normal. Pessoas não agem assim. Isto é... Acasalar. Não é amor."

Eu encolho os ombros. "Claro que é acasalamento. Esse é o ponto. Para fazer uma nova geração."

"Todo mundo? Todos de uma vez? Todos decidem fazer sexo agora?"

Concordo com a cabeça. Talvez seus pais nunca tenham lhe contado sobre a Temporada, mas com certeza ela tem idade suficiente para saber. Todos os animais entram no cio. As pessoas têm uma Temporada assim como as vacas, as ovelhas, as cabras.

Amy bufa. "Deve ser algo na água," ela diz com um sorriso fraco, como se fosse uma piada. Mas seu rosto torna-se escuro novamente, e ela diz em um sussurro baixo, principalmente para si mesma: "Mas não é natural."

Eu não respondo. Estou muito ocupado pensando em como vamos estar na Temporada quando tivermos vinte. Juntos. Apenas nós.

Ela disse alguma coisa. Sacudo a cabeça para afastar os pensamentos que invadem meu cérebro.

"Você vai?" ela pergunta.

"Vou o quê?"

"Você vai comigo ver os meus pais?"

Eu respiro fundo, falando lentamente. "Amy... Eles ainda estão congelados."

"Eu sei," diz ela em um tom calmo, neutro. "Mas eu ainda quero vê-los. Não posso suportar esperar naquele andar sem antes vê-los adequadamente."

Então vou com ela.

As luzes já estão acesas no Nível de Criogenia. Amy sai primeiro e olha em volta para as fileiras e fileiras de portas quadradas.

Eu a sigo enquanto ela silenciosamente desce um corredor. Seus dedos saltam sobre as portas de metal. No final da fileira, Amy vira para mim.

"Eu nem sei qual é a deles." Ela parece perdida.

"Eu posso dar uma olhada," eu digo. Eu passo em volta dela indo para a tabela e pegando o flexível no fim da fileira.

"Quais eram seus nomes?" digo.

"Maria Martin e Bob... Robert Martin."

Eu digito seus nomes no teclado da tela.

"Números 40 e 41," eu falo. Antes que eu possa colocar o flexível de volta, Amy para em frente de duas portas que estão lado a lado marcadas com os números dos seus pais.

"Você quer que eu abra?" Eu pergunto.

Amy balança a cabeça, sim, mas quando eu passo em frente com o meu braço estendido, ela agarra a minha mão. "Eu faço isso," diz ela, mas ela não faz, ela só fica lá, olhando para as portas fechadas.

35

Amy

Eu quero vê-los.

Eu quero traçar as rugas de risada da Mamãe com meus olhos. Eu quero tocar a barba desalinhada do Papai com minha bochecha lisa.

Eu quero vê-los.

Mas eu não quero vê-los como carne congelada.

36

Velho

"Amy?"

Amy e eu viramos. Harley está de pé no final da fileira.

"O que você está fazendo aqui?" eu pergunto.

Harley boceja enquanto caminha até nós dois. "Permanecendo de guarda. Como dissemos que faríamos. Ninguém esteve aqui além de vocês dois."

"Vou ficar esta noite," eu digo com culpa, olhando para os círculos escuros sob os olhos de Harley.

"Não, você não vai." Harley sorri para mim. "Você não pode. O Ancião notaria. Eu não me importo de descer aqui. É tranquilo e me dá uma chance de pintar."

Eu conheço Harley. Eu sei o quão ele obcecado ele pode ficar. Ele provavelmente passou mais tempo olhando as estrelas que guardando os congelados.

Eu me inclino mais perto, para que Amy não ouça. "Mas seus remédios... "

Eu não estou falando só da pílula inibidora azul-e-branca que ambos tomamos, que todos na Enfermaria tomam. Harley tem usado mais remédios do que isso, para seus 'episódios', desde que...

"Eu vou ficar bem," diz Harley e mesmo que eu não tenha certeza se eu acredito nele, eu posso dizer pela forma como ele está olhando para Amy que ele não quer discutir esse problema na frente dela.

"Por que você não vem conosco? Amy está encontrando seus pais," eu digo.

Harley hesita—ele quer voltar para as estrelas. Mas quando ele me vê olhando para ele preocupado, ele muda de ideia.

"Tudo bem," diz ele, mesmo enquanto olha em direção ao corredor que leva para a escotilha. Há algo no oco vazio dos olhos de Harley, uma gananciosa espécie de saudade, que faz me preocupar com ele. É o mesmo tipo de obsessão que ele caiu da última vez.

"Eu acabei aqui," Amy diz por trás de mim.

"Você tem certeza?" Eu pergunto. Ela assente.

"Mas... Você não quer receber o seu malão?" eu pergunto, olhando para o flexível. "Meu malão?"

"O que você empacotou antes de ser congelada? Está registrado aqui que você e seus pais, cada um tem um malão.”

37

Amy

Meu coração pula em meu peito à medida que eu e Harley seguimos Velho, passando pelas fileiras de pequenas portas de metal em direção à parede forrada de armários.

Eu nunca guardei nada aqui. Mamãe e Papai nunca me disseram que eu poderia trazer algo comigo.

Velho abre um armário; uma pilha de dez malas de tamanho médio está lá dentro.

"Aqui está," ele diz, tirando três malas.

Harley e Velho ficam ao meu lado enquanto eu aperto o botão da primeira mala. A tampa abre com um estalo audível—a vedação a vácuo se rompe.

Essa deve ser a mala da mamãe. Seu perfume se espalha tão logo a tampa está aberta. Eu respiro profundamente, de olhos fechados, lembrando-me como as roupas dela cheiravam esse mesmo perfume quando eu brincava de vesti-las há tantos anos atrás. Respiro novamente e percebo que tudo que posso sentir é o cheiro acre do gás de preservação com o qual a mala foi preenchida, e o perfume da mamãe não é nada além de uma memória.

Eu pego o saco transparente de preservação cheio de fotos.

"O que é isso?" Harley pergunta.

"O oceano."

Ele encara, de boca aberta.

"E essa?" Velho pergunta.

"Essa foi nossa viagem familiar para o Grand Canyon."

Velho pega a foto que estendo para ele. Ele contorna a pedra esculpida pelo Rio Colorado com o dedo. Ele parece incrédulo, como se não acreditasse realmente que o cânion atrás de mim e dos meus pais seja real.

"Tudo isso é água?" Harley pergunta, apontando para a foto de mim fazendo um castelo de areia na praia quando tinha sete anos.

Eu rio. "Tudo é água! Ela é salgada, o que é nojento, mas as ondas estão sempre indo para cima e para baixo, para dentro e para fora. Eu e meu pai costumávamos pular as ondas, ver quão longe conseguíamos ir e depois correr de volta para a margem."

"Tudo água," Harley murmura. "Tudo água."

As outras fotos não são tão empolgantes. Elas são na maioria sobre mim. Eu quando era bebê. Eu aprendendo a andar, no jardim dos meus avôs, entre a plantação de abóboras. Primeiro dia de escola. Eu na formatura em meu vestido preto apertado, ao lado de Jason, aceitando seu buquê de escovinhas.

Eu vasculho mais a mala. Há algo que eu sei que mamãe não deixaria para trás na Terra. Quando meus dedos se fecham em torno de algo pequeno e duro, meu coração dá um pequeno salto. Eu retiro a caixa de veludo redonda da mala e a seguro na palma da minha mão.

"O que é isso?" Velho pergunta. Harley ainda está observando o oceano.

Dentro da caixa há um crucifixo dourado. O crucifixo da minha avó.

Velho ri. "Não me diga que você é uma daquelas que acredita naqueles contos de fadas!"

Sua risada morre enquanto eu coloco o crucifixo em meu pescoço, sem quebrar em nenhum momento o contato visual com ele. "Essa nave é chamada Godspeedeu digo, ajustando a cruz no centro do meu peito.

"Godspeed apenas significa sorte."

Eu me viro, encarando as portas dos mortuários congelados. "Significa mais do que isso."

Eu engulo e coloco as fotos de volta na mala. Exceto aquela de mim e minha família no Grand Canyon.

O crucifixo balança para frente à medida que me estico para pegar a mala do papai. Está cheia quase que totalmente de livros. Alguns eu reconheço: os trabalhos completos de Shakespeare, O Peregrino, a Bíblia, O Guia do Mochileiro das Galáxias. Dez ou vinte livros sobre táticas militares, sobrevivência e ciência. Três livros com páginas em branco e um pacote fechado de lapiseiras. Eu separo um caderno e três lapiseiras ao meu lado.

Eu hesito, depois abro novamente a mala à procura da Arte da Guerra, de Sun Tzu. Eu nunca li o livro, mas estou julgando pelo título, que ele me dará alguns indicadores do que fazer com quem quer que esteja

desconectando as pessoas. Eu o coloco embaixo do caderno, esperando que Velho não repare no título. De alguma forma, de algum jeito, eu tenho certeza que o seu mentor, Ancião, está por trás disso, e tenho medo que se isso vier a tona, eu tenha que travar uma guerra contra ele totalmente sozinha.

E então eu vejo.

Meu ursinho de pelúcia.

Eu o levanto. O grande laço verde em seu pescoço está torto e o feltro está se desfazendo do seu nariz. O pelo da sua pata direita quase não existe mais, porque quando eu era criança, eu costumava sugá-lo ao invés do meu dedo.

Eu abraço Amber contra meu peito, ansiando por algo que quero sentir, mas que esse objeto não pode me dar.

"Última mala," Velho diz, empurrando em minha direção à medida que fecho a mala do papai.

Eu respiro profundamente. Eu aperto Amber.

Mas a mala está vazia.

"Onde estão suas coisas?" Harley pergunta, se inclinando acima do meu ombro.

As lágrimas pinicam meus olhos.

"Papai achava que eu iria embora," eu disse. "Ele não guardou nada para mim, porque ele não achava que eu viria com eles."

38

Velho

"Mas está tudo bem," eu digo. "Nós temos tudo que precisamos aqui na nave. Você não terá que se preocupar com roupas ou qualquer coisa."

Harley me soca no braço.

"O quê?"

Amy abraça seu bicho de pelúcia e pega o caderno, lápis, livro e fotografia que ela coletou das caixas de seus pais.

"Eu acabei aqui," ela diz com uma voz oca.

Harley me ajuda a carregar os malões de volta para o armário. Ele continua atirando-me estes olhares e acenando com as sobrancelhas para Amy, mas eu não tenho ideia o que ele quer dizer com isso.

Click. Whoosh. Thud.

Amy deixa cair o bicho de pelúcia e os livros, os lápis barulham no chão e a fotografia flutua para baixo. "Eu conheço esse som," ela respira, e sai correndo pelo corredor em direção as fileiras de corpos congelados.

"Amy, espere!" Harley chama, mas eu só vou atrás dela. Ela derrapa ao virar no canto da fileira dos sessenta.

"Depressa!" ela grita.

Eu dou a volta no canto. Neblina se levanta de uma caixa de vidro repousando no centro do corredor.

"Você fez isso?" eu pergunto, apesar de eu saber a resposta.

"Claro que não!" Amy diz, sua voz rouca, como se ela estivesse tentando dizer tudo de uma vez. "Será que ela vai acordar como eu?"

Olho para a caixa, há uma mulher lá dentro, uma mulher mais alta e mais pesada do que Amy com cabelos crespos escuros e pele mais escura que a minha. A luz no topo da caixa pisca vermelha. Eu olho para a caixa preta elétrica. A chave interior foi invertida.

Eu golpeio o dedo no meu botão wi-com. "Com link: Doutor. Agora!"

"O que é?" A voz de Doutor enche meu wi-com.

"Doutor! Houve mais uma! Há outra caixa aqui fora! Venha rápido! "

"Espere, o quê?"

"Desça ao Nível de Criogenia. Um dos congelados. Ela foi puxada para fora. A luz está vermelha!"

"Eu já estou indo."

Doutor desconecta o link. Espero que ele esteja perto. Se ele estiver no Hospital, ele estará aqui em poucos minutos, se ele está na cidade ou no Nível Embarcador, levará mais tempo.

"O que está acontecendo?" Harley pergunta.

"Alguém fez a essa mulher o que fizeram para mim," diz Amy. "Alguém simplesmente me desconectou, me deixou aqui para morrer. "

"Então, ela vai acordar?" Harley pergunta.

"Eu não sei. Acho que se ligarmos a chave de volta, colocá-la de volta dentro... mas eu não sei. Tenho medo de mexer com isso. Parece tão simples, mas... "

"Não a deixe acordar," Amy diz baixinho. "É ruim, ser congelado, mas é melhor do que acordar sozinho."

Meu coração dá solavancos. Ela ainda pensa em si mesma como sozinha.

"Velho?" Uma voz chama.

"Aqui!" Eu chamo de volta. "Número..." Olho a porta aberta. "Número 63!"

Doutor corre pelo corredor. Ele empurra Harley para o lado enquanto ele se inclina sobre a caixa de vidro. Ele enxuga o nevoeiro embaçando o vidro. "Ela não está fora há muito tempo," diz Doutor. "Ela não está muito derretida."

"Isso é bom, certo? Certo?" Os dedos de Amy pressionam contra a caixa de vidro, como se estivesse tentando alcançar através do gelo e segurar a mão da mulher.

"Bom," Doutor diz. Ele esbarra em mim. Eu dou um passo para trás.

Doutor inclina-se sobre o vidro, olhando a caixa elétrica. Ele conecta um flexível em um fio na caixa e lê os números que aparecem na tela. Ele geme, mas não posso dizer se é um gemido bom ou ruim. Ele bate mais alguns números no flexível, em seguida, desconecta-o antes de inverter o interruptor. A luz vai do vermelho para o verde.

Doutor empurra a caixa de vidro na câmara de congelamento. Ele bate a porta e puxa a trava para baixo. Um traço de frio gira em torno de nós, a única evidencia de que o número 63 estava mesmo fora.

"Ela está bem," Doutor diz. "Vocês pegaram-na a tempo."

"Caras?" Harley chama. Eu olho para trás, surpreso—Harley desceu o corredor para longe de nós, do outro lado, fora de vista.

"Como você sabia que ela estava aqui?" Doutor pergunta.

"Eu ouvi," diz Amy.

O rosto de Doutor contrai em concentração. "Isso significa que quem fez isso estava aqui quando você estava. Por que você estava aqui, afinal?"

"Eu queria mostrar a Amy os malões de seus pais," digo antes que Amy possa citar como iríamos olhar seus pais.

De qualquer maneira eu acho que admitir que íamos mexer com as crio-câmaras não pode ser uma boa coisa a fazer agora.

"Uh... caras?" Harley chama de duas fileiras acima.

"Eu não gosto disso," Doutor diz. "Quem estava aqui enquanto vocês também estavam devia saber que vocês estavam aqui, devia saber que vocês ouviriam o que estava acontecendo. Além de vocês três, alguém mais entrou?"

Amy e eu olhamos um para o outro. "Não que eu saiba," diz ela.

"Eu também não."

"Pessoal!" Harley grita.

"O quê?" Eu grito de volta.

"Venham para a fileira vinte. Agora!"

Doutor começa a andar, mas Amy e eu já sabemos: nós corremos. A urgência na voz de Harley não era falsa. Algo está errado.

Quando viramos o canto, fica claro sobre o quê Harley estava gritando.

Outra caixa está no centro do corredor. Mas esta derreteu. E o homem no interior já está morto.

39

Amy

"Oh."

Não era para eu dizer isso em voz alta.

Mas eu conheço esse homem.

O Sr. Kennedy tinha trabalhado com minha mãe, e eu sempre o achei um pouco nojento. Ele era um daqueles homens velhos que nunca se casaram, mas que pensavam que por serem velhos, podiam ser pervertidos e levar isso na boa. Ele estava sempre abaixando o olhar na blusa da mamãe ou pedindo para eu pegar algo no chão quando eu ia ao laboratório visitar meus pais. Mamãe sempre ria disso, mas eu me perguntava o que o Sr. Kennedy fazia em casa com a lembrança dos seios sob a camisa enrugada da mamãe ou do contorno da minha calcinha.

E agora ele está morto, flutuando no líquido criogênico, com seus olhos abertos e suas íris leitosas. Sua pele está pálida, como se tivesse encharcada de água semelhante a uma esponja. Sua boca está mole, e suas bochechas frouxas, criando pequenos balões cheios de água em sua mandíbula.

"O número 63 era uma distração," Velho diz.

"Não acho," o Doutor diz. "Não faz muito tempo que esse está aqui fora." Ele levanta a tampa da caixa de vidro, e Harley e Velho ajudam-no a colocá-la no chão. O Doutor mergulha o dedo dentro do líquido em que o Sr. Kennedy está flutuando. "A água está fria, mas não gelada. Ele deve ter sido desconectado ontem, ontem à noite no máximo."

Velho captura meu olhar. Enquanto nós estávamos correndo na chuva, rindo, o Sr. Kennedy estava se afogando. Enquanto o casal fazia amor no banco perto do lago, o Sr. Kennedy estava morrendo. Enquanto eu tirava minhas roupas molhadas e ficava no chuveiro quente, enquanto eu adormecia observando os campos escuros, o Sr. Kennedy estava nadando na morte.

Outro pensamento: Harley estava aqui ao mesmo tempo em que o assassino.

"Por quê?" eu pergunto.

O Doutor digita em sua coisa-computador fina. "Número 26. Um homem chamado... "

"Sr. Kennedy," eu digo.

"Sim." O Doutor olha para mim com surpresa no rosto.

"Eu o conhecia antes."

"Ah. Sinto muito," ele diz, mas de um jeito despreocupado, como se ele estivesse apenas dizendo isso para ser educado. "Número 26... "

"Sr. Kennedy."

"Sr. Kennedy era um especialista em armas."

"Sério?" eu pergunto. Mesmo o Sr. Kennedy tendo trabalhado no mesmo departamento que minha mãe, eu não fazia ideia de que ele tivesse algo a ver com armas. Minha mãe não tinha. Ela trabalhava com recombinamento genético. Ela mexia com DNA, não armas.

O Doutor assentiu. "Ele era especialista em armas biológicas. Aqui diz que ele trabalhou com o governo para desenvolver eco-bombas."

"Quem está fazendo isso?" Velho pergunta. "Quem está desconectando todas essas pessoas? Primeiro William Robertson, depois a mulher, Número 63, agora esse cara."

"E eu," eu acrescento.

A testa de Velho se enruga quando ele me encara.

"Duas vítimas—dois quase erros," o médico diz.

"E nenhuma razão." Eu encaro a crio-câmara vazia onde o Sr. Kennedy esteve. E depois dela, as fileiras e fileiras de pequenas portas com números gravados nelas. Quantas crio-câmaras ficarão vazias antes de conseguirmos parar o assassino?

40

Velho

Harley e eu levamos Sr. Kennedy até a escotilha para Doutor. Amy diz que vai esperar por nós. Mas eu sei que ela quer ir para fileira do outro lado, para ver as portas dos seus pais, para se certificar de que eles continuam selados.

Doutor abre a porta da escotilha, e Harley e eu despejamos o corpo dentro. A porta se fecha, protegendo-nos do espaço aberto. Harley acompanha através da bolha da janela de vidro, os olhos arregalados, saboreando mais uma chance para ver as estrelas. Mas eu só consigo ver o corpo inchado de Kennedy.

Eu olho para Harley, e os bilhões de estrelas estão em seus olhos, e ele está bebendo-as, derramando-as em sua alma. Ele levanta os braços até a janela, e por um momento eu tenho uma visão maluca de Harley tentando abrir a porta, para voar atrás do Sr. Kennedy e alcançar as estrelas. A escotilha se fecha. No entanto, a luz das estrelas ainda está nos olhos de Harley.

"Elas são mais bonitas do que qualquer coisa que já vi," sussurra Harley.

"É, eu tenho certeza que o Sr. Kennedy concorda, " eu falo, mas Harley não percebe meu sarcasmo.

"Vamos, meninos." A expressão preocupada de Doutor afunda as linhas em seus olhos.

Amy está enxugando o rosto quando voltamos. Ela recuperou seu bicho de pelúcia, fotos, lápis e os livros de onde ela deixou cair perto dos armários. Doutor olha para eles, mas não comenta. Ele pega um flexível e brinca com ele. Dando um tempo. Preparando-se para dizer o que ele queria dizer.

E então eu sei: ele está pensando em como ele vai entrar em contato com Ancião e contar a ele sobre isso. E eu sei que o motivo pelo qual ele está brincando com o flexível é ganhar tempo para pensar em algo para me dizer que possa me aquiescer.

Eu fico um pouco mais ereto. Antes, Doutor teria chamado Ancião sem pensar em mim, mesmo sem me consultar.

"Velho," Doutor diz: "Eu sei que você entende a gravidade da situação. Mas Amy, Harley, é vital que vocês não contem nada a ninguém sobre isso. Nem sobre o Sr.

Kennedy, e nem sobre a escotilha"—ele olha para Harley—"nem sobre as pessoas aqui embaixo, e nem sobre o fato de que há mesmo um nível abaixo do Hospital. Vocês devem manter isso em segredo."

Está vindo. Posso sentir isso. Essa dúvida irritante que Doutor tem que ele ainda precisa consultar Ancião. Sua mão a centímetros de seu wi-com.

Aí está.

"Você não precisa chamar o Ancião," eu digo. "Eu atesto por Amy e Harley." Eu mudo meu peso assim que eu estou entre Doutor e eles. Eu sempre fui alto, mas eu não me abaixo agora. Em vez disso, eu faço Doutor olhar para cima para encontrar meus olhos.

Ele hesita, mas finalmente concorda. "Você é o Velho." Ele quer dizer que sou eu quem terá que responder a Ancião.

"Peixinho e eu ficaremos bem," diz Harley, jogando um braço em volta de Amy. "Você não precisa se preocupar conosco."

A dúvida de Doutor volta. "Talvez eu devesse chamar Ancião de qualquer maneira, só para ver o que ele pensa."

"Não," eu digo.

"O quê?"

"Eu tenho tanta autoridade quanto ele. A temporada está em pleno andamento lá em cima, e minha geração depende disso. Doutor, você tem que aprender a confiar em mim, não só em Ancião. Eu digo que Amy e Harley estão bem sabendo disso, e que podemos confiar neles. E eu digo que é hora de ir. Mas, primeiro," eu adiciono antes que Doutor possa dizer mais alguma coisa, "deixe-me ver o seu flexível."

"Meu...?"

"Seu flexível." Eu pego a membrana digital de seus dedos ainda firmes. O scanner lê a minha impressão digital e me concede o acesso Ancião/Velho. Eu toco rapidamente, com a parte de trás da tela preta. Eu não quero que nenhum deles veja o que estou procurando. Estou tentando descobrir quem esteve aqui no nível inferior. Os scanners nas portas leem impressões digitais, não deve ser tão difícil encontrar um rastro de

polegares que conduzam a este nível, a este corredor de crio-câmaras, ao assassinato de uma inocente vítima congelada.

E não é difícil de encontrar. Quando checamos antes, não tínhamos um período de tempo—Doutor esteve no Nível de Criogenia, assim como Ancião e um punhado de cientistas Embarcadores.

Mas, desde então, só houve uma pessoa no Nível de Criogenia além de nós.

Eu fico olhando para o nome na tela.

Ancião.

41

Amy

Velho não entra no elevador.

"Eu tenho mais uma coisa para fazer," ele diz. Ele está de um jeito sério, sombrio. Eu nunca tinha percebido o quanto ele se curvava até que ele se endireitou completamente. Antes, eu sabia que ele estava destinado a comandar essa nave apenas porque o Doutor e Ancião me disseram. Agora, eu o olho e posso ver dentro dele um líder determinado.

Uma parte de mim quer ficar aqui, nesse nível, e proteger meus pais de quem quer que seja esperto o suficiente para desconectar as pessoas congeladas enquanto nós estávamos todos aqui embaixo no mesmo nível, mas eu posso ver que Velho precisa ficar aqui embaixo sozinho, por algum motivo, e eu confio nele para vigiar meus pais.

"Velho, eu acho que você deveria voltar conosco, encontrar com Ancião," Doutor diz.

"Ah, eu vou me encontrar com Ancião," Velho diz e se estica, aperta o botão do elevador para o Doutor e se afasta à medida que as portas se fecham. Antes que elas se fechem completamente, ele se vira para o lado oposto do elevador e avança determinado para o corredor.

"Acho que ele está puto, não?" Harley diz, em um tom de conversa. Ele está muito alegre para alguém que acabou de despejar um corpo no espaço.

Doutor limpa a garganta.

Quando o elevador para, Doutor corre para fora. Eu o observo, esperando que ele pressione o pequeno botão atrás da sua orelha esquerda e denuncie Velho, mas ele não faz isso—apenas continua caminhando.

"Quer voltar para a Enfermaria?" Harley me pergunta, mantendo seu braço dobrado em uma simulação de cavalheirismo.

"Vamos para o jardim que Velho me mostrou," eu digo.

"Ah, ele te mostrou o jardim?" Um sorriso torto atravessa o rosto de Harley. Ele começa a se dirigir para o corredor.

"Deve ser estranho para ele," eu disse. "Ele é o mais jovem da nave, mas ele também é algo como um líder. Eu não sei se ele pode mandar

alguém mais velho do que eu fazer alguma coisa e esperar que o obedeçam."

Harley olha para mim pelo canto dos olhos. "Você é estranha, Peixinho."

"Como assim?" eu sorrio de volta, disposta a entrar no jogo.

"Você está pensando em como isso é estranho para Velho na nave. Mas você que é o peixe fora da água."

Eu bufo. "É mais fácil pensar em Velho do que em mim mesma." Lágrimas inesperadas ardem em meus olhos. Eu não pretendia dizer algo tão próximo da verdade.

Quando nós chegamos às portas da entrada, Harley segura-as abertas para mim, e eu saio na luz do sol estimulante e sinto o cheiro da grama depois de uma garoa.

E o cheiro almiscarado e suado de sexo.

"Droga. Esqueci-me da Temporada por um segundo," Harley diz quando um casal seminu colide contra ele, tão distraídos com seus beijos e agarração que não percebem que Harley está parado ali. "Vamos voltar para dentro."

"Vamos lá, nós apenas temos que nos afastar das áreas mais cheias. Não sei se consigo mais ficar lá dentro." Eu acho que nunca mais gostarei de locais fechados. Quando eu era mais jovem, antes do congelamento, nunca me senti claustrofóbica. Agora, mesmo aqui, na extremidade de um jardim, do lado de fora, o ar se espreme dentro do meu pulmão, e minha visão se demora nas paredes que parecem, constantemente, estar me pressionando para baixo. Fecho meus olhos. Se eu me permitir pensar sobre isso, será muito, muito pior.

"A luz está boa aqui fora," Harley diz enquanto começamos a descer pelo caminho, nos afastando do Hospital. "Merda, eu queria estar com meus materiais de pintura!"

Eu rio. "Vai lá. Pegue-os. Ficarei esperando aqui."

Harley hesita. "Não é seguro. Não agora."

Eu penso no grupo de pessoas para as quais me dirigi na minha primeira corrida. Agora parece ser o momento perfeito para estar aqui fora —ninguém se preocupará comigo. Eles estão muito ocupados uns com os outros.

"Sério," eu digo quando Harley olha tristemente para o Hospital. "Eu vou para o campo de trigo. Ninguém estará lá; eles estão todos no jardim

ou na estrada."

"Vem comigo," Harley diz. Ele segura meu pulso e começa a me puxar para o Hospital, mas eu me solto do seu aperto.

"Eu realmente preciso ficar fora de uma construção. Eu preciso de ar fresco. Vai lá!" eu rio, enxotando ele do caminho. "Eu ficarei bem."

Harley hesita novamente, mas a atração da sua pintura é muito grande. "Tome cuidado, Pequena Peixe," ele diz, sério. Eu assinto, sorrindo. Ele sobe correndo o caminho para o Hospital. Eu viro para a direção oposta, em direção ao campo.

Eu estava certa: quanto mais longe do jardim eu vou, menos pessoas estão em volta. O caminho está praticamente vazio, e somente devido aos suspiros e gemidos sei que há pessoas longe nos campos, atrás das árvores, nos canteiros ao lado do caminho. Tento ignorá-las. Me dá nos nervos ver as pessoas tão devassas. Eu sei que quando eu morava na Terra, eu devo ter visto pessoas fazendo sexo na TV um milhão de vezes. Mas não é a mesma coisa que ter as pessoas fazendo sexo bem em frente a você.

"É ela."

Meu primeiro instinto é congelar; o próximo é correr. Eu sei, pelo tom de voz, que quem quer que falou, estava se referindo a mim. Eu me arrisco a olhar para trás. Há três homens, todos aproximadamente da idade de Harley, todos me seguindo. Não reconheço dois deles—Alimentadores que fazem algum tipo de trabalho pesado julgando o tamanho de seus músculos.

Meu estômago afunda.

Eu reconheço o terceiro homem.

Luthe, que estava sempre me encarando, sempre me observando na Enfermaria.

"Ei, aberração!" Luthe grita quando me vê olhando. Ele balança os dedos para mim numa imitação de um olá, e os outros homens riem.

Começo a correr mais rápido. Será que as massas de pessoas suadas suspirando e gemendo nos campos me olharão se eu gritar por ajuda? De alguma forma, eu duvido.

Posso escutar os passos pesados deles atrás de mim. Suas passadas são maiores do que as minhas; eles já alcançaram um ritmo rápido.

"Não acho que eu quero a aberração," um deles diz.

"Eu quero," Luthe responde.

Paro de me preocupar com minha aparência. Eu corro. Minhas pernas se lançam mais altas e fortes, e eu tenho o pânico como combustível. Um deles pragueja, e eu percebo que estou em uma perseguição. Desvio para dentro de um campo, mas os pés de trigo me retardam, e minha corrida selvagem deixa uma trilha livre em minha direção. Eu salto sobre um par de amantes no campo que nem mesmo percebem minha presença, me deixando sozinha em apuros. Me viro para ver quão perto os homens estão.

Muito perto.

E eu sou tão idiota. Eu tropeço em um par de corpos ofegantes e caio nos pés de trigo, rolando sobre suas hastes altas e afiadas. A garota, que está em cima, me olha com olhos enevoados de paixão, depois sorri de uma forma convidativa. Eu me afasto, sentindo os pés de trigo se dobrarem e quebrarem sob o meu corpo, lutando para ficar de pé.

Mas não sou rápida o suficiente.

Um dos grandes homens Alimentadores está em cima de mim antes.

Eu luto para me levantar, mas meu corpo se contorcendo somente o excita. Eu paro de mexer meu corpo, mas o empurro com minhas mãos. Ele segura meus pulsos no chão debaixo de seus punhos fortes, e agora os outros dois homens me agarram. O outro alimentador segura meus tornozelos. Luthe cai no chão ao meu lado, se inclinando em direção ao meu rosto. Sorrindo.

Eu me debato contra os homens. Todos eles riem, um som profundo, gutural, que não tem nada de engraçado.

Eu viro minha cabeça em direção ao casal nu no qual tropecei. "Ajudem-me!" eu digo.

A mulher arqueia suas costas, empurra seus quadris contra os do homem com quem ela está transando.

"Ajudem-me!" eu grito.

O homem abaixo dela me encara, mas seus olhos estão vidrados. Ele sorri sonhadoramente. A mulher percebe e se vira para olhar para mim. "Dói somente na primeira vez," ela diz, e então se pressiona contra o homem e ele geme, e ela geme, e eles já esqueceram tudo sobre mim.

Luthe monta sobre mim e arranca minha túnica, praguejando para a camiseta que estou usando no lugar de um sutiã, e a arranca também. Os restos esfarrapados das minhas roupas descansam sobre meus braços, mas meus seios estão expostos. E mesmo que eu tenha visto metade da

tripulação dessa nave andando por aí nua em um torpor apaixonado, estou envergonhada da minha nudez. E aterrorizada.

Luthe se inclina sobre mim e enterra seu rosto em meus seios. Eu tento me esquivar, mas ele geme de desejo e pressiona sua pélvis mais forte contra meus quadris. Uma mão se atrapalha com suas calças enquanto a outra aperta forte meus seios. O Alimentador segurando meus braços faz um som profundo em sua garganta e se inclina para baixo, lambendo meus braços, mordiscando minha pele de brincadeira no inicio e, em seguida, com mordidas mais fortes, que se tivessem vindo do meu namorado Jason, eu teria gostado.

O Alimentador levanta o olhar para mim quando eu começo a chorar. Seu olhar é sem expressão, vago, vazio. Ele está lascivo como um animal no cio. Luthe, entretanto, não está. Seu grande sorriso mostra todos os seus dentes. Ele esteve me observando desde o momento que entrei pela primeira vez na Enfermaria.

E ele sabe.

Posso dizer pelos seus olhos. A maioria das pessoas—os Alimentadores—estão agindo como animais. Mas esse cara não está assim. Ele sabe o que está fazendo.

E ele gosta disso.

Não há esperança.

O homem segurando meus tornozelos começa a puxar minhas calças.

Eu o chuto, e estou bastante certa de que meu calcanhar acertou seus dentes. Ele grita, e seu grito não é de luxúria, e sim de dor. Mas Luthe se apossa da ideia dele e começa a puxar o cós das minhas calças.

Eu abro a boca para gritar, e o homem segurando meus braços pressiona sua boca contra a minha, sua língua mergulhando profundamente dentro de mim, fuçando contra o palato suave em minha boca.

Eu mordo até sentir gosto de sangue. Eu mordo mesmo quando ele tenta tirar sua língua. Quando ele finalmente escapa, eu cuspo o sangue da minha boca, e grito.

"Pequena Peixe! Amy!" A voz de Harley está em pânico.

"Harley!" Eu grito com todas as minhas forças. "HARLEY!"

E então ele está aqui, e ele bate seu cavalete no homem que está sobre mim, e seu cavalete se quebra e agora ele está agredindo os homens com seus punhos. E eu me enrolo em posição fetal, agarrando a mim

mesma, e sufocando minhas lágrimas. Os Alimentadores correm para longe, mas Luthe fica para lutar. Ele e Harley circundam um ao outro como abutres disputando uma carcaça, e eu sei que eu sou a carcaça. Luthe bate primeiro, mas Harley bate mais forte. Luthe cai, mas ele não foi nocauteado. Harley agarra meu pulso.

"Vamos, vamos," ele diz, me puxando para cima. Minhas calças estão frouxas e deslizam pelo meu quadril. Eu as seguro com uma mão e agarro Harley com a outra, e eu corro, corro e corro, e posso ouvir as passadas pesadas do homem atrás de mim, e então não as escuto mais, mas ainda assim eu corro, corro e corro, e estou segurando em Harley como se ele fosse uma corda me puxando de uma ressaca do mar.

42

Velho

Orion me disse que a única maneira de conseguir se aproximar do Ancião era ser subserviente. Eu nunca tive um motivo para ser subserviente até agora.

Mas não quer dizer que eu não saiba como.

Assim que as portas do elevador se fecham, levando Amy, Harley e Doutor de volta para o Hospital, eu viro o flexível na minha mão.

Primeiro verifico os logins de varredura biométrica. O elevador abriu para o scan biométrico de Harley noite passada, e ele passou a noite toda neste andar. Doutor desceu aqui e subiu novamente mais cedo naquele dia, bem antes da lâmpada solar ascender, e ele era o único aqui por alguns minutos. Mas outro nome está logado entre ele e o meu.

ANCIÃO/VELHO, 0724 HORAS.

Eu não estava aqui às 07h24min da manhã. Só resta Ancião.

Agora, descobrir onde ele está.

É uma coisa muito simples de se fazer. Substituir o acesso com a minha digital e buscar as localizações wi-com recebidas.

Eu dei um zoom na tela.

Há Doutor, em seu escritório. Bartie e Victria estão na sala da ala comum, trancados juntos. Harley está descendo o caminho para os campos —um pouco rápido, eu acho que ele está correndo. Me pergunto por quê. Amy não está na tela—ela não tem wi-com.

"Encontre Ancião," eu comando. Um dos pontos começa a piscar em azul.

Ele está aqui. Neste nível. Passando pelos corredores de congelados, atrás da porta na parede distante. O "outro" laboratório de Doutor.

A porta está fechada, e eu não tenho certeza que Ancião me deixaria entrar se eu batesse.

Orion havia me dito que as regras não se aplicavam ao Ancião, que ele não as seguia.

Então, por que eu deveria?

Um cheiro de álcool estéril me saúda quando entro na sala apertada. Fileiras e fileiras de tubos de refrigeração estão alinhados ao lado de uma parede. Dentro do tubo claro, vejo mais criolíquido com bolhas de gosma e massas sólidas que flutuam dentro. Embora eu saiba que eu deveria estar procurando pelo Ancião, eu não consigo evitar dar uma conferida no material gelatinoso.

O material volumoso dentro de cada uma das bolhas parece enroscados, feijões mal formados.

"Eles são embriões."

Ancião me encontrou. Mas ele não está me encarando. Ele realmente parece um pouco feliz em me ver. De qualquer forma, isso só me coloca mais no limite.

"Quando pousarmos, nós vamos dar a luz artificialmente a eles."

"Embriões de quê? " Eu pergunto. Eu deslizo o flexível no bolso. Não há razão para Ancião saber que eu estava procurando por ele, não quando ele me encontrou primeiro.

"Animais. Você está olhando para o tubo de felinos. Pumas, eu acho, talvez linces. Eu teria que verificar."

Eu me esforço para lembrar o que é um puma. Eu acho que é algo como um leão, mas as imagens que eu vi nos flexíveis no Salão de Arquivos se misturam todas juntas.

"Para quê eles estão aqui?"

"Quando pousarmos, nós não sabemos que animais da Terra-Sol iremos precisar. Pode haver animais no planeta, que são prejudiciais, e vamos precisar de predadores para eliminá-los. Vamos apresentar alguns do Terra-Sol. Ou pode haver animais que são bons, mas exigem novas características para torná-los úteis para nós. Vamos tentar cruzamentos e divisões genéticas."

Eu não estou interessado em grandes felinos. Eu quero saber por que Ancião foi o último na sala de crio-câmaras, pouco antes de outra pessoa congelada ser afogada.

Antes que eu possa falar, Ancião passa por mim até uma mesa do outro lado da sala. Há apenas um tubo de vidro deste lado, a meio caminho vazio. Os embriões flutuam no líquido crio como bolhas no gel, espalhadas por todo o tubo.

Eu me inclino para mais perto para olhar um, examinando o pequeno feto em forma de feijão dentro do saco amniótico. Quando olho, eu vejo Ancião me observando atentamente, um sulco de preocupação vincando a sua testa. Seu olhar não dispersa quando nossos olhos se encontram.

"O que veio fazer aqui?" pergunta ele, finalmente. "Eu acho que você nem sabia desse laboratório. Será que Doutor te disse?"

Eu ignoro, sem vontade de delatar Doutor ou a mim mesmo.

"Não importa. Eu deveria ter te trazido aqui antes. Você só tem esta Temporada para se preparar, depois você vai ter que ensinar ao Velho depois de você o que fazer."

"O que fazer?" Eu pergunto.

Ancião pega uma agulha grande da mesa ao lado do tubo de refrigeração. A parte de metal da agulha é quase do tamanho de um pé, e tem pelo menos 170 mililitros de líquido no interior do cilindro.

"Você sabe que uma das maiores preocupações em um navio de geração é o incesto."

Ancião coloca a agulha dentro de um cesto, e pega outra, colocando-a do lado da primeira. "É inevitável que com uma população limitada de pessoas, eventualmente, as linhagens se misturem. "

Ele seleciona uma agulha de outra pilha desta vez. Existe uma etiqueta preta e amarela minúscula perto do êmbolo de cada agulha. A agulha na mão de Ancião agora indica "arte visual".

"Eu sei tudo isso," digo. "É o porque do Ancião da Peste desenvolver a Temporada. Assim você—nós podemos monitorar a reprodução."

"Sim, isso é parte do motivo."

Ancião está distraído enquanto seleciona mais agulhas para colocar na cesta. "Mas o problema não é apenas a prevenção de deficiências mentais e físicas do incesto. O problema é que a missão desta nave é tão importante, que não podemos nos permitir uma geração que não tenha nenhum gênio ou talento."

Agora as agulhas que ele seleciona são de outra pilha, uma identificada como "matemática".

Ele coloca cinco destas no cesto. "Os fundadores da nave nunca pretenderam que fossemos agricultores ociosos enquanto esperávamos para pousar. Precisamos de inventores, artistas, cientistas. Precisamos de pessoas que pensem e processem e desenvolvam coisas novas para a nave e o novo mundo."

Três "artes de áudio" foram para a cesta, seguidos de dez "Ciências: biológicas".

"Ganhamos muito durante os nossos séculos de viagens. Wi-coms foram desenvolvidos aqui. Os flexíveis também. Nós modificamos o tubo de gravidade quando eu era mais jovem que você."

Ancião pega um punhado de "ciência: física", e coloca cinco ou seis na cesta. Ele pensa por um momento, então tira duas da cesta e põe de volta na mesa com o resto da pilha.

"OK, então precisamos de pessoas inteligentes na nave. O que isso tem a ver?" Eu pergunto.

Ancião segura uma agulha com rótulo "analítico".

"Em cada uma destas agulhas," ele começa, balançando a que ele está segurando na minha frente, "há um composto especial que combina o DNA e o RNA, uma quimera. Isso faz uma ligação com o DNA do feto numa mulher grávida e assegura que a criança nascida tenha certas características desejáveis."

Eu abro minha boca para falar, mas Ancião interrompe. "Quando você é um Ancião, você deve analisar as necessidades de sua nave. Na sua geração faltaram cientistas? Faça mais. Você precisa de mais artistas? Certifique-se de que eles nasçam. É de sua responsabilidade fazer as pessoas dessa nave não só sobreviver, mas prosperar."

Meu estômago se contorce. Eu não tenho certeza se concordo com Ancião ou não. Eu não gosto de pensar em uma nave cheia de puros idiotas, mas eu também não gosto que Ancião pense que ele pode simplesmente projetar gênios.

Ele coloca a última agulha na cesta e olha para mim. Seu rosto está muito sério, mas ele parece cansado, também, como se ele fosse de cera e estivesse derretendo lentamente. "Eu não digo muito isso. Mas eu acredito em você. Acho que vai ser um bom líder. Um dia."

Eu quero sorrir e agradecer—não lembro da última vez que o Ancião me cumprimentou assim—mas ao mesmo tempo, não consigo evitar de pensar que o motivo por ele estar tão certo de que vou ser um bom líder é porque eu recebi um pouco da gosma "liderança" antes de nascer.

E se sim, eu me pergunto se fora suficiente.

43

Amy

Estou encolhida em minha cama, minhas pernas encostadas no queixo, meus braços enrolados ao redor dos meus joelhos. Meu ursinho de pelúcia, Amber, está apertado entre meu peito e meus joelhos. Seus olhos e nariz de botão se enterram em minhas costelas, mas eu não me importo.

Harley estende para mim um copo de água fria.

"Sinto muito," Harley diz. Um forte hematoma vermelho-arroxeado, quase do tamanho do meu mindinho, sublinha seu olho esquerdo.

Ele toca minha mão e eu recuo. Eu quero chorar, quero gritar, quero me esconder, mas tudo que consigo fazer é me afastar, porque um homem chegou perto o suficiente para me tocar.

"Sinto muito," Harley diz novamente. Ele se afasta e senta na cadeira, totalmente do outro lado do quarto. Ele senta na extremidade do assento, como se estivesse pronto para pular e me proteger novamente. Mas ele se segura. Suas mãos agarram os braços da cadeira, para se assegurar de que ele não me tocará novamente.

Levanto minha cabeça. "Não... Quer dizer... Obrigada. Você me salvou."

Harley balança a cabeça. "Eu deixei você. Foi idiota. Eu sabia que a Temporada estava a pleno vapor. Eu percebi que estava ficando pior desde ontem. E eu deixei você sozinha."

"Por que eles estão daquele jeito?" eu pergunto. Em minha memória, ainda posso ver o olhar vidrado do casal fazendo sexo ao meu lado, em como eles ignoravam meus gritos. Pressiono Amber mais perto de mim, apreciando a sensação de seus botões enterrando-se em meu tórax, me perguntando quantos machucados ela fará em comparação com aqueles que já estão florescendo em meus pulsos.

Harley balança os ombros. "É apenas como a Temporada é. Na Terra-Sol não era desse jeito? Pessoas são animais. Não importa o quão civilizados nós somos, quando nossa temporada de acasalamento chega, nós acasalamos."

"Você não. Nem Velho. Não são todos que estão agindo como se estivessem insanos com toda essa luxúria."

As sobrancelhas de Harley se unem, uma ruga se formando entre seus olhos. Isso me lembra da sobrancelha densa e escura do homem que estava em cima de mim, que me segurou, que afundou seus quadris contra os meus. Eu escondo meu rosto no falso pelo marrom de Amber, e respiro seu cheiro bolorento. Meus braços apertam meus joelhos e minhas mãos agarram minhas pernas, e estou satisfeita, porque se eu não me segurar, acho que meu corpo vai se despedaçar como um quebra-cabeças levantado pelos cantos.

Harley não percebe que estou tremendo debaixo da minha aparência firme. "Realmente, muitas pessoas na Enfermaria estão bem. Alguns estão usando a Temporada como uma desculpa para agir... Irrefletidamente... mas a maioria dos pacientes da Enfermaria não está tão... "

"Loucos?" minha voz falha.

"Irônico, não é? As pessoas loucas são menos afetadas por tudo isso do que os outros. Talvez sejam nossos medicamentos psicotrópicos. Eles são chamados de 'Inibidores'. Eles têm a função de inibir a loucura, mas talvez eles inibam a luxúria também."

Não parece que eles inibiram a luxúria de Luthe. Ele sabia o que estava fazendo. Mas os Alimentadores não sabiam, não de verdade. Me pergunto se é porque os Alimentadores são tão estúpidos. Seja o que for que os faça querer trepar, os Alimentadores simplesmente obedecem, como aquela garota com os coelhos que acreditava no que Ancião tinha falado para ela, mesmo quando ela lia a verdade. Pessoas como Harley e Luthe, que não são idiotas sem cérebro, tem mais controle sobre si mesmos. Eles podem escolher serem legais, como Harley.

Ou podem escolher serem como Luthe.

Harley ainda está falando, tentando me distrair de tudo. Ele fala como se conversar fizesse tudo ficar bem novamente, mas não está bem, não pode ficar, não vai. Quero apenas que ele vá embora.

Harley se levanta. "Deixe-me te trazer um pouco mais de água."

"Não." Quero ficar sozinha. Quero que ele vá e me deixe ficar encolhida em mim mesma.

"Mas eu acho... "

"NÃO!" Eu grito. Minhas mãos deslizam pelos meus braços suados. Meus dedos acariciam meus cotovelos e minhas unhas se enterram em

minha carne, para que eu não perca controle sobre mim mesma novamente. "Não," eu sussurro. "Por favor. Apenas me deixe sozinha. Deixe-me ficar sozinha."

"Mas... "

"Por favor," eu sussurro contra o pelo de Amber.

Harley vai.

Eu fico encolhida na cama por um longo tempo, meus olhos fechados, mas minha visão ainda dolorosamente clara.

Meus braços se apertam ao meu redor cada vez mais, puxando meus joelhos tão forte contra meu peito que dói. Isso não ajuda. Estou cansada de me abraçar. Eu quero papai para me abraçar e me dizer que matará qualquer um que me machucar. Eu quero mamãe para me beijar, afagar meu cabelo e me dizer que tudo vai ficar bem. Porque o único modo de eu acreditar que tudo estará bem é se eu ouvir algum deles me dizer isso.

Deixo as articulações dos meus dedos relaxarem. Elas estão brancas e as pontas dos meus dedos formigam a medida que o sangue retorna para elas. O lado interno dos meus cotovelos está grudento de suor. Sons de estalos escapam dos meus joelhos quando estico minhas pernas completamente.

Por um momento, eu fico deitada esticada na cama, mas isso me lembra de estar esticada na grama no campo, e eu me levanto em um pulo tão rápido que me sinto tonta.

Atravesso a sala em direção à porta em três longos passos, mas quando estendo as mãos para apertar o botão para abri-la, elas estão tremendo.

Eles ainda estão lá fora.

Com seus corpos suados, pulsando, com seus ritmos para cima e para baixo, com seus olhos famintos e suas mãos que agarram.

Eu tenho que ir, sussurro para mim mesma.

Mas minhas mãos não param de tremer.

Deixo minha cabeça encostar-se à parede fria. Estou ofegante com o esforço de me aproximar da barreira entre mim e eles. Quero chamar Harley ou Velho, mas não tenho o botão na orelha que eles usam para se comunicar. E, além disso, Harley não pode me salvar todo o tempo.

Eu aperto o botão. A porta se abre. Antes que ela se abra por completo, eu aperto o botão novamente, e a porta se fecha de novo rapidamente.

Eu planejo um percurso em minha mente. Imagino-me correndo, correndo, correndo tão rápido que ninguém possa me pegar. Eu posso ver o caminho tão claramente a minha frente que acho que poderia correr sem precisar abrir os olhos.

Minha mão desliza sobre o botão e a porta se abre. Felizmente, o corredor está vazio. Eu abro a porta de vidro da sala comum e seguro minha respiração à medida que corro, passando pelas pessoas que estão muito distraídas para reparar que me movo entre elas. Meu pescoço reclama pelo número de vezes que olho ao redor, procurando o perigo sobre os meus ombros. Deslizo para dentro do elevador vazio. Pela primeira vez desde que deixei meu quarto, me permito respirar novamente à medida que aperto o botão para o quarto pavilhão.

O corredor está deserto também, e eu agradeço silenciosamente por isso. Ainda assim, eu corro, passando pelas portas trancadas, uma parte de mim cheia de medo de que elas se abram e revelem salas cheias de homens ansiosos, famintos por algo que não é comida. Não relaxo até que estou dentro do outro elevador, mergulhando abaixo da loucura da nave, para dentro do silêncio mortal do nível de criogenia.

Eu quero ver onde eles estão. Isso é tudo. Eu digo para mim mesma, isso é tudo.

Eu corro, a principio. Mas, à medida que chego cada vez mais perto, meus passos desaceleram para uma caminhada, depois para um lento e rítmico thud... thud... thud de cada pé batendo no chão duro.

Eu paro completamente na fileira. Encaro suas portas numeradas: 40 e 41.

E então eu corro para as portas. Eu caio de joelhos e minhas mãos se elevam, uma em cada porta. E sei que parece como se eu estivesse louvando com entusiasmo algo sagrado, mas tudo que existe dentro de mim é um grito ricocheteando meu corpo vazio.

Por um longo tempo, fico de joelhos desse jeito, com meus braços levantados e minha cabeça abaixada.

Eu só quero vê-los. Isso é tudo, eu digo para mim mesma, isso é tudo.

Me levanto. Coloco minhas mãos ao redor do trinco da porta numerada 40, fecho meus olhos, destravo o trinco e puxo a porta. Sem olhar para o bloco de gelo exposto, giro sob meus calcanhares e abro a porta 41 também.

E aqui estão eles.

Meus pais.

Ou... Bem, pelo menos, seus corpos estão aqui. Embaixo do gelo salpicado de azul.

A sala está fria, tão fria que sinto um calafrio. Meus braços formigam com os arrepios. Os caixões de vidro estão frios e secos. As pontas dos meus dedos escorregam pela parte de cima a medida que eu corro minhas mãos sobre o rosto da minha mãe.

"Eu preciso de vocês," eu sussurro. Minha respiração se condensa no vidro. Eu limpo, um brilho de umidade fica na palma da minha mão.

Eu agacho, meu rosto paralelo ao dela. "Eu preciso de vocês!" eu digo. "É tão... Estranho aqui, e eu não entendo nenhum deles, e... Eu estou com medo. Eu preciso de vocês. Eu preciso de vocês!"

Mas ela é gelo.

Eu me viro para papai. Através do gelo, posso ver os fios duros da sua barba. Quando eu era pequena, ele roçava seu rosto em meu estômago nu, e eu gritava de alegria. Eu daria qualquer coisa para sentir aquilo de novo. Eu daria qualquer coisa para sentir algo além do frio.

O vidro está embaçado e o gelo não forma um cristal transparente, mas posso ver onde a mão do papai está. Eu esfrego meu mindinho no vidro frio, fingindo que o dedo dele está se enrolando em torno do meu como em uma promessa.

Eu não percebo que estou chorando até que as lágrimas borrifam no caixão. "Papai, não pude fazer nada. Eu não consegui levantar, papai. Eles eram tão fortes. Se não fosse Harley..." Minha voz falha. "Papai, você disse que me protegeria. Você disse que sempre estaria comigo. Eu preciso de você agora, papai, eu preciso de você!"

Eu bato meus punhos contra o vidro gelado e duro que circunda o gelo. Minhas mãos se machucam e sangram, manchando de carmesim o vidro.

"EU PRECISO DE VOCÊ!" grito. Quero quebrar o vidro, devolver a vida para seu rosto de barba eriçada.

Meu corpo cai sem energia. Eu me encolho embaixo de suas formas frias e inertes, puxo meus joelhos para meu peito, e solto soluços secos, soluços vazios, forçando meus pulmões a se encherem com o ar que é muito rarefeito.

Uma gota gigante de condensação desliza do vidro e cai em minha bochecha.

Eu a esfrego e o calor das minhas mãos traz a vida de volta para mim.

Não tem que ser desse jeito. Eu posso estar acordada e pode ser impossível me colocar de volta dentro de uma crio-câmara... Mas isso não quer dizer que eu não possa ver meus pais.

Eu me levanto. Dessa vez eu não olho para o rosto dos meus pais no gelo. Dessa vez, meus olhos procuram a minúscula caixa preta próxima às suas cabeças, aquela com a luz verde pulsante. Aquela com o interruptor sob a tampa.

Não pode ser tão difícil. Acionar o interruptor. Isso é tudo o que tenho que fazer. Ficarei aqui e esperarei. Tirarei eles da caixa quando derreterem, para que eles não se afoguem. Vou ajudá-los a saírem de seus caixões. Enrolarei eles em toalhas e os abraçarei. Papai sussurrará: "Tudo vai ficar bem agora," e mamãe sussurrará, "Nós te amamos muito."

Eles são essenciais, uma pequena voz sussurra em minha mente. Eu vejo a fileira de bandeiras na parte de baixo da porta, o símbolo do RFM, Recurso Financeiro de Migrações. Eles são parte de uma missão que é maior do que eu.

Mamãe, uma cientista genética, um gênio da biologia. Quem sabe que tipo de vida veremos nesse novo mundo? Ela é necessária.

Mas papai... Ele está com os militares, isso é tudo. Ele é um analista de campo. Ele é o sexto no comando, deixe os cinco na frente dele serem essenciais, não ele. Eles podem tomar conta do mundo novo; papai pode cuidar de mim.

"Eu sou a alternativa para as falhas." Eu posso ouvir a voz forte, orgulhosa do papai em minha mente, exatamente como no dia em que ele me contou que seriamos uma família feliz congelada, eu não estava animada? "Essa é minha missão—se algo der errado, estarei lá."

Um honrado plano de prevenção. Eles precisariam dele no caso de algo dar errado. Mas e se nada der errado?

Se eu deixar mamãe para eles, talvez eles não se importem que eu pegue papai de volta. Ele não é realmente necessário.

Minha mão já está na caixa acima da cabeça de papai. Passo meu dedo no scanner biométrico na parte superior. As luzes piscam amarelas. Acesso negado. Eu não tenho acesso de alta segurança, não sou importante

o suficiente para ser capaz de abrir a caixa, acionar o interruptor e acordar papai.

Mas eu posso quebrá-la. Toda a ideia se desenrola em minha mente —meus olhos selvagens e meu cabelo balançando enquanto eu soco a caixa até que ela se despedace e eu possa apertar o botão e descongelar papai.

É uma imagem tão ridícula que eu rio. Uma risada alta e histérica que termina em um soluço seco.

Não posso acordar papai. Ele é necessário. Eu sei que ele é, mesmo eu não querendo admitir. Eu sou a prova suficiente de que ele é necessário —eles não teriam me deixado vir se ele não fosse. Ele e mamãe sabiam o que aconteceria quando se inscreveram para a nave. Eu me lembro do primeiro dia. Ambos estavam dispostos a me dizer adeus para poderem estar nessa nave. Papai já tinha organizado tudo para que eu pudesse fugir deles. Quando ele me abraçou antes de ser congelado, seu abraço era de despedida. Ele nunca esperou me ver novamente. Ele nem mesmo empacotou uma mala para mim. Ele desistiu de mim para que pudesse acordar em outro planeta.

Eu não posso privá-lo desse sonho.

Se ele conseguiu me dizer adeus, eu também posso dizer adeus para ele.

Além disso, não sou tão egoísta a ponto de não me lembrar do meu status. Eu sou a não-essencial, não eles. Se não crescer comida ou animais não viverem, mamãe dará um jeito. Se já houver um monte de alienígenas maus no novo planeta, papai cuidará deles.

De qualquer maneira, eles são a diferença entre um planeta inteiro de pessoas vivendo e um planeta inteiro de pessoas morrendo.

Não posso privá-los disso. Não posso destruir seus sonhos e não posso matar os futuros habitantes do planeta que não vou conhecer até ser mais velha que eles.

Eu posso esperar. Eu posso esperar cinquenta anos para vê-los novamente.

Deslizo as bandejas de volta para as câmaras criogênicas e fecho as portas, então sigo silenciosamente de volta para o elevador e para meu quarto solitário.

Eu posso esperar.

44

Velho

"Que barulho é esse?" eu pergunto, só agora percebendo o som produzido. Ancião olha sobre o ombro, onde a sala faz um ângulo na direita.

"A bomba d'água está lá atrás."

Eu enrugo a testa. O processador de água está no Nível dos Embarcadores, não aqui. Mas aí eu me lembro das plantas que Orion me mostrou antes de Amy acordar. Havia outra bomba d'água no quarto nível no diagrama.

"Este é antigo," eu digo.

"Como você sabe disso?" Ancião pergunta bruscamente, mas eu ignoro.

Eu passo em frente, verificando-o. Está longe de ser tão grande quanto a bomba no nível Embarcador. Tem um painel de controle e, acima disso um bico. A bomba no Nível dos Embarcadores é usada para reciclar, purificar e distribuir água. Um balde vazio repousa ao lado da bomba, uma substância espessa como xarope reveste o interior.

"Para quê a bomba d'água?" eu pergunto.

Ancião olha para mim como se ele não conseguisse acreditar na minha estupidez. "Para bombear água."

"Não. Isso é o que a bomba do Nível dos Embarcadores faz. O que essa faz?"

Ancião sorri, e realmente parece genuíno. Como se ele estivesse orgulhoso de mim por enxergar através dele. "Fazia parte do projeto original da nave. Godspeed é limitada. Ao adicionarmos suplementos nutricionais à comida e à água, podemos manter uma taxa populacional de até uma pessoa por dois acres. Mesmo assim, a nave não pode suportar muito mais do que três mil pessoas. Nós sempre tivemos que reforçar o controle da população." Ele nota minha confusão. "Controle de natalidade."

"Por aqui?" eu pergunto, apontando para o bico.

Ancião concorda.

"Usamos essa bomba para distribuir contraceptivos e vitaminas a todos. Misture isso diretamente no abastecimento de água, mantém todos saudáveis. Por que você acha que as esposas Alimentadoras dizem para beber água quando não se sente bem? E, no início da temporada, retiramos os contraceptivos e adicionamos hormônios. Isso aumenta o desejo sexual. Funciona muito bem nos Alimentadores."

Então me lembro das palavras de Amy, de como a estação não era natural.

Ela estava certa.

"Estou feliz que você esteja fazendo esses tipos de perguntas," Ancião diz. "Que bom que você está finalmente começando a pensar como um Ancião." Ele pega a cesta em sua mão. "É importante para eu saber que você está disposto a fazer o que for preciso para fazer esta nave e o povo dela prosperar. O que. for. preciso."

"E você está?" Minha voz racha sobre as palavras.

"Eu sempre estive." Ancião fala com tanta sinceridade que eu não quis questiona- lo. "Cada momento da minha vida é gasto fazendo desta nave um lugar melhor para as pessoas nela viverem. Eu sei que você nem sempre concorda comigo, mas funciona."

"Cada momento, né?" Eu pergunto. Eu posso sentir minha raiva aumentando com a atitude arrogante do Ancião. Eu sei que ele está insinuando que eu não sou tão dedicado quanto ele.

"Cada momento."

"Então como você tem certeza que a nave prospera enquanto você estava nas crio- câmaras mais cedo? Que medidas de liderança você estava tomando?"

Ancião endireita-se. "Eu não tenho que responder a você, rapaz."

Eu sei como Ancião funciona, sei como fazê-lo falar.

"Eu pensei que a segunda causa de discórdia fosse a falta de um líder central. Como você pode ser um líder, sem divulgar informações importantes para seu sucessor?"

Eu ouço um rangido. Ancião está destruindo os lados da cesta de agulhas sob suas mãos. "Por que você não me diz o que você acha que eu deveria estar fazendo." Não é uma pergunta, soa mais como uma ameaça.

"Por que não dizer o que eu acho que você não deveria estar fazendo? Talvez como a forma que você não deveria estar arrancando as

pessoas da crio-câmara. O homem morreu. A mulher teria morrido se Amy não tivesse a encontrado."

Ancião empurra a cesta para longe dele. As agulhas tinem em seu interior. "Você está me acusando de abrir as crio-câmaras, de matar outro dos congelados?"

"Tudo o que estou dizendo é que você esta muito perto toda vez que um deles morre. "

"Eu não tenho que ouvir estes disparates vindos de VOCÊ!" Ancião urra.

Ele vai para a porta, mas a perna ruim o faz tropeçar. Ele esbarra em um dos cilindros grandes de gosma, e a coisa em forma de feijão oscila nas bolhas.

"Que líder," eu murmuro.

Ancião endireita-se, olhando para mim.

"A terceira causa de discórdia," diz ele em um tom terrivelmente monótono, "é o pensamento individual. Nenhuma sociedade pode prosperar se um único individuo tenta envenenar seus membros com motins e caos."

Ele se vira agora, olhando. "E se o pensamento individual é proveniente do futuro líder da nave, e se o futuro líder da nave está vomitando tal causticidade e estupidez onde ele me acusa de matar os congelados, então peço para as estrelas acima, que ele coloque algo mais inteligente em sua cabeça vazia antes de eu morrer e ele assumir! "

"É assim que você tenta transformar isso, em uma lição sobre que merda de líder eu vou ser!" eu grito. "Mas você não me contou o que estava fazendo aqui embaixo, ou como o Sr. Kennedy acabou afogado do outro lado desta porta!"

Eu lanço meu braço em direção à porta, atingindo o tubo de líquido crio e embriões com tanta força que os embriões dentro balançam como frutas em gelatina.

"Você é um tolo," Ancião cospe em mim. Ele sai da sala, batendo o pé contra a porta quando ela sobe muito lentamente. As agulhas trepidam com cada um dos seus passos.

"Eu posso ser um idiota," murmuro, "mas você não me disse que não fez isso."

45

Amy

Eu tenho um arrependimento.

Não sei por que estou pensando nisso agora. Mas é pensar nisso ou pensar naquilo.

Era nosso último encontro.

Eu já tinha contado para Jason nessa altura. Contado para ele que eu logo iria embora. Embora para sempre. Nós nos despedimos mais cedo naquela noite, sozinhos no quarto dele. Juntos. Realmente juntos. Pela primeira—e última—vez.

Depois, ele me levou nesse lugar italiano caro chamado Little Sienna. Era tão maravilhoso que tudo o que eu queria fazer era chorar, porque eu sabia que terminaria. E claro, eu não tinha usado rímel a prova de água e claro, fiquei toda manchada, então pedi licença para ir ao banheiro. Havia um único banheiro, e uma fila de mulheres esperando.

"Você está aqui com Jason?" a garota em frente a mim perguntou. Eu assenti. Seu nome era Erin e ela estava no último ano, isso era tudo o que eu sabia sobre ela.

"Ele partiu meu coração no ano passado. Não sei como ele faz isso."

"Faz o quê?" Eu ainda estava sorrindo, mas o sorriso começava a parecer artificial.

"Manter todas essas garotas." Meu sorriso desapareceu. "Juro," Erin disse, "eu achava que era a única, todos aqueles meses que namoramos, mas eu nunca soube da Jill e da Stacey, não até depois de terminarmos."

Eu senti como se tivesse engolido metal fervente.

"Ele te traiu?"

"Ah, sim," ela disse. Depois riu. "Mas isso foi ano passado. Tenho certeza que ele não é mais assim agora. Vocês dois realmente ficam fofos juntos. Fico feliz de ver que você foi capaz de consertar ele. Seu nome é Kristen, certo?"

"Não," eu disse vazia. "Amy." Quem era Kristen? Por que ela achava que meu nome era Kristen? Jason também estava saindo com Kristen?

"Foi mal," Erin disse.

Era pena em seus olhos?

Sai da fila. Com o fodido rímel borrado.

Mas quando sentei na mesa, Jason riu e me passou um guardanapo, e então ele lambeu a ponta do guardanapo e limpou meus olhos, roçou seus dedos em minhas bochechas e seus olhos se demoraram em meus lábios.

E eu me lembrei de me despedir dele, mais cedo naquela noite.

Parte de mim queria exigir saber quem era Kristen. Descobrir para quem ele estava mandando mensagens, mais cedo, quando ele não me deixou ver seu celular. O que os amigos dele queriam dizer com "grandes planos" no próximo sábado. Depois de eu ter partido.

Mas a outra parte de mim dizia que era tarde demais. Nós já... Tínhamos nos despedido.

Não era mais fácil acreditar que Jason era o meu Jason, não um traidor, não um canalha?

Naquele tempo, eu não achei que isso importaria.

Mas agora, meu único arrependimento é não ter exigido a verdade.

46

Velho

"Ele não está aqui," diz Harley. Ele está sentado na sala comum da Enfermaria, olhando pela janela para os distantes campos de trigo.

Vou até a porta que leva aos aposentos privados. "Não se dê o trabalho," resmunga Harley. "Ela quer ficar sozinha." Eu abri minha boca para perguntar por que, mas ele acrescenta: "Aliás, eu quero ficar sozinho também."

Ele esfrega o lado do rosto, e eu noto um hematoma escuro debaixo do olho.

Faço uma nota mental para verificar com Doutor sobre a última vez que Harley tomou seus remédios. Não são os remédios de cabeça padrões com que estou preocupado—é com as outras pílulas que Doutor dá a ele, as que retraem o humor negro de Harley, deixando-o menos doido.

Então eu saio do hospital sozinho. Eu passo pela estátua do Ancião da Peste, mas não paro. Eu não o quero me olhando também.

Ao invés disso, pego o caminho para o Salão de Arquivos.

Eu vejo as pessoas, ainda em pleno andamento da temporada, e isso enjoa meu estômago, por saber que tudo isso é apenas um algo artificial causado pela bomba d'água do Ancião.

Quando eu chego ao Salão de Arquivos, eu tenho que passar por cima de um par de corpos entrelaçados para conseguir subir as escadas. Victria senta em uma cadeira de balanço na varanda, observando eles, e ocasionalmente escreve algo em seu livro de couro pequeno.

Estou surpreso que ela não está com Bartie, fazendo o mesmo que o casal nos degraus está fazendo, mas Ancião disse que os hormônios afetam os Alimentadores mais do que os outros.

Orion está de costas para mim, de frente para a foto do Ancião que tem um olhar sobre a vastidão do Nível dos Alimentadores. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, no entanto, ele levanta a foto do seu canto na parede e inclina-a contra o chão da varanda.

"O que você está fazendo?" pergunto, chocado. A parede do Salão de Arquivos parece nua sem o falso rosto acolhedor do Ancião espiando dela.

"É hora de um foto nova," diz Orion. Pega a pintura e volta para o Salão. Isso faz sentido. A pintura do Ancião tem no mínimo uma década de idade.

Na pintura, o cabelo ainda está todo castanho, os olhos ainda claros, apenas uma linha suave de rugas na testa. Eu me pergunto o que a nova imagem irá mostrar.

Longos cabelos brancos? Ombros inclinados que declinam mais por causa de anos de dificuldade? Talvez eu esteja totalmente por fora. Talvez sua idade o torne real.

"Oi," diz Victria sem olhar para mim de seu livro. Ela não fala muito comigo desde que Amy chegou, embora estivéssemos muito próximos antes, quando eu morava na Enfermaria.

Ela parece mais cruel agora, mais amarga do que três anos atrás, quando ela tinha 17 e eu 13 anos. Ela foi a minha primeira paixão, naquele tempo, mas eu não sei mais por quê.

"Oi. Escrevendo outro livro?" Victria escreveu quase uma dúzia de livros e os carrega na rede de flexíveis. Eles são ótimos, eu não sei como ela faz isso. Histórias realmente surpreendentes sobre heróis durante a Peste. Coisa trágica. Meu estômago afunda. Eu acho que Ancião deu-lhe a gosma 'escrever' antes dela nascer.

"Não exatamente." Ela agarra seu livro fechado e enfia-o no bolso grande na sua jaqueta. Ela não liga para mim, porém, ela só olha para fora, para os campos perfeitamente quadrados e medidos em sua frente, pontuados por casais.

Eu sigo o seu olhar. "Ei, cuidado lá fora. A Temporada está muito selvagem agora." Estou feliz por Amy estar segura com Harley. Victria não olha para mim. "Luthe me trouxe. Orion está aqui agora, ele pode me levar de volta."

Dando de ombros, volto para a parede e estou surpreso em ver que a foto antiga do Ancião escondia uma placa.

Salão de Registros e Pesquisas Construído em 2036 CE Financiado por RFM

Debaixo disso estão letras que eu não reconheço—do Cirílico ou alfabeto grego, eu não sei qual. Em seguida, abaixo disso:

“Você entenderia alguma coisa, se observasse o início de sua evolução."

—Aristóteles

Há oito outras linhas de texto, cada uma em um idioma diferente, dois dos quais nada mais são do que símbolos irreconhecíveis, mas não é difícil de adivinhar que é a mesma citação em outras línguas.

"Este é antigo," eu digo a Victria, que não parece se importar. "Muito velho. Isto está aqui desde a criação da nave."

Ela resmunga, reconhecendo que me ouviu.

Eu penso nas plantas da nave que Orion me mostrou há poucos dias. Como quando, o Nível dos Alimentadores estava focado em "Pesquisa Biológica" e este "Salão de Registros e Pesquisas" foi o seu eixo. O casal pelo qual tive que passar até chegar ao Salão de Arquivos está gemendo, em voz alta.

Isto não pode ser o tipo de registros e pesquisas que os construtores da nave pretendiam.

Ancião fala tanto de como tivemos progresso, e de como melhoramos com a monoetnia e nosso sistema forte de liderança. Mas agora, parece-me que as palavras austeras deste Aristóteles zombam de nós, e de como nossa pesquisa não passa de fornicação.

Pergunto-me no sincronismo da nova pintura. É a segunda vez que Orion me leva a descobrir algo novo sobre a nave. Quanto é que sei sobre ele, de verdade? Eu quase nunca o via em lugar algum exceto no Salão de Arquivos, e até lá ele costuma ficar escondido atrás de livros e sombras, um fantasma entre as palavras e informações digitalizadas.

Eu conheço todos a bordo desta nave—seus nomes, até mesmo seus rostos—mas eu realmente conheço algum deles? Ele poderia ser qualquer um.

"Você acha que eles se amam?" A voz de Victria corta através de meus pensamentos. Ela não está olhando para mim, ela olha para o casal nas escadas do Hall da Memória.

"Não," eu digo.

"É nojento," murmura Victria. "Eles não podem se controlar?"

Não, eu penso. Eles realmente não podem.

"Orion diz que é da natureza humana." Não é, eu penso.

"Não é," diz Victria.

Eu olho para ela, surpreso.

"Se fosse, eu seria como eles," diz ela, apontando com a cabeça para o casal perto das escadas. Bem, droga. Ela está certa. "Mas eu não sou. Eu não tenho... desejo de ser assim. Não com alguém que eu não—"

Ela se detém, mas posso adivinhar o que ela vai dizer. Não com alguém que ela não ama.

Uma semana atrás, eu teria rido dessas palavras. O amor não era mais real do que o "deus" que Amy adora. Eu tinha ouvido falar de "amor" no mesmo contexto que ouvi dos contos de fadas religiosos, como histórias da Terra-Sol que as pessoas costumavam contar para se sentirem melhor sobre o mundo imperfeito que ajudaram criar.

Mas agora...

"É melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado de verdade," diz Victria.

" É do seu novo livro? "

Victria bufa. Ela se desloca em seu assento, e noto uma pilha de livros—livros de verdade, da Terra-Sol—postos no chão ao lado de sua cadeira de balanço. Eu franzo a testa. Orion, como um Arquivista, deveria saber melhor. Mesmo os Arquivistas são proibidos de mexer nos livros antigos. Se Ancião pegá-lo...

No gramado à nossa frente, a mão da mulher descansa em sua barriga nua segurando algo invisível, mas precioso.

"Você acha que eles estão felizes, pelo menos?" pergunta ela, balançando a cabeça para o casal. Antes que eu possa responder, ela acrescenta: "Porque eu nunca estou."

"OK, vamos ter esta nova pintura pendurada!" Orion fala alegremente quando ele surge do Salão de Arquivos.

A tela que ele está segurando é tão nova que eu ainda posso sentir o cheiro da tinta sobre ela, e isso me lembra de Harley.

Orion vira a tela para posicioná-la no gancho sobre a placa, e me engasgo. Ele olha para mim e sorri deliberadamente.

Não é o Ancião na tela.

Sou eu.

"Esta temporada é o inicio de sua geração," diz Orion, deslizando o fio na parte de trás da tela sobre o gancho e endireitando a foto. "Está quase na hora do Ancião deixar o cargo. Para você ser o novo líder."

Pintaram me olhando a Godspeed exatamente de onde a pintura do Ancião estava olhando. Harley fez isso, eu reconheço o estilo, embora eu nunca tenha posado para uma pintura. Ele deve ter feito isso de memória, o que explicaria por que ele adicionou todo tipo de coisa na pintura que não existe. A mesma inclinação confiante da cabeça que Ancião tem, não eu.

Harley realmente me vê? Não sou eu ali.

"Parece exatamente com você," diz Victria. Ela abandonou sua cadeira de balanço e está atrás de mim, espiando por cima do meu ombro para olhar para a pintura.

"Parece um líder," diz Orion.

Um líder? Não. Um líder saberia o que fazer.

47

Amy

Na manhã seguinte, eu tomo banho—depois tomo banho novamente. Mas eu não consigo esfregar para longe os hematomas em meus pulsos e pernas, e não consigo lavar a memória de minha mente.

Menos pessoas povoam os campos. Quase nenhuma.

Pessoas são animais, Harley disse.

Elas são. Luthe e os dois Alimentadores provaram isso. E o homem e a mulher, que estavam bem ao meu lado, que nem sequer notaram, ou se importaram...

Velho me beijou no jardim, logo que a Temporada começou. Era um beijo real—ou quaisquer outros lábios femininos podiam estar em meu lugar? Meu rosto queima. Tinha sido real para mim. Mas provavelmente não para ele.

Eu não me importo que algum tipo de Peste aconteceu nessa nave, ou que tipo de regras Ancião fez: a Temporada não é o comportamento humano normal. Há alguma razão para ela. Alguma coisa que eles comem, ou compostos químicos no ar reciclado—talvez, até mesmo uma doença que faz as pessoas agirem como animais no cio.

E então me ocorre: o médico. Ele deve saber que isso não é normal, ele deve saber como isolar—e impedir—o que quer que faça as pessoas tão selvagens.

Eu me levanto em um pulo e caminho a passos largos para a porta, mas minha mão treme à medida que alcanço o botão para abri-la. Aqui, estou segura. Fora daqui...

Não.

Não permanecerei em meu esconderijo como se fosse um coelho assustado. A razão de encontrar o médico é provar que as pessoas não são animais. Não posso me esconder como um.

O médico, entretanto, pode. Ele não está no terceiro pavilhão ou no quarto. Uma enfermeira na entrada me manda para o segundo pavilhão.

"Mas ele está ocupado," ela grita atrás de mim.

Dúzias de mulheres estão enfileiradas no corredor do segundo pavilhão, algumas usando camisolas do hospital e sentadas próximas a portas, aparentemente esperando uma sala se abrir, outras vestindo suas túnicas simples e calças largas, segurando cuidadosamente camisolas do hospital dobradas e esperando para se trocar. Esse pavilhão inteiro se parece com um consultório de um ginecologista. Em cada sala, há uma maca ginecológica e quase todas estão ocupadas. Meus passos desaceleram. Por que um consultório ginecológico estaria tão cheio agora? Essas mulheres não podem achar que já estão grávidas, podem? Não depois de apenas um dia. Eu balanço a cabeça. Não posso ter certeza disso. Em uma nave onde telefones são construídos dentro de orelhas e um plástico fino como um papel é um computador, não seria loucura pensar que talvez você possa saber se está grávida tão rápido assim.

Nenhuma das mulheres conversa.

"Entre na fila," uma enfermeira diz, me estendendo uma camisola de hospital dobrada.

"Ah, mas eu estou aqui apenas para ver o médico..." começo, minha voz falhando. É óbvio que estou aqui para ver o médico—óbvio que todas as mulheres estejam aqui por esse motivo. "Quer dizer," eu acrescento diante do olhar impaciente da enfermeira, "não o... hum... ginecologista, mas o outro médico, aquele que geralmente fica no terceiro pavilhão."

"Há somente um médico," a enfermeira diz. Ela olha meu cabelo vermelho e minha pele clara um pouco mais de perto. "Acho que você não está aqui por causa da Temporada?"

"Não!"

Ela suspira. "Siga-me."

A enfermeira me conduz pelo corredor, passando por dentro e por fora de grupos de mulheres. Muitas delas levantam o olhar e me encararam com um surpreso tipo de curiosidade, como se olhassem para uma pessoa estranha no ônibus. Nenhum delas fala; elas não parecem muito incomodadas por mim.

"Somente um médico, com tantas pacientes?" eu pergunto para a enfermeira.

"Ele tem a nós, enfermeiras, e ele tem assistentes—muitos dos cientistas trabalharam com ele diretamente por anos." A enfermeira suspira novamente. "Mas o Doutor não pega nenhum como aprendiz. Ele não tem confiança."

Como será que confiança tem a ver com contratar mais ajudantes? Mas não há tempo de perguntar. A enfermeira para em uma porta aberta e move sua cabeça para que eu entre. Eu entro. O doutor está sentado em uma cadeira na frente da maca ginecológica, com uma mulher com as pernas elevadas. Tudo o que a mulher provavelmente não queria que eu visse está bem ali.

"Oh, meu Deus! Me desculpe!" eu cubro meus olhos e me viro para sair. Por que a enfermeira me deixou entrar em um quarto no meio de um exame muito pessoal e íntimo?

"Está tudo bem," o médico diz. "Do que você precisa?"

"Eu não acho que ela me queira aqui... "

"Ela não se importa. Você se importa?" ele pergunta, olhando para mulher por cima dos seus joelhos.

"Não, claro que não," ela diz. Ela soa entediada.

Tudo que sei é que se eu estivesse em uma maca ginecológica com minhas pernas no ar, e minha privacidade fosse exposta para que todos vissem, eu ficaria mortificada. Minha mãe me fez ir ao ginecologista depois de eu começar a ficar seriamente com Jason, e eu nunca tive uma meia-hora mais desconfortável na minha vida. Eu não queria ninguém na sala comigo, inclusive o médico, a enfermeira e minha mãe, muito menos um estranho.

Mas essa mulher não poderia se preocupar menos. Eu arrisco abrir meus olhos e ela encontra meu olhar com os olhos calmos. No mínimo, ela não se sente incomodada com minha presença.

"Eu, hum..." tento ignorar o que o médico está fazendo com aquela substância transparente e aquela coisa de metal que parece com um instrumento de tortura. "Eu queria te perguntar sobre a Temporada."

"Ah," o médico diz. Ele continua fazendo seu exame. Quer dizer, ele não poderia parar por um segundo?

"Ela muda as pessoas?" eu digo de uma vez, tentando terminar o mais rápido possível.

"O que você quer dizer?"

A coisa de metal do médico escorrega. A mulher faz uma careta, mas não diz nada. Ela está encarando o teto, com o olhar vago.

O olhar vidrado em seus olhos, o modo passivo como ela está aqui deitada, isso tudo me lembra do jeito como o casal agiu quando fui atacada. A apatia daquelas pessoas não era normal... Nem a dessa mulher.

De fato, todas as mulheres que vi no corredor estavam um pouco distantes. Elas estavam todas sentadas tão pacientemente, tão quietas... Tão sem expressão. Com todas aquelas mulheres em fila para fazer um exame ginecológico... Elas deviam estar impacientes, elas deviam estar conversando, deviam estar nervosas, aborrecidas, ansiosas ou um milhão de outras coisas.

"Qual é seu nome?" eu pergunto para a mulher. Seu rosto se abaixa para que ela possa me ver, e eu posso dizer que ela tinha esquecido que eu estava aqui, embora não estivesse totalmente inconsciente sobre isso.

"Filomina," ela diz em um tom monótono, mesmo que o médico esteja fazendo algo com ela agora que faria com que eu me contorcesse de desconforto.

"Você está feliz?" Eu sei que é uma pergunta estranha, mas é a primeira coisa que posso pensar.

"Não estou infeliz."

"Amy, o que você quer?" o médico diz.

"É como se ela não fosse humana," eu digo. "Você não pode ver? Você é o médico! Você deveria saber que isso não é normal!"

"O que não é normal?" o médico pergunta enquanto a mulher deixa sua cabeça deslizar de volta para o meio do travesseiro. Ela encara sem expressão o teto, seus olhos piscando, mas não mostrando nenhum sinal de vida além desse.

"Isso," eu digo. "Ela."

O médico despeja um gel lubrificante transparente no estômago da mulher, em seguida passa um instrumento plano manual pela sua barriga. Acho a principio, que ele está fazendo uma ultrassonografia, mas não há nenhuma tela para mostrar a imagem preta-e-branca indistinta do feto. Ao invés disso, um pequeno monitor na parte de cima do aparelho manual bipa.

ESTADO: NÍVEIS HORMONAIS ÓTIMOS.

PROBABILIDADE GENÉTICA DE MÁ-FORMAÇÕES FÍSICAS: MÉDIA.

PROBABILIDADE GENÉTICA DE MÁ-FORMAÇÕES MENTAIS: MÉDIA À ALTA.

INFLUÊNCIA DE INCESTO NA SEQUÊNCIA GENÉTICA: ALTA.

"Bem, Filomina, parece que você está grávida!" o médico diz à medida que afasta seu aparelho.

Ela suspira com satisfação—a única emoção real que ela teve todo esse tempo.

"Como você sabe?" eu digo.

O médico se vira para a mesa ao lado da cama. "O que você quer dizer?" ele pergunta.

"Faz apenas alguns dias que eles fizeram aquilo. Você não tem que esperar umas duas semanas para dizer que alguém está grávida?"

O médico tira o gel lubrificante do estômago descoberto de Filomina, depois passa em sua pele algo que cheira á álcool. Ele se abaixa e abre uma gaveta do armário ao lado da maca ginecológica e tira uma seringa quase do tamanho do meu antebraço. A longa seringa de vidro está cheia de um líquido âmbar. Próxima ao êmbolo há uma pequena etiqueta; posso dizer que há palavras ali escritas, mas estou muito distante para lê-las.

"Os níveis hormonais dela indicam que ela tem uma boa chance de fertilização. E se ela não estava grávida antes, ela ficará depois disso. Vai doer um pouco," o médico acrescenta para Filomina, que parece não se importar.

E então ele a perfura com a agulha, enfiando-a dentro dela—dentro do seu útero, suponho.

Eu me contraio horrorizada, meu próprio estômago se retraindo com a visão, mas Filomina solta apenas um pequeno uh! de dor, e então acaba. O médico aperta o êmbolo, e o líquido âmbar entra em Filomina.

"Esse negócio é para mudar o bebê," eu digo em um sussurro chocado.

O médico olha para mim, ainda apertando o êmbolo. "Isso faz o bebê mais forte, melhor."

Minha boca está seca. Me lembro do que a garota do campo de coelhos disse sobre as "vacinas".

"Essa é a razão para essas mulheres estarem tão estranhas? Porque você as mudou antes de nascerem?"

"Tudo que fiz," o médico diz a medida que começa a retirar a agulha do abdômen de Filomina, "foi dar ao bebê uma sequência adicional de DNA, então a parte do DNA que é mais fraca devido ao incesto poderá ser refeita. Não estou afetando sua personalidade."

"Se você está mudando isso, então sim."

O medico retira a agulha. Não consigo parar de encarar o minúsculo fio de sangue escorrendo da perfuração.

O médico joga a agulha numa caixa de descarte e finalmente volta toda sua atenção para mim.

"Tudo isso é perfeitamente normal," ele diz, enfatizando cada palavra. "Não há nada de errado aqui. Esse é o jeito normal das pessoas serem."

"Oh, sim," Filomina diz monotonamente. "Isso é normal, eu sou normal."

Eu me afasto, me atrapalhando com a maçaneta. Saio da sala e corro pelo corredor. As mulheres me encaram silenciosamente quando passo por elas. E mesmo que eu saiba que seus olhos não estão interessados em mim, sua frieza me enche de um medo que não posso explicar.

48

Velho

"Brilha, brilha morceguinho! Como desejo saber onde está!"

"Perdão?" eu pergunto, sorrindo.

"Apenas um texto da Terra-Sol," diz Orion, voltando-se para o flexível na mão.

Eu não esperava ver Orion na sala comum da enfermaria de novo, mas estou feliz que ele esteja aqui. Um rosto amigo. Harley me contatou ontem para avisar que ele pegou meu turno no nível crio.

Estive preso com Ancião a maior parte do dia.

"Você viu Harley ou Amy?"

Orion balança a cabeça.

"O que está fazendo aqui, afinal? Eu pensei que não quisesse que Ancião ou Doutor te vissem."

Orion ri. "Oh, não se preocupe. Ambos estão muito ocupados, tenho certeza."

Eu chego a pensar que ele está tentando me dizer alguma coisa secreta com os olhos, mas o que quer que seja, não consigo entender. Suspirando, Orion se volta para o seu flexível. "Estes textos da Terra-Sol são tão fascinantes." Ele bate na tela, folheando diferentes textos.

"Você deve ter cuidado. Se Ancião descobrir que você deu a Victria um livro da Terra-Sol... Você é um Arquivista. Você sabe que esses livros não podem sair do Salão de Arquivos e não devem ser vistos por Alimentadores." Eu tento espiar por cima do ombro dele para ver o que ele está lendo. "O que é isso?"

Orion segura o flexível para mim, e vejo um desenho de um homem alado, com três faces. "É uma história sobre o inferno. O nível inferior é todo de gelo."

Eu não estou mais olhando para o flexível—estou olhando para Orion.

"Oh—acesso?" diz ele. "Não se preocupe. Eu tenho acesso."

Algo na maneira casual que ele fala do acesso faz-me pausar. "O que você sabe?"

Eu pergunto, minha voz baixa para que os outros na sala comum não possam ouvir. Foi Orion que me mostrou as plantas que levaram até Amy. Agora ele está falando sobre o gelo infernal.

Ele está muito perto. Eu dou um passo para trás, mas ele se inclina ao lado do meu rosto. "O que você sabe?" pergunta ele. "Você sabe que tem um amigo em mim?”

49

Amy

Quando chego ao meu quarto, a primeira coisa que faço é apertar o botão que controla a cobertura da janela. O quarto escurece. Ótimo. Eu quero a escuridão.

Alguém bate em minha porta.

Eu ignoro. Com quem dessa nave eu iria querer conversar?

"Amy?" Harley diz. "Eu vi você entrar. Quero saber como você está."

"Estou bem," eu grito através da porta.

"Não, você não está. Abra a porta."

"Não."

"O Doutor tem o código mestre. Vou chama-lo se precisar."

Eu pulo e pressiono o botão para abrir. O médico é a última pessoa que quero ver. Harley dá um passo para dentro e inspeciona o quarto.

"O que foi?" eu pergunto.

"Nada. Só pensei... Que alguém estava aqui com você."

Eu bufo. "Quem?"

Harley caminha em direção à mesa e senta na cadeira. "Pensei que Velho poderia estar aqui."

"Por que ele viria me ver?" Eu sento na cama.

"Porque ele gosta de você."

Eu encaro Harley, mas não vejo nenhum sinal de que ele não está sendo sincero. "Eu acho que ninguém aqui gosta de ninguém." Não daquele jeito, de qualquer forma.

"Por que você está dizendo isso?" Ele parece verdadeiramente surpreso.

"Você não viu aqueles homens ontem? Aquilo não era 'gostar'! Aquilo era—ugh! E bem agora..." eu paro. Não quero conversar sobre Filomina.

"Sinto muito por ontem." Harley diz, e eu sei que está sendo sincero. "Mas a Temporada acabou agora. Não acontecerá novamente." Posso ouvir a ameaça em sua voz. Espero estar presente quando ele ver Luthe de novo. "Mas o que aconteceu hoje?" ele acrescenta. "Onde você estava?"

"No segundo pavilhão." Harley espera eu continuar. "As mulheres lá..."

"Oh!" Harley sorri. "As Alimentadoras. Elas estavam lá para seus exames."

"Elas eram assustadoras."

"Oh, não, elas são normais." Eu me arrepio com sua escolha de palavras.

"Elas não eram normais," eu cuspo. "Esse não é o jeito normal das pessoas agirem. As pessoas não são idiotas!"

Harley balança a cabeça. "Você está falando isso porque tem morado na Enfermaria desde que foi descongelada. Nós é que não somos normais. As pessoas devem ser assim: obedientes, calmas, trabalharem em grupo. Somos nós— que não conseguimos nos focar, não conseguimos trabalhar em grupo, não conseguimos fazer o trabalho dos Alimentadores ou dos Embarcadores... Nós é que não somos normais. Nós que tomamos medicamentos psicotrópicos para não pirarmos de vez."

Eu o encaro. Não sei o que está acontecendo, mas tudo está bagunçado aqui. As pessoas normais são "insanas", enquanto aqueles que perderam a capacidade de pensamento claro são "normais". E a Temporada... Os olhos de zombaria de Luthe aparecem em minha memória e eu seguro a ânsia de vômito.

"As pessoas por aqui não tem emoções?" eu pergunto finalmente.

"Claro. Por exemplo, agora. Agora estou com fome. Você não quer ir à cafeteria comigo?"

"Não, estou falando sério. Vocês têm amor ou apenas a Temporada?"

O sorriso que tinha enrugado os olhos de Harley está morto agora. "A Temporada não é nosso melhor momento, mas eu gostaria que você apreciasse o fato de que eu não ajo daquele jeito."

"E por que não?" eu pergunto, frustrada. "O que há com essa nave? Por que algumas pessoas entram no cio nas ruas e outras não são nem um pouco afetadas?"

Harley brinca com os lápis caídos na mesa próximos ao caderno que peguei da mala do papai. "Talvez você não saiba tanto quanto acha que sabe."

"Então me fale!

"Eu me apaixonei. Uma vez."

Foi o "uma vez" que me parou. Porque eu me apaixonei uma vez também. E nós dois estamos falando no tempo passado.

"Provavelmente é por isso que não sou afetado pela Temporada. Por que eu ia querer ficar com qualquer outra mulher?" Seus olhos deslizam para a hera pintada descamada ao redor do batente da porta. "Eu pintei aquilo para Kayleigh."

Não ouso nem mesmo respirar. Estou com medo de que qualquer coisa — movimento, som —silenciará a confissão de Harley.

"Faz três anos. Eu era um pouco mais velho do que Velho é agora. Eu e Kayleigh... nós combinávamos. Não podíamos ser mais diferentes, mas nós combinávamos. Eu gostava de arte; ela gostava de máquinas e coisas mecânicas. Toda vez que eu pintava, ela mexia com suas coisas."

"O que aconteceu?" eu pergunto quando Harley fica em silêncio.

"Ela morreu."

As palavras ficam no ar. Quero perguntar como. Mas não quero fazer Harley ficar mais triste. O tecido áspero da minha roupa parece desconfortável em minha pele. Penso em como encontrei as roupas dela aqui, na primeira noite. Me lembro de tocar a hera ao redor da porta, delineando as delicadas pétalas, e consigo ver um Harley mais jovem as pintando para uma Kayleigh risonha cujo rosto não posso ver, mas que está usando essas roupas.

"Ela não foi feita para um sol falso. Kayleigh precisava de um céu real, como aquele sobre o qual você nos contou. Ela se sentia presa pelas paredes da nave. Nós todos sabíamos que aterrissaríamos um dia—que seríamos a geração que sairia da nave e viveria no novo mundo." Harley pega meu ursinho da mesa e o abraça, como se estivesse lembrando-se de sentir Kayleigh. "Mas ela não conseguiu esperar tanto tempo."

E eu sei, sem ser dito, que ela se matou. E eu compreendo totalmente por quê.

50

Velho

Eu bato na porta de Amy mais forte do que pretendia, minha mente presa às palavras de Orion.

Harley abre a porta.

"Onde está Amy?" Eu o empurro ao passar por ele, e entro no quarto dela.

Ela está na cama. Eu me pergunto do que eles estavam falando. Sozinhos. No quarto dela. Na cama dela.

"O que você quer?" Amy pergunta, e embora ela não pareça impaciente, na minha cabeça me pergunto se ela está tentando se livrar de mim, a fim de continuar sozinha com Harley.

Harley vai para o banheiro e volta com um copo de água.

"Por que você está chateada?" Eu pergunto.

"Não é nada." Amy engole a água.

Sento-me na cadeira. Harley se senta ao lado de Amy na cama. Eu gostaria de ter deixado a cadeira para Harley. "Por que alguém iria querer matar os congelados?" Eu pergunto. Harley e Amy parecem surpresos com a rudeza da minha pergunta, mas já tive rodeios suficientes com Orion. "Dois estão mortos agora. Mortos. Por nenhuma razão."

"O que Ancião disse quando você o encontrou?" Harley pergunta. Deixo a pergunta pairar tempo suficiente para que os dois percebam que há algo errado. Não estou tentando ser misterioso. É só que eu não sei o que dizer.

Que eu acho que não posso confiar em Ancião? Harley só viu a versão de avô generoso dele. Para ele, Ancião é seu líder sábio. Como posso dizer-lhe que de todas as pessoas a bordo da nave, o que eu mais suspeito do assassinato é Ancião?

"Eu acho que nós temos que descobrir por que os congelados estão sendo atacados," digo finalmente. "Essa é a chave, é o que precisamos nos focar. Enquanto isso, eu tenho uma ideia."

Pego o flexível da mesa de Amy, e bato no meu acesso trazendo o mapa wi-com de localização. "Este é o Nível de Criogenia," eu digo,

entregando o mapa a Amy. Nossos dedos se tocam, e eu posso sentir o calor do seu toque na minha mão muito tempo depois que ela se afasta.

"O que é isso?" Amy aponta para o ponto azul brilhante.

"Toque-o."

Quando ela faz, um nome aparece na tela. "Ancião/Velho? Mas você está aqui." Concordo com a cabeça. "Isso significa que Ancião está lá embaixo. Nós temos o mesmo acesso a tudo, então o computador sempre rotula-nos iguais, lembra?" Os dedos de Amy cerram, esmagando a borda do flexível.

"Eu sei o que você está pensando," eu digo. "Mas ele está no laboratório. As crio- câmaras estão por aqui." Amy não parece consolada.

"Olha." Harley aponta para o ponto de Ancião quando ele se move pelo mapa e desaparece.

"O que aconteceu?" Amy pergunta, surpresa.

"É onde o elevador está. Ele vai aparecer no Nível dos Alimentadores agora. Mas eu pensei que você gostaria de guardar isso. Eu o configurei para funcionar com sua impressão digital quando eu verifiquei você anteriormente. Assim, você pode ver quem está indo e vindo."

"Obrigada," diz Amy. "Mas... isso não é bom o suficiente. Precisamos estar lá embaixo. Todo o tempo. Devemos ir agora." Ela se levanta, mas parece perdida. "Agora. Se nós não estamos lá para protegê-los— é por isso que as pessoas estão sendo assassinadas! Porque não estamos protegendo-as!"

"Não." Minha voz é calma e segura. "As pessoas estão sendo assassinadas porque há um assassino."

Amy abre a boca, provavelmente para insistir em ir para o Nível de Criogenia, mas Harley enfia outro copo de água em suas mãos. Eu tinha estado tão concentrado em Amy que eu não havia notado ele se levantar e pegar água da torneira do banheiro. Amy arrebata-a de sua mão. "Vá devagar com a água," eu digo, pensando sobre a segunda bomba de água que Ancião tem escondido no Nível de Criogenia.

Amy bebe o copo inteiro, e quando ela coloca-o sobre a mesa, sua pele não está mais manchada de vermelho e branco, e a respiração volta ao normal. Harley hesitante senta-se bem na beira da cama, pronto para saltar e correr para pegar mais água a qualquer momento.

"Eu ainda vou manter guarda quando eu puder," diz Harley a Amy, um olhar distante em seus olhos. Eu me pergunto se ele está se oferecendo apenas para que ele possa estar perto da escotilha que leva para as estrelas. Eu me pergunto quantas vezes ele a abriu, apenas para que pudesse ter mais uma visão.

Uma sombra passa pela minha cabeça. Harley estava lá a noite toda. Ele poderia ter aberto a bandeja de Kennedy e deixá-lo derreter. Eu posso ver isso na minha mente: Harley em pé sobre um homem derretendo, vendo-o morrer. Ele poderia ter feito isso.

Mas por quê?

Outra sombra murmura para mim, me lembrando dos humores sombrios de Harley, dos remédios extras que Doutor dava a ele, de como ele provavelmente esqueceu- se de uma semana de valor desses medicamentos em todo este caos. Eu respiro fundo para clarear minha mente.

Harley não é um assassino.

Certo?

Não, não. Harley nunca faria...

"E..." Amy começa.

Bip, bip-bip.

Minha mão vai para o meu botão wi-com, Harley também. Nós olhamos um para o outro. É raro ter um com-link ao mesmo tempo que outra pessoa. "O que é isso?" Amy pergunta, os olhos correndo nervosamente entre nós. Então aquela voz profunda de mais idade enche meu ouvido. "Atenção a todos os residentes de Godspeed. Eu tenho um anúncio muito importante. “

51

Amy

"O que é?" eu pergunto novamente. Os dois garotos estão com as cabeças tombadas para o lado, escutando. Lembro-me da última vez que houve uma chamada geral, a vez em que todas as pessoas na sala comum se viraram contra mim. Meu estômago afunda, e sinto meus músculos ficarem tensos. O que acontecerá se Velho e Harley ficarem contra mim depois dessa chamada? Eles são tudo o que tenho.

"O que é?" pergunto novamente, com mais urgência. Velho acena para mim como se eu fosse uma mosca incômoda. Viro-me para Harley, mas seu rosto está todo contraído em concentração, como se ele estivesse ouvindo algo aterrorizantemente importante. Agarro seu cotovelo, mas ele se solta. Velho olha para mim.

Eu não posso deixar que eles me odeiem agora. Eu não sei o que eles estão ouvindo, mas posso dizer que é algo ruim. Eles parecem muito sérios. E agora, Velho está me encarando, com escuridão em seus olhos. Eu não posso deixar que eles me odeiem agora. E não vou deixar eles me odiarem.

Eu pego Amber na mesa e aperto-a contra mim. Sinto o gosto de cobre antes de perceber que estou mordendo meu lábio.

Eu apanho o copo vazio de água, corro até o banheiro e o encho novamente.

Esvazio-o em cinco segundos. Encho novamente. Engulo tudo de uma vez.

Há algo verdadeiro nos cuidados maternais de Harley: a água realmente me acalma um pouco. É como se eu respirasse profundamente antes de me posicionar para uma corrida.

Volto para o quarto.

As cabeças de Velho e Harley se endireitam. Ambos olham para mim.

Eu sei o que é isso. Eles me odeiam.

O que quer que tenha sido dito em seus ouvidos, foi para que me odiassem. E agora eles me odeiam e vão se virar contra mim como todas

as outras pessoas na Enfermaria. O espaço entre meus olhos até a extremidade do meu nariz está tenso. Não consigo respirar.

"O que é?" pergunto, incapaz de suportar que isso se prolongue mais.

"Não é bom," é tudo que Velho diz.

"Você não sabe," Harley diz.

Velho se vira para ele. "Não pode ser bom."

"O que é?!"

"Ancião fez um anúncio geral. Outro. Nós todos devemos ir para o Nível dos Protetores." A boca de Velho se curva para baixo, enrugando a pele em uma expressão profunda e preocupada.

"Eu estou animado." Harley levanta com um pulo e começa a se dirigir para a porta. "Sempre me perguntei sobre o Nível dos Protetores." Me lembro, então, que a maioria das pessoas não pode acessar esse Nível —é ruim o suficiente ficar enclausurado em uma nave, mas não poder nem mesmo ir a diferentes partes dela parece ridículo.

Harley aperta o botão para abrir a porta e salta para fora. Começo a segui-lo, mas quando Velho não se move, eu paro.

"Tenho um mau pressentimento sobre isso," Velho diz.

"Venham!" Harley grita.

Velho e Harley discutem entre si à medida que me guiam pelo caminho atrás do Hospital, passando pelo Salão dos Arquivos, em direção à parede de metal que circunda o Nível dos Alimentadores.

"Ela não pode percorrer o tubo de gravidade; ela não tem um wi-com," Harley diz.

"Então como ela vai chegar ao Nível dos Protetores?" Velho pergunta.

"Acho que vocês poderiam me deixar aqui," eu digo. Talvez seja melhor. Minha cabeça dói. Sinto como se meu crânio tivesse sido preenchido com algodão. Algo sobre o que Harley disse, sobre comunicadores, está me incomodando, mas não consigo pensar com essa confusão.

"De jeito nenhum." A mão de Velho se contrai, como se ele fosse estendê-la para mim, mas no último segundo mudasse de ideia.

"Ela poderia percorrer com você," Harley diz, com dúvida saindo de suas palavras.

"Percorrer?" eu pergunto.

Harley sorri. "Você apenas tem que se segurar no Velho, e ele te carregará pelo tubo de gravidade."

"Mas..." O rosto de Velho está vermelho.

"Aqui." Harley me segura pelo pulso e me puxa para perto de Velho. "Passe seus braços ao redor dele—assim. Bom. Se aproxime. Mais perto. E Velho, você tem que segurá- la ao redor da cintura. Não, você terá que realmente tocar nela. Aqui." Harley puxa o braço suspenso de Velho contra minha cintura. Nós estamos próximos. Posso sentir o cheiro de terra e grama na pele de Velho. É bom.

"Você está bem?" Velho pergunta.

Eu sorrio fracamente para ele. Não sei dizer se são meus nervos ou algo mais que está me fazendo sentir como se eu tivesse um balde de água balançando em meu estômago. Droga, eu provavelmente tenho um balde de água ali, considerando quantos copos eu bebi mais cedo.

"Dê o comando ao tubo de gravidade," Harley diz em um modo despreocupado.

A mão de Velho treme quando ele aperta o botão atrás de sua orelha. "Nível dos Protetores," ele diz. "Você terá que pegar o tubo de gravidade na Cidade; você não tem acesso a esse daqui. Ancião deve ter aberto a escotilha no Salão Nobre para todos os outros," ele acrescenta. Harley apenas assente impaciente, acenando para nós irmos.

"Vão logo!" Harley diz. Ele nos empurra diretamente embaixo do grande tubo transparente.

Eu tenho um segundo para olhar para o vento turbulento acima de mim, senti-lo levantar meu cabelo, e respirar o ar comprimido—e então nós começamos a subir.

O braço de Velho me aperta, e instintivamente ele me puxa para mais perto. Fecho meus olhos e deixo ele me segurar, confiando nele, me sentindo segura em seu abraço forte. Por um momento, nós pairamos no vento soprando ao nosso redor, flutuando como boias no oceano, como se o redemoinho girando ao nosso redor estivesse testando nosso peso. Eu devia estar assustada, mas eu olho nos olhos sorridentes de Velho e não posso evitar sorrir de volta.

O vento fica mais forte. Meu estômago balança à medida que somos puxados para cima, de cabeça, cada vez mais rápido, zunindo pelo tubo transparente, com o vento grudando nossos cabelos contra nossa cabeça.

"O que está acontecendo?" eu grito, lutando para levantar minha cabeça do ombro de Velho e olhá-lo corretamente.

"Não se preocupe!" Velho grita de volta. Suas palavras voam pelos meus ouvidos como beija-flores.

O vento está tão rápido e alto que seria inútil para ele dizer algo mais. Seus braços se apertam ao meu redor, e eu pressiono meu rosto contra seu peito.

E através de tudo—o vento agitado, meu cabelo balançando ao meu redor, o tecido de nossas roupas—eu posso ouvir a batida do seu coração.

O tubo se curva contra uma parede e nós subimos, uma flecha solitária se elevando no coração de um furacão. Posso ver o vulto dos pastos verdes abaixo. Luto para levantar minha cabeça, os músculos do meu pescoço se esforçando contra a pressão, e quando consigo, posso ver as cores pontilhadas dos trailers se afastando de nós, longe, do outro lado do Nível.

E então, com uma guinada que me deixa nauseada e tonta, o tubo se vira bruscamente. Há escuridão por alguns segundos quando nós atravessamos uma abertura no chão do Nível acima de nós. Finalmente, nós paramos.

Meus olhos estão úmidos, turvos. Sinto-me estranha, como se estivesse doente. Tento engolir essa estranha sensação. Estou enjoada, mas não sei dizer se é por causa do tubo de gravidade ou alguma outra coisa. Sinto-me lenta e cansada.

"Bem-vinda ao Nível dos Protetores," Velho diz. "É aqui que eu moro.”

52

Velho

Seus dedos frios se enroscaram em minha mão. Ela me segura tão forte que as pontas dos meus dedos, já frios por culpa do tubo de gravidade, agora estavam dormentes, mas não me importo. Não me importo nem um pouco. Ela está ofegante e sorridente, e eu gostaria que pudéssemos ficar sozinhos no Centro de Aprendizagem, e que eu pudesse pôr para trás de sua orelha uma mecha de seu cabelo, e que eu pudesse beijar esses risonhos lábios. Mas já posso ouvir as vozes das pessoas do outro lado da porta enquanto todos entram através da escotilha do Nível dos Embarcadores.

Quando encontro seus olhos, há uma película sobre eles, como se ela houvesse acabado de acordar. Mas quando eu sorrio, ela sorri de volta. Nós damos as mãos, cruzamos o centro de Aprendizagem e entramos no Salão Nobre. Estou surpreso—não pensei que ela me deixaria segurá-la por tanto tempo—mas ela está só sorrindo, distante, quase como se ela tivesse esquecido que estou segurando sua mão.

Pessoas se acumulam no Salão Nobre. Nunca havia me dado conta de que ela era tão grande—todos estão aqui, e há ainda mais pessoas subindo pela escotilha. Vejo Harley finalmente entrar, seguido por Bartie e Victria. Ele fica junto dos outros, mas pisca para mim quando vê como Amy está me seguindo. Seus olhos estão arregalados, surpresa por todos os novos rostos que está vendo. Os Alimentadores se agrupam e cacarejam como galinhas. Os Embarcadores ficam parados ao redor de todos os cantos da sala. Pergunto- me o que eles sabem. Ancião certamente não teria revelado suas intenções a eles, mas o modo como eles estão parados, amontoados juntos, me faz pensar que eles sabem de algo que eu não sei.

Talvez Doutor saiba. Passo os olhos pela multidão, mas não o vejo.

Quase todas as pessoas têm os olhos virados para cima. As "estrelas" da tela de metal brilham e piscam. O ponto vermelho que indica nosso navio também.

Apenas 49 anos e 264 dias distante da luz que representa a Terra-Centauro. Casa.

"Olhe as estrelas," eu ouço um fazendeiro do Nível dos Alimentadores dizer para uma mulher parada próxima dele. Eles se aproximam um pouco mais, seus ombros se tocando enquanto erguem o olhar. A mulher cruza os braços na frente de sua barriga, apertando os dedos sobre seu abdome. Um sussurra para o outro, ainda encarando as lâmpadas que queimam, que eles pensam serem estrelas.

Parece que cada pessoa na Grande Sala está parada em casais, e mais de uma mulher tem as mãos sobre a barriga. Aproximo-me de Amy, permitindo que nossos braços se toquem, mas ela não segura minha mão novamente.

O fluxo de pessoas saindo da escotilha diminui, então para. Estão todos aqui. Esperando.

Uns poucos Embarcadores se reúnem perto da câmara da porta de Ancião. Suas costas estão retas; eles lançam olhares furtivos para a multidão. As pessoas da Enfermaria se agrupam, suas vozes crescendo na multidão. Quando eu olho de volta para eles, entretanto, vejo que Harley está calado. Ele olha para frente, e eu penso que talvez ele já tenha se dado conta de que essas estrelas não são reais. Como poderia alguém que já viu estrelas de verdade ser enganado por esse show de luzes?

Abro minha boca para perguntas a Amy o que ela pensa das falsas estrelas, mas antes que eu possa falar, a porta da câmara de Ancião se abre.

Ele sai vestindo seu traje oficial de Ancião, um conjunto pesado de lã e túnica bordado com silenciosas estrelas imóveis nos ombros e plantações verdes abundantes na manga—a esperança de todos a bordo do navio.

"Amigos," Ancião diz com sua melhor voz de avô. "Ou melhor, família".

Os Alimentadores próximos a mim assentem, e as mulheres esfregam as barrigas e sorriem para seus homens.

"Convidei a todos para que viessem aqui por um motivo específico. Primeiramente, queria mostrar a vocês as estrelas." Ele ergue a mão para o alto e cada rosto segue seu movimento, cada olho se virando para cima para as brilhantes "estrelas".

"Vocês veem as trilhas que seguem as estrelas?" Ancião continua. Os Alimentadores assentem. "Elas mostram quão rápido nosso navio está viajando enquanto atravessamos o espaço para nossa nova casa."

Olho para Amy, mas ela está apenas olhando fixamente para cima como eles. Não acho que ela tenha se dado conta ainda que essas estrelas não são reais. Viro-me para Harley. Do outro lado da sala, ele está olhando direto para mim, um profundo vinco marcado em sua testa. Ele sabe que isso não está certo.

"Como vocês sabem, vocês, jovens, são a nova geração que vão crescer sobre a superfície da Terra-Centauro." Ancião pausa e solta um dramático e profundo suspiro. "Mas, infelizmente, não será assim."

Murmúrios aumentam na multidão. A luz vermelha indica que o Godspeed se move para trás na pista, longe da Terra-Centauro.

"As engrenagens de nossa Godspeed estão cansadas, amigos, e o navio não pode ir tão rápido. Nós devíamos pousar em cinquenta anos."

"Em 49 anos e 264 dias," uma voz grita, interrompendo-o. Como um, todos nos viramos para Harley, que encara Ancião diretamente. Seu rosto está pálido, o hematoma sob seu olho escuro em contraste.

Ancião sorri graciosamente. "Como você diz. E dentro de sua linha de vida, amigos. Mas, temo, esse pode não ser o caso. Pousar nesse planeta está além de cinquenta anos."

"Quando?" Harley pergunta, sua voz agora mais suave, amedrontada.

"Nós esperamos, amigos, que a ciência esteja mentindo, e que a Terra-Centauro esteja mais próxima do que acreditamos."

"Quando?"

"Setenta e cinco anos até lá," Ancião diz simplesmente. "Vinte e cinco a mais do que pensávamos."

Silêncio permeia o Nível dos Embarcadores. Vinte e cinco anos a mais? Eu não vou ser um homem velho no dia do pouso—vou estar morto. Aperto a mão de Amy sem nem me dar conta. Ela pressiona contra a minha tão levemente que eu mal sinto seu toque.

"Vinte e cinco anos a mais?" Harley dispara, empurrando pessoas de seu caminho para conseguir atravessar a multidão até Ancião. "Vinte e cinco a mais?"

Bartie e Victria puxam Harley para trás. Ele engole, duro, como se fosse ficar doente ali, bem na nossa frente. Posso ouvi-lo resmungar "74, 264... 74, 264..."

"Vinte e cinco a mais." Ancião fala acima de Harley. "Sinto muito, mas não posso ajudá-lo. Será muito tarde para você ver o planeta... Mas seus filhos..."

Ao meu redor, todas as mulheres enrolam os braços ao redor da barriga. "Nossos filhos," a mulher perto de mim diz para o homem próximo dela. "Nossos filhos vão ver a terra".

As palavras se espalham como fogo, e todas as mulheres Alimentadoras estão murmurando para os bebês dentro delas. Murmurando palavras de esperança, palavras de conforto.

Elas não se importam consigo mesmas. Elas se preocupam com as crianças que estão formam dentro delas, com o futuro delas.

"Ter calculado uma viagem de séculos errando vinte e cinco anos não é uma grande coisa, amigos," Ancião diz, e eu já posso ver alguns Alimentadores assentindo em concordância.

"É sim!" Harley rosna. Ele se solta de Bartie e Victria. "Você nos prometeu terra, você nos prometeu uma casa, você nos prometeu estrelas de verdade, e agora você diz que vou morrer antes de ter a chance de sentir ar que não é reciclado há tantos séculos?"

"Mas seus filhos," uma das mulheres diz. "Nossos filhos vão ter a Terra. Isso é suficiente!".

"Não é suficiente!" Harley dispara. Ele está quase na frente agora, ele está quase no Ancião. "Nunca vai ser suficiente, não até que eu possa sentir sujeira de verdade sob meus pés!"

Ancião anda para frente, e então ele está de frente para Harley. Ele ergue seu dedo, e Harley, apesar da raiva, se inclina para ouvir o que Ancião sussurra em seu ouvido. O rosto de Harley torna-se fantasmagórico, e seus olhos se enchem de tristeza e morte. Quando Ancião já sussurrou o suficiente, Harley se endireita, olha para além da multidão, e vai até o Salão Nobre. Ele desce pela escotilha. Todos nós estamos em silêncio, ouvindo seus passos abaixo, até o som desaparecer.

Olho para Amy, esperando ver em seu rosto uma raiva similar. Ela certamente estava com raiva o suficiente quando eu disse que ela teria de esperar cinquenta anos até o pouso—como ela se sente agora, que serão setenta e cinco anos até darmos nossos primeiros passos em um novo planeta? Meu coração despenca. Quando seus pais finalmente forem reanimados, sua filha provavelmente estará morta. E Amy nunca vai poder dizer adeus.

O rosto de Amy está pálido, mas não há resquício algum de raiva em seus olhos, nenhum desafio na inclinação de sua cabeça.

"Amy?" digo sob minha respiração. Ela se vira para mim. "O que você pensa disso?"

Pausa.

"É triste," ela diz, mas não há tristeza em sua voz. "Lamento que isso deva acontecer. Mas acho que vai ser tudo bem." Seu tom é tranquilo, plano.

"O que há de errado com você?" pergunto.

"Nada está errado comigo," Amy diz. Ela pisca; seus olhos não tem foco. "As estrelas estão bonitas," ela adiciona.

"Essas estrelas não são reais!" digo em seu ouvido. "Você não consegue ver isso?"

"Eu gosto como elas têm caudas pequenas, como cometas."

Inclino-me mais perto. "Você já viu estrelas de verdade! Você sabe que essas não são reais! Eles apenas adicionaram caudas para fazer parecer que estamos indo rápido!"

"Oh, nós estamos indo rápido," Amy diz. Ela aponta para Ancião. "Ele nos disse que estamos."

Dou um passo atrás e a inspeciono. Seu corpo afunda um pouco. Seus ombros cedem. Até mesmo seu cabelo parece frouxo. "O que há de errado com você?" pergunto novamente.

Ela pisca. "Shhh," ela diz. "Nosso Ancião está falando."

Eu a encaro. Nosso Ancião? Nosso Ancião?

"Amigos," Ancião diz, "eu sei como esta é uma notícia difícil de suportar. Mas eu quis trazê-los aqui, para verem as estrelas, para que vocês possam dizer as suas crianças quando elas nascerem sobre o céu que espera por eles! Sobre o mundo que será a casa deles!"

E as pessoas comemoram. Elas realmente aplaudem.

Até Amy.

53

Amy

Sinto-me engraçada.

Não engraçada há-há-há. Engraçada de estranha.

Corra, meu corpo diz ao meu cérebro. Quando algo não está certo, corra. Correr faz você se sentir melhor. Normal.

Mas por que correr? Correr para onde? Qual é o objetivo?

Correr parece idiota.

Posso muito bem continuar aqui.

E esperar.

O mundo parece lento.

Como caminhar na água.

Como se afogar.

Os aplausos irrompem ao meu redor, como uma onda calorosa de alegria, e eu me junto, levantando minha voz de felicidade, tornando-me parte da multidão. Velho me olha engraçado (não engraçado há-há-há, mas engraçado de estranho), e ele não aplaude. E não sei por quê.

"Por que você não aplaude?" eu pergunto.

Velho leva um longo tempo para responder, e quando ele finalmente responde, eu quase me esqueci da pergunta. "Eu não tenho nada para aplaudir."

Por que você precisa de uma razão para aplaudir? Por que simplesmente não... Aplaudir?

Todos começam a sair do Nível dos Protetores. Permaneço parada, olhando-os partir. Seus passos fazem o chão tremer um pouco, como as ondulações que se formam na água quando se atira pedrinhas. Fecho meus olhos e sinto o mundo através dos meus pés.

Por um momento, lembro-me da Terra. Lembro-me das ondulações nos lagos.

A memória desvanece. Estou aqui. Agora. Não lá.

Por que pensar na Terra?

Velho toca meu braço. Abro meus olhos. Todos se foram. Mas não Velho ou Ancião. Nem eu.

Velho começa a caminhar em direção ao Ancião. Ele se vira e olha para mim. "Venha," ele diz. "Você não virá comigo?"

Oh, sim. Claro. Eu o sigo.

Ancião olha para mim, e meu corpo reage antes da minha mente, meu estômago se contrai e meu intestino se contorce em náusea. Eu tropeço—por que meus pés não querem chegar mais perto de Ancião? Por que minha respiração está ofegante, e meu coração acelerado?

Por que eu não gosto de Ancião?

Balanço minha cabeça para clarear minha mente. Claro que gosto de Ancião. Por que eu não gostaria dele? Ele é meu líder.

Um ruído alto me faz pular. O barulho veio de Velho.

Eu perdi parte da conversa deles. Eu semicerro meus olhos e foco minha atenção. Parece muito importante que eu entenda. Sinto como se eu devesse entender, devesse me preocupar.

"O que você fez?" Velho grita.

Por que ele está gritando?

"Nada além do que você fará." A voz de Ancião é um rosnado.

"Eu nunca serei como você! Nunca! Isso tudo é uma mentira!" Meus olhos seguem seu braço para cima, para as estrelas. Elas são tão lindas. Brilhantes. Cintilantes. Não como as estrelas de casa.

Meu coração e minha respiração param por um momento. Casa? Aqui é meu lar. Por que pensar sobre outras estrelas? Eu tenho essas estrelas. Essas estrelas são suficientes. Elas são lindas. Brilhantes. Cintilantes.

"O que você está planejando?" Velho grita, e eu percebo que esqueci de prestar atenção novamente.

Eu devo prestar atenção.

Mas... por quê? Isso não tem nada a ver comigo.

Isso tem, uma voz sussurra em minha cabeça.

Como? eu pergunto para ela.

Mas não há resposta.

"Seu imbecil do caralho," Ancião diz, se aproximando de Velho. "Eles precisam de esperança, não precisam? Eles precisam olhar as lindas mentiras brilhantes... "

Eu olho para as lindas mentiras brilhantes. Elas são lindas. E brilhantes.

Eu pisco. De onde esse som veio?

Velho e Ancião me encaram.

Eu devo dizer algo para eles? Eles parecem querer me dizer alguma coisa.

"Amy?" Velho pergunta, calmamente.

Ancião sorri com todos seus dentes a mostra. Meu estômago se contrai novamente, sinto bile em minha língua, mas meus lábios se curvam para cima, imitando seu sorriso. Ancião se inclina para frente. Ele afaga minha bochecha. Quando ele se aproxima de mim, sinto uma urgência repentina de me afastar. Mas isso é bobagem—por que eu deveria me afastar? Permaneço aqui. Ele coloca ambas as mãos nos lados do meu rosto e me puxa para mais perto.

"Tire suas mãos dela," Velho rosna.

"Você não vê?" Ancião diz. Acho que ele está falando com Velho, não comigo, mas é para mim que ele está olhando. "As pessoas na Godspeed têm necessidades simples, vontades simples. Dê a elas algumas luzes brilhantes e elas as chamarão de esperança. Dê a elas esperança, e elas farão qualquer coisa. Elas trabalharão quando não quiserem. Elas se reproduzirão quando a nave precisar. E elas sorrirão o tempo todo."

Ancião sorri, seus lábios se curvando para cima. Seus olhos olham dentro dos meus, tão calorosos, marrons e reconfortantes.

Eu sorrio de volta.

54

Velho

Algo não está certo. Amy não está bem.
"O que há de errado?" eu pergunto a ela.
Ela pisca. "Nada."

Eu tenho que levá-la para Doutor. Eu não sei se posso confiar nele, mas eu não conheço mais ninguém que possa ajudar. Tenho certeza que não posso confiar em Ancião. Levo Amy para fora do Nível dos Protetores e para longe dele o mais rápido que eu posso. O medo e a alegria que ela mostrou quando foi pela primeira vez no tubo de gravidade sumiu, substituído por um leve desinteresse.

Ela me segue no caminho para o jardim do Hospital como um cão. Seus olhos olham para frente, não para as flores, não para a estátua do Ancião da Peste, apenas para frente. Eu me pergunto se ela está mesmo vendo alguma coisa.

Pelo menos uma dúzia de pessoas está no andar térreo do Hospital. Metade delas é idosa, e a outra metade são os seus mais novos congêneres, filhos e filhas que vieram trazer suas mães e pais. "Ela foi," um homem diz, inclinando-se perto da enfermeira de braços flácidos que percorre o chão da emergência. "Ela é muito velha para viajar nos tubos de gravidade, mas eu contei-lhe sobre a reunião, você sabe, no Nível dos Protetores. E isto a deixou completamente perplexa. Ela ficou toda confusa."

"Não confusa," a velha atrás dele diz em uma voz quebrada. "Lembro-me, claro como o dia. Essas estrelas que se perdiam com a luz. A única vez que eu já vi estrelas." Eu puxo Amy para trás de mim, como se ela fosse uma criança distraída, mas na verdade, eu estou mais distraído do que ela.

A enfermeira de braços flácidos acena para o jovem. "Não é culpa sua. Muitos idosos ficam confusos na terceira idade. Temos quartos para eles no quarto andar. Vou mandá-la para lá e Doutor vai dar uma olhada nela."

"Obrigado," diz o jovem, com um suspiro de alívio que flutua entre suas palavras. Ele se vira para falar com sua mãe, então a entrega para a enfermeira que a leva para o elevador, onde Amy e eu estamos esperando.

"Você é o Velho. O que não morreu," diz a velha quando ela me vê. "E essa é a aberração da qual Ancião nos contou."

"Olá," Amy diz com um sorriso, estendendo a mão para a mulher. Se eu tivesse qualquer dúvida sobre algo estar errado com Amy, ela tinha acabado agora. Amy—a normal, que eu conhecia—não aturaria uma velha senhora chamando-a de aberração.

"Eles dizem que eu estou doente," a velha senhora diz.

"Este é o Hospital," Amy responde. Seu discurso tem uma cadência infantil, simples e factual.

"Eu não sabia que estava doente."

"Você está apenas confusa, querida," diz a enfermeira. "Você está tornando o passado e o presente uma bagunça."

"Isso não é bom," Amy diz, com os olhos arregalados. As portas deslizam abertas e todos nós entramos. Eu empurro o terceiro botão. A enfermeira chega mais perto e aperta o quarto.

"O que há no quarto andar?" eu pergunto. Tenho notado que Doutor ocasionalmente leva pacientes, geralmente os grisalhos, mas nunca notei nada especial sobre ele à exceção do elevador secreto.

"É onde temos quartos criados para os idosos," diz a enfermeira. "Às vezes eles chegam ao ponto onde não podem mais cuidar de si mesmos, de modo que damos a eles quartos lá. Eles precisam de descanso e paz, e temos alguns medicamentos para isso no quarto andar." Ela acaricia a mão da velha e a mulher sorri para a enfermeira, seu sorriso brilha através das rugas profundas de seu rosto. Minha sobrancelha dobra. Por que as portas do quarto andar estavam bloqueadas se eles simplesmente mantêm velhos relaxando?

As portas deslizam abertas para a sala comum da Enfermaria. Eu saio. "Você não está esquecendo-se de algo?" A enfermeira lembra. Amy ainda está de pé no elevador, olhando distraidamente para os números acima das portas.

"Três," diz ela solenemente, a leitura do número aceso.

"Sim," eu digo. "Vamos." Eu agarro seu pulso e puxo-a para a sala comum. Muitos dos doentes mentais estão dentro, olhares escuros nos seus rostos, raiva em seus olhos.

Amy faz uma careta. Olho para os seus pulsos e vejo hematomas de coloração roxos esverdeado em sua pele pálida. "Eu fiz isso?" pergunto, gentilmente levantando seu punho para cima para uma inspeção mais minuciosa.

"Não," Amy diz simplesmente. As contusões são antigas, de qualquer maneira, pelo menos um dia ou mais.

"O que aconteceu?"

"Alguns homens me imobilizaram," diz Amy. "Mas está tudo bem."

Meu coração golpeia. "Alguns homens te imobilizaram? E está tudo bem?"

"Sim."

"M-mas..." eu engasgo.

Amy pisca para mim, como se ela não conseguisse entender porque algo vale tanta emoção.

"Você não se importa, não é?" eu pergunto.

"Com o quê?"

"Com... Com qualquer coisa."

"Eu me importo," diz Amy, mas sua voz soa entediada.

"Você se lembra de quando conseguiu esses hematomas?"

Eu aceno-lhe o pulso mole na frente de seu rosto. Seus olhos se concentram neles, então se afastam. Ela balança a cabeça. "Pense sobre como você se sentiu depois. O que você fez?"

"Eu me lembro... de chorar? Mas isso é bobagem. Não vale a pena chorar por isso. Tudo está bem."

Eu não posso evitar. Eu largo o pulso de Amy, agarro-a pelos ombros e sacudo-a. Sua cabeça pende em seu pescoço. É como agitar uma boneca.

E não importa o quanto eu sacuda, eu não posso trazer a vida de volta a seus olhos. "O que aconteceu com você?" eu suspiro, soltando-a.

"Nada. Eu estou bem."

"Eu vou encontrar uma maneira de te consertar."

"Eu não estou quebrada," Amy diz com uma voz tão vazia quanto seus olhos.

Eu levo-a para fundo do corredor, deposito-a em sua câmara, e digo-lhe para não sair. Não tenho dúvidas de que ela vai seguir minha ordem.

Eu finalmente encontro Harley no outro lado do tanque, jogando rochas na água.

"O que Ancião sussurrou para você?" Pergunto, de pé ao lado dele.

Ele não olha para cima. "Não vou dizer a você", ele rosna.

Não tenho tempo para o mau humor de Harley.

"Há algo de errado com Amy."

Sua cabeça chicoteia para cima. "O quê?"

"Ela está... Ela está agindo como os Alimentadores."

Harley se volta para a lagoa. "Oh." Então: "Talvez seja melhor assim."

"O que você quer dizer?"

"Eles estavam todos bem em não aterrissar, você não percebeu? Apenas os casos mentais como nós, que foram incomodados." Eu tinha notado. Apenas Harley, que tinha visto verdadeiras estrelas, protestou, mas os outros na Enfermaria estavam alvoroçados com a notícia, e eles certamente não estavam felizes com isso.

"É de se esperar," eu digo. "É normal que sejamos os únicos incomodados. É por isso que estamos na Enfermaria, não é? Porque nós não podemos tomar uma direção, seguir a liderança. É por isso que tomamos o remédio inibidor." Mesmo enquanto digo isso, estou pensando no casal no gramado em frente do Salão dos Arquivos, sobre como eles não conheciam claramente o amor e nem o pesar.

"Amy pode ser feliz assim," diz Harley. "Eu acho que eu seria mais feliz se não me importasse em descer desta maldita nave."

Eu quero dizer para não se preocupar, que ela vai pousar um dia, mas sei que as palavras são ocas, e nenhuma quantidade de falsa esperança em minha voz pode preenchê-las. "Mas Amy não começou dessa forma. Ela começou como nós. E agora ela está como um dos Alimentadores."

Harley encolhe os ombros. "E? Isso significa apenas que ela é normal. Bom para ela."

"Mas eu gostava dela muito mais antes," eu digo, mais para mim do que para Harley.

Ele se levanta e vai para o pátio. "Eu vou para o Nível de Criogenia ficar de guarda."

Eu observo-o sair. Suas palavras ferroam porque são verdadeiras. Eu esqueço, às vezes, passando tanto tempo na Enfermaria ou sozinho com Ancião, que a maioria das pessoas a bordo da nave são calmas, complacentes—não-loucas. Não se incomodam com coisas como estrelas falsas e os horários de pouso atrasados. Mais felizes.

Será que Amy realmente seria mais feliz se ela ficasse oca por dentro?

Eu seria mais feliz se não tivesse que viver com a ideia de que viveria toda a minha vida encerrado em uma nave?

Não importa. Eu sei que se Amy tivesse a escolha, ela nunca escolheria esta ignorância cega, mesmo que seja bem-aventurada. Algo—alguém—fez isso com ela, e eu vou descobrir quem.

55

Amy

Estou sentada em meu quarto.

A porta abre.

"O que você está fazendo?" Velho pergunta.

"Estou sentada em meu quarto," eu digo.

"O que você está olhando?"

"A parede."

"Por que você está olhando a parede?"

Velho faz muitas perguntas.

Ele caminha até mim. Ele pega minha mão. Seus dedos traçam meus hematomas.

"Vem comigo," Velho diz. Levanto-me. Ele caminha. Eu sigo. Nós caminhamos até pararmos.

Velho aperta um botão. A porta se abre. Sigo-o para dentro. Ele me guia para uma cadeira.

Eu sento.

"Amy," uma voz profunda diz. Olho para cima e vejo o médico. Nós estamos em seu consultório. Ele está sentado em sua mesa. "Qual é o problema?"

Eu pisco. "Nenhum. Tudo está bem."

"Nada está bem!" Velho grita.

Eu olho para ele. "Tudo está bem."

A cadeira em que estou sentada é azul. É feita de um plástico duro. A mesa é interessante. Tudo está colocado tão ordenadamente na mesa. Os lápis estão todos retos em seu porta-lápis.

"O que aconteceu com você?" Velho grita.

Eu pulo. Tinha esquecido que ele estava aqui. Eu o encaro.

Velho rosna, como um cachorro, e é engraçado, e eu sorrio.

"Não há nada errado com ela, Velho," o médico diz. "Eu acho que você ficou muito acostumado a estar com os pacientes com problemas mentais. Talvez seja melhor para você passar mais tempo com pessoas normais. Eu recomendo... "

O médico ainda está falando. Eu sei, pois sua boca está se movendo para cima e para baixo e o som está saindo, mas as palavras estão apenas retinindo em minha cabeça, bagunçando-a. O bloco de notas na mesa do médico tem bordas alinhadas, niveladas. Estendo a mão e passo meu dedo ao longo das bordas. Elas são lisas- tão lisas que o papel corta minha pele. Um minúsculo fio vermelho brota na ponta do meu dedo. Olhe, o médico tem outro caderno no outro lado da mesa. Isso é legal. Simétrico. Eu gosto de simétrico. Si-mé-tri-co. É uma palavra legal. Digo em voz alta.

"Si-mé-tri-co." Sim. Soa agradável.

Velho está me encarando como se eu fosse louca, mas ele que é louco, ha ha, porque é ele que perambula por um manicômio por diversão.

As paredes são pintadas com um tom agradável de azul. Tão agradável. Como um céu nublado.

Algo chocalha. Eu olho. O médico coloca um frasco marrom de comprimidos em sua mesa. Eu ergo minha cabeça, encarando-as. Os comprimidos estão dispersos caoticamente no fundo do frasco. Amontoados como pequenos doces.

O médico e Velho conversam.

"Você está certo," o médico diz. "A condição dela é estranhamente grave. Ela teve algum choque recentemente? Trauma? Aumento de frequência cardíaca? Algumas vezes, essas coisas, podem fazer com que a reação seja mais grave."

"Reação a quê?" Velho diz, sua voz alta.

O médico tem uma expressão engraçada em seu rosto.

"À nave. Você tem que entender, as coisas são diferentes agora de quando ela vivia na Terra-Sol. Nós temos medicamentos diferentes, alimentos diferentes, com mais suplementos nutricionais e vitaminas. "

"Vitaminas," Velho diz, pulando com a palavra. "Como aquelas que Ancião coloca na água?"

"Siiimm," o médico diz, a palavra saindo de um jeito engraçado.

Eu dou risada dele.

Velho se vira para me olhar. Dou risada dele, também.

"E hormônios. Ancião coloca hormônios na água. Para a Temporada."

O médico balança a cabeça. "Eles não a afetaram. Leva tempo para os hormônios agirem no corpo de uma pessoa. Eles precisam de algumas semanas, quase um mês, para serem efetivos."

"No entanto, ela bebeu muita água ultimamente." Velho olha para meus pulsos. "E talvez exista algo como aquele trauma que você mencionou."

Eu pisco, e percebo que o tempo passou, e por um momento me pergunto o que aconteceu nesse tempo, mas isso não importa, nada mudou, ainda estou aqui, eles ainda estão conversando.

...

Eu pisco. Estava longe outra vez.

...

Pisco.

Realmente, é mais fácil quando estou longe. É muito difícil acompanhar as palavras que Velho e o médico dizem. Eles estão muito intensos. Por que eles estão tão nervosos?

Tudo está bem.

Velho estala os dedos em frente ao meu rosto.

"Amy, o Doutor acha que você precisa de medicamentos," ele diz bem alto.

"Ela está desequilibrada, não surda," o médico diz.

Velho estende a mão e pega o frasco na mesa do médico. "Esses são comprimidos Inibidores, medicamentos psicotrópicos. Vou te dar um, certo, e nós veremos se ele te curará."

Eu abro minha boca. O comprimido pousa em minha língua, um gosto amargo se infiltra em minha boca.

"Engula," o médico me lembra.

Eu engulo.

"Você se lembra da noite em que nos conhecemos?" Velho diz. "Você estava se debatendo no líquido criogênico, e você lutou conosco a cada passo do caminho. Tive que te segurar para que o Doutor pudesse usar o colírio que te fez não ficar cega. E agora, você apenas senta aqui, e engole o comprimido como um cachorro obediente. Você não vê como isso é triste?"

"Não," eu digo. O que havia para estar triste?

"Quanto tempo até fazer efeito?" Velho pergunta para o médico.

"Não sei," o médico diz. "Como eu disse, seu estado mental é muito mais grave que o dos outros Alimentadores. Se funcionar totalmente, deve levar algumas horas.

"Se?" Velho pergunta, se ajustando a palavra.

A voz dele zumbe e eu desapareço.

56

Velho

Eu a deixo com o Doutor pela noite.

Acredite em mim, eu não queria. Mas Doutor quis dá-la alguns remédios pela intravenosa, e eles a derrubaram. Ela estava apenas dormindo; não me faria nenhum bem assisti-la dormir. Ando por aí na maioria da noite, vagando uma vez no jardim do lago, mas estou apenas evitando o inevitável.

Preciso ver Ancião.

Pego o tubo de gravidade acima antes do amanhecer. O Nível dos Protetores está vazio agora, mas ainda cheira como se estivesse lotado. Suor e sujeira permanecem no ar.

Ancião está no andar, inclinado contra a parede de sua porta, encarando as falsas estrelas.

"Sentindo-se orgulhoso?" eu rosno, lembrando-me da outra vez que o encontrei aqui, dessa maneira.

Ancião não me olha. "Não," ele diz simplesmente.

"Como você pode ficar fazendo isso?" eu brado. "Mentir para eles assim?"

"Cale a boca," Ancião rosna, ficando de pé para me encarar. Em seguida, eu o cheiro. Aquele cheiro áspero e rigoroso. Não vejo o frasco, mas sei que está em algum lugar—e provavelmente está vazio agora. Mas por quê? Por que ficar bêbado agora? Ele contou a sua terrível verdade, e as pessoas ainda o amam. Esse é o seu momento de triunfo. O que ele tem para lamentar com licor?

"Você não sabe como é. Mas irá. Ainda irá." Ele se inclina para perto, e sua respiração queima fios do meu nariz.

Eu não tenho tempo para essa estupidez de bêbado. "O que aconteceu com Amy?" eu digo, inclinando-me ainda mais para ele. Eu não o intimido, posso dizer, mas eu não recuo tampouco.

Ancião bufa, um barulho grande e molhado buzinado, que ele nunca se permitiria fazer quando estivesse sóbrio. "Amy, Amy, Amy," ele zomba. "Jogue uma aberração de pele clara na sua direção e sua ousadia dispara

acima das estrelas! Você tem esquecido sobre a nave, sobre sua responsabilidade!" ele enfatiza cada sílaba da última palavra, apontando o dedo no meu peito de cada vez.

"O que há de errado com ela?" eu rujo.

"O que há de errado com você?" Ancião diz, ainda zombando. "O que há de errado comigo? O que há de errado com a porcaria dessa nave inteira?"

"Apenas me conte. Você fez?"

"Fiz o que?" ele pergunta cautelosamente.

"Você deu algo para deixá-la doente?" Isso não é muito para ele. Ele deu aos Alimentadores hormônios extras antes da Temporada para deixá-los vigorosos. Ele deu viscosidades aos bebês para fazê-los quem eles são. O que ele deu para a Amy? E como?

Ancião joga sua cabeça para trás e gargalha de mim.

Então eu o soco.

Ele para de gargalhar, uma marca avermelhada já florescendo em sua bochecha.

"Você faria isso também," ele sibila, o fedor de sua respiração me dando ânsias. "Você é mais parecido comigo do que pensa."

Eu saio. Não há respostas para obter desse estúpido bêbado.

Quando estou de volta, Amy está acordada.

Mais ou menos.

Ela encontra-se em sua cama com as costas perfeitamente retas, com os braços para o lado, os dedos dos pés apontando para cima, e seus olhos encarando o teto.

Imagino quanto tempo ainda vai demorar até que os remédios mentais retrocedam.

Não uso a palavra que Doutor usou. Se.

Tocando o botão de comprimidos contra minha perna, eu passo ao redor da sala pequena. Finalmente, eu sento-me à mesa e escolho um flexível. O mapa de localização do wi-com apenas mostra Harley no Nível de Criogenia, parado no corredor onde está a escotilha. Parte de mim quer ir até ele e lhe dizer para vigiar os congelados, mas não pressinto que terá outro problema. Eles ficarão bem.

No entanto, me preocupa como ele está obcecado pelas estrelas. Ele não tem sido o mesmo desde que Kayleigh morreu, desde que Doutor

aumentou seus remédios mentais.

Dou uma olhada em Amy, esperando que seus remédios mentais lhe consertem.

Se.

Viro-me de costas para ela, e observo a parede que Amy pintou com a lista de vítimas nela. Ela está atualizando a lista, acrescentando o Número 63, a mulher que não morreu, e Número 26, o homem que morreu. Ela foi apenas capaz de adicionar informações que ela sabia no momento —Número 63, feminina, negra, sobreviveu. Número 26 é Theo Kennedy, masculino, especialista em bioarmamentos, do Colorado. E morto.

Depois de olhar para aqueles arquivos no flexível, eu pego o pincel e a tinta para adicionar mais detalhes à parede de Amy. Número 63 era chamada de Emma Bledsoe. Ela tinha trinta e quatro anos e trabalhava na Marinha como estrategista. Adicionei a idade do Sr. Kennedy—sessenta e seis—e que o seu lugar a bordo de Godspeed foi financiado pela Bolsa de Recursos Financeiros.

Dei um passo para trás e examinei a parede. Linhas balançavam da primeira vítima para outra, mas nenhuma linha se conectava entre eles. Sr. Robertson e Sr. Kennedy são ambos homens, mas Amy não é. Há pelo menos uma década de diferença entre suas idades. Nenhum deles nasceu no mesmo mês. As semelhanças que existem são fracas. Adicionei a linha de experiência na Marinha de Emma Bledsoe a William Robertson. Tanto Amy quanto o Sr. Kennedy são do Colorado. Hesito no gráfico de Amy, a tinta preta e grossa escorre do meu pincel e desce pela parede antes que eu possa me fazer traçar a linha que os une. Parece errado pintar essa linha. É estranho ver o nome de Amy conectado com o de um homem morto. Mas nada conecta todas as quatro vítimas. Dos rabiscos e cruzamentos remotos que Amy tem riscado à parede, posso ver que ela chegou à mesma conclusão que tive, que tudo pode ser apenas aleatório. Há tanto demais e muito pouco. Tantos detalhes insignificantes nas linhas, mas nada importante o suficiente para assassinato.

Viro-me para perguntar a Amy o que ela pensa.

Mas ela ainda está encarando o teto.

Irei perguntá-la quando ela estiver melhor.

Se.

Devolvendo o pincel na mesa de Amy, um flash azul me chama atenção: o caderno que Amy pegou do baú de seu pai. Sinos retinem em

mina mente quando eu alcanço o livro. Privacidade é valorizada nessa nave com espaço limitado, e eu nunca tinha conscientemente violado a privacidade de alguém antes. Eu sorri. Exceto quando eu invadi o quarto do Ancião.

Amy parece me inspirar para ser todo o tipo de diferente.

A lição de Ancião repercute através da minha mente: Diferença é uma das causas da discórdia. Ótimo. Essa nave iria gostar de alguma discórdia.

A primeira página do livro é uma lista de nomes. No topo está Ancião. Ela escreveu sobre o nome repetidamente, o fazendo ficar em negrito destacado, o sublinhando e circulando dezenas de vezes. Embaixo está "O Doutor" e uma pergunta marcada, seguindo riscos minúsculos e severos no papel, conforme ela aproveitou o final do pincel contra a página enquanto pensava. Sob o nome Doutor, uma lista apressada de nomes e descrições de pessoas está rabiscada: eu, Harley (embora seu nome foi riscado), e Orion (também riscado).

Encaro a lista, imaginando sua importância e por que Amy se incomodaria em os escrever em seu caderno especial.

Em seguida, me atinge.

Essa é a sua lista de suspeitos.

Meus lábios apertam conforme eu olho para baixo. Ela está eliminando Harley e Orion, e parece insegura sobre "aquela garota mesquinha" (Victria? Talvez). Mas ela não me desmarcou. Ela ainda acha que eu poderia ser um suspeito, ou pelo menos ela o fez quando escreveu em sua lista.

Imagino o que Harley fez para conseguir seu nome marcado fora, o que eu preciso fazer para ter a mesma honra.

Quando ela acordar, irei provar meu valor á ela.

Se.

Isso é apenas outro teste, um dos que tenho falhado. Eu tenho me provado, de alguma maneira, sem valor diante dos olhos de Amy, exatamente como Ancião sempre me vê como sem valor para ser um líder.

"Uhr..." Amy geme.

Largo o livro e o pincel em sua mesa e corro para ela. Seus dedos beliscam a ponta do seu nariz entre seus olhos, e quando ela deixa cair sua mão, eu posso ver que aquela luz retornou para seus olhos.

"Eu tenho uma dor de cabeça assassina," Amy geme, fechando seus olhos. Há mais expressões em seu rosto agora do que eu tenho visto o dia todo. "O que aconteceu?" ela pergunta.

"O que você acha que aconteceu?"

"Senhor, eu não sei. Lembro-me quando teve aquela chamada geral. E seguíamos naquela coisa de tubo. Aquilo foi divertido. Mas no momento que chegamos naquela enorme sala com luzes, comecei a me sentir um pouco... tonta."

"Doutor disse que você teve uma reação à nave. Ele colocou em você os rem—os comprimidos Inibidores."

"Comprimidos Inibidores? O mesmo comprimido que você e Harley e todos os 'loucos' tomam?" Amy me empurra para o lado para sentar-se direito.

"Bem—Sim."

"Gah!" Amy guincha. Ela salta para fora da cama, andando, com as mãos se enrolando em punhos. "Essa nave é tão fodidamente desarrumada! Eu não sou louca! Você e Harley não são loucos!"

Eu não digo nada porque eu meio que acredito nela. Ela pega o meu silêncio, entretanto, como contradição.

"O que aconteceu para fazer você e todo mundo nessa estúpida nave pensar que coisas como—como brincar com qualquer coisa que anda, como sendo parasitas sem mente—o que faz você achar que isso— isso—é normal!?"

Dou de ombros. É o modo que sempre foi. Como posso explicar isso para essa garota, que foi criada entre lideranças diferentes e ausência de caos e guerra que é como uma sociedade normal é executada, uma sociedade pacífica, uma sociedade que não apenas sobrevive, como a dela faz, mas uma que prospera e floresce conforme se precipita através do espaço em direção á um novo planeta?

Amy marcha até a mesa e recolhe o flexível. "Como você faz essa maldita coisa funcionar?" éla exige, brincando com ele. "Essa coisa é como um computador, certo? Não tem informação da Terra? Deixe-me te mostrar como pessoas reais, pessoas normais, são! Deixe-me te mostrar como esse lugar é estranho!"

Ela não está fazendo a coisa certa—ela passou seu dedo pela tela e trouxe o mapa de localização wi-com que eu lhe mostrei antes, mas ela não sabe como acessar qualquer outra coisa. Ela bate, então o golpeia com

sua mão em punhos, e o soca contra a mesa. Eu fico de pé, ando até ela, e gentilmente pego o flexível de suas mãos. Há lágrimas em seus olhos.

"Não posso suportar," ela sussurra. "Não posso suportar essas pessoas, não posso suportar esse 'mundo'. Não posso viver aqui. Não posso passar o resto da minha vida aqui. Não posso. Não posso."

Certo. Chega do discurso do Ancião sobre a nave estar penetrando em sua mente. Ela sabe como está presa—todos nós—estamos.

Quero pegá-la em meus braços e segurá-la apertado. Mas ao mesmo tempo, sei que isso é o oposto do que ela quer. Ela quer ser livre, e tudo que eu quero fazer é segurá-la em meus braços, contra mim.

"Eu acho que sei algo que irá ajudar," eu digo.

57

Amy

Enquanto andamos pelo caminho que leva para longe do Hospital, Velho está muito misterioso. Ele não me dirá nada, e eu suponho que isso é o que realmente levanta meu humor—ele é como uma criança pequena, ansiosa para mostrar ao seu amigo um novo brinquedo. Somente isso é suficiente para me fazer esquecer sobre a sensação estranha, indistinta, de andar na água, desse dia.

Um casal sentado no banco próximo ao lago acena para nós quando passamos. O rosto da mulher está brilhante e ela se inclina contra o peito do homem com um olhar de felicidade absoluta. Seu braço direito está envolvendo seu estômago e o braço do homem repousa sobre o dela.

A mulher inclina a cabeça para baixo, e eu percebo que ela está conversando com seu feto, não com o homem no qual ela está encostada. "E todas as estrelas tinham raios de luz a segui-las, todas brilhavam sobre nós, sobre você."

"Ancião me disse que não era para mim," Velho diz abaixo da sua respiração, quando a conversa do casal desvanece atrás de nós.

Dou a Velho um olhar confuso.

"A tela de estrelas no Salão Nobre. Ancião me disse que ela não existia por minha causa, quando eu descobri que elas não eram estrelas de verdade, apenas lâmpadas." Ele olha além de mim e diz em uma voz bem baixa, "Foi no dia em que você acordou." Suas palavras flutuam no ar entre nós. Parece que foi há muito tempo, para nós dois.

Velho acena para o casal feliz no banco. "Ancião disse que as estrelas falsas eram para eles."

"Oh, entendo." Típico de Ancião, querer controlar até mesmo as estrelas. Ele as usou para manipular as pessoas da nave, para que, quando elas soubessem que não estariam vivas para aterrissar no novo planeta, elas pudessem, ao menos, ter um vislumbre das estrelas para contar aos seus filhos. Olho para a mulher atrás de mim sentada no banco, segurando seu estômago com mãos cuidadosas e sussurrando para seu feto sobre as estrelas que eles viram, prometendo a ele uma vida debaixo dos céus.

"É cruel," eu digo. "Tentá-los com o exterior, para depois retirar isso deles."

Velho balança a cabeça. "Não é assim. Foi dada a eles uma história para alimentar seus filhos. É uma maneira da esperança ser transmitida."

Encaro Velho. "Você meio que concorda com Ancião, não é?"

"Meio que sim."

Eu quero brigar. Ancião é como uma criança mimada que espalha seus brinquedos. Esperando por uma desculpa para nos quebrar, procurando qualquer sinal de que nós não queremos jogar seu jogo. Sempre observando, com olhos que me lembram os de Luthe. Ele não está ajudando as pessoas, como Velho parece achar—ele está manipulando a situação para fazer com que ninguém realmente se importe com o fato de que estaremos todos mortos ou super velhos antes de aterrissarmos no novo planeta. Mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, Velho anuncia, "Aqui estamos nós!"

Ele está tão orgulhoso de si mesmo que não tenho coragem de dizer-lhe que já estive no Salão de Arquivos antes. Por outro lado, a última vez que estive aqui, eu estava toda desordenada, coberta de barro e lágrimas. Lembro do homem que me ajudou, Orion. Sua gentileza me manteve sã.

Uma das cadeiras de balanço na entrada se move lentamente, como se alguém tivesse acabado de sair de lá, mas não há outro sinal de vida. Velho se estende para abrir a porta para mim. Vejo olhos adiante, e eu, esperando Orion, mas ao invés disso, o rosto pintado de Velho me espreita da parede de tijolos.

"Oh!" eu digo, me inclinando para examinar o novo retrato ao lado da porta. O rosto austero do Ancião foi substituído pelo do Velho.

"É." Velho soa tímido. Meu primeiro pensamento foi de que ele ia querer se exibir com a pintura—o que Jason faria, juntamente com uma atuação cômica—mas posso dizer que ele desejava que eu não tivesse reparado no retrato.

"Entre," Velho diz. O Salão de Arquivos está vazio exceto por nós, silencioso e escuro. Velho me mostra o grande modelo da Terra e a nave que eu tinha visto antes. Finjo prestar atenção, mas fico distraída com imagens piscando nas paredes. A última vez que estive aqui com Orion, elas estavam vazias, eu mal as percebi.

"Flexíveis de parede," Velho diz quando percebe minha distração. "Isso é o que a Godspeed fez enquanto você dormia."

Ele sorri para mim, mas eu mal percebo. Estou fascinada por tudo que está piscando na minha frente: um diagrama de como os comunicadores funcionam, e mais dos tubos de gravidade. Arte: posso escolher várias imagens da obra de Harley—muitas delas carpas, as quais parecem ser seu assunto favorito—mas há mais: esculturas, cerâmica, desenhos, patchwork. Um dos computadores-flexíveis lista diferentes títulos, e quando Velho toca na tela, música enche a entrada.

Pela primeira vez desde que acordei, sinto como se esse fosse um lugar que eu pudesse aprender a amar. Não é a Terra, nem com o máximo de imaginação—mas eu estou vendo arte, invenções e vida que a Terra nunca conhecerá.

E tudo isso aconteceu enquanto eu tinha pesadelos embaixo de gerações de pés de pessoas. Elas não sabiam mais sobre mim do que eu sabia sobre elas.

"Isso é estranho," Velho diz, batendo os nós dos dedos no computador da grande parede.

"O quê?"

"A imagem não muda," Velho diz.

Se não fosse pela indicação no topo—PROTÓTIPO DE REATOR RÁPIDO REFRIGERADO A CHUMBO—eu não saberia o que era. Não que o nome me ajude. Eu ainda não sei o que significa.

"Está travada," Velho diz. "Deixe-me ver se posso..." Ele caminha para uma das caixas pretas na parede e passa seu polegar sobre o scanner. "Ancião/Velho acesso permitido," o computador diz.

Todas as figuras ao nosso redor mudam. Agora, imagens da Terra se misturam com imagens da Godspeed. Uma pintura da paisagem do Hospital e do jardim é substituída por uma fotografia do Monument Valley{2}. Embora eu não vivesse lá, ele me lembra do lugar a oeste onde era o laboratório espacial, a uma hora do Colorado, onde eu conheci Jason, o último lugar que chamei de lar.

"A maioria das pessoas não podem ver isso," Velho diz, ainda tentando achar um monitor para me mostrar algo além de esquemas de engenharia. "Quando uma nova geração nascer, a escola começará novamente. As crianças verão o modelo da Terra-Sol e o modelo da Godspeed. Mas elas não poderão ver isso."

"Por que não?" eu pergunto, roçando meus dedos contra a tela mostrando o Monument Valley, logo antes de ele se dissolver na Esfinge

do Egito.

"Ancião disse que é melhor as pessoas não se ligarem muito à Terra-Sol. Que nós devemos pensar no futuro, não no passado."

"Mas ele te deixa ver."

Velho se vira para a tela, e por um momento, ele olha uma foto de Kim Jong-il{3} nos olhos, mas então o retrato se desfaz em um dos antigos presidentes. Não me lembro qual deles é, o gordo com um grande bigode.

"Faz parte das lições. Ele quer que eu aprenda sobre a Terra-Sol para que eu possa evitar seus erros. Por que essa porra não funciona?"

Eu quero dizer que a Terra não teve erros, mas eu sei que não é verdade. E quero dizer que o método de administração de Ancião não é certo, mas não sei se é verdade. Há muito sobre o mundo dentro de uma nave que eu não entendo.

"Orion!" Velho chama. "Um dos flexíveis de parede está travado!"

"Ele está aqui?" olho ao redor—o lugar parece vazio, exceto por nós.

A imagem atrás de Velho se altera, passando de um antigo presidente para outro.

"Como eu estava dizendo, Ancião quer que eu aprenda sobre a Terra-Sol. Vários dos seus líderes fizeram o certo—apenas não conseguiram que o seu povo os seguissem. Como ele."

Olho de volta para a imagem na tela. "Quem? Abraham Lincoln?"

Velho assente. "Décimo sexto líder governamental dos Estados Unidos da América, localizada no hemisfério norte da Terra-Sol, entre os oceanos Pacífico e Atlântico. Ele foi líder durante a Guerra Civil, uma guerra entre os estados."

"Sim, eu sei." Eu estou desconfiada agora. Há algo no modo como Velho fala sobre Abraham Lincoln, tão frio e desligado, que me faz ter dúvidas- do que ele sabe, ou do que eu sei. Eu vejo uma centelha de movimento nas sombras perto da porta.

"Ele é o tipo de líder que Ancião gostaria que eu fosse." A imagem começa a desaparecer, mas Velho toca a tela, e a foto de Lincoln permanece. Espero ele continuar. "Quando os estados queriam se dividir por discórdia, Lincoln construiu um governo central forte que os manteve juntos."

"Sim." A palavra sai dos meus lábios, longa e baixa. Metade da minha atenção está na porta- é Orion que está nos ouvindo, ou alguma

outra pessoa? E seja quem for, por que não sai das sombras e fala conosco?

"E quando as diferenças que existiam entre os estados ficaram muito fortes, Lincoln foi aquele que eliminou a causa da discórdia."

"Eu... o quê?"

"Monoetnicidade. A causa da guerra eram duas raças que não podiam viver em um país. Lincoln enviou a raça negra de volta para o continente da África, e a guerra terminou."

Eu cuspo. "O que você está falando? Isso não aconteceu!"

Velho toca na tela, e a foto de Lincoln é substituída por um texto. Ele lê as palavras em voz alta, com um toque de reverência em sua voz.

"Oitenta e sete anos atrás nossos pais criaram, nesse continente, uma nova nação dedicada ao propósito de que todos os homens devem ser iguais. Agora nós estamos envolvidos em uma grande guerra civil, testando se aquela nação pode perdurar por muito tempo se os homens não são iguais. Nós nos encontramos aqui no grande campo de batalha daquela guerra para determinar o futuro de uma nação, um povo, livre de discórdia, com paz através da igualdade. Nossa nação descobrirá a força da unidade e uniformidade."

O texto rola. Velho respira profundamente, pronto para continuar lendo.

"Pare."

Velho olha para mim, surpreso.

"Esse não é o Discurso de Gettysburg{4}," eu digo.

"Claro que é."

"Não é."

"Então o que é o Discurso de Gettysburg?"

Eu cavo em meu cérebro, tentando lembrar. "A parte do oitenta é a mesma. Mas essa parte dizendo coisas como todos devemos ser iguais—isso não está no discurso."

"Então o que o Discurso de Gettysburg diz?"

"É... Oitenta e sete anos atrás... Hum... Ok, olhe, eu não tenho ele memorizado, mas eu sei o suficiente para dizer que esse está errado."

Velho olha para mim em dúvida, e eu percebo quão fraco meu argumento soa. Por dentro, estou me repreendendo: como eu pude deixar a Terra sem saber isso?

"Aquilo... Essa coisa é basicamente racismo," eu digo. Velho não parece saber o que "racismo" é. "O discurso que você acabou de ler... Aquilo era totalmente sobre separar as raças. Mas o discurso de Gettysburg não é sobre isso. E também, olhe para você," eu aponto minha mão para a pele morena de Velho, olhos amendoados, ossos das bochechas altas, cabelo escuro. "Você é a versão definitiva de raças misturadas."

Velho parece mais confuso agora. Ele não tem o conceito de que a raça é parte da identidade de uma pessoa—ele a vê apenas como uma diferença, uma diferença que é melhor ser eliminada.

E eu percebo: Esse é exatamente o modo como Ancião quer que ele pense.

Eu penso ouvir uma risada abafada e suave, vinda de perto da porta, mas quando me viro para olhar, não há ninguém lá. Apenas Velho, que ainda não me entende. E por que ele deveria? Como ele pode aprender da história se a história foi alterada?

Sou a única que sabe, e eu não sei o suficiente para consertar isso.

Eles acreditariam em mim se eu tentasse?

58

Velho

Amy está olhando para a tela tão aborrecida quanto estava antes de chegarmos aqui. Isso não está indo como foi planejado. Esta deveria ser a coisa que a faria feliz novamente. Eu toco na tela e deixo Lincoln desaparecer. Uma imagem de pessoas durante a Inflação Alemã substitui o rosto enrugado de Lincoln, seus carrinhos de mão de dinheiro misturando-se com o seu cabelo caótico.

"Devemos voltar," Amy diz. "Harley tem estado guardando o Nível de Criogenia por tempo suficiente. Eu irei pegar um turno."

Há muito mais aqui que eu quero mostrá-la: as salas de livros, livros de verdade, da Terra-Sol. A sala de artefatos no segundo andar, onde estão modelos e artefatos da Terra- Sol, incluindo um trator original em que baseamos os nossos próprios tratores. A sala de registros científicos que mostra como nós desenvolvemos o sistema wi-com e os tubos grav. Mas ela não quer ver nada disso, então qual o ponto?

"Eu conheço aquele homem," Amy diz, respeito e admiração em sua voz. Ela me empurra para o lado para que possa ver a imagem na tela.

Eu encaro a imagem, mas não me lembro dele. Ele é um homem velho, algo entre a idade de Doutor e de Harley, com um cabelo e olhos escuros, mas aquela estranheza distinta em seu olhar mostra como ele é diferente de nós—ele não é monoétnico, e apenas parece... Diferente. Ele está sentado na frente de um trailer, segurando um bebê gordo em seu colo. Certamente, ele não é importante, ninguém que Ancião me fez memorizar fatos.

"É o Ed."

"Quem?"

"Ed. Eu o conheci antes que eu fosse congelada. Ele era, na verdade, um dos homens que congelou a mim e aos meus pais."

Isso não parece uma razão importante o suficiente para sua imagem estar localizada ao lado de Abraham Lincoln. Eu alcanço após Amy e toco na tela. A imagem desse "Ed" para; quando eu toco na tela novamente, um texto sobre ele surge.

"Edmund Albert Davis, Junior," eu li em voz alta. "A primeira criança nascida no Godspeed, mostrado aqui com seu pai, Edmund Albert Davis, Sênior, um dos recrutas da Terra-Sol, no voo de partida."

"Eu o conhecia," Amy diz. Sua cabeça está inclinada, e ela está contemplando a imagem de Edmund Albert Davis, Sênior, como se estivesse vivo e ela estivesse falando com ele. "Não tinha ideia que ele tinha se inscrevido para deixar a Terra pela Godspeed."

Eu estou pensando sobre Edmund Albert Davis, Junior, e como ele foi a primeira pessoa que nasceu em cativeiro aqui. Imagino como ele se sentiu sobre isso, crescendo com pessoas que tinham vivido na Terra, sabendo que ele nunca veria isso.

"Eu gostaria de tê-lo conhecido," Amy diz. "Eu gostaria de ter conversado mais com ele. Gostaria de ter lhe perguntado por que ele se juntou à tripulação. Ele parecia tão amargo quando nos conhecemos. Mas talvez isso foi apenas..." Ela se extingue, olhando para a tela sem vê-la. De repente, ela ri. "Apenas pense! Eu conheci esse homem há séculos e séculos atrás, e agora eu poderia encontrar seus antepassados nessa nave! Descendentes do homem que me congelou! Não seria legal?" Ela vira para mim, arregalando seus olhos. "E se você for um descendente de Ed? Fale de uma coincidência!"

Eu rio porque ela está rindo.

"Imagino se você é," ela diz, seu olhar fixo dançando entre eu e a imagem do flexível na parede.

"Sou o quê?"

"Um descendente de Ed?"

"Eu não sei."

"Oh, por favor!" Amy bufa. "Com todas essas tecnologias, certamente alguém manteve um gráfico genealógico. Eu aposto que o Ancião ou aquele Doutor tem um— todos aqui são tão preocupados com incesto."

"Eles mantêm todos os registros aqui. Esse é o Salão de Arquivos," eu digo. Ela não notou meu tom oco. Eu sei que mesmo se acharmos o descendente de Ed, não serei eu. Meus registros de nascimento estão escondidos. Podemos rastrear toda a linhagem de Ed de volta à Terra-Sol, mas eu não posso nem dar um passo para trás em minha árvore genealógica.

"Oh, vamos lá! Vamos ver se você está relacionado com Ed!" Ela agarra meu braço, e eu não a tinha visto assim arrebatada em emoção desde... Nunca. O peso da preocupação que ela tem carregado ao redor é esquecido, embora por um momento. E eu vou fazer de tudo para impedir isso de voltar.

"Não deve ser muito difícil de rastrear," eu digo. "Com isso do primeiro bebê nascido a bordo nessa nave, tenho certeza que eles mantêm o registro."

Meus dedos correm através dos pontos de acesso na tela, pressionando em um local de informações, em seguida, tocando em palavras-chave. Amy me observa, fascinada. Toco mais rápido. Meus dedos ficam todos emaranhados, os bipes da tela soam com raiva de mim, e eu tenho que iniciar o motor de pesquisa do começo ao fim.

Finalmente: "Aqui está!"

A cabeça de Amy se inclina para trás, conforme ela lê o começo da tela. "Ed Sênior conduz a Ed Júnior..." ela murmura. Seus olhos lentamente se afundam na tela, antes que olhem para cima intrigados. Ela parece que vai me fazer uma pergunta, mas em seguida, ela olha para baixo da tela e começa a contar sob sua respiração. "Um, dois, três... " Ela finalmente me olha, suas sobrancelhas dobradas. "Treze gerações. Há treze gerações nesta tabela. De Ed Júnior até ao fim à Benita, aqui, há treze gerações de pessoas registradas."

"Então?"

Amy começa a andar do modelo de Terra-Sol até a tela. "Quantas gerações podem nascer em um século? Talvez quatro ou cinco? Então treze gerações seriam três séculos, certo?"

Eu assenti.

"Mas olhe isso." Amy aponta para o botão da tela.

E apenas sob o nome de Benita estão as palavras, "Morta pela Peste."

"Quando foi a Peste?" Amy pergunta.

"Há muito tempo atrás," eu digo, lentamente. Penso na estátua do Ancião da Peste no jardim do Hospital. É gasto e resistido, tanto que os detalhes do seu rosto se foram.

"Quanto tempo?" Suas palavras são rápidas, urgentes, e elas estão me infectando.

"Tão longe quanto o Ancião. E o Ancião antes dele."

"Então, como, talvez uma centena de anos. Então, isso significaria que Benita, as treze gerações dessa família... Ela tinha que ter nascido cerca de trezentos anos depois que a nave saiu. Mas ela foi morta pela Peste... E isso aconteceu há uma centena ou mais de anos atrás. Sendo assim, essa nave tem estado voando por pelo menos um século a mais do que deveria... "

"Mas supostamente esta nave devia desembarcar em 50 anos. Nós temos voado por apenas duzentos e cinquenta anos," eu digo.

Amy para de andar, vira-se, e me encara. Seus olhos estão arregalados, perfurando os meus.

"Como você sabe com certeza?" ela diz. "Vamos olhar o gráfico antes da Peste. Se pudermos contar quantas gerações nasceram antes da Peste, talvez nós possamos descobrir quantos anos essa nave realmente está viajando."

Parece como se houvesse uma pedra em meu estômago, me puxando para baixo, puxando a nave inteira para baixo. "Não há gráficos genealógicos antes da Peste. Apenas me lembro: Doutor me disse uma vez que a Peste dizimou tantas pessoas que eles desistiram de fazer um gráfico depois disso."

"A Temporada," Amy sussurra mais para si mesma do que para mim. "A Temporada começou depois da Peste, certo?" ela está olhando fixamente para o nada. "Isso não pode ser uma coincidência. Aquelas treze gerações, a geração de Benita—aquela era quando a nave supostamente deveria aterrissar. Deve ter sido perto de três séculos depois, com certeza. Mas então aconteceu essa Peste, e a Temporada estava começando, e eles desistiram de fazer o gráfico genealógico—"

"E fotografias foram banidas," eu adiciono. "Não há fotografias da nave do ano antes da Peste até agora. Eu era fascinado pela Peste quando era mais jovem—foi uma das primeiras coisas que o Ancião me contou—mas não há absolutamente fotografias ou vídeos, e agora apenas os cientistas do Nível dos Embarcadores podem usar fotos, e apenas como um registro de suas descobertas."

"Alguma coisa aconteceu durante a Peste," Amy diz lentamente. "Alguma coisa tão ruim que todos os registros dela foram destruídos. E tudo depois—a Temporada, o modo como as pessoas agem—tudo volta à Peste."

59

Amy

Velho começa a me dizer algo, mas, justo no momento em que ele abre a boca, a porta do Salão de Arquivos se abre.

"Velho!" A voz de Ancião, forte e fria, ressoa no salão vazio.

Velho se lança nos painéis de controle. Todas as imagens proibidas de pessoas e lugares do meu lar desaparecem. A intrigante árvore genealógica escurece; a imagem travada do motor se esvai.

"Não se preocupe," Ancião rosna. Ele encosta um dedo atrás de sua orelha esquerda, onde o comunicador está implantado. "Mantenho registros do que você estuda nessa nave. Eu sei o que você abre com seu acesso."

"Desculpe-me, senhor," Velho diz automaticamente, mas sei que não é verdade, e que ele se arrepende completamente de ter dito isso. Ele permanece reto e recupera parte de sua compostura. "Mas, desde quando você mantém registros de mim? E honestamente, estou surpreso que você até mesmo tenha notado. A última vez que te vi, você estava bêba..."

Minha cabeça se vira para Ancião. Bêbado? Velho ia dizer que Ancião estava bêbado?

O movimento não passa despercebido por ele. Entretanto, ele não se dirige a mim, apenas ao Velho quando fala. "Um verdadeiro líder nunca perde o controle, nem fica bêbado por nada." Agora ele olha para mim. "Lembro-me de acreditar que você tinha potencial para perturbar minha nave. Claramente, eu estou certo."

"Eu não fiz nada!" digo. Há uma nota de pânico em minha voz. Não me esqueci de sua ameaça original.

Ancião acena sua mão para mim com desdém. "Sua presença é suficiente. Está distraindo completamente meu... Aluno." Ele diz a última parte com sarcasmo em sua voz, como se ele comparasse um aluno com um chihuahua irritante e barulhento. Ele volta seu olhar para Velho. "Está na hora de retomar seus estudos. Estive ocupado com a Temporada e te deixei brincar com sua pequena garota aqui, mas se você tem tempo para

ficar olhando o que eu te vi olhar, então, claramente, está na hora de focar seus estudos em algo mais produtivo."

Ele caminha de volta para a porta. Velho morde os lábios, incerto se deve ou não segui-lo.

"Espere!"

Ancião se vira ao meu chamado, mas não retorna.

"Eu quero algumas respostas, caramba," eu digo, caminhando em sua direção. "Eu e você sabemos que tem muita coisa maluca acontecendo. Que a Temporada foi ruim o suficiente, mas agora o médico me chamando de louca, e eu tendo que tomar os comprimidos que Velho toma, e esse lugar tem... "

"Chega." Ancião me corta com autoridade impassível. "Eu te disse para não se tornar uma perturbação. Claramente, você não escutou."

"Acho que essa nave precisa de um pouco de perturbação!"

"O último homem que pensou assim já não pensa em mais nada."

Fora a inspiração forte de Velho, o Salão de Arquivos está em silêncio. Nós estamos nos enfrentando, Ancião perto da porta, eu perto dos planetas de argila, e Velho no meio, nosso alvo em um jogo de cabo-de-guerra pela verdade.

"Venha, Velho." Ancião se vira novamente para a porta.

"O que aconteceu na Peste?!" eu grito para ele. "O que você não está nos contando? Você sabe—eu sei que você sabe! Por que você não pode nos contar a verdade?"

Com isso, Ancião atravessa o salão em três grandes passadas e me encara. "Essa nave é construída com segredos; ela funciona com segredos," ele diz, minúsculas gotas de saliva voando da sua boca no meu rosto. "E se você continuar perguntando sobre eles, verá quão longe estou disposto a chegar para mantê-los comigo. Vá para sua câmara; eu deixarei o Doutor lidar com você dessa vez. Venha, Velho!" ele berra. Velho pula e segue Ancião para fora, me lançando um olhar de desculpas um pouco antes da porta fechar, me deixando em um salão escuro com modelos poeirentos.

Não percebo que meus punhos estão cerrados até eu relaxar minhas mãos, deixando meus dedos se esticarem. Estou tremendo de raiva. Há apenas uma coisa da qual tenho certeza: eu vou descobrir seja qual for o segredo que Ancião está tão determinado a guardar, e quando eu fizer isso, vou gritá-lo aos quatro ventos.

60

Velho

Nenhuma surpresa: Ancião me leva diretamente ao tubo de gravidade e para o Centro de Aprendizagem. Eu pego um lugar na mesa como se eu estivesse esperando minha lição, mas minha mente está correndo.

Eu sei que Amy pensa que eu humildemente sigo Ancião, um cachorro obediente arrastando-se atrás de seu mestre. Pude ver o desapontamento em seus olhos quando a deixei no Salão de Arquivos. Terei que deixar Amy pensar que sou fraco; terei que sacrificar sua imagem de mim.

Porque isso é o que um líder deve fazer.

Devo jogar esse jogo um pouco mais. Confiar na percepção do Ancião que eu sou estúpido e ignorante, neste seu desprezo por minha fraqueza. Não para sempre. Apenas tempo suficiente para quebrar a parede que ele mantem entre eu e meu papel como líder dessa nave.

Ancião está desmoronando. A discussão com Amy, o modo como ele tão rapidamente perde seu temperamento agora, as súbitas explosões de gritos e violência que surgiram desde a Temporada—a aparência impassível, de avô de Ancião está rachando, e seu verdadeiro eu, seu modo mesquinho, está vazando através de sua natureza sedenta de poder.

Quando ele estava discutindo com Amy, parecia um tolo em seu furor. Ele é apenas um homem velho agarrando seu poder tão firmemente quanto ele pode. E tudo que eu tenho que fazer é atiçar aquelas rachaduras, e serei capaz de quebrá-las e descobrir o que é que ele está mantendo escondido de mim por tanto tempo, por que ele nunca sentiu que poderia compartilhar os segredos da nave comigo.

Embora eu tenha nascido Velho, pela primeira vez eu finalmente senti que posso, um dia, ser um Ancião.

Do meu outro lado, Ancião aperta a ponta do seu nariz entre seus olhos. "Por que você está procurando por esse tipo de informação?"

"Que tipo de informação?"

"A história da Terra-Sol, esquemas do motor, a Peste—o que você está procurando?" Sua voz é apertada e controlada, mas escassamente.

"Por que isso importa?"

"É IMPORTANTE!" Ancião ruge, batendo os punhos sobre a mesa. Eu não pulo.

Forço a mim mesmo a parecer calmo. Se eu aprendi uma coisa com o Ancião hoje, foi isso: perder a calma irá me fazer parecer ridículo e infantil. Em vez disso, eu falo lentamente, calmamente, e claramente, como se estivesse explicado algo muito simples. "Eu tenho procurado informações sobre o que você se recusou a me ensinar. Serei o Ancião um dia. Se você não me conta o que fazer ou o que eu preciso saber para governar, então eu irei arrumar outro jeito. Se você for ficar aí ficando louco por eu procurar por respostas a essas perguntas, então você tem apenas a si mesmo para culpar; é seu dever me ensinar essas coisas."

O rosto do Ancião fica pálido, em seguida roxo. "Você nunca pensou que eu tenho um motivo muito bom para manter essas informações de você?"

"Não," digo simplesmente. "Conheço você desde que eu era criança; você tem uma mão em todas as partes do meu crescimento; tenho gastado os três últimos anos vivendo com você. Qual a possível razão que você teria para não confiar em mim sobre qualquer informação dessa nave?"

"Você acha que sabe de tudo," Ancião zomba. "Você ainda é apenas uma criança."

"Você está enlouquecendo," digo calmamente, inclinando minha cabeça para ele. "Você não está mais no controle. Olhe para você. Você está delirante. Não está apto para ser o Ancião."

"E você está?" Ancião está praticamente gritando, elevando sua voz a um tom dolorosamente alto.

Dou de ombros. "Deve ter havido algo no que Amy e eu estávamos procurando para tê-lo deixado tão furioso. Imagino o que é... "

Ancião está fervendo. Penso comigo mesmo, Orion estava errado. Eu não tenho que ser sorrateiro para contornar o Ancião. Tenho apenas que fazê-lo ficar muito puto.

"Não podem ser os flexíveis de história; você tinha me mostrado eles antes. Deve ter sido a Peste."

Ancião levanta sua cabeça e me encara. A raiva agora é profunda dentro dele, uma brasa viva em seu estômago, uma que ele engoliu para

que eu não pudesse vê-la mais. "Não tenho falado disso há muito tempo."

Eu suguei meu fôlego. "O Velho antes de mim?" Ancião assente. "Ele morreu? Ou você..." Não posso pôr-me a fazer essa pergunta.

"Você quer saber sobre a Peste?" ele diz numa monotonia terrível. "Ótimo. Deixe- me contar a você sobre a Peste."

Ele pula em seus pés, em seguida, desloca seu peso para sua perna ruim. Com ambos os punhos na mesa, ele paira sob mim, e eu não posso fazer nada além de olhá-lo com olhos mansos, esperando.

"Deixe-me começar com isso," Ancião diz. "Nunca houve uma Peste."

61

Amy

Depois que Velho me abandona no Salão de Arquivos, fico ali, sozinha na escuridão. Não sei por que Velho foi com Ancião—eu confio no Velho, mas não no Ancião, e acho que Velho concorda comigo em relação a Ancião.

Sobretudo, sempre, no meu íntimo, há uma preocupação pulsante pelos meus pais, um desejo constante de encontrar o assassino e protegê-los, tão arraigado em mim como meus batimentos cardíacos. Uma onda de medo passa por mim. Os músculos da minha perna tremem, mas não sei dizer se é porque eles querem correr ou porque querem entrar em colapso abaixo de mim.

"Amy?"

Eu engulo um grito de surpresa.

"É Orion," ele diz, vindo das sombras atrás do modelo da Terra.

"Onde você estava antes?" eu pergunto. "Achei que tinha te visto... "

Orion sorri timidamente para mim. "Eu estava olhando o localizador de comunicadores, apenas por diversão, sabe. Eu vi que Ancião estava próximo. Eu... Eu não me dou muito bem com Ancião. Achei que seria melhor me esconder até ele ir embora."

"Ele também te odeia, não é?" eu pergunto. Orion confirma. "O que você fez?"

"Na maior parte, simplesmente por eu existir."

"Sim, eu também."

Orion tira o cabelo de seu rosto, e eu vejo um lampejo branco: uma cicatriz trilhando o lado esquerdo do seu pescoço.

"Eu estava para te perguntar," Orion diz, "Eu vi você correr... Do que você estava fugindo?"

Ele é a segunda pessoa a me perguntar isso, mas eu acho que ele quer saber algo diferente do que a garota no campo de coelhos.

"Não sei," eu digo, "mas acho que agora estou cansada de correr."

"Sim." Orion olha atrás de mim, para dentro do Salão de Arquivos. "Eu também."

"É melhor eu ir," digo, mesmo não tendo nenhum lugar para ir. Apenas sei que não vou ficar aqui, estagnada, com medo de me mover, escondida pelas sombras de planetas inatingíveis.

"Vejo você em breve," Orion grita atrás de mim.

Não corro de volta para o Hospital. Eu caminho. Não vou me permitir entrar na zona em que o movimento do meu corpo sufoca os pensamentos do meu cérebro. Forço os meus pés a se moverem devagar para que a minha mente possa correr.

O ar é úmido no jardim do Hospital. Se eu estivesse na Terra, acharia que ia chover—mas não estou na Terra, e a chuva aqui não é nada além de borrifadores no céu.

"Saiam pra lá," uma voz idosa diz, atrás de mim. "Posso subir a escada sozinha." Me viro, curiosa. Essa voz idosa tem uma inflexão de conhecimento e perspicácia—e eu a reconheço. Steela. A mulher que dispersou a multidão de Alimentadores na Cidade, em minha primeira corrida depois que acordei.

"Sim, Mãe." A fala da mulher mais jovem não é igual a da sua mãe. Ela tem a mesma monotonia que Filomina usou quando eu a observei ser examinada pelo médico.

Steela captura meu olhar com seus olhos nebulosos, da cor de leite misturado com barro. Ela me olha cautelosamente por mais um momento e, então, seus lábios enrugados se abrem em um sorriso ainda mais enrugado. Seus dentes são manchados e tortos, e posso sentir o cheiro de cebolas no seu hálito, mas mesmo assim é um sorriso agradável. É um sorriso verdadeiro.

"Mãe," a mulher diz novamente.

"Você, cale a boca," a velha mulher diz, animadamente. "Demorarei apenas um instante."

"Tudo bem, Mãe." A mulher fica perfeitamente parada, como um brinquedo de corda, cuja corda acabou. No mínimo, ela não está chateada com as palavras rudes de sua mãe, e parece perfeitamente à vontade meramente de pé.

"Prazer vê-la novamente," eu digo, estendendo minha mão.

O aperto de mão de Steela é mais forte do que eu pensava. "Eu desejava poder dizer o mesmo. Odeio esse lugar."

"Mãe," a filha de Steela diz, agradavelmente. "Nós devemos te levar para o Hospital agora."

Steela parece derrotada e desafiadora ao mesmo tempo.

"Mãe." A voz da mulher é aguda, mas agradável. Perfeitamente agradável. Perfeitamente assustadora.

"Estou indo!" Steela soa com uma criança zangada, mas ela apenas parece uma velha mulher triste, muito idosa para tomar suas próprias decisões.

"Eu a levarei," falo antes de realmente pensar no que estou dizendo. "Quer dizer, estou indo para lá de qualquer jeito, não tem problema."

A filha pisca. "Se estiver tudo bem para você, Mã..."

"Sim, sim, está tudo bem. Agora vá." Steela observa sua filha partir. "Puta vergonha, ver sua filha se tornar um deles." Abro minha boca para perguntar quem são eles, mas Steela está um passo à minha frente. "Um desses idiotas sem cérebro. Eles me rotularam louca quando eu tinha doze anos, me treinaram para ser agricultora." Ela olha para o jardim atrás do Hospital enquanto a guio pelos degraus. "Eu fiz esse jardim. Não era nada além de arbustos e ervas-daninhas até eu chegar. Tenho tomado pequenos comprimidos azuis e brancos desde então. Mas não me importo. Prefiro ser louca e tomar medicamentos do que vazia como o resto. Queria que a minha filha fosse louca também. Acho que gostaria mais dela."

Vazios. É um bom jeito de descrevê-los.

"Ouvi sobre você no comunicador," Steela diz, segurando meu braço. Seu toque em meu cotovelo é forte, desmentindo seus dedos envelhecidos. "Não acho que você é quem eles disseram que era."

"E eu acho que você é uma das pessoas mais espertas da nave."

Steela bufa. "Esperta não." Ela levanta o olhar quando chegamos às portas.

"Nem um pouco esperta. Estou apenas assustada, isso é tudo." Ela aperta meu cotovelo mais forte, de algum modo encontrando a parte mais fina da minha pele para cravar suas unhas. Quero arrancar seus dedos do meu braço, mas quando olho para ela, posso dizer que ela está me usando como uma boia, e não serei a pessoa que a deixará se afogar.

"Do que você tem medo?"

Steela olha para frente inexpressivamente. "Sou uma das últimas." Ela olha para mim e vê minha expressão confusa. "Uma das últimas da minha geração." A porta se abre e nós entramos, mas Steela está indo cada vez mais devagar, até que realmente para a poucos metros dentro da entrada. "Ninguém nunca sai daqui."

"Não seja boba." Eu rio. "Eu saí daqui de manhã."

Steela olha para meu braço liso. "Eu não esqueço. Nunca me esqueci de nenhum deles: Sunestra, Everard, Albie... todos eles deixados aqui por suas amadas famílias idiotas, e nenhum deles jamais voltou."

Mordo meu lábio de preocupação. "Nunca os vi," eu digo, mas me lembro que não faz muito tempo, uma mulher chegou. A enfermeira a levou. Mas para onde?

Eu guio Steela até a mesa a frente e limpo minha garganta para conseguir a atenção da mulher corpulenta.

"O quê?" ela pergunta, encarando Steela com olhos frios e firmes.

"A filha dela veio deixá-la aqui," eu digo.

A enfermeira assente e contorna a mesa. "Vou levá-la para o quarto pavilhão."

"Mas você nem mesmo perguntou o que há de errado."

A enfermeira revira os olhos. "O que há de errado?" ela pergunta para Steela.

"Nada," Steela diz.

"Sua filha disse que você estava tendo alucinações?"

"Ela disse que eu estava... " Steela começa, com um olhar preocupado em seu rosto.

"Não é tão ruim," eu digo, afagando a mão de Steela. "Pessoas mais velhas nem sempre pensam claramente. Não é nada que precise se preocupar." Eu olho para a enfermeira. "Não é necessário vir para o Hospital. Posso levá-la de volta para casa."

"Que tipo de alucinações?" a enfermeira pergunta, entediada.

O rosto de Steela fica sombrio. Posso dizer que ela está realmente preocupada, realmente assustada. "Eu... Eu me lembro..." ela murmura.

"Do que você acha que lembra?" A enfermeira não levanta os olhos do flexível onde está digitando.

"Das estrelas," Steela sussurra. Minhas mãos segurando as suas se contraem. "Mais cedo, quando Ancião disse... "

Sua voz falha. Ela não tem que terminar.

"Mas... "

Toda minha atenção está em Steela. Sei, pelo modo como ela está tremendo, que as palavras que ela está tentando dizer são de vital importância para ela. A enfermeira boceja.

"Mas eu consigo me lembrar de que já aconteceu antes. Quando eu estava grávida da minha filha... "

"Não aconteceu," a enfermeira interpõe. "Vários idosos dizem o mesmo. Apenas misturando o passado com o presente."

Steela se arrepia. "Não me diga do que eu consigo ou não consigo me lembrar!"

"Caso clássico de alucinação, causado pela idade," a enfermeira constata de um jeito desinteressado. "Venha comigo."

Ela sai detrás da mesa e segura o braço de Steela. Steela segura mais forte em mim e se recusa a mexer-se.

"Para onde você está levando ela?" pergunto.

"Quarto pavilhão."

Minha mente está a pleno vapor. Preciso substituir Harley na guarda; preciso me focar mais em resolver o mistério do assassino. Mas as mãos frágeis de Steela estão tremendo. Eu disse que não seria a pessoa que a deixaria se afogar. Posso gastar um pouco mais de tempo sendo sua boia. Além disso—quero desesperadamente saber o que há atrás daquelas portas trancadas.

"Eu a levarei lá para cima," ofereço. Posso sentir Steela ceder de alívio com a ideia.

"Eu não devia... "

"Não me importo."

"Deixe-me ligar para o Doutor." Sua mão paira perto do botão em sua orelha.

"Não, não se preocupe. Já estive lá em cima antes. Não vou me perder."

A enfermeira parece relutante, mas ela concorda. Ela nos observa com seus olhos redondos a medida que nos aproximamos do elevador. Claramente, ela espera que fujamos, mas eu apenas aperto o botão e espero pelo elevador.

"Nós podemos escapar," murmuro para Steela. "Conheço alguns caminhos de saída—posso tirá-la daqui sem ninguém perceber." Não estou muito certa do que estou oferecendo. Se ela precisa de cuidados médicos, precisa do médico. É que todo seu brilho se foi, substituído por medo, e isso está me matando por dentro.

Steela balança a cabeça. "Posso me ver parada no Salão Nobre, grávida da minha filha, olhando aquelas estrelas. Posso ver isso,

claramente. Mas isso não pode ter acontecido, pode? Aquela enfermeira disse que a maioria de nós tem alucinações. Talvez seja minha idade. Acho que deveria ver o Doutor."

A porta do elevador se abre. Não solto o braço de Steela até que ela esteja lá dentro segura comigo. Meu dedo paira sobre o botão do terceiro pavilhão, hesitando por um momento antes de deslizar e pressionar o botão para o quarto. Meu estômago se revira quando começamos a subir. Estamos ambas em silêncio.

O elevador chacoalha por um minuto, e então para. A luz indica que estamos no quarto pavilhão.

"Fique comigo," Steela sussurra quando a porta se abre.

62

Velho

"O que você quer dizer com não houve nenhuma peste?" eu pergunto, minha mente correndo. Essa é uma das poucas coisas que todos nós—eu, os Alimentadores, os Embarcadores, todos nós—fomos ensinados. É a primeira lição que todas as crianças na nave aprendem: Nós devemos trabalhar juntos, ser diligentes, ou arriscar outra Peste. É tão parte da nossa vida, que usamos um adesivo médico se até mesmo pensarmos que estamos ficando doentes, e qualquer espirro é reportado ao Doutor.

"Não há uma Peste. Claro, houve algumas doenças na nave—algumas delas bastante prejudiciais, honestamente—mas não Peste generalizada."

"Mas as mortes... Nós ainda estamos nos recuperando dos números de morte da Peste. Nós nem mesmo alcançamos o número original agora, e a Peste foi há muito tempo." Eu penso nos trailers vazios na Cidade, como ainda há salas de crescimento a bordo da nave, mesmo que a Peste foi há mais tempo do que qualquer memória viva. "Você me ensinou sobre isso. Você me disse que três quartos da população da nave morreram." Eu não podia esconder a nota de acusação em minha voz. Mas realmente, eu não deveria estar surpreso. As lâmpadas da sala lá ao longe são prova suficiente disso.

"Houve mortes. Mas não de uma Peste."

"O que você quer dizer?" Papéis são invertidos agora. Ancião é o calmo; eu sou o beirando em pânico. Quanto mais da minha vida eu irei descobrir que foi construída em mentiras?

"Venha." Ancião suspira, como se ele preferisse não me mostrar nada, mas antes que ele possa mudar seus pensamentos, eu pulo e o sigo para fora do Centro de Aprendizado, através do Salão Nobre, e para baixo da escotilha para o Nível dos Embarcadores. Seus sapatos tocam de forma desigual no chão ladrilhado, fazendo o seu mancar mais perceptível. Ele ignora ambos, eu e os Embarcadores que vociferavam por atenção.

O nível dos Embarcadores me lembra, de um modo estranho, o Nível de Criogenia que Amy estava. Não há zona de habitação aqui. Todos os Embarcadores vivem na Cidade no Nível dos Alimentadores e pegam o tubo de gravidade até aqui. Em vez disso, este nível, como o Nível de Criogenia, é todo de metal. Corredores se ramificam em laboratórios e escritórios, alguns equipados com scanners biométricos e alguns tão antiquados que eles têm fechaduras reais de Terra-Sol. Pela maior parte, eu sou ignorante sobre mentiras atrás das portas. Ancião nunca se preocupou em deixar-me aprender os meandros do que os cientistas e Embarcadores estudam e fazem. Eu sei, vagamente, que a importância do trabalho é determinada pelo local onde ele está no nível. Os escritórios mais próximos ao tubo de gravidade são o menos importante, lidando com coisas como a manipulação do clima e testando amostras de solo. Quanto mais longe no corredor você vá, mais importante a pesquisa. O mais longe que estive é de cerca de meio caminho, onde a pesquisa da luz solar é feita.

Ancião nos leva por todo o caminho até o final do corredor. Eu nunca andei tão longe, muito menos passei por essas portas. Eu sei a partir do estudo dos diagramas da nave o que está lá: a sala de energia, onde a física nuclear é estudada, que leva diretamente para a sala de máquinas, onde se situa o coração enorme da nave. Para além dessa é o Con Nav, onde Ancião disse que apenas os melhores Embarcadores vão, os que vão finalmente desembarcar Godspeed em 49 anos e 263 dias... Não, quer dizer, 74 anos e 263 dias—74 anos. Merda... 74.

Ancião varre o polegar no scanner biométrico na porta da sala de energia. "Ancião/Velho acesso permitido" o scanner diz agradavelmente. Eu pauso. Nunca passei por essa sala. Mas Ancião continua indo para a porta na parede distante. Quando abre, eu ouço o profundo rosnando do motor da nave.

Eu finalmente estou indo ver o motor.

O motor está quente, opressivamente quente. Puxo minha gola e empurro minhas mangas, mas Ancião não mostra nenhuma indicação de que ele está até mesmo desconfortável. Em torno de nós, cientistas cheios de pressa. Alguns seguram frascos ou caixas metálicas, quase todos têm flexíveis debaixo do braço, faiscando e olhando importantes gráficos e diagramas.

"Siga-me," Ancião disse.

Mas eu não sigo.

Meus olhos enchem-se com a coisa no centro da sala: afundado no chão, e enorme, é o motor. Por alguma razão, eu nunca imaginei o motor na sala de máquinas. Quero dizer, eu sabia que o motor estava ali, obviamente, mas eu nunca me preocupei em pensar sobre isso. Eu sabia desde as lições de Ancião que, na sua forma mais crua, o motor é um reator nuclear correndo urânio. A coisa à minha frente é quase como um tubo de ensaio, apesar de gigante e com tubos de metais pesados que se estendem desde sua cabeça e na barriga. Uma subcorrente zumbido-agitar-zumbido soa vezes e mais vezes. Este é o coração da nave.

"É alto," Ancião grunhe quando vê que a minha atenção se desviou. "E cheira mal."

Eu não tinha percebido o cheiro estranho de graxa e limpeza antes. "É lindo."

Ancião bufa, então me olha mais atentamente. "Não é bonito." Seu olhar se desloca para o motor. "É a coisa mais feia que eu já vi," ele diz numa voz monótona. "Você sabe que tipo de motor é esse?"

"Nuclear," eu disse.

Ancião revira seus olhos. "Seja um pouco mais específico, sim?"

"Um reator rápido refrigerado a chumbo?" Eu acho, lembrando o esquema do motor no Salão dos Arquivos.

Ancião retira o modelo de escala, aquele que eu vi em sua mesa quando eu me esgueirei na sua sala, do seu bolso. Ele quebra em pedaços para que eu possa ver as entranhas minúsculas. O motor é como um ser vivo, com veias e órgãos e lentos zumbido- agitar-zumbido de vida.

"Nós usamos urânio," Ancião continua. "O urânio passa através do reator, em seguida, aqui..." Ele aponta para uma pequena caixa que está fora do tubo de ensaio, ligados por tubos e fios. "O urânio é reprocessado na parte final do ciclo do combustível nuclear. Deveria ser capaz de utilizar e reutilizar o urânio repetidas vezes, um sistema de combustível constantemente reciclado."

As palavras-chave—deveria ser—não são perdidas em mim. "Não é isso que está acontecendo?"

"A parte de reprocessamento do ciclo do combustível não está funcionando como pensávamos que funcionaria," Ancião diz. "Deveria manter a eficiência do urânio."

"Mas não está?" Eu pergunto.

Ele balança sua cabeça. "Não."

"O que está acontecendo?"

Eu posso dizer que Ancião quer olhar para longe, mas eu não quebro o contato dos nossos olhos.

"A resposta curta? Nós estamos indo devagar. E mais devagar. De primeira, nós estávamos em 80 por cento da velocidade máxima, depois 60. Agora nós às vezes conseguimos 40 por cento de velocidade máxima, mas geralmente é pior."

"É por isso que o desembarque da nave foi adiado? É por isso que está levando anos a mais para a terra?"

Ancião bufa—sua primeira traição de emoção, desde que entrou na sala de máquinas. "Vinte e cinco anos de atraso? Eu gostaria. Nós não estamos nem na metade do caminho. No momento, estamos 250 anos atrasados."

63

Amy

O Doutor está nos esperando no quarto pavilhão. Ele não está surpreso em ver nenhuma de nós, o que, para mim, significa que a enfermeira gorda do andar de baixo usou seu botão na orelha para ligar para ele antes. Eu sabia que não podia confiar nela.

"Steela, como você está?" o médico diz em um falso tom contente. "Amy, posso levá-la sozinho agora; volte para seu aposento."

"Não, obrigada," eu digo, quando a mão de Steela se aperta em meu braço.

"O quê?" o médico parece surpreso.

"Estou grudada com Steela."

"Mas... "

"Eu quero ficar com ela," Steela diz sem tremer a voz.

O médico franze as sobrancelhas.

"Não vou a lugar algum," eu digo.

Há uma fina linha branca ao redor dos lábios do médico. "Tudo bem," ele diz. Ele olha para o flexível em sua mão. "A cama 36 está disponível." Ele se vira em direção à terceira porta no corredor. Não há scanners biométricos na porta—ao invés disso, o médico retira uma grande chave de ferro do seu bolso.

O quarto grande tem dez camas, cinco em cada parede. O médico guia Steela para a cama do outro lado do quarto, a única não ocupada.

"Nós estávamos te esperando," o médico diz para Steela. Um calafrio percorre minha espinha. "É muito mais fácil fazer um quarto de uma só vez," ele murmura.

O médico indica uma camisola de hospital perfeitamente dobrada em cima da cama. Steela olha para mim. Ela não quer me deixar ir; eu não quero deixá-la ir. Quando sua mão solta meu cotovelo; é como um adeus.

O médico fica apenas parado lá, como se nada estivesse fora do normal. As mãos de Steela tremem quando ela solta o botão de cima de sua túnica.

"Dê a ela um pouco de privacidade," eu sibilo para ele. Como ele não percebe o que eu digo, seguro seu cotovelo e o viro. Enquanto esperamos Steela se trocar, eu examino o médico—ele está de costas enquanto mexe com os instrumentos em cima da mesa junto à parede. Ele não pretende espiar Steela—por que ele ia querer? Ela é tão velha. Não, ele apenas se esqueceu de que Steela poderia ser sensível sobre se despir em sua frente. Ele não a vê como um humano com sentimentos. Ele está bancando o médico há muito tempo com os simples Alimentadores, e se esqueceu como uma pessoa de verdade é.

"Estou pronta," Steela diz em uma voz falha.

Ela senta na cama do hospital com suas pernas para fora, bem em sua frente, e o lençol puxado até os joelhos. Olhando ao redor da sala, vejo que cada um dos outros pacientes está do mesmo jeito, mas eles todos são, como Steela diria, "idiotas sem cérebro". Ela está os imitando, talvez inconscientemente.

Sua túnica e calças estão dobradas perfeitamente na extremidade da cama. A camisola do hospital, muito mais fina do que as roupas normais, faz Steela parecer menor, mais fraca e doente do que antes. E muito mais assustada. Ela está tremendo, mas não acho que é por causa do ar frio que circula pelo quarto.

"O que são aquelas coisas?" Steela pergunta, sua voz presa.

"Apenas soros intravenosos." O médico os segura. "Para... nutrição."

"Porque você não pode usar aqueles adesivos médicos?" eu pergunto.

"Adesivos médicos são apenas para situações simples, como dores de cabeça e de estômago. Isso é mais sério."

"Nenhum dos outros têm três soros." Steela diz.

O quarto está tão quieto que quase esqueci que havia mais pessoas aqui. Os idosos nas outras camas estão calmos, olhando o teto. Alimentadores. Mas Steela está certa—os outros têm apenas dois soros—um na mão esquerda e outro no antebraço esquerdo.

"O terceiro é especial, porque você é especial."

"Bobagem."

O médico sorri sarcasticamente. "É porque você é a única aqui que precisa de medicamentos psicotrópicos."

Steela morde o lábio. Como Velho, ela acredita que é louca como o médico tem a chamado por toda a sua vida. E agora, ela está em dúvida—

agora ela pensa que precisa estar aqui, enclausurada com os outros que estão olhando em frente sem expressão.

"Você nem a examinou ainda," eu digo.

"Hum?" O médico não levanta o seu olhar enquanto passa antisséptico no braço de Steela.

"Você está espetando-a com agulhas e soros e ainda nem a examinou. O que está acontecendo?" Minha voz sai baixa e profunda. Será que o médico percebe que é assim que minha voz fica quanto estou muito, muito brava?

"A enfermeira lá de baixo me informou a situação."

"Que situação?" eu pergunto, encarando-o. Meu olhar é inútil; ele nem mesmo olha para cima. Steela, entretanto, está nos observando.

"Ela está tendo alucinações. Como todos aqui." Em um movimento rápido, o médico coloca dois soros no braço esquerdo de Steela, e então se move em direção ao seu braço direito com a terceira agulha. Ele belisca a pele na dobra do seu cotovelo. Ele espeta a agulha do soro "especial" em uma veia azul grande e calibrosa. Steela suspira de dor.

E mesmo que o médico tenha dito que esse era um soro para nutri-la, um fluxo de sangue escuro e grosso escorre para dentro de um saco no fim do tubo.

Eu não penso. Apenas lanço meu ombro contra o médico tão forte que ele voa para trás e bate na parede. Seguro-o lá com meu braço. Posso não ser tão grande quanto ele, mas tenho a raiva a meu favor.

"O que você está fazendo?" grito para ele. "Você disse que era um soro—mas não é. Por que você está sempre mentindo? O que você está escondendo?"

Quando termino de gritar, o silêncio preenche o quarto. Todos os outros nove pacientes em suas camas olham para frente sem expressão, inconscientes de qualquer coisa que tenha acontecido.

Pelo canto dos meus olhos, vejo Steela piscar, olhando diretamente para frente, alheia ao fato de eu gritar a menos de um metro de distância.

"Steela?" eu sussurro.

Nada.

64

Velho

Nós estamos de volta ao Centro de Aprendizagem, e eu me sinto tão vazio quanto o modelo da Godspeed no Salão de Arquivos. Em cada um de nós falta um motor para nos impulsionar a vida.

"Duzentos e cinquenta anos de atraso?" eu pergunto. As palavras ecoam em minha mente, substituindo o zumbido-agitar-zumbido do ritmo do motor que ainda estava tocando em meus ouvidos.

Ancião encolhe os ombros. "Mais ou menos. Nós deveríamos aterrissar cerca de cento e cinquenta anos atrás—agora parece que vamos aterrissar em outros cem anos. Talvez. Se os sistemas de combustíveis segurarem. Se nada mais der errado."

"E se alguma coisa mais der errado?"

"Então, a nave vai flutuar como um morto na água, por assim dizer. Até os reatores internos esfriarem. E então a luz solar vai morrer, e nós vamos estar na escuridão. E então as plantas morreram. E todos nós morreremos."

Dentro da nave, nós estamos sempre cercados de mais um, tanto assim que nós prezamos nossos quartos minúsculos e privados e tempo sozinhos. Nunca antes eu tinha apreciado como nós somos verdadeiramente sozinhos nessa nave. Não há ninguém além de nós. Eu sempre senti antes que nós estávamos ancorados entre dois planetas, e mesmo que nós não conseguíssemos alcançá-los imediatamente, eles estavam ali, na outra extremidade de uma corda invisível. Mas eles não estão. Se nós falharmos, não há ninguém lá fora para nos salvar. Se nos morrermos, não há ninguém lá fora para lamentar por nós.

"Você vê agora?" Ancião pergunta, seus olhos me trazendo de volta abordo da nave.

Eu assinto, não registrando de verdade sua pergunta.

"É por isso que você— você— deve ser o líder. Um líder forte, seguro. A Peste não foi uma peste. Foi o que aconteceu quando o líder da nave disse para as pessoas a verdade, quanto tempo iria levar para aterrissar a nave. Quando souberam que eles nunca iriam ver o planeta de

aterrissagem, que suas crianças, e seus netos nunca iriam vê-lo, que havia uma chance de nenhum deles ver... A própria nave quase morreu."

Eu levanto meu rosto para o Ancião, umidade borrando minha visão dele. "O que aconteceu?"

"Suicídio. Assassinato. Tumultos e caos. Revolta e guerra. Eles teriam rasgado através das paredes do espaço se pudessem."

"Essa é a Peste? Aquela em que três quartos da nave morreu—os que souberam a verdade?"

Ancião assente. "Então um homem, o líder mais forte, levantou-se e tornou-se o primeiro Ancião. Ele trabalhou com os sobreviventes. Eles desenvolveram a mentira. Eles vieram com a ideia da Peste para explicar as mortes à próxima geração, e a geração depois dessa."

"Como eles sobreviveram?" Como qualquer um poderia sobreviver a essa compreensão que o Ancião me deu? A perda do planeta de aterrissagem é muito pior agora do que quando eu ouvi antes.

"O primeiro Ancião percebeu que a maioria dos sobreviventes eram membros de família—ou eram grávidas. Pessoas sobrevivem a qualquer coisa por suas crianças."

Agora eu estou confuso. Eu empilho e debato para juntar essa informação. "Você disse que os sobreviventes eram grávidas. Mas não estavam todas daquela geração grávidas? Se a Temporada tinha apenas começado...".

Ancião revira seus olhos. "Eu pensei que você já tinha descoberto isso da garota. O Ancião da Peste desenvolveu a Temporada. Antes disso, as pessoas acasalavam sempre que eles gostavam. Algumas estavam grávidas, outras não. As gerações estavam desfocadas. O Ancião da Peste veio com a ideia de estabilizar a Temporada, garantindo que todas estivessem grávidas ao mesmo tempo. Cada diferente geração, depois da Temporada, nós informamos que eles não irão ver a nova terra. Mas suas crianças ainda não nascidas vão. Isso é motivação suficiente para não lhes reverter o caos e o tumulto. Isso é motivação suficiente para aceitarem o atraso para mais uma geração. E depois outra, e outra..."

"A bomba d'água no Nível Crio..." eu digo, pensando nisso. "Aquilo era parte do design original da nave?"

Ancião assente. "Era. Usado para distribuir vitaminas diretamente para a população. Mas o Ancião da Peste descobriu outro uso... "

Ancião sorri enquanto atravessa a sala para a torneira na parede distante. Ele puxa um copo do armário sobre a pia e enche com água; então ele volta e coloca o copo na minha frente.

Encaro-o. Limpo, calmo, entretanto. Nada como eu. Meu primeiro instinto é beber do copo perante mim. Afinal de contas, água é o recurso que todas as Esposas Alimentadoras usam para acalmar suas crianças, e aplacar os adultos.

Meus olhos crescem amplos. "Não são apenas hormônios, não é?" eu pergunto, o meu olhar fixo sobre o líquido de aparência inócua. "Há alguma coisa á mais ali." Ancião senta em minha frente. O copo de água permaneceu entre nós como uma parede.

"É Phydus."

"O que?"

"Phydus. Uma droga desenvolvida depois da Peste."

"O que isso faz?"

Ancião segura suas mãos na mesa, palmas para cima, como se pedisse graça ou perdão—ou talvez pensasse que estava concedendo-os. "Phydus garante que a emoção das pessoas não ultrapasse o seu instinto de sobrevivência. Phydus controla emoções extremas, para que aquelas pessoas não causem tantas mortes e destruição novamente."

Eu provo bile em minha língua. Isso não é certo. Todo aquele tempo que Amy andava pelo seu quarto minúsculo, declamando a anormalidade da vida a bordo desta nave—eu estava apenas sendo indulgente com ela, nunca entendendo o que ela realmente dizia. Agora eu entendo. Por um breve momento, minha visão foi conforme minha raiva surgiu, e eu literalmente vi mais nada do que vermelho.

"Se esse Phydus está na água, e arrebata para longe a nossa emoção, por que eu estou, por exemplo, tão furioso agora mesmo?" eu agarro o bordo da mesa, sentindo a madeira dura e lisa sob os dedos. Eu imagino se tenho força para derrubá-la no Ancião.

"Você está chateado? Por quê?"

"Isso não é certo! Você não pode sair por aí tirando emoções! Você não pode matar uma emoção sem matá-las todas. Você é a razão por todos aqueles Alimentadores estarem tão vazios! Você e essa droga!"

"Nem todos são afetados."

"Isso está na água!" eu grito, batendo meu pulso na mesa e fazendo um impulso na água do copo. "Todos nós bebemos a água!"

Ancião assentiu, seu cabelo branco e longo balançando. "Mas essa nave não pode dar-se ao luxo de ser administrada por idiotas. Nós precisamos que os Alimentadores cresçam nossa comida inquestionavelmente, mas eles precisam de algumas pessoas, pessoas como você, para pensar, realmente pensar."

"O Hospital..." Eu digo, pensando furiosamente. "Todos aqueles que estão 'loucos'. Não estamos afinal loucos—apenas não estamos afetados pelo Phydus na água. Mas como... " Antes que Ancião possa responder, me atinge. "Os remédios mentais. Os comprimidos Inibidores. Eles inibem Phydus; previnem Phydus de nos afetar."

"Nós precisamos inventar pensadores," Ancião diz. "Nós precisamos que você pense por si mesmo, precisamos de cientistas que pensem, então eles podem resolver o problema do sistema de combustível. Nós fornecemos os genes—você viu os replicadores de DNA—e, então, damos aquelas habilidades inatas dos comprimidos de Inibidores para que eles possam contornar pelo Phydus. Precisamos de suas mentes limpas."

"Por quê artistas?" eu digo, pensando em Harley, Bartie, Victria.

"Artistas têm seus propósitos. Eles proporcionam um nível de entretenimento para ocupar os Alimentadores. Eles podem não ter emoções, mas até macacos ficam entediados. Além disso, artistas pensam fora de sua replicação de DNA. Estamos enfrentando um problema nos motores que décadas de intensa pesquisa não resolveram. Não sabemos como criatividade irá se manifestar. Harley, seu amigo? Foi-lhe dada a criatividade espacial e visual. Ele se tornou um pintor—porém poderia ter facilmente se tornado um projetista, ou até mesmo, com as reviravoltas certas de desejo mental, um engenheiro."

"Nós somos apenas peões. Um meio para um fim. Brinquedos que fabricam para continuar jogando o seu jogo."

"Esse jogo é vida, seu ousado!" Ancião diz, sua voz elevando. "Você não entende? Estamos apenas tentando sobreviver! Sem a Temporada, as pessoas não teriam nada para viver. Sem o Phydus, eles iriam derrubar essa nave com uma fúria louca. Sem os replicadores de DNA, seríamos todos idiotas puros. Precisamos disso para sobreviver!"

"O que acontece se um dos 'sem cérebros' dos Alimentadores pudesse vir a resolver o problema do combustível?" eu pergunto. "Mas você o tem tão drogado com Phydus que ele não pode pensar? Por que não os deixa todos pensarem, deixa-os todos trabalharem naquele problema?"

Ancião estreita seus olhos para mim. "Você esqueceu-se das suas lições? Quais são as três principais causas da discórdia?"

"Primeira: diferenças," eu digo automaticamente. Eu não quero brincar em seu jogo, mas é um hábito lhe responder imediatamente.

"Depois?"

"Falta de liderança." Agora eu apenas quero ver seu ponto.

"E por último?"

Dou um suspiro. "Pensamento individual."

"Exatamente. Phydus leva os pensamentos individuais, exceto os específicos designados por nós, os que podem nos ajudar. É a nossa melhor chance."

Ancião se inclina sobre a mesa e bate com os dedos no metal até eu encontrar seus olhos. "É muito importante que você entenda isso," ele diz, olhando-me intensamente. "É a nossa melhor chance de sobreviver."

Ele pausa. "É a nossa única chance."

65

Amy

O médico empurra meu braço. "Quero que veja isso."

"O que está acontecendo?" eu pergunto, em uma voz profunda.

O médico olha impassivelmente para o corpo vazio de Steela. "Oh, isso."

"Isso? Isso?" eu grito. "Isso era uma pessoa há um minuto atrás! O que você fez?"

O médico caminha ao redor da cama e bate de leve em uma das bolsas de soro. "Há uma alta concentração de Phydus aqui. É uma droga," ele me responde antes que eu possa perguntar. "Uma que faz as pessoas ficarem passivas."

Penso em Filomina, na filha de Steela, em mim mesma. "Você está drogando a nave," eu sussurro.

"A maior parte dela." Ele balança os ombros.

"Por quê?"

"Medicamentos são uma maravilha," o médico diz, apertando a bolsa de soro. "Se há um problema, mesmo que seja com toda a sociedade, os medicamentos podem resolvê- lo."

"Você é mau," eu digo, as palavras criando uma aurora de realização do fato em minha mente.

"Sou realista."

Inclino-me para baixo e pego na mão de Steela. Está fria e inanimada.

"O que está acontecendo?" eu digo, soltando sua mão e dando um passo para trás de desgosto.

O médico está alheio a mim e a seus pacientes, concentrado no soro. "Eu te disse: Phydus induz passividade."

"O que isso quer dizer?" eu grito, com uma nota de pânico tingindo minhas palavras.

"Passividade? Faz com que fiquem calmos. Pacíficos. Passivos."

"Mas ela não está se mexendo!" Minha voz fica cada vez mais alta. "Ela nem mesmo está piscando! Apenas olhando para frente!"

O médico se surpreende com minha angústia. "Você não vê que Steela—que todos eles—não tem mais utilidade? Ela e os outros idosos não são mais úteis fisicamente; não podem trabalhar como as gerações mais novas. Não são mais mentalmente úteis—longa exposição ao Phydus deteriora a mente, mesmo em conjunto com Inibidores, como no caso de Steela. Os neurônios deles reagem diferente ao Phydus e eles ficam confusos sobre o que é real e o que não é, ou se tornam resistentes à influência da droga. De qualquer modo, eles não são nada além de um fardo para nossa sociedade. Então, nós retiramos deles o que podemos." Ele aponta para a bolsa com sangue de Steela. "Seu DNA tem uma percepção e inteligência particulares; podemos ser capazes de reciclá-lo. Uma vez que colhemos dos idosos o que podemos usar, eles são colocados para dormir."

Steela não parece adormecida. Ela parece morta.

Lembro-me do cachorrinho que meus pais me deram quando eu tinha oito anos. Ele pegou parvovirose{5} e ficou doente. Minha mãe me disse que o veterinário o colocou para dormir.

"Você está matando-os?" eu sussurro, horrorizada.

O médico balança os ombros. "Tecnicamente."

"Tecnicamente?!" eu grito. "Ou eles morrem ou não; não existe meio-termo!"

"Nós estamos em um meio-ambiente restrito," o médico diz. "Essa nave deve se autossustentar." Seu olhar vagueia de Steela para mim. "Nós precisamos de fertilizantes."

Engulo a bile que está subindo pela minha garganta.

"Tire isso!" eu grito. Corro em direção ao soro.

"É tarde demais. A droga já está no organismo dela."

Eu arranco as agulhas do braço de Steela, e sei que o médico não está mentindo. Uma gota de sangue cai da agulha ligada ao soro, nada mais. A bolsa está vazia. O braço de Steela caiu ao seu lado, mas ela não percebe.

"Amy," o médico diz, controlado. "Eu te contei isso porque preciso que entenda a realidade a bordo dessa nave. Eu te vi questionar Ancião; te vi conversar com Velho. Você tem que saber o perigo de causar problemas, de encarar o lado mau de Ancião. A escotilha não é único modo de Ancião te eliminar. Ancião é perigoso, Amy, muito perigoso, e é melhor você se manter fora do caminho dele no futuro."

Ele suspira, e pela primeira vez, me pergunto se ele tem simpatia, empatia ou qualquer tipo de sentimento por esses pacientes. "Eu soube quando Velho te trouxe para mim que você estava sendo afetada pelo Phydus. Eu e Ancião somos responsáveis por distribuir o Phydus para todos na Godspeed. É nossa obrigação. Entretanto, embora eu acredite que o Phydus mantem a paz, não acho que ele seja o melhor para todos." Ele me olha nos olhos. "Mas se você perturbar essa nave, Ancião vai me mandar te trazer para cá, para o quarto pavilhão. E eu colocarei aquela agulha em sua veia. E, a principio, você se sentirá aquecida, confortável e feliz."

Seu olhar desliza para Steela, e o meu o segue. Um minúsculo sorriso se fixa em seus lábios enrugados. "Quando Phydus tiver acalmado sua mente, ele acalmará seu corpo. Seus músculos vão relaxar, e você se sentirá mais relaxada do que já se sentiu antes."

O corpo de Steela está inclinando-se sobre os travesseiros. O sorriso sai de seu rosto, não porque ela parece triste, mas porque os músculos de sua boca não estão trabalhando para manter seus lábios curvados para cima.

"Seu corpo ficará tão tranquilo que, eventualmente, seus pulmões não se incomodarão em respirar e seu coração não se incomodará em bater."

Observo Steela de perto, meus olhos percorrendo todo seu corpo. Imagino que seu peito está subindo e descendo, que posso ouvir suavemente a batida do seu coração.

Mas tudo isso não passa de um desejo.

Minhas mãos tremem quando fecho seus olhos arregalados.

"É uma morte misericordiosa," o médico diz. "Mas, ainda, é uma morte. Se Ancião achar que você é inútil—ou pior, um estorvo—isso é o que te espera.”

66

Velho

Eu posso ouvi-la soluçando através da porta. Dirijo o meu polegar pelo scanner, e os dispositivos da porta abrem antes que eu perceba o que estava fazendo—entrando no quarto sem permissão. Mas isso não importava agora—o que importa é Amy deitada em sua cama, soluçando tão forte que seu corpo inteiro está sacodindo.

"O que há de errado?" eu pergunto, avançando.

Amy me olha, seus olhos jade derretendo. Ela emite um balido e me ataca, envolve seus braços ao redor da minha cintura, e enterra sua cabeça em meu estômago. Eu posso sentir a umidade quente de suas lágrimas pela minha túnica.

Por um momento, eu só fico ali. Ela está ligada em meu corpo, e eu não tenho certeza do que fazer com meus braços. Ela dá um pequeno soluço de um choro, e eu ajo por instinto: Envolvo meus braços ao seu redor, segurando-a contra mim, sendo a força que ela precisa para se manter.

Ancião pensa que poder é controle, que a melhor maneira de ser um líder é forçar todos a serem obedientes. Segurando Amy contra mim, eu percebo que a simples verdade do poder não é controle absoluto—poder é força, e dar essa força aos outros. Um líder não é alguém que força os outros a fazerem-no forte; um líder é alguém disposto a dar sua força para os outros, de modo que eles possam ter a força para manterem-se por si próprios.

Isso é o que eu tenho procurado desde o primeiro dia que me disseram que eu nasci para liderar essa nave. Liderar Godspeed não tem nada haver com ser melhor que todos os outros, comandando e forçando e manipulando. Ancião não é um líder. Ele é um tirano.

Um líder não faz peões—ele faz pessoas.

Amy afasta-se e olha para meu rosto. Sua pele pálida está manchada de vermelho, seus olhos estão com veias e sombreados, e uma linha brilhante de meleca do nariz escorre para o topo de seu lábio. Ela limpa o rosto com o braço, manchando de lágrimas e muco.

Ela nunca pareceu tão bonita para mim.

"O que há de errado?" eu pergunto de novo, sentando ao seu lado na cama. Amy enrola seus pés debaixo dela e inclina a cabeça contra o meu peito. Eu esqueço sobre Phydus, sobre Ancião, sobre todos os problemas abordo dessa nave, e tenho um repentino instinto primitivo de empurrá-la contra a cama e beijar seus problemas para longe, cauterizados através de mim.

"Eu descobri o que acontece atrás da porta trancada no quarto andar," Amy diz, soluçando no meio da frase. "É horrível."

Ela me conta. Quando ela chega ao Phydus, eu conto para ela o que eu aprendi com o Ancião.

"Isso é o que aconteceu comigo," ela diz. "Quando eu me senti tão devagar e vaga—foi essa droga. A mesma droga que eles usaram em..." Ela se sufoca no nome. "Steela."

Eu assinto.

Amy agarra meu braço, apertando-o como imagino que Steela segurou o seu. "Velho, nós temos que fazer alguma coisa. Isso não é certo. Não é justo. Essas são pessoas, mesmo que o Doutor ou Ancião não as veja como tal. Aquela droga é perversa. Não deveriam controlar pessoas dessa maneira!" Seus olhos passam por mim, e eu sei que ela não está mais comigo: ela está no quarto andar. "Aquela droga faz as pessoas obedecerem. É apenas um modo doentio do Doutor e Ancião de controlarem essa nave."

Uma parte de mim, uma parte muito pequena que eu enterro tão profundamente dentro de mim, e espero que Amy nunca a veja, pensa que nem tudo que o Ancião e o Doutor estão fazendo é errado. Afinal de contas... funcionou. Essa nave funcionou em paz por décadas.

E então eu me lembro do seu olhar morto quando ela estava drogada pela Phydus, e o sentimento dos seus braços nesse momento, e eu empurro aquela parte mais profunda para baixo.

"E—oh, não!" O rosto de Amy se dissolve em mais lágrimas. "Acabo de me lembrar! Meus pais, lá embaixo no Nível de Criogenia! Eu não estive lá durante todo o dia! E se alguma coisa aconteceu?"

Ela cambaleia como se fosse ficar de pé, mas eu agarro seu pulso, e ela despenca de volta na cama.

"Como eu pude esquecê-los?" ela geme.

Eu coloco minhas duas mãos ao redor do seu rosto e ergo sua cabeça para que ela possa me olhar nos olhos.

"Fique calma," eu digo em uma voz tão firme quanto eu posso convocar. "Harley esteve no Nível de Criogenia o dia todo. Você não tem que se preocupar com isso agora. Eu irei em breve e passarei a noite lá."

Os olhos lacrimejantes de Amy agitam e voltam entre os meus.

"Eu sou tão inútil," ela suspira. "Eu não posso fazer nada além de me esconder aqui e chorar como uma garotinha! Olhe para mim!" Eu olho, mas eu não acho que a vejo do mesmo jeito que ela mesma. "É inútil! Eu não posso salvar meus pais, eu não tenho ideia de quem tenha matado os congelados, e essa nave—é o pior—e eu estou presa aqui pelo resto da minha vida, rodeada por pessoas drogadas que vão ao quarto andar para morrer e virar fertilizante!"

Ela se quebra novamente. É como assistir o tampo de vidro de Amy quebrar da câmara quando o Doutor soltou-a na noite em que ela acordou. Por um momento, eu posso ver os pedaços da Amy se perdendo juntos; então, começando com seus olhos e sua boca trêmula, ela quebra. Suas mãos estão contra os lados de sua testa, seus dedos ondulando em torno de seu cabelo. Ela bate suas palmas suavemente contra sua cabeça, desejando si mesma a pensar, puxando o seu cabelo, que puxa fios de seu couro cabeludo, aparentemente alheia à sua dor autoinfligida. Eu alcanço e gentilmente desenrolo seu cabelo dos seus dedos e puxo suas mãos para baixo em seu colo.

"Podemos arrumar isso," Eu digo, mergulhando minha cabeça para que eu possa pegar o seu olhar. "Não se entregue. Você não é inútil."

Eu pego um olhar sobre a parede em frente de nós, no grande gráfico preto que Amy começou.

"Você vai ser a pessoa que vai resolver isso. Continue fazendo o que tem feito. Descubra qual é a conexão." Eu alcanço sua mão, e a levo até a mesa, no frasco de tinta preta e no pincel. "Você pode fazer isso."

Amy olha para o seu desenho na parede, e por um momento ela está focada nele. Então eu vejo frustação e desespero lavar pelo seu rosto. Antes que ela tenha a chance de quebrar-se novamente, eu pulo e vou sobre o gráfico, distraindo-a. "Continue trabalhando nisso." Eu pauso. "Tente descobrir como estão conectadas," eu adiciono, indicando todos da sua lista. "Lembre-se: você acordou, mas sobreviveu. Talvez você não deveria ser desligada, talvez você foi um acidente, ou alguma coisa. Você

é a única quem não se encaixa nessa lista. Tente olhar como eles estão todos conectados quando nós tiramos você do quadro."

Amy encara o gráfico por um longo momento, então assente lentamente.

Eu fico, hesitante, então me curvo e a beijo no topo de sua cabeça. Ela me olha, e meu coração surta, e mesmo que eu ainda possa ver vestígios de desespero em seu rosto, eu tenho esperança o suficiente para o futuro de nós dois.

"Eu vou lá e vigiar seus pais. Você precisa descansar," Eu digo. Toco o lado do seu rosto, e ela fossa seu rosto contra minha palma. "Você vai ficar bem," Eu adiciono, e espero que ela possa acreditar nisso.

Eu espero que eu possa acreditar nisso.

67

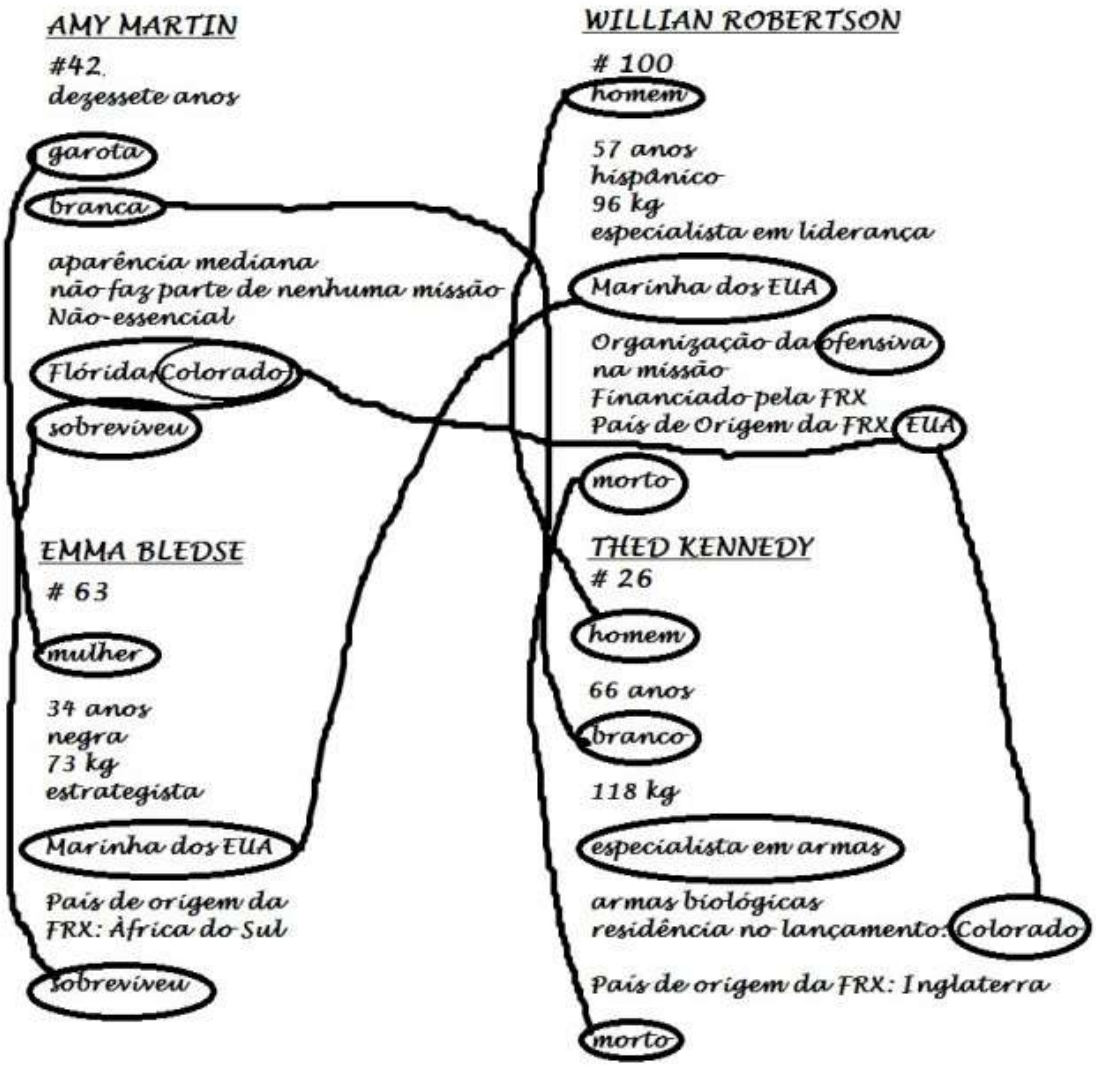
Amy

Meus dedos estão manchados de preto da tinta. Eu examinei, primeiro, minha lista de suspeitos, mas havia pouco a fazer lá. É Ancião, ou talvez Ancião e o Doutor juntos.

Mas por quê? Se eu puder descobrir a razão, saberei o que fazer em seguida.

Encaro a parede até as linhas e palavras se embaralharem. Adicionei todas as informações que pude aos quadros, mesmo aquelas que parecem irrelevantes. Não pode ser aleatório. Ancião e o Doutor não agem aleatoriamente.

Caio no sono com o pincel úmido ainda em minha mão.


AMY MARTIN
#42
dezessete anos
garota
branca
aparência mediana
não faz parte de nenhuma missão
Não-essencial
Flórida
Colorado
sobreviveu
EMMA BLEDSE
63
mulher
34 anos
negra
73 kg
estrategista
Marinha dos EUA
País de origem da FRX: África do Sul
sobreviveu
WILLIAN ROBERTSON
100
homem
57 anos
hispânico
96 kg
especialista em liderança
Marinha dos EUA
Organização da ofensiva na missão
Financiado pela FRX
País de Origem da FRX
EUA
morto
THED KENNEDY
26
homem
66 anos
branco
118 kg
especialista em armas
armas biológicas
residência no lançamento:
Colorado
País de origem da FRX: Inglaterra
morto

68

Velho

O Nível de Criogenia está silencioso, um silêncio profundo, penetrante, que me faz sentir como um transgressor num lugar privado.

"Harley?" eu chamo. Onde ele está? Ele supostamente é o guardião desse andar, protegendo os congelados adormecidos.

Silêncio responde.

Eu começo a andar através dos corredores das câmaras de crio, então eu começo a correr, e na hora que eu chego à gaveta setenta, estou correndo após as linhas, gritando o nome de Harley. Meu pânico está sobrecarregado por um sentimento de naufrágio na boca do meu estômago. Com cada passo palpitante, eu me pergunto a mesma pergunta:

E se o assassino mudou para vítimas acordadas?

Eu viro na esquina, esperando ver o corpo de Harley no chão, uma piscina de sangue, o assassino fugindo da cena.

Nada.

Eu estou ficando estúpido. Provavelmente ele está na escotilha. Meu coração está palpitante. Quando eu limpei o suor do meu pescoço, meus dedos escovaram meu botão wi-com. Eu o soco rapidamente.

"Ligação: Harley," Eu ofego a cabeça em direção da escotilha.

Bip, bip-bip. Meu coração bate forte. Se ele não responder, eu vou voltar, pegar um flexível, localizá-lo e—

"O que?" a voz de Harley é rabugenta, impaciente.

"Onde você está?" eu brado.

"No Nível de Criogenia."

"Eu estou aqui, onde você está?"

"Na escotilha."

Eu dou um suspiro com alívio. Claro. Claro que ele está na escotilha. Meu pânico anterior me faz me sentir estúpido, como um maluco. Viro para baixo do corredor e lá está ele, seu rosto pressionado contra a janela de vidro bolha.

"O que você está fazendo?" eu brado. "Por que você não está lá fora, os vigiando?”

"Você me deixou aqui o dia inteiro!" Harley grita de volta. "Porcaria, eu estava entediado, ok?"

"Os pais de Amy estão aqui, todas aquelas pessoas desamparados aqui em baixo, e tudo que eu disse foi para você sentar e vigiá-los. Foi muito difícil para você?"

Harley estreita seus olhos para mim. "Não seja tão cara de pau," ele diz. "Só porque você irá ser o Ancião um dia não significa que você pode me dar ordens."

"Nem mesmo brinque com isso. Quando tempo você espera antes de voltar aqui para olhar as estrelas? Ou você não espera afinal? Você mesmo checou para ver se havia quaisquer caixas derretendo antes de virar as costas para eles? Eu me lembro de que o último homem morreu na sua 'vigia'."

Harley se precipita em mim, agarrando-me pelo colarinho da camisa com ambas as mãos e empurrando-me contra a parede oposta da escotilha. "Quando tempo você as deixou longe de mim? Quando o Ancião mostrou-as pela primeira vez?"

"O que, as estrelas?"

"As estrelas, as estrelas, claro que as estrelas!"

"Eu apenas as vi há alguns dias."

"Mentiras!" Harley me empurra ainda mais na parede. Eu torço e luto contra ele, mas mesmo que minhas unhas lutem contra suas mãos, ele não abandona seu aperto. "Você e o Ancião, sempre tão perto."

"Como se eu tivesse uma escolha!"

"Talvez se ela tivesse visto as estrelas, ela não teria morrido!" Harley grita para mim, seu rosto torcido de raiva—e lágrimas brilhando em seus olhos.

"O que você está... Quem?" Eu me esforço para descobrir o que está acontecendo.

"Kayleigh!" Harley diz em uma onda de tristeza. Ele me deixa ir, e eu deslizo contra o metal frio da parede a poucos centímetros. "Kayleigh. Talvez se ela tivesse visto as estrelas, ela não teria desistido."

Harley volta para a porta da escotilha. Ele coloca as duas palmas na porta e pressiona seu rosto no vidro da janela.

"Não adianta, não adianta," ele murmura.

"O que não adianta?" Minha voz é calma agora. Eu estou lembrando como o Doutor trancou Harley por semanas da última vez, certo de que ele

ia tentar seguir Kayleigh na morte. Quão perto as enfermeiras assistiram seus remédios, como o Doutor sempre teve a certeza de que Harley pegou extra.

"Harley, por que você não vem comigo? Eu vou passar a noite aqui embaixo; vá para seu quarto e descanse."

"Você quer tudo para si mesmo, não é?" Harley rosna.

"O que? Não!"

Seu rosto amassa. "Eu sei, eu sei. Você é meu amigo, eu sei." Ele se vira para a janela. "Mas ainda, não adianta. Não há nenhum ponto, por exemplo."

"Nenhum ponto para o quê?"

"Não importa quão longe eu encare. Nós nunca vamos pousar, não é Velho? Nunca vamos cair fora dessa nave. Todos nós vamos viver e morrer nessa gaiola de metal. 74 anos e 263 dias. Muito tempo... Tempo demais... Este é o mais próximo que eu chegarei do lado de fora, não é?"

Eu quero dizer-lhe não, que ele está errado, mas eu sei que isso é uma mentira. E eu entendo agora, oh, como eu entendo por que o Ancião mente e faz todas as pessoas criarem seus filhos com a esperança do planeta de aterrissagem. Se nós não tivermos isso, o que temos para viver? Importa se é uma mentira que nos mantém vivos? Levar embora as chances do planeta de aterrissagem deixou Harley como nada mais do que um casco vazio e desesperado.

Harley afunda todo o caminho até o chão. Ele tem uma tela lá, mas está coberta com musselina, e eu não tenho coragem de perguntar o que ele está pintando. Em vez disso, eu o deixo aqui, o mais próximo da liberdade que ele pode nunca estar.

Eu não vou ser a pessoa que vai arrastá-lo para longe das estrelas.

De volta à criocâmara, eu faço uma pilha com casacos do laboratório e um cobertor de rua, e faço algo como um ninho para mim mesmo em frente ao grande salão aberto. Eu não posso ficar acordado, mas espero que minha presença previna o assassino—e se não, eu espero que vá pelo menos me acordar quando o elevador tinir. Eu estou tão exausto— tão exausto—e o peso dessa nave, das estrelas, e do desespero, Phydus, Amy, e Harley, tudo colide em mim de uma só vez.

Eu acordo com o cheiro de pintura.

Harley, eu penso.

Eu luto contra os casacos do laboratório em que estou deitado. Seus braços me prendem, mas eventualmente desembaraço-me deles.

"Harley?" Eu pergunto, respirando profundamente.

Eu viro para o elevador em minha frente.

De primeira eu penso que é sangue, mas conforme eu chego perto da câmara crio, eu vejo que é apenas tinta vermelha — espessa, tinta vermelha ainda-não-seca. Gotejando gigantescas marcas de alguns Xs, mas não em todas as portas de câmara crio. Eu toco na única próxima de mim — número 54 — e deixo uma impressão digital de tinta vermelha. Olhando para esta linha, eu vejo seis portas marcadas com os Xs; a próxima linha apenas tem três, mas uma linha depois dessa têm doze.

Meu pensamento imediato é que isso é o que o assassino está fazendo, são as pessoas marcadas que ele planeja em seguida descongelar.

Eu balanço minha cabeça. Poderia o assassino estar aqui em baixo, enquanto eu dormia em frente ao elevador? Não—deve ter sido Harley.

Mas só por precaução...

Eu rastejo para baixo de cada sala, procurando por alguém que ainda esteja aqui, e contando as portas marcadas. Trinta e oito portas estão marcadas no total, e nenhuma delas dá qualquer indicação de quem as pintou.

Imagino o assassino aqui, silenciosamente marcando as portas de suas vítimas enquanto eu durmo. Balanço minha cabeça novamente. Tinta significa Harley. Essa é a vingança de Harley pela nossa partida de gritos na noite passada; esse é Harley tentando me amedrontar ou me assustar, ou ele está apenas sendo estúpido.

Harley, tem que ser Harley.

Eu não posso ter deixado o assassino passear por mim enquanto eu dormia. Não posso.

"Harley?" eu chamo.

Nada.

Eu corro em linha reta no corredor para a escotilha, mas antes que eu chegue lá, eu sei que alguma coisa está errada.

A tela coberta de musselina está desaparecida. Tinta está respingada em todos os lugares. Por um momento nauseante, eu penso que isso é uma cena de crime e que as manchas de tinta por todo o chão e na parede é sangue respingado de um assassino, mas então eu me sacudo todo, e

sussurro "Não," porque se isso foi um assassino, então Harley estará morto, mas ele não está aqui.

A caixa de controle ao lado da porta da escotilha está quebrada.

A tampa para o teclado foi levantada, e fios finos se estendem a partir da caixa e através da porta fechada da escotilha.

Harley está dentro dela, segurando o controle em suas mãos. Ele já está batendo o código.

Eu bato na porta da escotilha. Harley me dá um sorriso aguado.

"Eu posso chegar perto," ele diz.

"Não!" Eu grito, batendo contra o vidro.

Harley se volta para a escotilha. Ele termina o código no teclado. A escotilha bate aberta e Harley é sugado para o espaço.

Por um momento, ele olha de volta para mim, e sua despedida está em seu sorriso. Em seguida, ele se vira para as estrelas.

E ele se foi.

A porta da escotilha se fecha, deixando o vazio.

Harley se foi.

69

Amy

Acordo com o pincel grudado em meu rosto. Harley riria se pudesse me ver agora, me chamaria de seu Peixinho Pintado.

Próximo à porta há um quadrado de luz vermelha piscando. É o botão da pequena cabine retangular de metal ao lado da cabine de comida. Quando eu o pressiono, a minúscula porta se abre e um grande comprimido azul e branco salta. Então, é para isso que essa porta serve.

O medicamento Inibidor. O medicamento que me mantém sã.

Eu o encaro, aborrecida. Ele gruda em minha garganta quando eu o engulo. Queima ao descer, e enche minha barriga com uma sensação de repulsa e urgência, que enjoa meu estômago. Pressiono o botão da porta de comida, e ele me traz uma massa recheada com algo que são quase ovos, e de onde escorre algo que é quase queijo. Estou satisfeita depois de uma mordida. Estou cansada de quase. Quero algo real.

Retorno para minha parede. Aceitando o conselho do Velho, ignoro meu nome e minha lista de características. O que eu ou qualquer coisa ao meu respeito teria a ver com o assassino?

Com meu nome retirado, eu vejo, de pé diante de mim, tão brilhante como se as palavras tivessem sido escritas em tinta de cor diferente.

Os militares.

Cada vítima, mesmo a mulher que não morreu—todos eles trabalharam como militares. Especialistas táticos, operações ofensivas, armas biológicas. Eles foram congelados devido a sua habilidade em matar—e foram eles os assassinados.

Mas por que eu? Por que fui desconectada? Não tenho nada a ver com isso.

Velho disse, Talvez você não devesse ter sido desconectada; talvez você foi um acidente ou algo assim.

Um acidente...

Talvez o assassino quisesse desconectar outra pessoa...

Outro militar.

Como papai.

Pulo e corro para a porta, meu coração acelerado. Tudo passa a ter sentido se o assassino quisesse matar papai e não eu. Ele está matando pessoas com experiência de combate.

A porta se abre e eu colido com Orion.

Começo a murmurar minhas desculpas e a passar por ele para ir até o Nível de Criogenia e contar ao Velho o que descobri, mas Orion agarra meu pulso com força.

"Deixe-me ir," eu digo. Ele está me segurando do mesmo modo que os homens me agarraram antes de Harley me salvar; seus dedos apertando os mesmos hematomas.

"Harley pintou isso," Orion diz numa voz suave. Paro de tentar me soltar dele e reparo na tela coberta com musselina em suas mãos. "Ele me pediu para te dar, quando entreguei para ele um arame."

"O que é isso?" pergunto, curiosa.

"Uma pintura. Para você."

Orion solta meu pulso e pressiona a tela em meus braços. Enquanto olho para ela, ele desaparece nas sombras.

Volto para meu quarto, coloco a tela em cima de minha mesa e retiro a musselina, a qual grudou um pouco na tinta ainda úmida. É a mais bela pintura que já vi. É um autorretrato—Harley flutua no centro da tela, rodeado pelo céu e pelas estrelas, seu rosto virado para cima em uma expressão de alegria arrebatadora, seus braços abertos como se ele estivesse a ponto de me envolver em um abraço. Uma pequena carpa nada entre as estrelas, ao redor dos seus tornozelos.

Meus dedos tremem quando toco o rosto pintado de Harley, mas eu os retiro: a pintura não está inteiramente seca. Em seu rosto, vejo algo que só vi uma vez antes, quando ele estava falando sobre Kayleigh.

Em algum lugar, escondido na pintura, entendo o que Harley quis dizer ao dar isso para mim.

Ele está dizendo adeus.

Quando Velho corre para dentro do meu quarto um momento depois para me dizer que Harley se matou, não estou surpresa.

70

Velho

Tem alguma coisa dentro de Amy além das lágrimas. Ela assente silenciosamente, como se já soubesse o que aconteceu. Ela se torna opaca, mas não quebrada como ela estava ontem à noite. Ela recua, deixando-me entrar no quarto.

E então eu vejo.

"Harley," eu respiro. Minhas mãos estão tremendo.

"Orion me deu isso," Amy diz. "Harley... Eu acho que ele fez isso antes..."

É tão realista, mais realista do que Amy pode sequer saber. Quando a escotilha o puxou para fora, a pressa do seu movimento o havia achatado mais, e havia mais surpresa em seu rosto, e sim, dor—mas no breve segundo antes que a porta da escotilha estivesse fechada e antes que a nave estivesse ido além dele, antes que o espaço o extinguisse, esse foi o olhar em seu rosto, exatamente aquela felicidade.

"Você pode tê-lo," Amy disse. "Você esteve mais próximo dele do que eu estive. Não tenho certeza de por que ele me deu isso e não a você."

Percebo o peixe pequeno, pintado nadando aos pés de Harley.

Amy sempre pensou que Harley a chamava de Pequeno Peixe por causa do seu cabelo vermelho-laranja manchado das cores de carpas que ele estava pintando quando a conheceu, mas ele nunca a contou a razão do porque estava pintando as carpas em primeiro lugar—a razão de por que seu quarto estava preenchido com pinturas de carpas—era o animal favorito de Kayleigh.

"Ele queria que você o tivesse," eu digo. "Você o lembrava de alguém que ele conhecia."

Ficamos por um momento em silêncio, absorvendo a pintura, absorvendo o que Harley tinha feito, como ele nos deixou. Sozinho, ainda de pé quando ele voou para longe.

"Eu descobri," Amy diz, apontando para a parede e me arrastando de volta para o agora. "A conexão entre eles. Pessoas que têm experiência em combates militares. Esses são os que foram mortos."

Eu examino o gráfico.

"Meu pai tinha experiência militar. E se o assassino me puxou ao invés dele por acidente?" a voz dele treme, e eu imagino se é por causa do medo por seu pai, porque Harley se foi, ou ambos.

"Quando eu acordei nessa manhã, alguém tinha marcado dezenas das pequenas portas das câmaras crio. De primeira eu pensei que foi Harley... Mas o assassino poderia estar marcando suas vítimas..."

"A porta do meu pai foi marcada?" pergunta Amy urgentemente, deixando cair seu caderno.

"Eu... Não me lembro." Não tinha procurando pela porta do seu pai —estava procurando por Harley.

"Nós temos que ir lá!" Amy se dirige para a porta.

Eu faço uma pausa apenas tempo suficiente para pegar o flexível desligado de sua mesa. Conforme corremos para baixo do corredor, eu examino o meu polegar e toco rapidamente em meu código de acesso. O computador gorjeia, "Ancião/Velho acesso permitido" conforme o elevador abre. Enquanto subimos, eu trago o mapa de localização do wi-com.

"O que você está fazendo?" pergunta Amy, seus olhos nos números acima da porta.

Deslizo o tempo de volta, procurando por pontos de marcação, onde e quando todos estavam.

No mapa de ontem à noite está o ponto de Harley, apitando suavemente, principalmente onde é a porta da escotilha, mas às vezes andando por cima e para baixo no corredor e uma vez, por todo o chão do crio. Ninguém mais está no nível inteiro —até eu aparecer. Lá estou eu, correndo; lá é onde eu parei. Meu ponto brilhante funde-se com o de Harley, e me lembro de nossa luta, a nossa última briga.

Amy paira sobre meu ombro, assistindo. Meu ponto deixa o de Harley, e agora está piscando perto do elevador em frente ao pavimento de crio. Harley não está se movendo da porta da escotilha. Imagino o que ele estava fazendo naqueles últimos momentos. Pintando? Planejando?

Eu avanço. Em torno da manhã, os pontos do Doutor e Ancião aparecem, mas eles não permanecem—vão diretamente para o laboratório do outro lado no nível. Eu olho timidamente para Amy.

"Eu caí no sono," Digo. Imagino se o Doutor e Ancião me notaram.

Amy balança sua cabeça. "Não foram eles, não é? Eles não foram perto das câmaras de crio."

Nós voltamos para o mapa de localização do wi-com. Meu ponto move-se rapidamente para cima e para baixo pelos corredores das câmaras —descobrindo os Xs pintados. E então meu ponto vai para a escotilha.

Ali eu estou; Ali ele está.

Então seu ponto se foi. Um nódulo duro se forma na minha garganta. Meus olhos borrão no momento em que acontece, quando, de repente, seu ponto é empurrado para fora do mapa e não volta.

Amy suga em um suspiro, mas não deixa que o ar saia por um longo tempo, e depois é apenas um abafado, "Oh."

"Ninguém mais veio aqui embaixo," Eu digo conforme a porta abre para o quarto andar. "Deve ter sido Harley."

"Mas Harley nunca abandonou a porta, nem depois que você apareceu."

Eu encontro os olhos de Amy. Harley não poderia ter pintado os Xs.

"Essa coisa," Amy diz, apontando para o flexível. "Só pode rastrear pessoas através de botões de orelha, certo?"

Eu assinto.

"Não poderia me ver, não é?"

Eu balanço minha cabeça.

"E Orion? Foi ele que trouxe a pintura. Ele tinha que ter estado ali em baixo, mas isso significa que ele não tem um botão na orelha, não é? Ele tem um longo cabelo para cobri-lo, mas eu vi essa cicatriz em seu pescoço — que se arrasta acima após o seu cabelo. Eu aposto que ele não tem um botão em sua orelha. Ele seria invisível."

E— oh— ela está certa.

Orion.

71

Amy

A porta no fim do corredor está trancada.

"Como nós...?" eu balbucio. "O que vamos fazer?"

Velho arromba a porta.

Ele passa o polegar no scanner, dá um soco no botão e então estamos descendo, descendo, tão dolorosamente devagar.

Esfrego meu dedo mindinho até que ele dói, pensando em todas as promessas que fiz para Papai. "O que você está fazendo?" pergunto ao Velho quando passamos pelo primeiro pavilhão.

"Checando os acessos ao scanner biométrico," Velho diz. Ele digita no flexível. "Harley desceu ontem ao meio-dia. Eu desci depois de escurecer. Essa manhã, o Doutor e o Ancião desceram, e parece que ainda estão lá, no outro laboratório. Mas olhe—não há nenhum registro da passagem de Orion pelo elevador—apenas mostra o acesso de Ancião novamente, mas nesse momento ele estava no laboratório."

Ele me passa o flexível. Com toda certeza, Ancião/Velho está registrado uma vez após o Doutor e então, quinze minutos depois, aparece novamente.

"Ele descobriu um jeito de enganar isso," eu digo. Esse elevador poderia ir mais devagar?!

"Não dá," Velho murmura, colocando o flexível no bolso. "Ele escaneia seu DNA. Não dá para enganá-lo."

As portas se abrem.

O frio nos acerta como um golpe.

Dúzias e dúzias de congelados estão expostos, suas bandejas puxadas para fora, a condensação já enevoando os caixões de vidro, obscurecendo os corpos no interior. Todas as portas abertas possuem Xs pintados recentemente. Velho estava certo. O assassino estava marcando suas vítimas, se preparando para um último assassinato, um único golpe para matar todos os militares congelados.

Tenho apenas um pensamento.

"PAPAI!" eu grito, me chocando contra Velho e correndo para os caixões criogênicos. Corro para o corredor dos "quarenta", e lá, no meio do caminho, está o corpo congelado de meu pai. Limpo a condensação e olho para seu rosto por apenas um momento.

Estou agarrando a tampa de vidro frio, e tenho adrenalina suficiente dentro de mim para retirá-la e jogá-la no chão de concreto. Eu quero. Quero que ele acorde, retirá-lo do gelo, fazê-lo me abraçar contra seu calor.

Eu quero isso.

Olho para a caixa elétrica próxima a sua cabeça congelada. A luz está verde, não vermelha. Orion apenas puxou as bandejas, ele não os desconectou como desconectou a mim.

Batidas e estampidos me rodeiam. Velho está correndo pelos corredores, colocando todos os outros congelados de volta no lugar e fechando as portas atrás deles. Empurro a bandeja do papai de volta à sua crio-câmara e fecho a porta. O X vermelho pintado lá zomba de mim. Abaixo o trinco e o travo no lugar. Me permito uma última olhada para a porta marcada como 41, e então corro pelo corredor até os próximos congelados expostos.

Não demora muito. As portas estão fechadas e todos os congelados seguramente retornaram para seu estado de congelamento.

E nenhum sinal de Orion.

"Por que ele fez isso?" eu digo, ofegando com o esforço.

A respiração do Velho sobe em fracas nuvens dos seus lábios. "Eu estava no caminho." Ele está pensando enquanto fala, percebendo a verdade à medida que responde. "Abrir todas as portas enquanto eu estava aqui... isso teria me acordado—deve ter sido muito mais barulhento do que marcar as portas com tinta. E uma vez que estivessem marcadas... claro, eu correria até você, e ele teria muito tempo para retirar os congelados que ele já tinha marcado..."

"Mas por quê?" eu digo. "Por que se preocupar? Com certeza ele sabia que viríamos diretamente para cá, veríamos o que ele fez... Ele nem mesmo os desconectou, apenas os retirou das câmaras."

Velho para. "É quase como se ele estivesse nos testando."

"O que você quer dizer?"

"Ele estava nos mostrando seu plano. Ele estava esperando para ver o que faríamos. Deixaríamos eles descongelarem, ou levaríamos eles de

volta?”

"Claro que eu não deixaria meu pai descongelar!" Velho me encara. "Não acho que o teste era para você.”

72

Velho

"Shh!" eu sibilo para Amy. "Você está ouvindo?"

"Ouvindo o quê?" ela sussurra, mas eu balanço a mão para silenciá-la.

É suave, mas há um som de zumbido-batida-zumbido, que me lembra da sala de motores. Mas não pode ser—nós estamos dois níveis abaixo do motor.

"Está vindo do laboratório."

Guio Amy através do nível crio. Ela lança um olhar nervoso para trás. "Nós deixaremos a porta aberta," digo, porque sei que ela está preocupada em deixar seu pai para trás.

"Que lugar é esse?" ela pergunta quando entramos no laboratório. Ela está sussurrando e eu mal posso ouvi-la, à medida que o zumbido fica mais alto.

"O laboratório." eu sussurro também. Algo nesse lugar instiga ao silêncio, e não esqueci que o Doutor e o Ancião estão aqui, se o mapa de comunicadores estiver correto. Ficamos colados às paredes.

"Já vi essas agulhas antes," Amy aponta para as grandes seringas tubulares marcadas com os traços característicos que o Ancião quer que os habitantes da nave possuam.

"Isso é o que eles fazem aqui."

"O que é aquilo?" Ela aponta para um grande tubo âmbar que se estende do chão até o teto, cheio de minúsculas bolhas flutuando. "Quase parecem..." ela inclina a cabeça. "Embriões?"

Olho para os resíduos flutuando no líquido âmbar, e estou surpreso por Amy conseguir identificá-los tão rapidamente. O único feto que já vi foi de um aborto de uma vaca, e ele era maior, mais sanguinolento e nem um pouco parecido com essas pequenas bolhas redondas do tamanho de um dedo.

Guio Amy para o fundo do laboratório onde, escondido pelo modo como o cômodo se vira em um ângulo reto, está a bomba gigante que Ancião me mostrou na primeira vez que estive aqui. É ela que faz o

barulho de zumbido-batida-zumbido; a bomba está ligada, vibrando e reclamando à medida que seus mecanismos internos jogam Phydus e só as estrelas sabem o que mais, no sistema de água.

O Ancião está de pé perto da bomba, segurando um balde com um líquido viscoso.

O Doutor está do lado oposto a ele.

Seguro Amy e nós nos movemos até o canto da sala. Nenhum deles nos viu—ainda. Coloco meu dedo em meus lábios e Amy assente. Nós dois nos abaixamos e contornamos o canto da sala para observá-los. Uma cadeira bloqueia nossa visão, mas também nos dá certo tipo de cobertura.

"Me desculpe!" o Doutor grita acima do barulho da bomba.

"Você não devia ter deixado ela ver!" Ancião brama, seu andar irregular fazendo o balde em suas mãos balançar. O Doutor olha para o balde, nervoso.

"Achei que faria com que ela ficasse mais disposta a se comportar."

"Nada além do Phydus vai controlá-la. Por que você deu a ela comprimidos Inibidores?"

O Ancião abaixa o balde.

"Eles estão falando de mim," Amy sussurra em meu ouvido.

O Doutor diz mais alguma coisa, mas ele está de costas para nós, e não consigo ouvir.

"Bem, nós vamos pegá-la essa noite e levá-la para o quarto pavilhão," Ancião diz, levantando novamente o balde e levando-o para a bomba.

"Não acho... "

Ancião joga o balde para baixo. O líquido transparente dentro respinga, mas é mais denso do que água, como xarope, e não derrama pelo lado do balde.

"Quer saber?" Ancião grita, andando na direção do Doutor. "Eu não me importo realmente com o que você pensa. Se você tivesse me ouvido da primeira vez, com aquele outro, nós não estaríamos nessa situação."

"O que você... "

"Você sabe o que quero dizer!" Ancião ruge. "Velho! Você deixou o Velho viver!"

Amy segura meu braço. Eu tinha me inclinado para frente, perigosamente perto, tentando captar as palavras.

"Velho está bem," o Doutor diz.

"Não esse Velho. O outro Velho."

O Doutor encara o Ancião, seu rosto impassível e frio, mas sei que ele está se contendo. Há uma linha branca muito fina ao redor dos seus lábios e ele está apertando a mandíbula.

Ancião está alheio à reação do Doutor. "O Velho antes desse! O Velho que deveria assumir seus deveres agora, de modo que eu pudesse me afastar, ao invés de desperdiçar o resto da minha vida com um adolescente que pensa com o pau e não com a cabeça!"

"Você me falou para levar Velho para o quarto pavilhão, e foi o que eu fiz." O Doutor fica mais reto, desafiante.

"Mas você não o matou como eu mandei, matou?"

"Eu achei... O Phydus..."

"Eu acho que você deveria ter tomado mais Phydus," Ancião rosna. "Você está protegendo-o, mesmo agora? Você está escondendo-o?"

"Eu achei..." o Doutor parece pequeno e assustado. "Ele desapareceu do mapa de comunicadores. Achei que ele tivesse se matado."

Ancião bufa. "Você nunca checou para ter certeza, não é? Agora olhe onde estamos. Congelados sendo mortos, um deles acordado."

"Ele está morto, Ancião. Juro que está morto."

Não sei se Ancião acredita nele ou apenas quer acreditar. Ele se vira e pega o balde novamente.

"O que é aquilo?" Amy sussurra, inclinando sua cabeça bem na direção da bomba.

"Aquilo se conecta ao suprimento de água," eu digo, minha mente funcionando. E naquele balde...

Phydus.

Me levanto. Amy tenta me puxar para baixo, mas eu a afasto. Não posso mais deixar Ancião drogá-los. Não posso deixar nem um pouco mais de Phydus afundar na água. Eu tenho que destruir aquela bomba.

Pego a cadeira atrás da qual eu e Amy estávamos agachados.

"O que você está fazendo aqui?" Ancião pergunta com um sorriso zombeteiro, me avistando.

Levanto a cadeira acima da minha cabeça.

"O que você está fazendo?" A voz do Ancião se eleva.

Minhas mãos tremem. Posso ver o futuro exposto em frente a mim —um futuro no qual eu sou líder, não o Ancião. E não o Phydus.

Você realmente quer governar sem o Phydus? Penso nos hematomas desaparecendo no pulso de Amy, nos conflitos que vi na Enfermaria, amplificados para a nave inteira. Eu consigo governar sem o Phydus?

Então penso nos olhos de Amy quando ela estava drogada.

Arremesso a cadeira na bomba. Ela faz barulho contra o metal e cai no chão. A bomba continua seu zumbido-batida-zumbido.

"O que você está fazendo?" Ancião guincha. "Você ficou louco! Assim como o Velho antes de você!"

"O que você está fazendo?" eu grito de volta. "Isso é Phydus, não é? Apenas se preparando para outro dia de manipulação e controle de mentes?"

"VOCÊ NÃO SERVE PARA SER VELHO!" Ancião grita. Seu cabelo branco voa para trás, e é ele que parece louco. "Se você não consegue fazer isso, você não consegue liderar a nave! Você não é forte o suficiente para ser líder! Você nunca será bom o suficiente!"

Em três passos, cruzo a sala em direção a Ancião e dou um soco no lado direito do seu rosto. Ancião derruba o balde e cai direto no chão. Seu nariz está sangrando, a pele fina em sua bochecha está vermelha e machucada. Me abaixo, pego ele pela camisa e puxo-o de volta. Ele abre a boca para falar, então dou outro soco nele, mas ainda seguro sua camisa com uma mão, de modo que ele não cai.

"Não sou fraco," eu digo. Minha voz está tremendo, não com medo, mas com uma raiva suprimida. "Sou forte o suficiente para saber que Phydus é errado, e sua tentativa de controlar as pessoas com ele não é nada além de fraqueza. Se você fosse realmente forte, lideraria essa nave sem drogas para fazer seu trabalho sujo."

Não percebo até acabar de falar que minha voz é único som na sala.

"O que você fez?" Ancião grita, mas não para mim—para Amy.

Olho para cima. Enquanto eu estava socando e gritando com Ancião, Amy contornou a bomba, encontrou uma pequena porta ao lado, e simplesmente arrancou todos os fios.

Ela segura os fios brilhantes coloridos nas mãos. "Bem, problema resolvido" ela diz, sorrindo.

73

Amy

Eu teria sentido pena do nariz quebrado e da boca sangrando do Ancião se, para começar, ele não fosse um tirano tão mau e cruel. Mas, considerando que ele tinha planejado me matar antes—e novamente, agora mesmo, quando disse para o Doutor me deixar no quarto pavilhão—bem, vamos apenas dizer que eu não nutro muita simpatia por aquele velho desprezível.

O Doutor coloca a mão no ombro do Velho. "Velho, nós precisamos da droga. Essa nave não funciona sem o controle que ela nos proporciona."

Velho quase concorda com ele, posso ver em seus olhos. "Isso não é verdade," eu digo, querendo que Velho me olhe, para lembrá-lo como a droga me matou por dentro. "Sim, será mais difícil sem a droga. Sim, pode ser mais fácil para todos nós suportar uma vida sem o céu se estivermos dopados demais para pensar. Mas, isso não é vida, não de verdade. No meio de toda essa tristeza"— encontro os olhos de Velho, e nós dois sabemos que estou falando de Harley agora—"há também alegria. Você não pode ter uma sem a outra."

Velho se afasta do Doutor e do Ancião, ficando mais próximo a mim.

"Eu não sou o tipo de líder que você quer," ele diz. "Eu nunca, jamais serei o tipo de líder que você quer que eu seja. E, por causa disso, eu serei melhor."

Ancião vira-se para o Doutor. "Faça."

"Faça o quê?" eu digo.

Ancião tem a total atenção do Doutor. "Nós faremos outro. Use replicadores de DNA diferentes. Vamos nos livrar desse e fazer outro."

"Fazer o quê?" Velho diz. Seus olhos estão arregalados, como se ele estivesse assustado com seus próprios pensamentos.

Ancião vira-se para Velho. "Seu idiota do caralho. Não consigo acreditar que compartilhamos o mesmo DNA!"

"Do que você está falando?" A voz do Velho treme. "Você é... Meu pai?"

"Lá, lá!" Ancião diz, apontando. Do outro lado da parede há uma mesa com agulhas, e o grande cilindro contendo líquido amarelo-ouro e pequenos círculos de embriões.

"O que... Um pouco do seu DNA foi injetado em minha mãe?"

Ancião ruge de frustração. "Você nunca teve uma mãe! Nós somos a mesma pessoa! Velhos são clones—mesmo DNA, iguais em tudo. Tudo que fiz foi arrancá-lo de um frasco e colocá-lo em um tubo dezesseis anos atrás."

"Nós não somos iguais," Velho diz, enojado.

"Desde o código genético, nós somos réplicas exatas de cada Ancião antes de nós."

Mas eu sei que não foi isso que Velho quis dizer quando disse que não eram iguais.

"Essa é a razão pela qual compartilhamos o acesso; razão pela qual meu escaneamento biométrico pode nos levar a qualquer lugar," Velho murmura. Penso na voz feminina agradável no computador. "Ancião/Velho acesso permitido." O computador nunca distinguia entre Velho e Ancião, porque não havia diferença entre os dois.

"Não me importo," Velho diz em voz alta, olhando diretamente para Ancião. "Não me importa se somos iguais. Eu não sou você, e não tomarei as decisões que você tomou. Não me importo com suas lições; não me importo com suas regras. Estou farto de te ouvir!"

Eu ouço passos leves atrás de mim. Todos os outros estão tão focados em Velho e Ancião que não notaram o homem com cicatrizes no pescoço, caminhando silenciosamente para frente. Orion pega o balde de Phydus que Ancião derrubou quando Velho o acertou. O movimento dele se inclinando é percebido pelo Doutor, depois pelo Velho e então pelo Ancião. Os olhos do Ancião se arregalam com o choque.

"Ele está aqui," ele sussurra tão baixo que não tenho certeza das suas palavras. Seus olhos lançam-se para o Doutor e então de volta para o homem diante dele. "Você jurou que ele estava morto."

"E eu estou morto, Ancião," o homem diz, levantando o balde. "O Velho que você fez está morto, se foi. Não sou mais aquele Velho. Sou Orion agora. O Caçador."

Ancião abre sua boca—para reclamar, esbravejar, rugir—mas Orion o silencia, virando o balde de Phydus em sua cabeça.

"Afaste-se! Não toque nisso!" o Doutor grita, à medida que o líquido pegajoso e espesso desliza pelo corpo de Ancião. Orion dá um passo para trás, sorrindo. Velho parece querer correr ao auxílio de Ancião, mas se segura.

O rosto de Ancião foi moldado em uma máscara de raiva, mas a máscara desliza à medida que o Phydus cobre sua pele. Ele ergue a cabeça como uma criança curiosa. Seus joelhos cedem, e ele cai no chão, pernas jogadas para frente, braços atrás, sustentado seu peso. Um sorriso lento e agradável se espalha por seu rosto, depois desaparece. Ele parece, por um momento, mais amável e em paz do que jamais o vi antes. Suas mãos deslizam no chão liso, e seu corpo colide com o chão. Ele não se segura; sua cabeça se choca no piso tão forte que estremeço. Phydus se espalha ao redor do seu corpo como uma mancha de sangue. Assisto os movimentos da sua respiração até eles pararem.

Ancião se acalmou até a morte.

74

Velho

"Você o matou."

Orion levanta seu olhar para mim e sorri, claramente satisfeito consigo mesmo. "De nada," ele diz.

Parte de mim acha que isso é uma coisa boa, matar o Ancião. Ele era um ditador tirânico. Ele era cruel. Ele nunca viu ninguém na nave, inclusive eu, como uma pessoa de verdade.

Mas ele também é o homem com quem eu vivi por três anos, aquele que foi o principal responsável por cuidar de mim, aquele que sempre pensei que eu poderia me tornar.

E agora ele é apenas uma sujeira grudenta.

Quero perguntar a razão, mas eu sei a razão.

Fora do meu controle, meus olhos se enchem de lágrimas quentes. Ele era o mais próximo de um pai que eu já tive.

Orion abaixa o balde. Ele caminha em minha direção, sua mão estendida. Seguro-a sem pensar—meus olhos ainda estão no corpo imóvel do Ancião.

"Sabia que você ficaria do meu lado!" Orion diz, balançando meu braço para cima e para baixo em um aperto de mãos entusiasmado. "Não tinha certeza—você esteve sob o controle do Ancião por muito tempo, e você não reagiu às desconexões como eu esperava—mas eu sabia que você ficaria do meu lado no fim."

"Seu lado?" Eu desvio meu olhar embaçado do Ancião morto para Orion- que, como Velho mais antigo do que eu, é tecnicamente o Ancião da nave agora.

"Quando comecei a dizer que não gostava de como as coisas funcionavam, o Ancião me mandou para o Doutor. Disse para ele me colocar no quarto pavilhão. Não foi, Doutor?"

O Doutor assente silenciosamente. Seus olhos estão arregalados com choque ou terror—não sei dizer qual dos dois.

"Doutor era meu amigo, não era Doutor?"

O Doutor não assente dessa vez, apenas encara o corpo do Ancião. "Eu achei, que com quantidade suficiente de Phydus..." ele sussurra. Afasto o olhar. Ele sempre achou que qualquer pessoa poderia ser curada se ele desse drogas suficientes para ela. O Doutor nunca acreditou que as pessoas eram mais fortes do que os medicamentos.

"Não podia deixar o Ancião me encontrar, então a primeira coisa a fazer..." Orion levanta sua mão para onde o comunicador deveria estar e faz um gesto, como se estivesse cortando seu pescoço. Quando ele abre a mão, vejo uma cicatriz atravessando seu polegar. "Foi terrível. A pior coisa que já fiz, arrancar aquilo da minha carne, com minhas próprias mãos. Me senti como se estivesse arrancando minha alma."

Há silêncio na sala, pontuado apenas pelo gotejamento ocasional de Phydus no chão.

Orion continua. "Quando o Doutor viu que meu comunicador havia sumido e uma vez que o Ancião dificilmente saía do Nível dos Protetores... Não foi difícil esconder a verdade deles. O velho Arquivador teve... um acidente, e eu me incorporei à minha nova vida."

"Por que você nunca disse nada?" Amy pergunta, seus olhos fixos no Doutor.

"Eu não sabia," o Doutor sussurra, pedindo perdão para o corpo do Ancião. "Achei—confiei—que era suicídio." Seus olhos se levantam para Orion. "Achei—naquela noite, no Salão de Arquivos. Que era você." Ele para. "Mas haviam se passado dezessete anos... "

"Você poderia ter me encontrado se apenas tivesse olhado para o lado. Sabe, no primeiro ano, fiquei escondido, atrás das paredes, dormindo entre fios e tubulações. Mas então percebi que você e o Ancião nem estavam procurando. Apenas me dei um novo nome, uma nova casa, e os idiotas que vocês criaram, me aceitaram sem questionar."

"Mas," ele continua, virando-se para mim, "Sempre me senti mal. Sobre o que o Ancião estava fazendo. Há muitas coisas nessa nave que estão erradas." Seus olhos perfuram os meus. "Você apenas arranhou a superfície com a história do Phydus. Aprendeu sobre o motor da nave?" Assinto. "Ótimo," Orion diz. "E você sabe sobre a missão, obviamente?"

"A missão?" digo.

"A verdadeira missão dessa nave?"

"O que você quer dizer?" Amy pergunta. Ela caminha até mim e entrelaça sua mão na minha, me dando sua força assim como dei a ela a

minha quando ela chorou.

"Você nunca questionou por que estamos aqui?" Orion me pergunta, ignorando Amy.

"Para conduzir a nave... "

"Essa nave está em piloto-automático. Ela pode chegar à Terra-Centauro sem nós."

"Para... "

"Não," Orion me corta antes que eu possa começar. "O que quer que Ancião tenha lhe dito, era mentira. Ele escondeu muitas coisas de você, depois que eu o traí. Não, há apenas uma razão para estarmos a bordo dessa nave, e essa razão está atrás daquela porta." Ele aponta para onde as câmaras criogênicas estão, onde os pais de Amy estão.

"O que você quer dizer?" Amy diz novamente, sua voz mais urgente.

"Você sabe pelo menos o por quê dos congelados estarem aqui, certo?"

"Eles são especialistas na formação da terra, no ambiente e em defesa."

Orion bufa. "Eles são especialistas em tomar o planeta de nós."

"Suas palavras não fazem sentido," eu digo, apertando a mão de Amy mais forte.

"Eles são os colonizadores, não nós. Nunca nós. Quando finalmente pousarmos, eles nos usarão. Como escravos na formação da Terra, e—se houver alienígenas hostis no planeta—como soldados. Eles planejam nos escravizar ou nos matar. Eles colocaram nossos tataraavós nessa nave para que pudessem gerar escravos e soldados. Isso é tudo."

Amy respira com dificuldade. "Esse é o motivo pelo qual você está matando aqueles com experiência militar. Você acha que eles farão as pessoas que nasceram nessa nave lutarem quando pousarmos."

"Eu sei que farão!" Orion ruge. Posso ver Ancião nele agora, quando ele grita. "E se não houver hostis contra quem lutar, eles usarão essa experiência militar para nos forçar ao trabalho escravo. É o plano perfeito: produzir pessoas dispensáveis enquanto eles dormem!"

"Mas por que eu?" Amy diz, sua voz em um sussurro desesperado. "Quando você me desconectou, certamente podia dizer que eu não era meu pai. Por que você não me colocou de volta antes de eu derreter? Por que me deixou acordar?"

Um sorriso lento e diabólico se espalha pelo rosto de Orion. Seu olhar perfura o meu. Fecho meus punhos. Orion ergue uma sobrancelha para mim.

"Eu guardo meus segredos," Orion diz, olhando para Amy.

"Papai não é um feitor de escravos," Amy diz. "E se houvesse alienígenas "hostis", ele não os forçaria a lutar."

Orion balança os ombros. "Como você pode ter certeza? E," ele acrescenta antes de Amy poder dizer qualquer outra coisa, "de qualquer modo, é melhor prevenir que remediar."

"Seu tipo de prevenção significa matar meu pai!"

Orion olha atrás dela para o corpo do Ancião. Claramente, ele não tem problemas em matar.

"Se você não gosta disso..." ele diz, caminhando para o tubo de congelamento criogênico no outro lado da sala. Ele abre a porta e acena para o interior do tubo. "Definitivamente, se recongele. Durma até chegarmos ao planeta e veja que tipo de homem seu pai realmente é. Isso é," ele acrescenta, pensando, "se eu e Velho decidirmos deixar seu pai viver até pousarmos."

"Você é tão mau quanto ele!" Amy sibila, apontando para o corpo sem vida do Ancião.

"Mas você sabe o que realmente vai te ferrar?" Orion pergunta. "O fato do Velho de alguma forma concordar com tudo que estou dizendo."

"Não, eu não..." começo, quando Amy olha para mim com seus belos olhos acusadores.

"E o fato de que esse Velho foi quem me deu a ideia de desconectá-los, em primeiro lugar."

Amy cobre sua boca com a mão. Seus olhos se enchem de repulsa, e estão direcionados a mim.

"Não acredite nele," eu suplico.

"Não, realmente, é verdade. Você tinha percebido, não tinha Velho?" Orion zomba, rindo, e me pergunto o quanto ele sabe. Examino seu rosto e me vejo nele. Nós compartilhamos o mesmo DNA, mas não somos a mesma pessoa.

Mas talvez as mesmas emoções, questionamentos e medos estejam contidos em nosso código genético idêntico.

"Por que você não conta a ela?" Orion continua. "Ou você prefere que eu faça isso?"

"Me contar o quê?" Amy pergunta.

Ando pela sala até onde Orion está, ao lado do congelador criogênico. Minhas mãos estão cerradas em punhos.

"Ela é uma coisinha linda," Orion sussurra para mim, tão baixo que Amy e o Doutor não podem ouvir. "Muito linda. É por isso que você fez?"

"Cala a boca," eu rosno.

"Não deixe ela entrar em nosso caminho... "

Eu sei que há muitas razões lógicas pelas quais eu devo fazer isso. Orion é tão louco quanto Ancião, seu método de controle igualmente doentio, se não mais. Nunca serei capaz de convencê-lo a não matar os congelados, e ele precisa ser punido pelas mortes que já causou.

Mas essas não são as razões pelas quais empurro Orion dentro do crio-congelador e tranco-o lá dentro.

"Deixe-me sair!" Orion grita.

Giro o botão. O tanque de líquido criogênico acima do congelador se abre, despejando água salpicada de pontos azuis sobre a cabeça de Orion.

"Droga!" ele arranha a porta, seu rosto contorcido de puro terror. Amy vem para o meu lado, observando Orion através da pequena janela na porta. Quando ele a vê, seus olhos se enchem de um brilho maligno. Ele abre a boca para gritar algo para ela.

Giro o botão novamente.

O líquido criogênico é despejado mais rápido, enchendo sua boca, afogando-o. Seu rosto está submerso agora, suas bochechas inchadas, seus olhos injetados de sangue e arregalados. Uma mão pressiona a janela, e eu percebo a cicatriz chanfrada em seu polegar, a única coisa que diferencia sua impressão digital da minha.

"Congele-o agora, ou ele morrerá," o Doutor diz. "Ele provavelmente morrerá de qualquer forma." Ele balança os ombros. "Você não o preparou para o congelamento."

Olho para os olhos de Orion e me vejo neles.

Bato meu punho no grande botão vermelho quadrado.

Um lampejo de fumaça branca escapa da caixa.

O rosto de Orion está pressionado contra o vidro, seus olhos esbugalhados.

Ele não pode mais nos ver.

75

Amy

Velho olha para o rosto congelado de Orion através da pequena janela. Estando atrás dele, envolvo meus braços ao seu redor. Tento puxá-lo para mim, mas ele não se move, então apenas o abraço.

"Acabou," o Doutor diz. "A menos que você o acorde novamente, você é o Ancião agora."

Posso sentir Velho enrijecer embaixo de mim.

Velho balança a cabeça. "Deixe as pessoas que ele tentou matar julgarem-no quando pousarmos."

Penso em meu pai e no tipo de julgamento que ele fará desse homem, e não tenho nenhum pouco de pena dele.

"Como vou liderar uma nave cheia de pessoas?" Velho pergunta, sua voz falhando "Quando o efeito do Phydus passar, eles perceberão as mentiras. Eles ficarão furiosos. Eles vão odiar o Ancião, e eu."

"Eles não te odiarão," eu sussurro em sua nuca. "Eles vão sentir raiva, porque essa é a primeira emoção que sentirão de verdade, mas perceberão que há outras emoções, e ficarão felizes com elas."

"Você estará comigo?" Velho pergunta. Sua respiração turva o vidro que cobre o rosto de Orion.

"Sempre."

Velho aperta o botão em sua orelha, e faz um comunicado para a nave inteira, exatamente como o Ancião fez antes de dizer à nave para ter medo de mim. Seu primeiro comunicado é simples. Em termos infantis, ele explica que todos estiveram sob influência de uma droga, e que, lentamente, começarão a recuperar suas próprias emoções. Velho os incentiva a permanecerem calmos quando sentirem pela primeira vez, especialmente as mães grávidas.

O Doutor me implora pelos fios para consertar a bomba.

"Nós devíamos, pelo menos, manter os hormônios na água," ele insiste, "para que eles não comecem a acasalar com seus parentes."

"A maioria das pessoas não quer cometer incesto," eu digo, secamente. "Quando eles acordarem do efeito da droga, nós explicaremos

o que é o incesto e no que ele resulta, e que eles devem fazer um teste sanguíneo antes de transarem. Vocês têm esses escanners que testam o DNA. Nós podemos começar a desenhar as árvores genealógicas novamente."

Entrego os fios para Velho.

O Doutor se vira para ele. Velho apenas o olha friamente. "Sem mais drogas," ele diz.

E é isso.

Mais tarde, quando homens com luvas grossas retiraram o corpo envenenado do Ancião e o lançaram na mesma escotilha de Harley, quando o Doutor colocou Orion em uma crio-câmara vazia, quando nós estávamos de volta, em segurança, ao meu quarto com a pintura de Harley nos observando de cima, Velho faz seu segundo comunicado. É uma repetição do último comunicado do Ancião: Todos devem ir ao Nível dos Protetores.

Antes de subirmos lá, nós discutimos a verdade.

"É o que matou Harley," eu digo. "A verdade. Quando ele ouviu que nunca sairia da nave..." eu engulo minhas palavras.

"Ele não pôde viver com essa verdade," Velho termina por mim.

"Nós deveríamos saber que não era o Ancião matando os congelados. Ele saberia que isso te faria caçar a verdade e ele não queria que você descobrisse, que ninguém descobrisse."

Velho olha para suas mãos, depois levanta o olhar para a pintura de Harley. "Uma parte de mim acha que não deveríamos compartilhar a verdade, não toda a verdade."

Eu começo a falar, mas Velho me corta.

"Uma parte de mim acha que a verdade os matará, como matou Harley. Essa é uma verdade grande, uma verdade importante. Nós não podemos dizê-la. Nós temos que deixar as pessoas descobrirem."

Velho vai para o Nível dos Protetores sozinho. Ele ficará na plataforma, e contará às pessoas, que estão sentindo pela primeira vez, um pouco da verdade, mas não ela toda.

Ele dirá a elas que é Ancião agora. Que o velho Ancião está morto.

Ele contará a elas sobre o Phydus, sobre os hormônios na água, sobre a mentira da Temporada.

Elas ficarão furiosas, furiosas mesmo, mas então perceberão que estão sentindo, e saberão que Velho estava certo ao fazer o que fez.

Ele contará a elas sobre o motor, mas não como estamos distantes da programação. Qualquer um que se interesse por ciência, mecânica ou engenharia irá com os Embarcadores e verá o motor, e tentará ajudar os cientistas a resolverem o problema.

Velho não contará a eles sobre Orion ou sobre os congelados.

Mas também não esconderá a verdade deles. Enquanto ele está contando a eles toda a verdade que pode, estou escrevendo tudo que sei em páginas arrancadas do caderno que meus pais trouxeram da Terra. Dobro as páginas no meio, e deixo no Salão de Arquivos. Elas estão lá para qualquer um que procurar.

A maioria não procurará. Eles não se importarão em saber; eles não procurarão qualquer tipo de verdade. Alguns vão—e provavelmente não acreditarão. Mas outros precisarão da verdade, ansiarão por ela, a procurarão, e a aceitarão como for.

Mais tarde, eu e Velho continuaremos trabalhando no Salão de Arquivos. Eu reescreverei o quanto eu puder da história falsa. Todos os arquivos do passado da Terra estarão disponíveis para todas as pessoas. E Velho terá seu povo começando a registrar a vida dos habitantes da nave, assim como antes, de modo que eles possam sentir que são mais do que sombras esquecidas de uma nave flutuando no espaço vazio.

Mas agora, eu abro meu caderno azul nas páginas em branco restantes. Seguro a caneta sobre a primeira página, e então, lentamente rabisco as primeiras palavras.

Queridos Mamãe e Papai...

76

Velho

Veio a mim, na primeira noite depois que o Ancião estava morto e Orion congelado, que eu compartilhava o mesmo DNA desses dois homens, mas não era nada parecido com eles. A verdade da nave afetou esses dois homens de forma diferente, tornando um deles ditador e o outro psicopata.

Nós três, nós somos iguais. Nós fomos criados com o mesmo conhecimento, formados do mesmo material genético, presenteados com a mesma verdade. Mas um de nós escolheu esconder a verdade através de mentiras e controle, outro tentou mudar a verdade através do caos e assassinato, e eu... Bem, eu ainda estou descobrindo qual é a verdade. E o que farei com ela.

Eu estava mentindo para meu povo quando não contei a eles sobre Orion?

Foi errado dar a eles acesso a uma verdade que pode matá-los como matou Harley?

E que direito eu tenho de fazer qualquer discurso sobre a verdade quando meu maior alívio é que Orion nunca teve a chance de contar a verdade para Amy?

No fim, eu serei realmente diferente de Ancião ou Orion se eu deixá-la acreditar em uma mentira?

O Passado
Velho

Isso é o que aconteceu.

Essa é a verdade.

Eu a vi deitada ali, congelada em sua caixa de vidro. E ela era diferente. Realmente diferente. Eu podia nunca ter um pôr-do-sol da Terra-

Sol, mas ele estava todo ali, no cabelo dela, flutuando imóvel no gelo, a pele branca como a lã de uma ovelha. E jovem. Como eu.

Ela nunca entenderá.

Eu desci lá, mais tarde, para olhá-la e sonhar. Para pensar no que ela poderia me contar sobre a Terra-Sol. Para pensar que ela—ao contrário de todas as outras pessoas nessa nave fodida—teria minha idade durante a minha Temporada.

E eu não teria que ficar sozinho.

E então eu escutei. Um pequeno sussurro em minha mente, uma voz baixa que eu quase—mas não totalmente—ignorei.

E a voz continha uma pergunta. E a pergunta era:

E se você desconectá-la?

E a principio, eu ignorei. Mas a pergunta ficou mais alta. E mais alta.

Ela gritava.

E então, apenas para fazê-la se calar, eu me estiquei, acionei o botão da caixa acima da cabeça fria de Amy, e assisti a luz mudar de verde para vermelho.

E a voz dentro da minha cabeça suspirou de alívio, sussurrou palavras de conforto, e me disse que ela sorriria para mim quando o gelo derretesse.

Eu iria esperar, bem ali, até ela bocejar, espreguiçar-se e emergir da caixa. Estar ali quando os olhos dela se abrissem, e seus lábios se curvassem em um sorriso.

Mas eu ouvi...

...Orion, arrastando os pés no escuro, ouvindo sua própria voz—mas eu não sabia até então. Eu juro, não sabia que era ele ali, observando.

Então eu corri para o elevador e fui para o jardim, tentando fingir que eu não tinha trazido uma garota de volta à vida com o girar de um botão.

Então veio o alarme.

E seu grito—aroo! amo!—misturado ao grito de Amy.

De dor.

E mais tarde—de lamento. Tristeza. Sonhos e esperanças destruídos.

Eu destruí aqueles sonhos.

Eu.

E nada a confortou, nem mesmo o amor que ela nunca viu de mim.

E o Doutor disse que ela não poderia voltar; ela nunca iria voltar.
E eu sabia—eu sabia.
Nunca posso contar a verdade a ela.

77

Amy

Sento em frente à porta da escotilha, encostada na parede fria de metal, olhando através do vidro para as estrelas, pensando em Harley, me perguntando o que se sente nos breves momentos entre voar e morrer.

Venho aqui frequentemente agora. Com o despertar, as pessoas da nave que antes eram passivas, agora são exploradoras. Elas estão nos jardins, elas estão no Hospital—para ler os livros de Victria, ou ouvir Bartie tocando guitarra, ou olhar as pinturas restantes de Harley. Algumas até mesmo estão no Salão de Arquivos, e arregalaram os olhos com a verdade. Esse é um dos poucos lugares remanescentes onde eu posso verdadeiramente ficar sozinha. Velho não acha seguro deixar que todos venham para esse nível, mesmo que alguns estejam conscientes agora de sua existência. Eu concordo. Não quero ninguém mais compartilhando o mesmo ponto de vista de Orion sobre o assunto. O X pintado na porta do meu pai ainda não desapareceu, mesmo eu tendo esfregado e esfregado.

Velho consertou—e melhorou— o teclado, de modo que quando eu digito a senha, a porta da escotilha se abre pelo tempo que eu quiser, e posso olhar para as estrelas através do vidro pelo tempo que eu precisar. É um longo caminho para casa daqui, mas isso é o mais próximo que consigo estar.

Eu olho para as estrelas. Há tantas aqui, posso ver muito mais aqui do que via quando eu estava na superfície da Terra. E mesmo que haja tantas e que pareçam estar tão próximas, sei que estão separadas por anos-luz. Parece que eu posso segurar todo esse brilho do céu em minhas mãos e deixar as estrelas rodopiarem e tocarem umas nas outras, mas elas estão distantes, tão separadas que não podem sentir o calor das outras, mesmo todas sendo feitas de combustão.

Esse é o segredo das estrelas, digo a mim mesma. No fim, nós estamos sozinhos. Não importa quão próximo pareça que está, ninguém mais pode te tocar.

"Amy?"

Velho está acima de mim, e por um momento ele parece agourento, como um urubu.

Arrisco um sorriso para ele.

"Estou feliz que tenha terminado," eu digo.

Velho não retribui meu sorriso.

"É um alívio. Acho que posso ser capaz de viver uma vida boa aqui, sem ter que me preocupar com meus pais a cada segundo. Ugh, isso soa ingrato. Você sabe o que quero dizer."

"Amy."

Eu levanto os olhos para ele. Seu rosto está muito sério.

"O que há de errado?" Há um riso em minha voz, mas é de nervoso. "O que aconteceu?" Meus dedos se curvam, raspando contra o chão frio de metal. "Alguma coisa aconteceu com meus pais? Não era realmente o Orion?"

"Não, não, nada disso." Velho morde os lábios.

"O que é então? Aqui, sente ao meu lado."

Velho não senta. "Tenho que te dizer uma coisa," ele diz naquela voz que me faz saber que o que quer que ele tenha a dizer não pode ser bom.

"O que é?" eu finalmente solto, porque não consigo aguentar esse silêncio nervoso.

78

Velho

"Fui eu quem te desconectou.”

79

Amy

Sinto meu coração bater—uma vez, forte—e então é como uma enxurrada de sangue e emoção pelo meu corpo e estou vazia, congelada como antes, e não vejo nada, não sinto nada, mas isso não é verdade. Porque assim que penso nisso, eu sinto novamente, eu sinto tudo, e não consigo ver, não consigo respirar, mas eu consigo sentir.

E o que eu sinto é raiva.

Penso por um momento—Eu estava errada: seria melhor não sentir do que sentir isso—e então

eu
paro
de pensar.

Eu grito algo, mas nem mesmo eu posso distinguir as palavras que atravessam minha boca. Estou em pé agora—não me lembro de levantar, mas estou em pé. E eu avanço nele. Quero machucá-lo—não importa como. Contanto que eu possa causar algum tipo de dor, talvez já seja o suficiente. Dou um golpe firme e considerável, e sei que o surpreendi mais do que o machuquei, apesar do fato dele já ter uma marca vermelha em sua bochecha, abaixo do seu olho. Meus dedos estão dobrados, mas ele agarra meus pulsos antes que eu possa atacá-lo novamente, e me detém. Eu chuto, mas minhas pernas curtas não alcançam seus longos braços, e eu faço a única coisa que me resta. Solto todas as lágrimas presas em minha garganta.

"Sinto muito," Velho implora.

Sente muito? Sente muito? Isso não é o suficiente. Cada. Coisa. Que já amei. Está fora do meu alcance agora. Tudo o que eu já quis. Tudo o que eu era.

"Eu poderia ter morrido!" eu grito. "Eu quase morri!"

"Eu não sabia..."—ele tropeça em suas palavras—"que... quer dizer... porra! Eu não sabia que você estaria... e..."

Quero perguntar por quê. Exceto—que não há razão. Posso ver em seu rosto. Ele não queria me machucar. Tirar minha única chance de ficar

com meus pais Me prender em uma gaiola de metal.

Me matar de forma tão eficaz quanto se eu tivesse morrido na Terra.

Ele apenas fez.

Não há razão, assim como não há volta.

"Mas eu tinha que te contar a verdade."

Isso me para.

Algo dentro de mim se encaixa no lugar, dolorosamente. A verdade tritura meus ossos.

Papai mentiu para mim quando disse que vir ou não seria minha escolha. Ele fez a escolha. A mala vazia na crio-câmara é uma prova suficiente disso.

Jason me deixava acreditar no que eu queria.

Essa nave inteira é mantida por metal e mentiras, todos enganados ou enganadores.

Exceto Velho.

80

Velho

O rosto de Amy é uma pedra, e não consigo ver nenhuma rachadura nele. Ele não esteve tão imóvel desde quando ela estava congelada.

Minhas mãos se fecham compulsivamente em meus bolsos. Os fios da máquina de Phydus machucam meus dedos. Amy esperava que eu os jogasse fora, eu sei que sim... Mas eu não consegui. O peso deles em meu bolso é o peso de outra mentira. Mas não posso me livrar da voz enervante em minha cabeça que me pergunta: Você consegue governar sem o Phydus?

Tenho medo que a resposta seja não.

Eu deveria contar para ela. Eu deveria mostrar os fios como outra confissão.

Mas isso só a afastaria ainda mais de mim.

"Quando eu fiz aquilo... Quando eu te desconectei..." Minha voz falha, algo que não acontecia desde quando eu tinha catorze anos. "Eu não sabia que o Doutor não poderia te fazer voltar. Eu achei que poderia te acordar, e que talvez pudéssemos nos conhecer, conversar, e depois que você me contasse sobre a Terra-Sol, eu estaria preparado para te deixar ir e ser congelada novamente. Eu não sabia que você não poderia retornar. Eu não sabia que aquilo quase te mataria."

Eu falo tudo isso de uma vez, mas agora minhas palavras se esgotam, até que não sejam quase nada.

Amy não diz nada.

Toco minha bochecha com cuidado, apertando o lugar onde Amy me atingiu. Ficará um hematoma. Se ela tivesse mirado mais alto, eu teria um olho roxo.

"Realmente sinto muito, você sabe," eu digo.

Amy olha para frente. Não sei dizer se ela está olhando o metal que a prende dentro dessa nave, ou o vidro que mostra para ela o universo lá fora.

"Eu sei," ela diz.

Não é muito bem um convite, mas é o único que tenho. Encosto-me contra a parede, ao lado dela. Um rebite machuca minhas costas, mas não me importo. Isso deve ser o mais próximo que conseguirei ficar dela novamente.

Amy não se afasta. Isso já é alguma coisa, eu suponho.

"Eu só queria te conhecer. Eu não sabia que isso arruinaria toda a sua vida."

Silêncio.

Amy não levanta o olhar.

81

Amy

Há uma mancha de tinta—vermelha—na extremidade da escotilha. A última marca de Harley.

Além da tinta, além da janela abaulada, eu olho para as estrelas. Lá fora parece um lugar solitário e frio. Coloco minhas mãos em cada lado da janela. Aqui é um lugar solitário e frio também.

"Não quero ficar sozinha," eu sussurro, e é só quando essas palavras saem, que percebo quão verdadeiras elas são.

Sinto mais do que vejo o menor movimento de Velho atrás de mim. Ele dá um passo para frente, hesita, e então alcança minha mão. Eu a afasto.

Como Harley.

Encaro resolutamente as estrelas a minha frente. Será que ele ainda estaria aqui se viesse em nossa direção ao invés de ir em direção delas?

Fecho meus olhos e respiro profundamente, mas o único cheiro que sinto é de metal. A vida que eu conhecia se foi para sempre. Meu ar nunca mais terá cheiro de verão ou primavera, chuva ou neve de verdade.

Abro meus olhos e vejo a última coisa que Harley viu antes de nos deixar. Talvez o segredo das estrelas não tenha nada a ver com estar sozinho.

Estendo a mão para trás, e Velho está ali. Como ele sempre esteve. Ele segura minha mão, mas eu a solto.

Não estou pronta para isso.

Mas... Se minha vida na Terra tem que terminar, deixe-a terminar com uma promessa.

Deixe-a terminar com esperança.

Enrolo meu mindinho ao redor do dele. Ele balança meu dedo, e esse mundo não parece mais tão frio.

"Você estará comigo?" eu sussurro.

"Sempre."

Fim

No próximo livro...

Godspeed uma vez foi movida a mentiras. Agora é dominada pelo caos.

Passaram-se três meses desde que Amy foi desconectada. A vida que ela sempre conheceu se foi. Para onde ela olhe, ela vê as paredes da nave espacial Godspeed.

Mas pode haver esperança: Velho assumiu a liderança da nave. Ele finalmente está livre para atuar sua visão—nada mais de Phydus, nada mais de mentiras.

Mas quando Velho descobre novidades chocantes sobre a nave, ele e Amy correm para descobrir a verdade por trás da vida na Godspeed. Eles precisam trabalhar juntos para descobrir um segredo que foi colocado em movimento centenas de anos atrás. Seu sucesso—ou falha—determinará o destino dos 2298 passageiros a bordo da Godspeed. Mas com cada passo, a jornada se torna mais perigosa, a nave mais caótica, e o amor entre eles mais impossível de lutar.

Em breve!

Este *ePub* teve como base uma tradução em *Pdf* feita por um autor desconhecido pelo grupo **Shadows Secrets**.

Junho de 2014

LeYtor

{1} Pequena planta anual de flor azul a violeta, nativa da Europa.

{2} Região desértica dos EUA

{3} Líder da Coréia do Norte entre 1994 e 2011

{4} Discurso mais famoso do presidente americano Abraham Lincoln no final da Guerra Civil.

{5} Parvovirose: virose que acomete cachorros, geralmente letal para filhotes.